

# O PACTO

Clélia Romano

VERGILIO  
VERGILIO

# **O Pacto**

Clélia Romano

## CAPÍTULO 1

Naquela noite Thomas teve seu primeiro pesadelo. Sonhou que procurava Liz em seu consultório. Era noite, e lá estava ela, deitada em trajes vaporosos e negros, as pernas de fora, exibindo sua seminudez. Abraçava voluptuosamente uma jovem morena e nua. Reconheceu Cláudia, e a visão lhe pareceu idílica. Aproximou-se de ambas, sem palavras. Os únicos sons eram sussurros e beijos.

Vinha luz do corredor e se refletia nos cabelos brilhantes das duas.

Deitou Cláudia delicadamente no chão e, enquanto a amava, Liz observava tudo, como que sonolenta, afagando sensualmente os seios da outra. O clima era de êxtase, sensualidade, eternidade...

Thomas amava as duas mulheres que também se amavam e, nesse triângulo plenamente aceito, todas as pequenas dúvidas e conflitos da vida pareciam superados.

Liz posicionou-se de bruços e começou a beijar Cláudia na boca. Esta beijava Thomas e ele beijava-as a ambas. Assim ficaram em estado de transe, até que ele abandonou Cláudia, colocou Liz de joelhos e posicionou-se por detrás dela, preparando-se para penetrá-la.

Olhou de lado e fixou a atenção nas figuras que via refletidas no espelho.

A imagem excitou-o sobremaneira: a mulher oferecia-se sob ele, na posição de uma cadela no cio, e ele tinha os cabelos revoltos e desgrenhados, o tórax muito largo e os músculos peitorais desenvolvidos. Seu pênis era excitante e diferente, ereto e avantajado como o de um animal de grande porte. Parecia um lobisomem sobre Liz!

Seu coração batia tão forte como um tambor que ritmicamente soasse na floresta. Penetrava as entranhas da mulher, deixando-se levar pelo som que parecia uma voz cadenciada dizendo: “Fura! Fura! Fura!”

O batuque aumentava de intensidade e o sangue pulsava. Então sua mão portava um longo punhal saído do nada. “Fura! Fura! Fura!”

Golpeou a nuca da mulher, ao mesmo ritmo da voz, até que o sêmen jorrou de dentro de si. O sangue dela esguichou em seu rosto, como um jato de tinta vermelha.

Acordou sobressaltado, ofegante e sem ar. Sentia-se febril. Levantou-se e bebeu um copo de água. Estava nauseado. Seu corpo doía e a mão machucada latejava.

Havia amanhecido e estava extremamente cansado para levantar e ir trabalhar.

Tomou uma aspirina e forçou-se a beber água aos pequenos goles, uma espécie de ritual para ir relaxando.

Tornou a deitar. Seria melhor faltar ao trabalho...

Adormeceu em seguida, pensando que precisaria estar preparado para almoçar com Liz e encontrar Cláudia, no final da tarde.

## CAPÍTULO 2

Thomas Righi Demondieu estava pensativo quando colocou o carro em movimento, após a entrevista com a doutora Ann.

Resolvera consultá-la a respeito dos pesadelos e da Voz que por vezes escutava em sua mente.

Tinha esperanças de que a astróloga lhe dissesse algo coerente em relação às vivências que o aturdiavam, sem chamá-lo de louco, é claro!

Ele encontrou o endereço dela por acaso, junto ao mapa astral de Liz, esquecido por ela quando partiu, levando junto consigo a tranquilidade de Thomas. Ele tinha fobia de psicólogos, mas precisava falar com alguém sobre o que se passava.

Nunca tinha sido supersticioso, mas agora... esperava que tudo pudesse ser tão somente fruto de uma breve conjunção de astros maléficos!

Era impossível se sentir tão desgarrado e estranho, sem imaginar um malefício externo.

Estava tendo sonhos horríveis, e as cenas eram tão cruas e reais que, na manhã seguinte, não conseguia separá-las dos fatos.

Ouvira falar de espíritos que se apossam da alma humana e, se isto estivesse lhe acontecendo, tinha fortes suspeitas de quem era o demônio responsável.

Para confundir mais as coisas andava bebendo muito, e tal fato, somado à recente separação conjugal, poderia muito bem ser a explicação que buscava.

Neste caso, a astróloga nada acrescentaria. Não poderia trazer de volta sua vida como era antes, e só ele mesmo poderia, através de um esforço sobre-humano afastar-se da bebida.

A entrevista se desenvolveu de uma forma que inibiu a espontaneidade de Thomas. A mulher insinuou que andava perdido, uma vez que tinha sido abandonado por Liz. Não era agradável para seu ego, ouvir esse tipo de coisa.

Enquanto ela falava a Voz interferia e impedia uma comunicação clara entre ambos.

A doutora Ann falou em transformações que viriam, como se ele já não tivesse passado por todas elas!

Que mais poderia lhe suceder? Odiava modificações! E aquela senhora, por que se intitulava doutora? Talvez quisesse se dar ares de importância...tinha um sotaque germânico empolado...

Da entrevista sobrou só a sugestão de tratar de organizar sua casa, transformada numa tapera, para voltar a senti-la como um lar. E...se conseguisse...tratar de beber menos!

Após a partida da esposa, há cerca de quinze dias, nada mais tinha sido como antes.

A dor inesperada de perdê-la e o ciúme, ao vê-la com outro homem, o conscientizaram de que ela tinha sido mais importante para ele, isto é, mais perigosa, do que imaginara.

Não chegou a conhecer Liz intimamente, embora estivessem casados há alguns anos. Conversavam muito pouco.

Ela partiu de forma bastante sumária, dizendo ter recebido um telefonema anônimo, revelando onde e com quem ele passava os finais de tarde.

A verdade é que, desde que Thomas conheceu Cláudia, uma de suas alunas, no início do semestre anterior, perdeu totalmente o senso de proporção. O desejo físico que

o unia à jovem transformava em verdadeira obsessão o impulso de estar com ela.

Suas tardes, muitas vezes à expensas do próprio trabalho no Departamento de Fisiologia, tornaram-se lições de anatomia humana e geografia sensual.

Estar em casa com Liz no final de semana representava um exercício de paciência e estoicismo, que compensava tomando pelo menos três quartos de garrafa de gim por dia, sob os olhares desaprovadores da mulher .

Absorvia-se em fantasias e devaneios, planos sexuais mirabolantes, que jurava realizar nem bem encontrasse Cláudia.

Via e revia sua pele branca, onde uma simples palmada avermelhava a nádega carnuda, os cabelos longos e negros espalhados no travesseiro, coroando a face atormentada de desejo.

Fazia amor com Liz, compelido pelo desejo de Cláudia, mas a descarga física não o satisfazia. Temia que a esposa, por sua vez, farejasse a presença de outra mulher.

Era como se os líquidos de Cláudia, seu suor, sua saliva, sua pele, estivessem grudados nele.

Começou a se afastar mais e mais de Liz, sentindo que ela intuía sua intimidade, quando lhe lançava certos olhares magoados e acusadores.

Desde que se casara tinha tido aventuras e ligações afetivas com outras mulheres, mas sempre pensou que Liz não suspeitasse de nada.

Não que agisse com discrição, mas ela era a ingenuidade personificada!

Com o tempo, o casamento tornou-se uma espécie de segunda vida que levava, pró-forma e sem sentido psicológico, que não a segurança.

Depois de Cláudia, principalmente, sentia-se um corpo vazio, um fantasma chegando em casa e se justificando perante Liz, que fazia perguntas casuais e obtinha respostas falsas ou desculpas humilhantes.

Parecia um mau ator representando um ridículo papel, pensando em se retirar de cena e ir dormir.

Seu caso com Cláudia era a forma mais eficiente que tinha encontrado para preencher sua necessidade de es-

timulação. Mas mas nem por isso cogitava em se separar de Liz, verdade seja dita!

O casamento representava o porto seguro que sempre almejou. Com Liz teve o único lar digno deste nome, em toda sua vida, e sabia que **isto** valia a pena preservar.

Quando Thomas conheceu Liz, no último ano da faculdade, vivia num pequeno apartamento no bairro de Perdizes, uma sala, um quarto e banheiro, além da cozinha, que usava para guardar seus livros, sempre em número maior do que o espaço que dispunha.

Fazia as refeições na rua, cheio de pressa e descaso por este lado da existência.

Sua pele estava sempre arreventada de espinhas, fato que Liz diagnosticou como intoxicação perene por porcas-rias.

Vivia cercado de mulheres, em compensação, um verdadeiro vício, como a bebida: mulheres pagas e gratuitas, de todas as idades e cores, mãe e filha, amigas íntimas, irmãs, sexo a três, a quatro, em grupo... Era uma tentativa de desferrar os anos de secura do internato!

Tinha a teoria de que desejos sexuais jamais eram excessivos, muito menos perniciosos. Em primeiro lugar, o aspecto quantitativo era impossível de mensurar, e sabidamente tabus e repressões eram prejudiciais à vida mental!

Além disso, sempre se sentira bem com prostitutas! O único defeito delas talvez fosse a posse fácil e o enjôo subsequente.

Para uma boa festa, no entanto, não havia melhor companhia!

Mas como tudo que é demais cansa, Thomas sentia-se vazio e perdido, no final da faculdade. Foi nesta época que conheceu Liz.

Começava a desejar alguém que significasse algo especial em sua vida, ter uma namorada como seus colegas, uma companheira com quem pudesse compartilhar sua vida.

Liz trouxe efetivamente a paz de um relacionamento duradouro e de um companheirismo aberto, límpido e confortável, que Thomas sequer sabia que existia.

Durante certo tempo achou que havia deixado para trás as inquietas turbulências da juventude e que estava pronto para se assentar, como todo mundo.

Apenas, como nada é perfeito, mais tarde descobriu que a moralidade de Liz pesava sobre ele, como chumbo.

Os dois se conheceram nos jogos universitários, quando ambos estavam prestes a se formar.

Thomas admirou em Liz a fé que possuía no futuro, o desejo de ser alguém, social e financeiramente falando. E ele que nunca desejara muito envolvimento com a vida profissional, passou a encarar o futuro com mais seriedade, influenciado por ela.

Começou a se entusiasmar com o que poderiam construir juntos. Era um pensamento romântico, próprio da juventude, pensava agora...

Uma vez que a família de Liz era do interior, ela morava num pensionato, perto do apartamento de Thomas. Acabavam passando algumas noites juntos e daí foi um pulo para que ela se mudasse para seu apartamento.

Convenceu logo a se livrar de parte de sua bagagem intelectual externa, como dizia, os livros, e transformou sua cozinha num espaço convencional.

Thomas estava feliz. Poderiam partilhar a companhia um do outro a cada intervalo que tivessem, fazer amor pela manhã, o que para ele era um ritual, mesmo que Liz revelasse não ser o melhor momento para ela.

Tomar posse da mulher antes que as obrigações do dia a tomassem dele, era maravilhoso! — pensava Thomas.

Formaram-se no mesmo ano, ele biólogo, ela dentista, e viveram felizes até que Liz engravidou.

No mesmo momento ela manifestou o desejo de se casar e constituir família.

Thomas aceitou casar-se, no entanto, rejeitou terminantemente a idéia da paternidade, ou melhor, da maternidade dela.

Estava convicto de que a relação dos dois iria por água abaixo, nem bem os primeiros vagidos infantis se fizessem ouvir pela casa.

Além disso, não sentiria mais prazer em tocá-la, sabendo que seus doces espaços já não lhe pertenceriam com

exclusividade. Sabê-la transformada em mãe a reduziria a uma espécie de objeto tabu!

Talvez fosse imaturidade sua, reconhecia, mas tinha certeza que qualquer homem, no fundo e honestamente, sentiria o mesmo que ele.

Convenceu-a a desistir da criança, ao menos por um tempo, procurando compensá-la com uma aliança e um pedido oficial de casamento feito a seus pais, no interior.

Sentiu a frieza com que os pais de Liz o receberam, sem conseguir justificá-la.

— Paris bem vale uma missa — pensou na época, em tom erudito.

Liz o amava, concordara em fazer o aborto e isto era tudo que importava!

Só mais tarde percebeu que, após o aborto, Liz mudou para com ele. Esfriou, por assim dizer.

Não perdia oportunidade de culpá-lo e chantageá-lo pelo filho perdido, ainda mais que, por algum motivo misterioso, nunca mais engravidou.

Estando bloqueado o caminho principal que traçara, em conseqüência da mudança de humor sofrida pela mulher, Thomas apelou para as transversais, repletas de mulheres alegres e fáceis.

Além de tudo, Liz era excessivamente moralista! Quanto tentou catequizá-la, dissertando sobre o fato de que a moral é uma questão de tempo e lugar, e convidando-a a se portar um pouco mais como uma cidadã do mundo, para colocar algum tempero ao casamento!

E chegou a chamá-lo de pervertido, e a bagagem sexual filogenética de Thomas, um potencial invejável, foi jogada por ela à idade das trevas, como uma heresia!

Para não apodrecer na escuridão Thomas buscou suas antigas companheiras, e sua vida voltou a ser quase o que era antes de se casar, em termos de boemia.

Só que desta vez tinha uma esposa dentro de casa a quem prestar satisfações. Essa diferença deixou praticamente de existir, quando conheceu Cláudia, e perdeu o pouco controle que tinha da situação.

Sob o ponto de vista material a união de Thomas e Liz foi mais frutífera que emocionalmente .

Compraram uma pequena casa num condomínio ao longo da Rodovia Raposo Tavares e a equiparam com os devidos eletrodomésticos e supérfluos. Possuíam dois automóveis e um cão pastor, idéia de Liz, chamado Dingo.

Thomas havia feito mestrado em Fisiologia, matéria que lecionava para alunos de faculdades paramédicas e Liz se dividia entre um emprego estadual e o consultório particular, que ultimamente começava a se expandir consideravelmente.

Assim estavam as coisas, quando Liz saiu da vida de Thomas, dragando repentinamente todo um mundo de estabilidade aparente e trazendo à tona incomensuráveis porções pantanosas.

## CAPÍTULO 3

Em torno de 20 de março o Equador Celeste é cortado pela elipse desenhada pelo movimento de translação da Terra. Na Antiguidade este era o momento em que se conceituou o início do ano, o equinócio, o ponto vernal, o final e o recomeço, a morte e o renascimento.

Em março de 1992 quando começaram as aulas escolares, Thomas e Cláudia se conheceram.

Thomas estacionou seu carro no pátio em frente ao Departamento de Fisiologia da Cidade Universitária. .

Estava a ponto de conhecer mais uma turma sem brilho ou interesse pela matéria, de alguma faculdade São Qualquer Coisa, onde Fisiologia era matéria que fazia parte da carga curricular e tinha pouco a ver com o interesse verdadeiro dos alunos, que cursavam faculdades paramédicas.

A turma que o aguardava naquela manhã era um exemplo típico; mulheres, em sua maioria, e excessivamente jovens, se é que a juventude pode ser excessiva, conjecturou Thomas em seus compenetrados 29 anos.

Sua cabeça doía e suspeitava que não conseguiria chegar ao final do dia. *Não cheguei sequer à idade de Cristo para imolar-me a ponto de dar aulas com esta dor de cabeça torturante!*

Sentia-se, naquela manhã, miserável como os animais a serem usados como cobaias, os quais seriam literalmente sacrificados para que as jovens de pestanas aveludadas percebessem que, sem sistema nervoso, suas pálpebras inquietas e suas bocas falantes se calariam para sempre. O que não seria nada mau !

Thomas estava de péssimo humor naquele dia . Ultimamente sua vida parecia sem sentido ou motivação. Sentia uma inquietude sem objeto e uma ânsia de viver, uma fome de algo vibrante que não acontecia nunca, e uma constante irritabilidade.

Freqüentemente sua cabeça latejava e passara a ter enxaquecas mais freqüentes e fortes.

Teria sido mais confortável permanecer em casa deitado, afinal, mas era o primeiro dia de aulas e Thomas tinha um método para não faltar a compromissos.

Sem pensar, levantara-se da cama sentindo a cabeça latejar, vestira-se, entrara no carro, colocara os óculos escuros para não sentir a luz batendo em seus olhos e... lá estava ele, como um autômato!

O método era não pensar! Detestava compromissos e tinha jogado fora sua agenda que definiu como cárcere privado e promissória assinada contra si mesmo, a ser paga na hora e dia certo, com sua liberdade e tempo, com um pedaço de vida, enfim!

Gostaria de viver só o momento presente. Compromissos eram a cruz da existência! Admitia que eram necessários, mas para suportá-los fazia um jogo muito excitante: pensava que não iria a lugar algum, tanto faz que fosse uma palestra, um encontro ou uma prova.

Afinal, raras vezes faltava, acabava indo automaticamente... E nunca sofrera por antecipação! Assim, não se preocupava, apenas se ocupava! Este era seu método, e devido à sua eficácia estava lá.

Dirigiu-se à lanchonete, pediu um copo de leite e tomou um Migrane.

Munia-se de forças para a aula que iniciaria o semestre.

O auditório estava lotado e havia um alto burburinho de vozes que se aquietou com sua entrada.

Thomas ocupou seu lugar atrás da cátedra, verificando que Carlos, ajudante do departamento, um bom rapaz cheio de sardas e boa vontade, trouxera a gaiola com dois pompos.

Sobre a cátedra uma espátula, um bisturi e dois estiletos repousavam no pano branco, ao lado de uma pequena garrafa contendo álcool.

Thomas cumprimentou a classe cordialmente, mastigando as palavras que doíam ao serem pronunciadas.

Falou pausada e incisivamente sobre nervos aferentes conduzindo sensações e feixes musculares ligados a nervos eferentes, concluindo que a ação é o resultado do pleno funcionamento do sistema nervoso.

E a alma, senhores, onde está a alma? Está na lama!

Dera de fazer jogos de palavras, mentalmente.

Observou a jovem que o fixava deslumbrada. Por quê, afinal?

Não se dera conta, com certeza, que atrás da figura do mestre havia apenas dor, feixes de nervos estimulados, além do limiar suportável.

Continuou a exposição, dissertando sobre o cerebelo como sede do equilíbrio.

Tomou um dos pombos em suas mãos e soltou-o, permitindo que andasse. Chamou atenção para o andar peculiar do animal sadio.

Em seguida, tomou o animal nas mãos e, diante da plateia atenta, com destreza e precisão espetou-lhe o estilete na parte posterior do crânio, perfurando o suficiente para danificar o cerebelo, mas não causar a morte.

Depositou-o no solo e chamou atenção para a nova postura: o pombo desequilibrado abria suas asas, em busca de antigos referenciais, em vão...

Como um bêbado, tentava encontrar o meio fio da sarjeta. Inútil e triste!

Thomas limpou as mãos na toalha que embebeu em álcool e finalizou:

— Jovens, o cerebelo é a sede do equilíbrio, o que esperamos haver demonstrado.

Despediu-se até a semana seguinte e retirou-se apressadamente. Sua cabeça estourava!

Encaminhou-se para a lanchonete, procurando outro comprimido no bolso do jaleco branco.

Verificou que guardara inadvertidamente o estilete em um dos bolsos. Quase se ferira com a ponta afiada!

Mais um copo de leite na lanchonete, mais um compri-

mido e a surpresa ao ver-se ladeado pela moça que o olhava com olhar hipnótico durante a aula.

— Estive assistindo sua aula, professor. Meu nome é Cláudia.

Thomas fez um gesto de assentimento e observou a moça com atenção: olhos negros e oblíquos, pele clara contrastando com cabelos escuros, nariz comprido de quem gosta de se meter onde não é chamada.

Conceitualmente bonita, mas a cabeça de Thomas doía e a beleza da moça assim como suas palavras ficavam misturadas com a sensação de desconforto.

— Quero dizer, a aula que o senhor acabou de dar. — continuou a moça meio sem jeito com a falta de resposta.

Thomas terminou seu copo de leite e perguntou polidamente:

— Gostou?

— Vim falar com o senhor, porque achei seu gesto de mutilar o pombo extremamente cruel e de mau gosto, desculpe a franqueza! Penso que foi desnecessário, além de tudo. Afinal, não precisamos ver a cena do cerebelo mutilado e o pobre animal desequilibrado para entender um conceito teórico. Isso é que nos diferencia dos animais, professor! Nossa capacidade de abstração!

Assim dizendo, empertigada e corada, virou as costas e afastou-se.

Thomas gritou, chamando-a, mas não se lembrava do nome.

— Ei! Espere!

Foi atrás dela, puxou-a pelo braço e seus olhos encontraram-se, os dela desafiadores.

Thomas sentiu em sua mão um pedaço de gente macio e interessante e, então, largou-a de repente e disse:

— Concordo com você.

Thomas falou da dor de cabeça que o perseguia, desde que acordara, e Cláudia começou a receitar remédios caseiros, até que o tom da conversa mudou.

Acabaram rindo, e o mal estar de Thomas diminuiu. Ficou a vontade de conhecê-la melhor.

Cláudia voltou para casa um pouco triste por não terem marcado um novo encontro, mas aliviada, por ver terminar em harmonia a conversa que iniciara de forma tão abrupta.

Perguntava-se quem seria ele, aquele professor bonito de olhos amarelos... casado não era, não usava aliança. Talvez separado ou solteiro...

Preferível que fosse separado! Não gostava de homens que nunca tivessem se comprometido; porque com certeza ou eram muito independentes, o que era assustador; ou gays, ou cheios de problemas emocionais.

Ela havia terminado um relacionamento de dois anos e, ao olhar a seu redor, não via oportunidades como em seus tempos de adolescência.

Ingressara naquele ano na faculdade de Psicologia mas se sentia desiludida. Pouco do que estava estudando tinha a ver com seus sonhos. A vida parecia um eterno preparo para algo que sempre estava mais adiante. Estudava desde tempos imemoriais, sem ver sentido em nada. Afinal ingressara na universidade e sabe-se lá se algum dia estaria finalmente pronta para realizar algo que a fizesse feliz.

Sentia-se deprimida, para variar. Aquela dor antiga que a acompanhava desde a infância estava mais aguda.

Só um grande amor poderia salvar sua vida, pensava, um amor mitológico e mágico. E esse amor a vida lhe provaria que não existia, a não ser por breves momentos. O amor acabava devorado pela conquista e pelo cotidiano.

Assim fora com Paulo, pelo menos, a quem amara por um ano inteiro, mas que depois se transformara em puro tédio. A ruptura foi escolha sua. Só deixando o coração vazio alguém poderia preenchê-lo, pensava.

E aí seria a gloriosa paixão, novamente, até que... a onda arrebetasse na praia e nada restasse de sua antiga majestade!

A vida e o amor eram um suceder de esperanças e desilusões. Mas valia a pena viver, pela chance de recomeçar tudo de novo, pela emoção da primeira mordida na maçã, pela aventura da paixão, pelo primeiro mergulho na alma de outrem.

Agora surgia este homem... um professor de desejo!

Talvez, com sorte, as cortinas do palco se abrissem novamente para que ela fosse Eva no paraíso, a Dama das Carmélias ou Helena de Tróia!

Quanto a Thomas, deu-se por vencido pela dor de cabeça, terminando o dia de trabalho mais cedo.

Voltou para casa por instinto, mal podendo enxergar de dor.

Atirou-se na cama, após tomar todos os analgésicos que encontrou pela frente. Torceu para dormir e não sentir mais nada.

Vislumbrou o vulto de Liz, entrando no quarto mais tarde, pé ante pé, solicitamente oferecendo-lhe um chá, que não aceitou.

Na manhã seguinte acordou como que recém saído de uma cirurgia: a boca amarga dos medicamentos ingeridos, o corpo fraco e as mãos trêmulas.

Só muito mais tarde relembrou a conversa com Cláudia, e seu corpo começou a reagir como que tomado por uma onda de calor.

Na semana seguinte, após a aula, o encontro dos dois pareceu dar-se como uma cumplicidade antiga entre macho e fêmea, uma dança ritual de acasalamento, um pacto silencioso.

Achegaram-se e rapidamente e marcaram um encontro para o horário de almoço, separando-se a seguir, cada um ocupando seu papel respectivo de professor e aluna.

Quando mais tarde Thomas vislumbrou o carro de Cláudia, na saída da Cidade Universitária, fez sinal a ela, indicando um bolsão onde poderiam estacionar lado a lado.

Thomas deixou seu automóvel e passou para o dela, sentando-se a seu lado.

Olhou sua boca e seus olhos, sentiu o perfume que exalava e perguntou:

— Para onde vamos?

## CAPÍTULO 4

Por uma questão pessoal bastante explicável, Thomas achou melhor não revelar a Cláudia, pelo menos de imediato, que era casado.

Entrar neste assunto representava misturar ao romance a prosaica realidade e pressupor palavras desagradáveis como adultério e traição, adjetivos pejorativos, aos quais Thomas não queria ser associado.

Além disso, supôs que o que se passava entre ambos fosse apenas um passatempo, um certo brilho falso a enfeitar a vida cotidiana, uma transversal no tempo.

Mas não foi assim. A atração era violenta e forte como um vendaval e Cláudia era absorvente, querendo estar com ele a todo momento.

Por isso tornou-se inevitável fornecer a ela algumas explicações desagradáveis....

Encontravam-se todo final de tarde, como viciados. Procuravam becos, cantos isolados de ruas e finalmente motéis, onde se amavam, cada vez mais lenta e requintadamente, até que Thomas começou a perder totalmente a noção de tempo.

As desculpas que usava sobre andar assessorando alunos durante os finais de semana, tornaram-se insustentáveis diante de Liz.

O receio de ser descoberto e forçado a desistir da mulher ou da amante pressionava Thomas, que acabou por decidir contar a verdade para Cláudia, esperando que ela o compreendesse.

Uma vez instalados num motel, com a máxima diplomacia e cuidado, explicou-lhe duas coisas básicas e perfeitamente razoáveis: primeiro, que necessitava dela como o ar que respirava, (até aqui viu suas pestanas se entreabrirem languidamente) e, segundo, que, por motivos sepultos no passado, atualmente era um homem casado!

A última declaração funcionou como uma bomba!.

Cláudia ficou tão indignada que sua atitude de altivez lembrou a Thomas o primeiro encontro de ambos.

De nada adiantaram as justificativas de Thomas, pois, segundo o que ela lhe disse, não queria se envolver com alguém comprometido.

— Escolha: ou ela ou eu!

Vestiu a saia que havia retirado, colocou os brincos e anéis que mais lembravam uma cigana, e declarou que iria embora.

Inicialmente Thomas blefou:

— Tudo bem, se quiser ir embora vá! Telefone para chamar um táxi. Não vou levar ninguém para casa!

Cláudia agiu exatamente com a mesma frieza, aparentando segurança e desenvoltura.

Tal atitude despertou a raiva que andava adormecida em Thomas. Nem bem ela retirou o telefone do gancho para pedir um táxi, ele esbofeteou-a com força!

— Você só sai se eu quiser, vaca!

Cláudia começou a gritar e dar pontapés, apesar de Thomas segurá-la e gritar para que se calasse.

Como ela não obedecia, Thomas esmurrou-a e derrubou-a ao chão. Atirou-se sobre ela e tampou-lhe a boca, para que não gritasse.

Viu os olhos apavorados de Cláudia, ao mesmo tempo em que se surpreendeu com sua ereção.

Cláudia mordida a mão que tentava calá-la, quando sentiu sua garganta envolvida pelas mãos fortes, o ar lhe faltando, o desespero imenso em busca de respirar.

Ouviu Thomas dizendo ao longe:

— Fique quieta, pelo amor de Deus, fique quieta.

Cláudia sentiu que Thomas levantava sua saia e a possuía com fúria e paixão. Assustada, ficou imóvel, temerosa de esboçar qualquer reação e despertar novamente a cólera de Thomas.

Começou a sentir, contra a vontade, um enorme prazer, o melhor prazer que já sentira.

Thomas então arrancou as próprias roupas e as dela, amando-a de forma poderosamente carnívora.

Seu corpo se curvava de prazer sob o dele e, desde aquele momento, iniciaram um jogo perigoso de excitação e prazer, uma roleta russa excitante e louca.

Cláudia e Thomas descobriram a conexão entre a paixão e a dor, o prazer e o medo.

Apaixonar-se por Thomas e sofrer de saudades, conformar-se em esperar por ele aos fins de semana, aceitar que era casado, era o extremo psicológico da coisa, para Cláudia, sendo o extremo físico as experiências que iam desde entregar-se a ele amarrada, levando algumas palmadas, até aceitar ser possuída onde quer que ele a quisesse: sobre a capota do carro, inteiramente nua, em lugares públicos onde pessoas passavam ao longe...

Thomas bebia demais e sua imaginação era fértil e inusitada. Nada era repetitivo e esperar por ele era emocionante.

A submissão foi a forma de agarrar o melhor do prazer. E Cláudia era viciada em prazer.

Para Thomas a recém conquistada submissão da amante fez com que desenvolvesse sua autoconfiança, uma força viril e uma ereção inesgotável.

Na escola, quando tivera aulas de Filosofia e Psicologia, um professor dissera que o sexo poderia abrir os portões do céu ou do inferno.

Thomas não estava decidido sobre qual portão se abria em sua vida, mas queria trilhar aquele caminho, fosse qual fosse!

## CAPÍTULO 5

O fato de ter contado a Cláudia que era casado, e de ela ter aceito suas condições, não ajudaram Thomas a voltar antes para casa. Ao contrário, tornaram-se mais apegados e viciados um no outro.

A cada noite, impregnado de Cláudia, Thomas ia ao encontro de Liz, procurando ignorar sua fisionomia fechada, esticando a boca num beijo seco, sem respirar para não delatar o hálito de gim e sexo.

Até que em agosto, seis meses após o início de seu romance, ao chegar em casa no final da tarde viu Liz vestida para sair. Carregava uma pequena valise.

Thomas chegou a tempo de interpelá-la.

— Justamente hoje, você chegou mais cedo do que eu esperava! — disse ela.

Liz queria partir, assentar as idéias. Ela recebera um telefonema anônimo, relatando seu caso com Cláudia. Não queria conversar. Deixara um bilhete, explicando tudo.

Thomas mal podia acreditar! Seguiu-a até o portão, tentando convencê-la a não ser intempestiva e a não dar ouvidos a telefonemas maldosos, mas no fundo estava indeciso sobre se a partida de Liz não seria, de certa forma, um alívio da enorme tensão que vinha carregando.

Talvez fosse melhor deixá-la ir embora, afinal!

Dingo, o cachorro que Liz tanto amava, seguiu a ambos, com jeito alerta, abanando o rabo.

Liz debruçou-se e abraçou-o. Thomas viu seus olhos marejarem de lágrimas.

Dingo tinha sido uma invenção de Liz, uma espécie de substituto para o filho que Thomas lhe negara. Ela era muito

apegada a ele e Thomas imaginou que bicho a mordera para deixá-lo!

— Não vá embora, Liz ! — Thomas escutou sua própria voz chorosa.

Mas ela já havia dado a partida no carro e acionado um processo que se tornaria irreversível.

Dentro de casa ele encontrou o bilhete, escrito na letra corrida de Liz:

*Volto para o pensionato por uns tempos. Depois veremos o que fazer de nossa vida. Dê um tempo e não me procure. Logo darei notícias. P.S.: Você sempre me traiu, não é?*

Só, na casa silenciosa, Thomas sentiu-se castigado e merecedor do desgosto dos céus. Então ela sempre soubera de tudo!

A separação, que por um momento lhe parecera libertadora, agora gerava uma angústia inominável e misteriosa.

Alguma máquina fabricante de ansiedade parecia ter sido acionada em sua mente. Não conseguia pensar com clareza, sentindo-se como quando sua mãe o abandonava, partindo para longe e deixando atrás dela seu perfume, o ciúme e as noites angustiadas! Não tinha capacidade para suportar o abandono!

O coração acelerado, o peito doendo, sentia-se impotente e sem capacidade de reação.

A noite tinha caído e o silêncio o oprimia.

Olhou através das frestas da persiana de seu quarto e viu o pinheiro que guardava a frente da casa balançar levemente seus galhos. O frio de agosto penetrava-lhe os ossos. Começou a tremer.

Preparou uma dose dupla de gim-tônica. Bebeu metade do copo, entrou no banho quente e esperou relaxar.

Terminou o copo e preparou nova dose, principiando a ter seus pensamentos mais sob controle.

Assim que se sentiu capaz de dormir afundou-se na cama.

Escutou Dingo ganir... Liz tinha abandonado também a ele!

Nem bem os primeiros raios do dia penetraram o quarto, Thomas acordou sobressaltado.

Como se estivesse à espreita, o pensamento pulou sobre sua mente: — “Liz foi embora!”

Aguardou o pânico, mas ele não veio. Nenhuma emoção. Seu coração parecia entorpecido.

Trabalhou automaticamente naquele dia, pensando no que lhe sucedera. Quando encontrou Cláudia, como habitualmente, no final da tarde, contou-lhe tudo.

Diante do contentamento dela, percebeu o quanto ambos estavam em barcos separados.

Para Cláudia existiam vantagens em sua separação, mas para ele, apenas problemas, mal divisados. Tudo era uma incógnita.

Inclusive, bem ou mal, Liz se tornara parte de sua vida, como o braço é parte do corpo, e Thomas não estava preparado para a amputação.

Quando voltou para casa, procurou recados na secretária eletrônica, aguardando um telefonema de Liz, mas ninguém ligara.

Deu-se conta de que não possuía o telefone do pensionato. Procurou na lista telefônica, inutilmente. Nem sabia ao certo se Liz realmente se encontrava lá .

O que a teria levado a procurar como refúgio um lugar onde morara há tantos anos passados?

Sentiu-se mal, condenado à inatividade.

Por piores que fossem os resultados, gostava de resolver as coisas através de atitudes.

Nada pior que esperar, claustrofobicamente preso a uma situação. Mais uma noite boiando sobre dúvidas e pensamentos interrogativos!

Liz estava com raiva dele, isto era certo, pelos termos que usara em seu bilhete de despedida. Deixá-lo à espera poderia ser uma forma de puní-lo.

Resolveu que após o trabalho iria procurá-la no pensionato ou no consultório. Queria resolver a situação de uma vez por todas.

Tentou telefonar para Cláudia, avisando que não poderia vê-la no final do dia.

Mas ela não estava e Thomas resolveu não deixar recado com a voz masculina que o atendeu, provavelmente seu pai.

Ficou indeciso sobre faltar ao encontro e deixá-la esperando. Mas, afinal, resolveu que não suportaria dormir mais

uma noite com a situação entre Liz e ele em suspenso. Cláudia compreenderia, quando ele lhe explicasse que estava polarizado com outro assunto. Ela sempre compreendia...

Passou o dia inquieto e impaciente e afinal, quando entardecia, dirigiu-se ao antigo bairro onde vivera seus anos de estudante e onde se localizava o pensionato.

Emocionou-se ao percorrer a rua onde acompanhara Liz tantas vezes, antes de morarem juntos .

Percebeu as mudanças, com nostalgia. As pequenas casas haviam sido derrubadas e edifícios erguiam-se por toda parte.

Quando chegou ao pensionato teve uma surpresa: em seu lugar haviam construído um prédio! Liz mentira para ele! Ou talvez ela própria não soubesse que o pensionato não existia mais, estando em casa de uma amiga. Mas, quais eram as amigas de Liz? Não sabia, essa era a verdade....

Eram sete e meia da noite e, com sorte, talvez a encontrasse ainda no consultório.

Isto pressuporia passar pelo engarrafamento da Avenida Rebouças para chegar à região dos Jardins. Dirigiu-se para lá querendo ter asas, o trânsito engarrafado no final do dia.

Chegou ao consultório depois de quase uma hora, mas deu tempo de vê-la saindo da garagem da clínica junto com um homem, ele na direção de um carro importado.

Reparou que o carro de Liz ficara na garagem da clínica.

Thomas não teve jeito de chamá-la, mas movido pela curiosidade e um certo sentimento de posse, não quis deixar passar a oportunidade de saber mais sobre o que se passava.

Resolveu segui-los, o que conseguiu com facilidade.

Thomas viu o carro entrando na garagem de um edifício da Avenida Nove de Julho.

Impaciente, largou seu próprio veículo ali mesmo, na calçada, e correu em direção ao portão social do edifício.

Pelo interfone identificou-se como colega da doutora Liz.

Sentiu-se em posição de inferioridade, mas permaneceu em seu posto, premido pelo desejo de mostrar a Liz que sua ridícula estratégia de enganá-lo durara menos de quarenta e oito horas.

Seu desejo era fazer um escândalo ali mesmo! Percebeu ao longe a silhueta de Liz acompanhada do homem, chegando à portaria..

Então, uma outra voz masculina e culta atendeu o interfone:

— Quem quer falar com Liz?

Thomas podia entrever lá de fora o estranho que lhe dirigia a palavra.

— Quem está falando? — perguntou Thomas, sentindo-se tolo.

— É o Dr. Cláudio. E o senhor, o que deseja?

Todos os propósitos de Thomas esvaneceram-se. Desejou estar muito longe dali e daquela situação humilhante e embaraçosa, assim como da sensação que o acometeu de total confusão mental, como se lhe tivessem dado um choque elétrico.

Cláudio era o colega de consultório de Liz, o dono da Clínica Gênese!

Como fora imbecil! Liz tinha um caso com seu colega de consultório, era óbvio, por isso partira! Tinha costas quentes e uma cama bem forrada!

Thomas afastou-se e entrou rapidamente no carro, fugindo de tudo o que presenciara.

A noite era fria, como faca afiada em seu peito. O leito da estrada de volta à sua casa parecia encompridar-se perfidamente. Sua cabeça começou a doer e as luzes dos carros na pista oposta espocavam em seus olhos machucando-os e estilhaçando-se.

Percebeu que lágrimas de raiva molhavam seu rosto!

Lembrou-se de Conceição, a primeira mulher que tivera, (ou que o tivera, Thomas jamais saberia) quando o vira chorando de ódio impotente, o velho ódio que lhe carcomia, o mesmo que revivia agora!

Parecia um jogo de espelhos! Achava que traía Liz com Cláudia, mas Liz o traía com Cláudio! Talvez o tivesse traído sempre!

Seria possível que até o nome de seus amantes coincidisse? Que ironia!

Chegando em casa, preparou como um zumbi a ração de Dingo. Deveria envenená-lo, isto sim!

O cão queria companhia, mas logo se afastou, retirando-

do-se para sua casinha no jardim, captando a eletricidade no ar.

Thomas iniciou dando um pontapé na mesa de televisão, derrubando ao chão tudo que havia.

Urrava de ódio e dor, enquanto espatifava todos os objetos que lhe lembrassem Liz, a começar do ridículo retratos com a foto do casamento, até chegar aos objetos que adornavam as estantes, os quais varreu com o braço forte, jogando-os ao chão.

Mal percebia a confusão de cacos de vidro e louça, pisava sem perceber nos estragos, vorazmente em busca de mais Liz pela casa, que pudesse ser destruído.

Subiu para os quartos, escancarou as gavetas e arrancou de dentro todas as roupas femininas, sutiãs, malhas, cachecóis, camisolas, calcinhas, gritando palavrões e maldizendo o corno imbecil que fora!

Exausto, em meio à confusão que armara dentro da casa, atirou-se de costas na cama.

Olhando as conhecidos desenhos que o papel de parede induzia, pensou : — E agora que você destruiu tudo, o que pretende fazer?

Tentou organizar sua mente, passo a passo. O jeito era encaixotar as roupas e objetos de Liz, organizá-los fora de sua visão. Mas faria isto mais tarde, no dia seguinte. Agora não suportava mais nada.

Levantou-se da cama, sentindo a cabeça latejar.

Afastou as roupas para um canto onde não ficassem visíveis. Colocou a colcha da cama estendida sobre elas.

— ‘Requiescat in pace’ — pensou.

Mas ele mesmo não teve paz!

## CAPÍTULO 6

Thomas acordou sobressaltado, sentando-se na cama e olhando seu quarto como se o visse pela primeira vez. Seus cabelos estavam molhados de suor.

Lavou o rosto e a cabeça na água gelada da pia, lembrando-se que era sábado e o dia descortinava-se à sua frente como um imenso vazio.

Chovia e a paisagem que divisava da janela do quarto era esbranquiçada, úmida e triste.

A casa estava devastada e sentia-se sem forças para por ordem no caos que criara..

Não gostava de beber pela manhã. Mas nada seria pior do que o mal estar que sentia.

Ao invés de café, ingeriu uma dose de gim. Esperava que a bebida fizesse efeito rapidamente.

Preparou a ração de Dingo e colocou-a num recipiente fora de casa. Não conseguia sequer olhar para o animal. Lembrava-lhe Liz.

Tomou coragem e começou a separar os objetos que haviam restado após seu ataque de fúria da noite anterior.

Continuou bebendo, enquanto fazia uma arrumação na casa para torná-la habitável, novamente.

Vestiu-se, sentindo-se um pouco embriagado, e saiu para comer alguma coisa. Sentiu uma agradável sensação de liberdade.

Levou a garrafa de gim e bebia do gargalo. Algo lhe dizia que aquele sábado poderia tornar-se melhor que o esperado. Mas nem bem comeu um sanduíche e começou a sentir -se sonolento. Acabou voltando para casa. A chuva não animava ninguém.

Não queria ver Cláudia. Não teria o que dizer a ela. Também queria a companhia de Dingo, que latia e gania.

Seria impossível deixá-lo entrar em casa pois a chuva e o barro enlamearam suas patas e o cheiro fétido de catinga animal molhada impregnara-se no pelo. Isto necessitaria de muitos dias secos para desaparecer.

A chuva aumentara a barreira que existia entre ele e o mundo, barreira que por vezes Liz conseguira suprimir. E Liz fora mais uma decepção...

A noite caía e Thomas olhava pela janela, começando a ter a sensação de estar rodeado de mortos. Mais um pouco e o gramado de frente da casa se abriria e na noite fantasmagórica que caíria sobre tudo, sairiam da terra, mortos ainda reconhecíveis, seus pais, sua tia, Conceição, todo seu passado, enfim!

Liz também estava morta. Seu esquife estava enterrado em seu peito!

“Tem piedade, ó Satã de minha atroz miséria!” — os versos de Baudelaire soaram em sua cabeça.

O cão latia, desesperadamente. Thomas foi investigar o que havia.

Todo molhado, queria entrar em casa, aquele ser vivo, embaixador da chuva e da lama! Thomas trancou-se, amedrontado com o próprio cão. Ele era insistente e começou a investir furiosamente contra a porta cerrada.

A impressão era a de um homem indignado, escorraçado de um ambiente que lhe pertencesse por direito, batendo à porta com violência e obstinação.

Cão petulante e atrevido, pensou Thomas, por que não ia procurar sua dona?

Pela fresta da porta que abriu Thomas ofereceu-lhe mais comida. Mas foi em vão, os latidos insistentes continuaram. Em seguida vieram as investidas contra a porta. Aquilo começou a tomar uma proporção colossal na cabeça de Thomas.

— Ainda vou matá-lo de pancadas! — pensou, avançando para abrir a porta e investindo seu um metro e oitenta de altura por oitenta quilos em direção à Dingo.

O cão percebeu a ameaça e, ao invés de fugir, pulou sobre Thomas com as patas dianteiras em seu peito.

Este derrapou na soleira molhada da porta, e o vulto escoregado passou por ele, entrincheirando-se sob o mó-

vel da cozinha, que era longo como o comprimento da parede e suficientemente profundo para esconder o animal encolhido.

Cheio de ódio, Thomas entrou na briga, procurando com a mão e agarrando o primeiro pedaço de cão que encontrou, puxando uma pata para fora, com violência.

Sentiu então os dentes afiados no dorso de sua mão e afastou-se rapidamente, com dor e ressentimento.

Correu ao armário de ferramentas, em busca de algo suficientemente longo e contundente.

Encontrou o ancinho de jardim e com ele instigou o animal para que saísse de seu refúgio. Insistiu, até que este disparou para cima de Thomas, que se desequilibrou e caiu de costas.

Dingo avançou sobre ele, mostrando os dentes e rosmando ameaçadoramente, mantinha-o paralisado sob seu peso e sob o jugo de sua ferocidade.

A gaveta de utensílios estava aberta, quase ao alcance da mão. Com a mão esquerda segurava à distancia a bocarra do animal, enquanto esticava o outro braço até não poder mais, tentando apanhar uma faca na gaveta.

Tremia pelo esforço muscular do estiramento, até que agarrou-a afinal, cravando-a no dorso do cão diversas vezes.

Só parou quando o animal que fora um cão doméstico caiu morto sobre o piso da cozinha, um monte de pelo e sangue.

Thomas olhou para o estrago: o terror havia entrado dentro de casa!

Sangue sobre o piso, Dingo morto, uma profunda mordida varando-lhe a mão, arranhões em seu braço, que misturavam sangue e barro.

Fosse o que fosse o que ocorrera, era preciso esconder aquilo!

Fátima, a empregada, viria segunda feira e, além de não encontrar Liz, veria Dingo morto.

Sabe-se lá o que pensaria e o quealaria dele na vizinhança!

Enfim, era preciso esconder o corpo e lavar tudo.

Horas depois, o cachorro enterrado, o sangue limpo do piso, assim como a sujeira, Thomas limpou as feridas da melhor maneira possível, mas percebeu que o estado de-

*Clélia Romano*

las iria requerer providências médicas e anti-sépticas maiores do que as que poderia tomar.

Exausto, tornou a olhar pela janela, pensando que as coisas não estavam correndo nada bem para ele. A chuva cessara, o céu estava muito escuro, pontilhado de estrelas e Thomas pensou: *Hoje é Lua Nova.*

Sentia-se só e desorientado.

Recitava mentalmente a mesma frase: “Tem piedade, ó Satã de minha atroz miséria!”

## CAPÍTULO 7

A saudade que sentiu de Thomas durante todo o final de semana era como um ferimento sangrando. — Impossível esquecer, impossível viver! — sentia Cláudia.

Agora que ele estava sem a esposa, as regras deveriam ter mudado, para que pudessem sair do casulo, fazer o que os namorados normais fazem, sem precisar se esconder! Afinal, ficarem juntos não foi o que sempre quiseram? Era impossível entender a atitude de Thomas!

Tudo era inexplicável, ainda mais sabendo o quanto ele a necessitava fisicamente, o que era, em sua opinião, quase tudo, senão tudo, para os homens.

Seria possível que ele quisesse vê-la sofrendo? Ou sequer passava por sua mente egoísta que outro ser humano poderia ter sentimentos, estar sozinha e perplexa?

Estava cansada de tanto pensar e conjecturar, para depois mudar de idéia, achar que tudo tinha terminado, e mais tarde novamente ter esperanças, imaginar estratégias, etc...

Tentara falar com Thomas e acabara deixando um recado na secretária eletrônica no sábado, mas ele não ligara de volta. Desaparecera, simplesmente...

Estava deitada no sofá da sala, quando sua mãe, em meio aos afazeres domésticos, em tom preocupado e crítico, acusou:

— Aposto que é aquele professor, não é? Sei que você tem saído com ele. Você não me engana!

— Não é verdade, mãe.

— Os dias de semana agitados, o fim de semana largada

neste sofá! Você está perdendo seu tempo, filha! Ele é um homem casado!

Cláudia sentou-se e disse pausadamente:

— A mulher dele saiu de casa. Agora ele não é mais casado. Satisfeita?

— Mas continua sozinha...

Tornou a deitar-se, mostrando indiferença a tudo que a mãe pudesse dizer.

— Vai ver que nem a mulher o suportou! Ele deve ser do tipo que não faz ninguém feliz!

— Acredite, não estou mais saindo com ele! Deixe-me em paz! — a voz era irritada e chorosa.

— Espero que não esteja mentindo! Desde que conheceu este homem ficou fora de si! Tive uma péssima intuição quanto a esse homem!

— Você acha que sabe tudo, não é mesmo? Que alguém tem o poder de destruir outra pessoa! A dona da verdade mora aqui dentro! É você, mãe! — Cláudia estava fora de si.

— Você quer se destruir! Vá em frente!

Cláudia calou-se, revoltada, voltou o rosto para a parede, fechando-se em copas. Era a única forma de não agredir a mãe mais do que o que se permitiria... Distanciar-se de corpo e alma daquela cena tensionante e desagradável...

Estava farta, há muitos anos, de suportar aquele tipo de coisa: o que é certo, o que é errado, o que uma boa menina deve fazer, o que não deve!

— Meu bem, meu coração está com você! — a mãe tentava outra estratégia. — Tudo que você sofre sinto em meu peito! Abra-se comigo! Sou sua mãe, só quero apoiá-la!

Você não conseguiria me apoiar! Para isto teria que me entender, o que nunca conseguiu! Eu é que tive que entender e fingir ser o que você queria, até me confundir toda, até sobre mim mesma! Não, você não pode me apoiar!

Cláudia continuou deitada e tensa, sentindo seus músculos doloridos. Observou sua própria mão, para distrair-se, as unhas vermelhas como sangue. Percorria a parede, como se fosse um toque mútuo, a mão e o cimento. Frieza e morte versus vida e calor. Preferia estar morta e ser de cimento! Incansavelmente, a mãe continuou:

— Você não está grávida, está? Espero que tenha tomado os devidos cuidados!

Cláudia negou com a cabeça.

Até quando teria que suportar aquele interrogatório? Se levantasse... e fosse ao banheiro... mas: não tinha forças!

— Não posso falar com seu pai sobre você! Ele não compreenderia, você sabe... entraria em depressão! Poderia ficar até doente. Seu irmão já nos deu tanto desgosto!

— Não fale dele! Ele fez o que o coração dele mandava! Deixe os outros serem o que quiserem, mãe! Nós não nascemos para ser sua cópia fiel!

— Acha correto, então, um jovem abandonar os estudos para viver como um saltimbanco, tocando guitarra com um bando de malucos?

A conversa e a preocupação da mãe afligiam Cláudia tanto quanto suas próprias angustias.

Gostaria de estar só quando sofresse, para não afetá-la e também para não ver devassada sua dor tão íntima.

Sentira-se sempre diferente das outras pessoas, mas suficientemente inteligente para perceber, ainda criança, que seria mais cômodo fingir pensar como os demais.

Mas era difícil, às vezes! Tinha que tentar se projetar e imaginar o que seria correto dizer ou fazer em determinada circunstância. Às vezes saía um resultado estranho e as pessoas tinham a impressão de que ela estava mentindo.

Para chegar a assumir algo contrário à família foi preciso que chegasse à adolescência, repleta de vivências complexas.

Cláudia tinha tido uma criação religiosa muito rígida. Sua mãe costumava dizer que Deus sempre devolve nossas preces com recompensas maravilhosas, desde que as mereçamos. Mas merecer era indispensável!

Ensinara a filha a crer na onipotência e no amor divino, sempre pronto a perdoar os arrependidos e a auxiliar os fracos e oprimidos. Era um belo mundo, mas Cláudia não conseguia ver as coisas desta forma.

Nem bem saíra da barra da saia de sua mãe e via o mal por toda parte.

Conheceu-o através dos colegas que colocavam moscas em seu refrigerante, nas companheiras que faziam pouco de seu ar tímido, nos professores intolerantes com suas distrações, nas humilhações que sofreu quando repetiu de ano.

Seus pensamentos sobre a bondade e o valor da retidão começaram a confundir-se mais ainda quando percebeu, aos 14 anos, que seu professor de História, um líder da escola, enquanto dissertava sobre a Revolução Francesa., encostava o pênis em seu ombro, postando-se em pé atrás de sua carteira.

Inicialmente ficou paralisada e duvidou do que percebia.

Mas como a coisa sempre se repetia, aquilo passou a exercer uma atração obsessiva sobre ela. *Será possível?* Aguardava tensa as aulas dele, para ver se era verdade ou mentira.

Sentia-se pela primeira vez mulher e desejável, mas a sensação se misturava ao sentimento de vergonha e asco.

Aconteceu de ficar frente a frente com o professor numa sala, para a prova oral de final de ano. A mão dele deslizou por debaixo da mesa e tocou-lhe os joelhos de colegial. Ruborizada, não era capaz de se lembrar sequer da pergunta sobre a qual teria que dissertar. — “Tente lembrar, não há pressa,” — dizia ele, enquanto se aproximava mais da mesa, esticando a mão de forma incomoda e ridícula, para alcançar mais longe. Fascinada, Cláudia sentiu os dedos tocarem muito, muito intimamente.

Entreabriu as pernas e resolveu participar do jogo, sem palavras.

Então, era assim que os homens faziam... Não sentiu prazer, apenas poder!

O professor era dono das notas e ela era dona de seu corpo de mulher desejável, com suas pernas longas e algo mais que era irresistível, via-se no rosto dele!

Passou de ano e vieram as férias de verão na praia.

Naquela temporada alguma coisa brilhava mais em volta dela. Sentia-se confiante e desejável. Gostava deste novo papel!

Os homens a desejavam e não pareciam se incomodar com seus 14 anos ou com seus seios pequenos.

Conheceu na praia um rapaz que falava muita gíria e que a impressionou com as aventuras que relatava: história de marinheiros de sete mares, tráfico de drogas, influências poderosas... e muita coragem e valentia!

Ele possuía um carro prateado e ia buscá-la na esquina de casa. Cláudia mentia para a mãe que sairia para comprar pão, e ia passear no carro dele, de escapamento aberto. Era emocionante! Foi deflorada no banho de mar, ele penetrando-a com facilidade. Nem percebeu que sangrou. Achou que continuava virgem.

Afinal as férias terminaram. Seu corpo sentia saudades do sol e de todo o resto!

Quando a menstruação não veio ficou aterrorizada.

Fez uma novena, arrependida, e jurou a Deus nunca mais transgredir coisa alguma. Confiava em sua bondade e esperava que ele se portasse como sua mãe sempre ensinara: perdoadando. Mas o sangue abençoado não vinha, dia após dia, e o tempo foi passando.

Cláudia procurou a ajuda de uma colega e abriu-se com ela.

Marta era discreta e ajuizada e intuitivamente Cláudia sabia que era alguém com quem poderia contar.

Juntas, procuraram um médico que fizera o aborto de uma empregada de sua mãe, e cujo nome, por sorte ou providência divina, Cláudia jamais esquecerá.

Não pensou em contatar o rapaz porque “amor de férias não sobe a serra”. Sua mãe sempre frisara tal fato.

Não podia, tampouco, contar para os pais a tragédia. Isso jamais! Sofreriam muito e a culpariam para sempre.

Pior: perderiam de uma vez a confiança nela, que já não era muita!

Afinal foi ao médico, mas ele não queria fazer o aborto, por ela ser menor de idade.

Cláudia achou a situação totalmente descabida! O aborto era ilegal, porém o médico descumpria a lei, mas quanto à idade da cliente seguia o código penal?

Se era questão de dinheiro, afiançou que o pagaria regamente!

Diante da lógica de Cláudia o médico sorriu, fez o preço e marcou o dia da intervenção.

Cláudia havia blefado, pois não tinha dinheiro algum e nem idéia de onde arranjar-lo!

Poderia furtar para vender alguma jóia de sua mãe, mas não sabia como proceder. Teria imensos sentimentos de culpa e... temia ser apanhada!

Sobrava só um idéia, que se revelou afinal a melhor. Após a intervenção, quando fosse fazer o pagamento, diria em tom surpreso que o dinheiro caíra de sua bolsa, ou então que fora roubada.

O doutor deu-lhe o pré anestésico e a seguir elogiou seus quadris. Ajudou-a a colocar as pernas na mesa ginecológica e Cláudia sentiu algo quente introduzindo-se em seu interior.

Eram os dedos do homem penetrando-a, masturbando-a.

— Mas isso é preciso, doutor?

— Sim, tente ter um orgasmo... evita uma infecção.

Cláudia faria tudo para evitar problemas. Já os possuía em demasia!

O médico despiu-se e penetrou-a rapidamente, com firmes estocadas, e logo ejaculou.

— Não consegui ter orgasmo! — disse ela, preocupada.

Mesmo assim, em seguida ele procedeu à curetagem.

Ao sair do consultório, sentindo-se enjoada pela anestesia e pelo balanço do ônibus, amparava-se no braço da amiga e dizia para si mesma: — “Força! Você está livre!”.

O médico não acreditara nem um pouco na história do dinheiro roubado! Paciência...

Ela também não acreditara na história dele, sobre evitar uma infecção!

Nos dias seguintes, estranhamente, a situação de quase estupro que vivera, excitou-a tanto que resolveu voltar a procurar o médico.

Talvez fosse loucura, mas de alguma forma sentiu que tinha mais a aprender e ganhar do que a perder, daquilo tudo.

Ainda mais que o homem era vasectomizado, isto é ela não correria mais o risco de engravidar. Teria sexo sempre que quisesse, finalmente!

De fato, quando sentia aquela intumescência lá embaixo, com poder de girar-lhe a cabeça, corria a procurá-lo e ficava satisfeita ao ver que ele deixava suas pacientes esperando, enquanto a possuía.

Com o tempo enjoou dele e afastou-se.

Este foi o ano em que deixou de acreditar em Deus, para acreditar em si mesma.

Gostava de dizer-se anarquista, naquela época, chamava muita atenção. Mas sequer sabia o que significava o termo!

Quando conheceu Paulo considerava-se uma mulher viúva, embora tivesse apenas dezessete anos.

Pela primeira vez encontrava alguém que podia nutrir sua intensa fome de amor.

Ele a amava tanto como nunca ninguém a amara e parecia ver e despertar o que era de melhor nela, justificando seu jeito rebelde como uma couraça protetora.

Pensando à distância sobre o passado, seguramente ele fora o melhor homem que conheceu, o mais humano e doce, e o amor entre ambos foi a vivência mais limpa e gloriosa de sua vida!

Todos estavam contentes com a situação, inclusive seus pais. Mas as coisas boas duram pouco...

Os gregos diziam que os deuses tem ciúme da felicidade humana. E a verdade é que do namoro com Paulo, restou o cotidiano, o tédio e o cansaço.

Agora, sentindo-se só e vazia, Cláudia esperava ansiosamente que o telefone tocasse e fosse Thomas, o homem mais intrigante e misterioso, o melhor amante, o mais sedutor, o mais perigoso de todos...

## CAPÍTULO 8

No dia seguinte, Thomas observou que havia dois recados na secretária eletrônica: um de Liz, pedindo que ele ligasse para o consultório dela na segunda feira e o outro de Cláudia, reclamando do fato de Thomas tê-la deixado esperando.

Durante todo o sábado sequer escutara o telefone! Pudera, depois de tudo que tinha acontecido!

Novamente se sentiu sem disposição para ver Cláudia, agarrando-se a ele, agora que os caminhos pareciam abertos para uma relação fixa, que Thomas absolutamente não desejava.

Queria falar com Liz, no entanto, e esperou com impaciência pela segunda feira. Nem poderia pensar em sua reação quando soubesse de Dingo!

Mas quem mandara abandonar o cachorro e o marido? Esperava encontrá-los à sua espera? Por que não lhe deixara o número do telefone do “pensionato”, a safada!?

Porque obviamente não existia nenhum pensionato e ela não queria ser incomodada no final de semana!

Localizou-a logo pela manhã de segunda feira, no consultório.

Liz foi incisiva:

— Tom, você me seguiu sexta-feira, por acaso?

— Mas é claro que não! — respondeu Thomas, mostrando surpresa.

Ela pareceu desconfiada, mas marcou um encontro para almoçarem dali a dois dias para falarem sobre ambos. Thomas não resistiu e perguntou:

— Como está o pensionato?

Liz desconversou, dizendo estar em casa de uma colega.

— E Dingo está bem? — perguntou ela.

— Está ótimo! Fique tranqüila !

Tão bem quanto sua colega!

Thomas desligou, pensando que não sabia se conseguiria controlar sua fúria, uma vez frente a frente com Liz. Ela bem que merecia o que tinha feito com seu cachorro!

O fato de mentir tão descaradamente fazia dela uma verdadeira trapaceira , indigna de um mínimo de confiança!

Esperou acalmar-se e ligou para Cláudia, tentando convencê-la de que tudo estava caminhando a contento, mas que não convinha que se encontrassem por hora. Era preciso tirá-la do caminho até colocar seus pensamentos em ordem.

Foi ao médico fazer um curativo na mão e a seguir foi trabalhar, sem saber como encontrava forças para tal.

Uma vaga ansiedade apertava seu coração, quando tomou a estrada que o conduziria para casa, no fim do dia.

Não possuía mais um lugar para descansar. Sua casa, outrora seu lar, transformara-se num inferno caótico!

Thomas morava a poucos quilômetros da cidade e da universidade onde trabalhava, um local onde o ar era puro e a vizinhança prestativa.

Um vizinho, cuja principal ocupação de final de semana era meter-se embaixo do carro, trocando ou ajustando peças, assim que se deparou com Thomas fez um gesto para que estacionasse. Mas Thomas limitou-se a abaixar a janela do carro:

— Como está? Não tenho visto sua esposa! — perguntou o intrometido.

— Liz foi embora, vamos nos separar! Satisfeito com a informação? — disse Thomas com a maior naturalidade.

O outro fez cara de idiota. Thomas esperava com isso desestimular maiores aproximações, observações ou quaisquer manifestações desse tipo de gente que nada entende e é incapaz de ajudar.

O trajeto pareceu longo até divisar o portão de sua casa. Estacionou frente à garagem e desceu do automóvel para abri-la. Nisso lembrou-se de Fátima, a diarista!

Parecendo movida pelo pensamento de Thomas, Fátima correu rapidamente para abrir o portão da garagem, como se já estivesse à sua espera. Ao vê-lo, desatou a perguntar sobre Liz e o cachorro:

— Seu Tom, dona Liz não está e os animais reviraram todo o buraco de terra. Seu cachorro está morto lá dentro, todo ensangüentado e comido! Estou aqui me segurando até alguém chegar e dar meu dinheiro. Que coisa horrível! Quero sair correndo deste lugar!”

Conforme falava, a mulher fazia cara de quem tinha visto assombração.

— Calma! — disse Thomas, ele mesmo transtornado — O cachorro ficou doente e morreu. Não contei porque não a vi, sinto muito... Eu mesmo o enterrei, acho que não muito profundamente, pelo visto! Mas, por favor, não se assuste! Os animais da noite podem haver tentado desenterrá-lo, só isso!

Malditos gatos, ratos, animais nojentos! Ter que tornar a enterrar Dingo, cansado e enjoado como estava!

— O senhor que olhe aquela nojeira! Eu aqui não fico mais!

Inútil convencer a mulher. Que não viesse mais, e passasse de persignar-se como uma beata!

O pior seriam as histórias que contaria à vizinhança. Mas este era seu menor problema, no momento!

Despediu-se da diarista, pensando que ela sempre fora uma bisbilhoteira, reparando quantas garrafas de gim iam para o lixo vazias, e trocando olhares conspiradores com Liz!

Devia dar graças a Deus por estar livre das duas!

Sozinho em casa sentiu que tudo parecia envolto numa atmosfera surrealista.

A noite estava caindo. Queria enfiar-se num banho quente, mas antes se esforçou para verificar a cova do cachorro.

Haviam feito um bom estrago!

Refreando o nojo, puxou o corpo mutilado para fora, aprofundou o buraco cerca de um metro e meio, o que foi exaustivo.

Sentiu voltarem os sentimentos da véspera: tentativas de desculpar-se diante de si mesmo pelo ocorrido, seguidas de mortificações e horror por ter matado seu próprio cão.

Completo o trabalho o mais perfeitamente possível, para dar por encerrado tudo que se referisse ao episódio desagradável.

Temia com o esforço haver reaberto a ferida da mão.

O médico do Pronto Socorro fizera um curativo bastante grande, que agora estava sujo de terra. Todos lhe perguntaram com se ferira, e detestava dar satisfações sobre sua vida. Esperava que aquilo cicatrizasse o quanto antes, mas mexendo com terra daquela forma... só um milagre!

O jovem médico que o atendera pela manhã, ao olhar as marcas de arranhões e a profunda dentada na mão direita perguntou, brincando:

— Que foi isso, brigou com um lobisomem?

Thomas riu amarelo.

— Meu cão ficou agitado e, quando fui contê-lo, mordeu-me.

*O lobisomem sou eu!* Thomas sentiu vontade de avançar no médico que fazia piada com as desgraças alheias!

— É vacinado, espero!

— Eu ou o cachorro?

— Observe-o em todo caso! — o médico respondeu rindo.

Vai ser difícil, pensou.

Ainda sujo de terra, sentou-se na poltrona da sala para recuperar as forças através de um drinque, que preparou esmeradamente: uma dose generosa de gim, um pouco de tônica, três pedras de gelo.

Balançava o líquido no copo alto e via com prazer a substância quase licorosa brincando de amalgamar-se com a água tônica e o gelo.

Logo o álcool se misturou em sua mente da mesma forma que misturava-se no copo, mágica e milagrosamente. As coisas pareciam agora mais simples, mais dentro de seus eixos.

Sentiu saudades físicas de Cláudia, após tantos dias. Estaria zangada?

Saltou para o telefone como um faminto para o prato de comida, discou seu número e ela o atendeu.

— Cláudia, sou eu! — teve impressão que ela não o reconhecia pois nada respondeu.

Afinal escutou a voz perguntando com um miado leve, que mal disfarçava o queixume:

— O que houve Thomas? Demorou tanto para telefonar! Fiquei esperando por você !

Cláudia tinha a capacidade de irritá-lo, mas neste momento o desejo que sentia era tamanho que forçou-o a ser persuasivo:

— Mil coisas, meu bem, amanhã lhe conto! Espere-me no final da tarde, no mesmo lugar de sempre..

Percebeu a hesitação dela, quase viu as engrenagens manipuladoras de seu cérebro funcionando.

Ela esqueceu de quem é o dono do jogo. Sou eu, sempre serei eu, caso contrário estou fora!

— Se você não puder... fica para outra vez! — disse Thomas, fazendo o gênero indiferente.

Cláudia reconheceu a velha angústia de não conseguir ter Thomas em suas mãos... aquela coisa antiga...

Ele sempre lhe dissera que havia sofrido tanto na vida que não tinha mais medo de nada: poderia perder qualquer coisa, porque sempre vivera com quase nada. O que viesse de bom aceitaria e procuraria usufruir, antes que se fosse, mas, quando chegasse a hora, ele estaria pronto para pular do barco sem salva-vidas.

Sentindo uma certa humilhação por sempre acabar cedendo, Cláudia respondeu que sim, até amanhã, no mesmo lugar.

Thomas desligou feliz, cheio de energia e excitação. Preparou mais uma dose de gim e planejou o dia seguinte: voltaria ao médico para ver o ferimento e fazer novo curativo, logo cedo.

Depois almoçaria com Liz e veria como estavam as coisas na cabeça dela. Mostraria que estava a par de sua ridícula estratégia para enganá-lo.

E no final da tarde iria ao encontro de Cláudia e faria sexo até se fartar! Bem que estava necessitado!

Um pensamento desagradável riscou sua mente:

Mas com quê direito Liz o traía!? Tão moralista aparentemente, mas com o outro certamente exibía a luxúria que lhe negava!

Imaginou Liz abrindo as pernas, seus líquidos abundantes, como o foram para ele no começo, antes de engravidar.

Estava excitado, realmente! Talvez pudesse obrigar Liz a ser sua mais uma vez, como condição para que devolvesse suas coisas, por exemplo, ou o cachorro... Fazê-la vender-se qual uma prostituta o excitava!

Recostou-se na poltrona, preguiçoso de levantar sequer para o banho, procurando o pênis sob a calça. Abaixou um pouco a luz do abajur e entrecerrou os olhos.

Percebeu ou sentiu uma presença estranha e seu coração acelerou-se. Faíscas elétricas, aqui e ali, desenhavam círculos no chão. Acompanhou-as com os olhos, intrigado. Estaria tendo alucinações?

E então uma sombra negra com a forma de um cão materializou-se. Era um vulto grande, que o assustou. Ficou tenso e vigilante: o cão parecia Dingo, porém era maior, mais negro e forte, e seus olhos eram como brasas incandescentes!

— Com medo de mim, apenas um cão!? — perguntou o estranho ser, com voz dissonante e profunda.

Thomas ergueu-se e desejou correr dali, mas o medo manteve suas pernas grudadas ao solo.

— Se preferires, tomarei uma forma humana, para que não te assustes... — a voz acumpliciente era assustadora. — Qual preferes?

A carranca de olhos vermelhos, a saliva escorrendo de sua imensa boca entreaberta, o fixava....

— Não te decides? Pois decido-me eu!

Em meio a uma névoa enfumaçada apareceu Carlos, seu colega e ajudante!

— Carlos! — balbuciou Thomas, mal acreditando no que via. — É você?

— Se preferes assim... — respondeu a voz de Carlos.

— Mas — Thomas gaguejava — antes era um cão enorme e negro! Pensei que fosse um lobo e finalmente se transforma-se em... Carlos! Quem é você, afinal?

— Um amigo a quem chamaste... Entristeci-me com tua desonra! Fizem-te de bobo, e não consegues suportá-lo. Gostarias de vingar-te, bem sei... Mataste o cachorro... mas de resto, nada podes fazer!

Thomas empertigou-se:

— A melhor vingança é deixar de sentir o que sinto! É ser indiferente, mais nada! Apagar os sentimentos como se apaga uma luz incômoda sobre a face! Sempre fiz desta forma.

— Estás iludido! Sabes que é impossível realizar a magia do esquecimento! A dor só a dor conserta. Tuas bases foram destruídas, teu ego foi humilhado, perdeste o orgulho que tinhas de ti mesmo! Pior, a auto-estima! Como podes querer esquecer?

— É bem verdade, mas o que posso fazer? — Thomas lamuriou-se.

— Já tens a resposta. — o ser falava persuasivamente. — Está dentro de ti, basta que a reveles! Mas vou ajudar-te, com uma analogia: o que fizeste a teu cão quando te ameaçou?

— Matei-o! Em legítima defesa, aliás!

— Ó, como me divertes, com tuas pueris justificativas! Creio que te julgas mais esperto que o Diabo!

— O Diabo? Então eis que te apresentas!

Thomas pensou em enxotá-lo, mas o que tinha a perder? O ser era carismático... sugeria possibilidades...

— O que sugeres, afinal? Que eu tome de uma faca e faça a Liz o mesmo que fiz ao cão? Sequer tenho certeza se ela enganou-me de fato!

— Pensas o que te é mais conveniente! Mas não consegues dormir de raiva!

— Jamais seria capaz de matá-la! Tenho ética, princípios! Sabes o que é isso?

— Lembro-me de alguém que negou à tia o remédio que salvaria sua vida... Viu-a morrer friamente e agora quer passar por uma boa alma!

— Desde lá me espionavas?

— -Sempre estive perto de ti. Mas só agora me chamastes. No entanto, vejo que não sabes o que queres. Não perderei mais meu tempo contigo! Adeus, covarde!

A figura de Carlos acendeu-se como tocha de fogo e logo

se transformou em fumaça, saindo pelas frestas das portas.

Thomas olhou à sua volta, ainda assustado. Tudo estava como antes.

Sentou-se e apanhou o resto de seu drinque. Talvez tivesse passado horas ali. O gelo tornara-se água e a bebida estava quase quente.

Teria adormecido e sonhado? Mas que sonho perturba-dor e absurdo! Olhou no relógio. Meia noite e dez. Não conseguia avaliar quanto tempo se passara...

Mas que importava o tempo? Podemos viver uma existência em minutos e o tempo de vida humano é mais rápido que um pensamento, perto da perene fixidez das estrelas.

Estava impressionado e abalado com as palavras que escutara. Seria um sonho? Ou talvez uma visão? Sentia-se febril e sua mão latejava.

Enfiou-se no chuveiro para tentar não pensar mais no assunto.

Afinal, a mente humana é tão complexa, o universo palpável e impalpável tão infinito! Concluiu que quem pensa muito morre mais depressa e sofre mais...

Naquela noite esforçou-se para conciliar o sono, interromper a cadeia de pensamentos, aparentemente infindáveis.

Foi quando adormeceu e teve seu primeiro pesadelo de uma longa seqüência.

Sonhou que cravava um profundo estilete na parte posterior do pescoço de Liz, e junto a seu orgasmo o sangue dela esguichou em seu rosto!

## CAPÍTULO 9

Liz estava vestida sobriamente para o encontro com Thomas: um blazer branco de bom corte sobre uma calça escura. Usava batom vermelho que ressaltava seus lábios bem torneados.

Ao vê-lo entrar no restaurante acenou cordialmente, sorrindo um sorriso de dentista.

Sentaram-se civilizadamente, e só depois que o garçom se afastou com os pedidos, Liz entrou no assunto que importava.

Em resumo, discursou sobre o fato do casamento haver chegado a um ponto de não retorno, sendo difícil esquecer as traições de que fora vítima, não apenas atualmente, mas desde o início de suas vidas de casados, etc., etc., etc... um ramerrão.

Para Thomas, Liz não passava de uma atriz barata, representando um melodrama não convincente.

— Gostaria de ir buscar minhas coisas, já que você não diz nada. — concluiu ela. — E também gostaria de levar Dingo, se você não se incomodar.

A atriz continua sua fala! Que a conclua!

— Ele pode ficar comigo no consultório, não há problemas. Afinal, Dingo foi idéia minha, não é mesmo?

Thomas lembrou do monte de roupas cobertas pela colcha e dos objetos que Liz não encontraria mais, se fosse até a casa de ambos. Ele os destruía em seu ataque de fúria. Sem falar em Dingo, é claro....

— Eu mesmo separo suas coisas e deixo em seu consultório, mas não quero que você entre mais em nossa casa.

E com isso começou a discussão! Liz mostrou irritação, pedindo que ele não esquecesse que a casa ainda era de ambos, e que ela mesma tinha direito de decidir o que levar consigo!

Thomas, que já estava a ponto de explodir, ficou indignado com as pretensões de Liz, resolvendo não suportar mais coisa alguma. Coçou o queixo com ar desdenhoso começou a se levantar da mesa, antes que chegasse ao ponto de dar-lhe uns tapas.

Iria deixá-la com a comida no prato e a conta!

— Você saiu de casa por sua livre e espontânea vontade! — falou em voz alta. — Não tenho obrigação de aceitá-la lá dentro, conspurcando o ambiente! Além disso, quero deixar claro que sua conduta, falando bom português, é a de uma verdadeira puta!

Liz encarou-o, estupefata e envergonhada pela atenção que despertavam.

Thomas deu as costas e disse em alto e bom som:

— Garçons! Hoje as damas pagam!

Satisfeito por ter dado a última palavra, pensou em trocar a fechadura de casa, caso ela quisesse bancar a esper-ta.

Liz mal conseguiu atender os clientes da tarde, após o tormentoso encontro com Thomas.

Aguardava com impaciência o momento de falar a sós com Cláudio e obter seu apoio. Mas no momento ele estava operando, e só voltaria ao consultório no final da tarde.

O tempo não passava. Liz estava preocupada e inquieta, indefinidamente amedrontada.

Só quando o consultório se esvaziou e a secretária partiu foi possível ter um minuto a sós com Cláudio. Ela caiu em uma poltrona da sala de espera, em atitude de exaustão e desabafou:

— Ele já sabe sobre nós, pode acreditar! Nunca vi tanto ódio naqueles olhos! Pareciam-me fulminar! Você não o conhece, não sabe como ele pode ser odioso! Agora quer me impedir de entrar em casa para apanhar minhas coisas!

Os olhos de Liz estavam cheios de lágrimas e Cláudio abraçou-a, na esperança de transmitir alguma segurança. Ela parecia desprotegida como uma criança:

— Tenha calma, querida! Estou a seu lado para o que der e vier e não vou permitir que ele a pressione desta forma! Amanhã mesmo iremos juntos buscar suas coisas, prometo!

Essas palavras, ao invés de sossegarem Liz, pareceram deixá-la ainda mais aflita :

— Não! Não quero que ele nos veja juntos! Aliás, quero conversar com um advogado o quanto antes! Foi uma bobagem minha sair de casa, achando que me livraria de Thomas! Além disso, nós dois sabemos que tenho telhado de vidro!

Cláudio concordou, mais para tentar apaziguar a ansiedade de Liz. E assegurou-lhe que, caso fossem aconselhados a não morarem juntos até que a separação se oficializasse, ele alugaria um flat para ela.

O conforto e proteção de Cláudio funcionaram como um bálsamo e Liz agradeceu a Deus por haver colocado em sua vida um homem assim, interessado e disponível, da idade certa e que a amava o suficiente para querê-la a seu lado, mesmo que isto significasse criar para si mesmo alguns problemas!

Cláudio era especialista em Ginecologia e Reprodução Humana. Neste campo era um nome consagrado, criador de uma técnica de fertilização “in vitro” que renovou a esperança de inúmeros casais estéreis .

Gozava de prestígio no meio acadêmico e financeiramente estava em posição invejável.

Liz estava um pouco encantada com estas coisas. Não fora acostumada no ambiente requintado de Cláudio.

Além disso o homem era tão romântico que a presenteara em cada aniversário de namoro com uma fina pulseira de ouro. Já possuía seis delas, relativas a seis meses, e Cláudio dissera que seu desejo era transformá-la em uma verdadeira princesa zulu, cheia de argolas nos braços!

Que homem maravilhoso! Liz estava vivendo um conto de fadas, e pensava numa argola minúscula no dedo anular, nem bem ela se livrasse de Thomas!

Cláudio sempre deixara claro que acreditava que a separação entre Liz e Thomas era uma questão de tempo, de **pouco** tempo! Queria-a livre, para torná-la sua esposa o quanto antes, e tais intenções forneciam a Liz toda a segurança que sempre necessitara e não tivera, durante os longos anos em que convivera com o marido.

Aliás, Cláudio era um homem totalmente diferente de Thomas, um grande imaturo, instável e egoísta, na atual concepção de Liz, que via seu casamento de maneira fria: o maior engodo de sua vida!

— Os entusiasmos juvenis são os piores inimigos de uma mulher! — pensou consigo mesma.

Quando Liz fazia um retrospecto de sua história com Cláudio, tudo parecia ter sido escrito nas estrelas.

Quando ela e sua colega Alice foram sumariamente despejadas do pequeno consultório que partilhavam no bairro da Consolação, há um ano atrás, Alice declarara que, exatamente naquela tarde, as duas saíam pela rua à caça do melhor consultório de São Paulo.

Naquele tempo, Alice estava metida em alguma espécie de curso paranormal, muito a seu gosto, e possuía a forte convicção de que o pensamento positivo e livre de qualquer dúvida poderia, através de leis universais herméticas, gerar os fatos desejados pelo sujeito!

Liz não acreditava em nada disso, mas era agradável conviver com alguém como Alice, sempre contagiantemente otimista e animada, inclusive nas piores circunstâncias.

Naquela época, Cláudio estava concluindo a reforma de uma luxuosa residência na Avenida Brasil, para transformá-la no que seria uma grande clínica: a Clínica Gênese de Reprodução Humana.

Alice parou o carro quando viu o homem de branco diante da casa em reforma, mesmo sob os protestos envergonhados de Liz.

Depois de meia hora estavam os três conversando como velhos amigos, diante de um café ralo num bar das redondezas.

Com um estralar de dedos o problema de consultório foi solucionado.

Cláudio sublocaria para ambas uma sala nos fundos da casa, que projetara usar como depósito... mas diante das simpáticas jovens, considerou que seria muito estimulante tê-las por perto!

O charme de Cláudio era magnetizante e Liz sentiu um aperto no coração ao pensar que homens maravilhosos existiam sim, mas que para ela, no entanto, a chance havia acabado. Casara-se com Tom e bum! Dera um tiro em seu próprio peito!

Mas as coisas se passaram de forma muito diferente. Os olhos escuros e atraentes de Cláudio jamais deixavam de fitá-la com admiração, e ela se sentiu mulher, depois de muito tempo...

Sua auto-estima começou a sair do imenso fosso em que Thomas a atirara. E agora, lá estava ela, depois de todas as tensões do dia, saindo para jantar com Cláudio, assegurada e reconfortada, através de seu carinho.

A noite terminou tranqüila, ela adormecendo com a cabeça apoiada no ombro de Cláudio, dividindo com ele a cama de solteiro de seu apartamento na Avenida Nove de Julho.

No dia seguinte veria um advogado e tudo seria acertado! Sentia-se uma mulher afortunada!

De fato, no dia seguinte Cláudio arranjou uma entrevista com o Dr. Silvio Pizarro, um renomado advogado, amigo de seu falecido pai.

Por especial consideração, ele iria atender Liz naquele mesmo dia.

Ela se vestiu conservadoramente, como era seu hábito: saia plissada e um casaco curto de mangas compridas, meias brancas e um sapato de meia altura.

Por pouco não colocou a roupa que usara no dia anterior com Thomas! Mas... era supersticiosa!

Aguardou o doutor Silvio na sala de espera ampla e arejada, enfeitada com esculturas de sentido indefinido. Talvez lembrassem a ambigüidade da justiça, meditou Liz, ou

talvez o advogado preferisse manter uma aparência im-  
pessoal na relação com seus clientes.

Lembrou-se de sua própria sala de espera, adornada com  
enfeites de pombas e anjos, um quadro representando ro-  
sas e samambaias, outro um gravura de uma criança ves-  
tida de Pierrô, uma lágrima pendendo de uma dos olhos.

Profissionais com personalidades diferentes, ela e o dou-  
tor Sílvio! Esperava ser tão bem sucedida no futuro, quan-  
to ele o era, hoje em dia!

Quando foi atendida, entrou num ambiente decorado no  
mais puro estilo inglês. As paredes estavam forradas de  
livros belamente encadernados, gravuras de caça e um  
cheiro de tabaco misturado com chocolate.

A figura cordial atrás da imponente mesa de trabalho lem-  
brava também um autêntico inglês, um lorde, com cerca  
de sessenta e poucos anos, cabelos e bigodes grisalhos,  
um terno escuro impecável, uma gravata vermelha e um  
lenço no bolso superior do paletó.

Não conseguiu deixar de pensar em quanto lhe custaria  
aquela elegância toda!

Cláudio se propusera a auxiliá-la financeiramente, se  
fosse preciso, e Liz bem sabia que ele o faria com facilita-  
de, mas seria vexatório necessitar de suporte financeiro  
do noivo, nem bem largara o marido.

O advogado escutou-a com atenção. Pareceu muito solí-  
cito, dando mostras de desaprovar o caráter de Thomas.

— No entanto, minha senhora, — disse ele — não foi  
adequado ter abandonado o lar sem um alvará judicial!  
Isto pode caracterizar abandono do lar!

Liz tinha seus motivos, e tratou de apresentá-los, tiran-  
do da bolsa um pacote, que estendeu para seu interlocu-  
tor:

— Veja estas fotos para ter uma idéia de quem é Thomas  
e porque abandonei o lar, como o senhor diz! Uma mulher  
que se vê diante de um marido deste tipo está coberta de  
razões para fazê-lo!

Eram fotos que haviam sido descobertas por ela na gave-  
ta de Thomas. Revelavam o marido junto de uma jovem  
morena de rara beleza. Estavam nus e em posições sexu-  
ais, praticando o que é chamado sexo bizarro.

O doutor Sílvio ficou visivelmente embaraçado, mas tratou o assunto com profissionalismo:

— Juntarei as fotos ao processo. Elas falam mais que muitas palavras e podem justificar perfeitamente sua atitude, minha senhora. Isto é adultério!

— Não quero prejudicar meu marido. — disse Liz. — Apenas quero que a justiça seja feita, e isto é mais que adultério! Mas me contento em reaver meus pertences o quanto antes, assim como meu cachorro! O problema é que meu marido me nega a entrada em casa e a última vez que o encontrei parecia cheio de ódio e me olhou de uma forma que metia medo!

O doutor Sílvio falou com segurança:

— Pela lei a senhora tem direito de retirar o que é de seu uso pessoal! Fique tranqüila. Entraremos em contato com este senhor, seu... marido.

— E quanto ao cachorro? — perguntou Liz. — Ele nunca se importou com ele, mas poderá querê-lo agora, só para me ferir!

— Quanto a isso, tentaremos negociar, veremos a reação dele... Onde a senhora está morando, atualmente?

Liz confessou que estava morando com Cláudio, uma vez que sua família era do interior.

O doutor Sílvio esboçou um pequeno sorriso:

— É melhor um território neutro, minha filha. Que tal a casa de uma amiga?

Liz imaginou que ele soubesse sobre ela e Cláudio... Prometeu providenciar um local adequado e assim despediram-se, ela com pressa de chegar ao consultório.

Sua cabeça estava tonta em pensar que deveria providenciar uma nova moradia. Eram coisas demais para se preocupar!

Pensou em Alice. Onde estaria sua amiga querida, depois de se terem perdido, por motivos irrisórios e fúteis? Sentia saudades dela, mais que de sua própria mãe!

Ocorreu que Cláudio começou a lhe indicar clientes, antes mesmo de serem namorados. A clínica de Liz começou a prosperar rapidamente, a ponto de ela pensar em se licenciar do emprego no Estado, em prol do atendimento

particular. Mas isto só seria possível se tivesse a chance de usar a sala do consultório só para si, conseguindo desta forma horário para atender a toda clientela. Era uma situação delicada em relação a Alice.

Na época, pediu a Cláudio que cedesse a Alice um espaço extra ou permitisse que ampliassem a parede lateral, para adaptarem uma segunda sala. Mas Cláudio negou-se veementemente e colocou um ponto final no assunto, não sem alguma aspereza.

Liz se arrependeu amargamente por haver aceito um lugar na famosa Clínica, onde nutria uma relação politicamente inferior.

Decidiu-se, na época, a procurar outro lugar. Expôs o caso a Alice de maneira franca e determinada.

— Foi uma precipitação gastarmos dinheiro na montagem do consultório, na mala direta para clientes, etc. Não estamos à altura disso tudo, não percebe Alice? Vamos comer eternamente na mão dos donos!

Alice meneou a cabeça, magoadamente:

— Percebo que Cláudio não me quer aqui. Não gosta de mim.

— Ora, e por que não gostaria?

— Não sei. Parece que faz questão de indicar pacientes para você em tal quantidade que inviabiliza minha permanência! Talvez tenha ciúme de nossa amizade, não sei...

Liz havia percebido, inicialmente envaidecida, a preferência de Cláudio, mas o fato era realmente constrangedor para com a amizade de ambas.

— Estou disposta a ir embora junto com você! Somos amigas há muito tempo!

— Não Liz, você vai acabar ficando. — O tom de Alice era ressentido. — Duvido que você desperdice esta chance. Mas eu posso sair. Será melhor para nós duas, creia.

Liz comprou a parte de Alice por um preço maior do que o que valia, querendo com isso pagar sua amizade, coisa que não estava à venda... e acabou ficando na Clínica sozinha.

Ela e Alice eram amigas desde o colegial, e a separação entre ambas deu a impressão de um capítulo encerrado em sua vida.

Parecia-lhe estar deixando partir um pedaço de sua história.

Cláudio percebeu o conflito de Liz.

Passou a mandar-lhe flores e arranjos, sendo que o primeiro deles, margaridas e flores silvestres, veio com um cartão:

— “Princesa, você não está sozinha!”

E não estava mesmo! Cláudio estava sempre presente, de uma forma ou de outra.

Foi então que começaram a namorar.

Uma vez que profissionalmente ela se expandia cada vez mais, à sombra do prestígio de Cláudio, animou-se a abandonar seu casamento sem perspectivas.

Mas agora percebia que durante a caminhada perdera Alice, sua melhor amiga. Sentiu saudades e seus olhos se encheram de lágrimas ao perceber o que deixara para trás. Lembrou-se, inexplicavelmente, de Dingo no portão, e as perdas lhe pareceram maiores que os ganhos.

Quando chegou ao consultório, a secretária passou-lhe imediatamente uma ligação de Thomas.

Sentindo que o sangue lhe fugia, o coração aos pulos, Liz atendeu, mal acreditando no que ouvia.

Thomas lhe falou com toda formalidade e educação possíveis, colocando-se à disposição, para que ela fosse retirar suas coisas! A condição era de que desejava estar presente.

Aliviadíssima, Liz ainda perguntou:

— Estou pensando em levar uma amiga...

— Fique à vontade! — disse Thomas, despedindo-se.

Sentindo que afinal Tom não era tão mau, Liz perguntou por Dingo.

Mas a ligação já estava cortada.

Ela lavou as mãos com água abundante para atender o cliente que a aguardava. Depois de tanta ansiedade gostaria de imergir inteira numa banheira de água morna!

Pedi que a secretária deixasse entrar o paciente, preparando-se para se concentrar no trabalho.

## CAPÍTULO 10

Quando Liz terminou as consultas da tarde, apesar de cansada sentiu que as coisas pareciam estar mais sob controle. Thomas parecia mais calmo, tinha consultado o Dr. Silvio e sentia-se bem orientada.

Só restava arranjar um lugar para morar, que não fosse o apartamento de Cláudio.

O consultório seria bastante conveniente, até que obtivesse o que a lei chama separação de corpos. Que ironia, necessitar permissão legal para poder afastar-se de alguém que não se quer!

Pensar em dormir sozinha na Clínica a amedrontava, mas este temor fazia parte da criança que queria deixar para trás, para assumir uma vida plena e auto confiante, ao lado de Cláudio.

Além do mais, não havia por que se sentir desprotegida, uma vez que havia dois seguranças que se revezavam, noite e dia, vigiando a clínica.

Quem sabe, se Cláudio concordasse, colocaria um sofá-cama na sala usada para o descanso de pacientes que se submetiam a exames demorados.

Seu sacrifício valeria a pena para sair daquele desastre chamado casamento, sem a pecha de adúltera. Talvez, ainda mais importante, conseguisse, agindo com discrição, dissipar as eventuais suspeitas de Thomas quanto à sua fidelidade.

Fora muito ingênua ao acreditar que a indiferença de Thomas por ela lhe garantiria uma separação sem maiores problemas. Nem bem ele a viu como capaz de alguma rea-

ção própria, seu perverso interesse pelo brinquedo pareceu retornar... queria investigar, controlar, **saber!**

Torcia para que ele não mudasse de idéia quanto ao fato de deixá-la ir buscar suas coisas e Dingo. Bem, sobre Dingo não combinaram nada, mas estava implícito!

Thomas era alguém melhor para se ter como amigo do que como inimigo, disto tinha certeza! Era melhor agilizar as coisas, antes que sua boa vontade desaparecesse!

Pediria à Myrtes, secretária de Cláudio, para lhe fazer companhia. Não queria estar sozinha com Thomas. Além disso, Myrtes era eficiente e discreta, transmitindo uma sensação cálida de autoconfiança.

Talvez Cláudio prescindisse dela durante o período da manhã, quando não atendia na Clínica.

Quanto a Thomas, após a desavença com Liz durante o almoço do dia anterior, ficara ainda mais deprimido.

Queria reagir, sair daquela situação o quanto antes.

Era óbvio que Liz sequer pensava em voltar para ele, e o melhor que tinha a fazer era gozar a vida com Cláudia, devolvendo a Liz sua liberdade e seus objetos pessoais, para que não ficassem assombrando seu quarto.

Se ela queria a separação, que ela se realizasse o quanto antes! Decidira, pelo menos racionalmente, não ficar amarrado ao passado.

Acenou com a bandeira da paz: convidou-a a retirar suas coisas! Afinal, seria um alívio para ambos quando tudo estivesse concluído.

Conjecturou se estaria com ciúmes de Liz, mas concluiu que não. Sentia-se revoltado, por ter feito papel de bobo. Só isso.

Pensar que enquanto vivia alegre e despreocupado, por baixo do pano Liz tinha um amante! A ingênua, a doce Liz... Como se enganara! Mas era melhor assim! Tudo estava em vias de ser resolvido, esquecido e enterrado. Como Dingo.

Era questão de tempo marcarem um dia para que ela levasse tudo que lhe trazia reminiscências de sua presença.

Encontrou-se com Cláudia no mesmo dia do desastrado almoço com Liz, no final da tarde.

Ela veio ao encontro muito maquiada e seus lábios vermelhos continuavam lindos. Thomas beijou-a com cuidado, para não se manchar de batom.

O batom, estava convencido, era um sinal de alerta feminino, que só poderia significar: — Aproxime-se, mas nem tanto!

O contato foi insípido e frio. Sentia-se pouco estimulado sexualmente. Parecia-lhe estar revendo alguém que já passara por sua vida e agora era uma simples lembrança... uma fotografia sem vida.

A excitação sexual da noite anterior arrefecera, não sabia se pelo encontro com Liz ou pelos pesadelos que o atormentaram na noite anterior.

Além do mais, o que ocorrera nos últimos dias era impossível compartilhar com Cláudia, com quem aliás nunca se abrira.

Não importando o quanto tivessem sido íntimos sexualmente, sempre mantivera sua mente cercada por espadas, um cordão de isolamento defensivo, sensível e pronto para o ataque.

Evitava a qualquer custo ficar vulnerável. Talvez por essa característica, permanecesse tão distante da humanidade, a ponto de se sentir muitas vezes um ser de outra espécie

Acabaram indo para o motel e Thomas teve um episódio de impotência!

Sua nudez deixou evidentes o braço e a mão machucados pelas mordidas de Dingo... e o pênis flácido. Explicou que o cachorro de Liz havia ficado insuportável e chegara a atacá-lo.

Cláudia não se deu por vencida e o beijou sensualmente, começando do pescoço, até os pelos do peito. Quando desceu viu que o macho não reagia.

— O que foi Thomas?

Perguntou e teve receio da resposta. E se ele confessasse ainda amar a mulher, por exemplo? Seria a despedida, e... para ela seria o fim do mundo!

Thomas precisava de um drinque.

Interfonou pedindo gelo, copo e uma água tônica. Carregava uma garrafa de gim consigo, quase sempre substituída por outra cheia. Assim se servia da quantidade que quisesse e da marca preferida.

Cláudia viu que ele abriu a sacola que levava no porta malas do carro e que continha a bebida, além de um vibrador, pênis artificiais, algemas e cordas, estojo de maquiagem, escova de cabelo, desodorante e sabe lá o que mais.

Ali dentro estava sua história com Thomas, uma história de paixão, sexo, fantasia e divertimento, êxtases libidinosos e alcoólicos.

Que peso teria esta história versus a outra, a que ele tinha vivido com sua mulher?

Talvez hoje soubesse, talvez tivesse chegado a hora de saber, afinal!

Começando a beber os longos goles de seu primeiro drinque, Thomas começou a relaxar, mas Cláudia estava tensa.

Ele relatou o que sucedera entre ele e Dingo, a briga, o sangue, o barro, o horror de ver que tinha violado o tabu de matar seu próprio cão.

Aliviada com o problema de Thomas, que não representava o adeus afinal, Cláudia interferiu prontamente:

— O cão violou as regras, também, ao atacar o próprio dono! Você estava cuidando de seu território. No meu entender agiu em legítima defesa!

Thomas se sentiu tão confortado com as palavras de Cláudia que, apesar de certa humilhação, contou também que descobrira que Liz, longe de ser a pobre esposa traída, tinha companheiro fixo, um colega de consultório! E sabe-se lá há quanto tempo!

Cláudia não conseguiu evitar um risada:

— Que incrível! E você que saía correndo para não chegar tarde! Quantas vezes interrompemos nossa relação, no melhor momento, porque Liz estava esperando!

De alguma forma, Cláudia sentiu-se alegre pela traição de Liz, como que vingada por todos os aspectos arrogantes de Thomas e de todos os homens!

Thomas irritou-se com a atitude dela, e dando os trâmites por findos, possuiu-a de forma urgente e violenta, porém paradoxalmente impessoal. Era sua vingança.

De seu lado, Cláudia percebeu que seu companheiro era um homem como qualquer outro, que podia ser mordido por seu próprio cão e ser traído por sua esposa. O príncipe encantado virara um sapo, em poucos minutos.

Afinal se vestiram, Thomas pensando que preferia estar com uma prostituta que nada soubesse de sua vida e a quem pagasse no final, como a uma refeição a quilo: tudo na quantidade certa e sem rodeios.

Despediu-se de Cláudia, e ao invés de rumar para sua casa dirigiu-se em sentido inverso, em direção à avenida do Jockey Clube.

O álcool o mantinha eufórico, queria ser dono do mundo, e Cláudia não o satisfizera. Não tinha hora para voltar para casa, era senhor único e absoluto de sua vida!

Parou diante de uma prostituta de cabelos loiros, pernas grossas e saia excessivamente curta .

Colocou a mulher no carro e, enquanto dirigia, enfiou a mão direita entre suas pernas.

Estacionou o carro numa rua próxima, deserta àquela hora da noite. Mandou a mulher debruçar sobre o banco, colocou-se atrás dela, lubrificou o próprio pênis com saliva e penetrou-a por trás.

Viu-a gemendo de dor, suportando o pênis.

Neste momento de excitação lembrou-se do sonho, Liz arquejando sob ele, o sangue dela esguichando em seu rosto.

Assustado, perdeu a ereção quase instantaneamente!

A mulher ainda tentou reanimá-lo, mas Thomas teve náuseas e alegou que seu braço estava doendo.

Pagou-a mais que o combinado, e correu para casa, sentindo-se destruído.

Dormiu mal, sonhos estranhos, nos quais descobria que a cova onde enterrara Dingo estava novamente aberta.

Durante todo o sonho cavava e cavava, exausto, mãos e braços agindo em câmara lenta em direção à pá, depois à terra, vendo lentamente, com a lentidão de uma ampolheta, a terra caindo sobre um cadáver negro e irreconhecível que tentava em vão sepultar.

## CAPÍTULO 11

Thomas foi uma criança solitária. Filho único, pouco conviveu com os pais, sendo praticamente criado pela irmã mais velha de sua mãe, tia Clara.

O pai ocupava uma função diplomática junto à embaixada da França, o que o obrigava a constantes viagens.

A esposa o acompanhava e o menino Thomas estava sempre a espiar entre portas, temendo a próxima partida.

Percebia que sua mãe fazia com o pai uma liga interminável, da qual o pequeno não se sentia como o fruto, mas sim como elemento estranho, intruso e perturbador, na dança íntima e impenetrável que era o casamento dos dois.

Com certeza os psicólogos não estudaram aquela harmonia idílica entre os pais, pensaria Thomas mais tarde com ironia, aquela eterna relação entre almas tão íntimas que beirava a obscenidade, para acreditar que um casamento feliz entre os pais é propiciador de saúde mental, equilíbrio e autoconfiança para os filhos!

Para Thomas, seus pais eram uma espécie de personagens cinematográficos, bonitos e perfumados, sempre alegres e de partida. Ora eram os restaurantes, os teatros, os encontros com amigos, sempre interessantes, ora as viagens inadiáveis! Aqueles seres mitológicos e idealizados não tinham tempo ou paciência para colocar uma criança no colo por mais que alguns minutos e, quando esses minutos chegavam, o coração de Thomas parecia arrebentar de emoções.

Agarrava-se à mãe e sentia o doce perfume de seu pescoço e as cócegas que seus finos cabelos provocavam na pele lisa do rosto infantil.

O pai tinha bigodes louros e uma cabeleira majestosa e encaracolada, coisa que Thomas tinha orgulho de haver herdado. Falava com leve sotaque francês, que o filho logo assimilou, tão bem que mais tarde teve dificuldades na escola, pois não conseguia pronunciar com suavidade os erres.

Aliás, por causa de uma brincadeira de pouco caso que um colega fez a respeito de sua forma de falar, Thomas entrou na primeira briga de sua vida, aos sete anos.

Foi muito simples: o colega importunou-o e o sangue lhe subiu à cabeça. Nessa hora, seus músculos fizeram alguma coisa que Thomas sequer se deu conta, e lá estava o colega estatelado no chão, sangrando pela boca, e os pés de Thomas, como se fossem independentes de sua vontade, chutando a gorda barriga que jazia ao chão.

Foi a primeira vez que viu tantas pessoas zangadas com ele!

Desde a diretora e a professora, na escola, até sua mãe que foi buscá-lo, e que, por sua vez, mostrou-se totalmente contrária à atitude anti-social do filho, todos o olhavam reprovadoramente.

O colega perdeu um dente e a situação de Thomas ficou difícil...

O pai tentou dar-lhe conselhos, para que evitasse ser tão impulsivo. Thomas ouviu-o indiferente, e com certo desdém permeado de franqueza revelou:

— Não fui eu, foi uma força estranha, papai!

O pai achou que aquela criança evitava “assumir o que tinha feito”, e isso era muito negativo!

Esta lembrança era a mais nítida que Thomas guardava sobre a orientação que seus pais lhe dispensaram na infância.

Uma vez que o menino não se emendava, metendo-se freqüentemente em confusões e brigas onde sempre alguém saía ferido, intitularam-no de “criança problema”, e cogitaram em colocá-lo num colégio interno.

No entanto, o fato de ter passado a ser temido pelos colegas, pois era bom de briga, trouxe o distanciamento necessário entre ele e os mesmos, e assim as truculências cessaram.

Isso acabou livrando Thomas do colégio interno, que imaginava ainda pior que as temporadas na casa da tia, onde se hospedava quando os pais viajavam.

Poderia ter conquistado fortes amizades nesta fase, aquelas amizades de uma época da vida em que o maior rival torna-se o melhor amigo. Mas não o fez. Não parecia interessado nas pessoas, a menos que elas tivessem algo que ele desejasse...

Cada vez ficava mais inquieto, parecendo que algo em seu peito não lhe dava paz.

Interpretava as freqüentes ausências dos pais como uma espécie de desconsideração e rejeição velada. Oscilava entre a dor e o ódio e, quando estes voltavam, cada vez menos conseguia demonstrar seu afeto. Chorava de impotência e desejo de achegar-se, mas o ressentimento era uma divisória importante entre ele e os pais.

Certa vez, quando sua mãe o abraçou, de volta de uma viagem especialmente longa, Thomas mordeu sua orelha com tanta força que o abraço amoroso quase se transformou em tragédia. A mãe sangrava, segurando a orelha, e o olhou com horror, repulsa e desgosto!

Quanto à tia Clara, com quem morava enquanto os pais viajavam, era mulher rígida e pouco afeita ao prazer.

Não se casou e, embora Thomas ouvisse de seu pai que deveria ser grato a ela por ter feito o possível para educá-lo, uma tarefa árdua, não deixava de frisar, nas tão freqüentes ausências paternas, Thomas a definia como alguém sem sentimentos e empedernida de rancor. Vivia carrancuda e descontente e o clima naquela casa seria intolerável, não fosse Conceição.

Conforme o tempo passava e Thomas se tornava adolescente, mais e mais sentia a rejeição da tia. Ela não lhe perdoava qualquer falha: se as notas de Thomas eram baixas, tirava o cinto que guardava especialmente na escura cômoda de seu quarto e o ameaçava.

Seus olhos negros varavam-lhe o coração assustado .

Em casa, a valentia que manifestava na escola o abandonava. A tia o amedrontava de forma inexplicável e Thomas chegou a suplicar aos pais para não ficar mais com ela! Implorou para que o levassem em suas viagens! Mas havia

o problema da escola, e Thomas deveria estudar para mais tarde ser um homem importante e ter sua família.

Além disso, os pais não podiam ou não queriam acreditar que tia Clara lhe fizesse mal. Ela era uma segunda mãe, diziam, e eles sabiam muito bem como Thomas possuía seus aspectos difíceis!

Assim mesmo, certa vez seu pai telefonou à cunhada para pedir satisfações sobre as queixas de Thomas. Havia uma ruga profunda entre suas sobrancelhas, que Thomas viu desaparecer após a conversa telefônica. O pai ficou tranquilo, novamente, para infelicidade do menino! A megera o domara!

Impotente, Thomas resignou-se à sua sorte. Pelo menos não estava no colégio interno, e contava com Conceição, a empregada da casa, que sempre o protegia. Ela era uma mulher totalmente diferente de todas as que Thomas tinha conhecido.

Tia Clara, por exemplo, se assemelhava à professora de matemática da escola, ríspida e de poucas palavras, sua mãe a algumas das mais belas heroínas dos seriados de televisão, uma espécie de fada azul distante e intocável, mas Conceição não se parecia com ninguém! Só com ela mesma! Mulata, dentes grandes, sabia muito bem abri-los numa grande risada, assim como mostrá-los arreganhados em tom de briga, fazendo um rosnado, quando desaprovia alguma coisa.

Foi com ela e através de sua boca carnuda que viveu pela primeira vez sua masculinidade!

Foi assim:

Sua tia andava especialmente insuportável naquela época e, desta vez, para piorar as coisas, as notas de Thomas não andavam nada boas. Era início do verão, e ele andava vagabundeando pelo jardim, cismando e comendo mangas, de peito nu e pés descalços.

Aos berros, a tia entrou com o carro na garagem, gritando por ele.

Ocorrera um fato muito grave: a tia fora chamada na escola pois Thomas havia repetido o ano! Ele bem que imaginara que este momento chegaria, mas tinha tido esperanças de ser salvo, passar de ano na última hora, não frustrar a tia e despertar sua vingança.

— Você não faz mais nada além de se masturbar! Que coisa nojenta! Pensa que sou boba, que não percebo? E a responsabilidade é minha, diante de seus pais!

Thomas possuía na época dez anos, mas era grande para a idade. Sentiu vergonha e corou, as desculpas ficando entaladas na garganta. Seu pensamento rodava em círculos. Fora descoberto! *Ela está vendo que fiquei vermelho.*

Que vergonha, preciso parar de ficar assim, como um maricas! Vou pensar em outra coisa, disfarçar, olhar para a perna, fingir que está coçando...

A tia levantou sua cabeça abaixada, olhou-o no olhos e em seguida o esbofeteou, dizendo:

— Dissimulado! Quando falo, gosto que me olhe nos olhos!

Isso decidiu o conflito: o ódio substituiu o inicial temor de Thomas, e ele avançou, as mãos em garra, envolvendo o magro pescoço da tia.

Conceição gritou e tentou puxá-lo para longe, enquanto a tia fazia contorções horríveis com o corpo, mãos tentando arranhar o rosto do sobrinho, a boca aberta, escancarada numa careta.

Afinal Thomas a largou e ela caiu ao chão, olhando-o com medo e raiva, meio pálida e arroxeadada, enquanto Thomas, resfolegando pelo excesso de adrenalina que lhe corria nas veias disse entrecortadamente:

— Não faça isso nunca mais. Da próxima vez eu te mato!"  
— E lágrimas escorriam por sua face.

Essa façanha, gerada pelo impulso cego de Thomas, surtiu dois efeitos milagrosos: sua tia nunca mais, até o dia de sua morte, que por sinal não tardou, lhe dirigiu a palavra, que não lhe fez a menor falta. Além disso, naquele dia, através de Conceição, tornou-se homem!

Sua tia se retirou abalada para o quarto após o incidente e não tornou a aparecer durante o resto do dia, Conceição levando-lhe uma refeição leve no quarto.

Thomas, por sua vez, padecia com algo que se tornaria habitual dali em diante: uma feroz dor de cabeça.

Conceição empurrou-o para o quarto dela para colocar compressas de água fria sobre seus olhos, mas quando ele deitou de olhos fechados, o corpo tenso de dor e pronto para saltar, sentiu a mão de Conceição em seu peito, suavemente.

— Thomazinho, menino, se sua tia vê aquelas revistas escondidas que você tem! Só tem mulher nuinha, em cada pose...

Thomas sentiu como uma onda quente sobre si. Eram os seios morenos, encostando em seu peito. A compressa gelada sobre a cabeça e os peitos quentes de Conceição... tudo tão extremo, o fogo e o gelo!

Não percebeu mais nada. Sumiu a raiva, o medo e a dor de cabeça.

Como se estivesse acostumado a esse tipo de situação, abocanhou os peitos da mulher e sugou-os como mangas imensas e maduras. Sugou como se sugasse a vida do mundo.

Conceição desatou suas calças, ajoelhou-se e colocou em sua boca, sempre pronta para a risada, o pênis dilatado. Quase instantaneamente Thomas explodiu .

— Agora você já é homem mesmo, Thomazinho. — disse ela sorrindo.

Esta foi a primeira vez de muitas outras, que se tornaram para Thomas o maior e único prazer de sua vida.

Tornava-se mais homem a cada dia, crescia, e os pêlos tornavam-se cada vez mais visíveis em seu corpo, aparecendo impudica e precocemente, como se tivessem escutado um chamado.

Seu membro masculino mágico, se inflava e se retraía, o que tomava completamente a atenção de Thomas, que desejava Conceição e sua carne morena, em cujas entranhas se sentia poderoso e onipotente. Perscrutava-a inteira, devassava-a, tornava-se exigente, gostando de dominá-la e querendo penetrá-la por todos os orifícios.

E ela fazia o que ele queria! Thomas sentia-se o verdadeiro senhor da casa, porque possuía Conceição. Naquele tempo não usaria tais palavras, mas sentia-se dono de sua alma, o que lhe fornecia uma incrível sensação de excitação constante.

Todas as tardes naquele verão, após o almoço, a tia tirava a sesta e Thomas e Conceição agarravam-se famintos, a louça esperando para ser lavada por um, o mato do jardim para ser limpado pelo outro...

Thomas rezou para que demorasse bastante para seus pais chegarem de viagem. Não podia pensar em férias melhores que aquelas.

Íntimos, Conceição lhe contou que sua tia não se casara pois fora apaixonada pelo pai de Thomas, quando moça, e ele a preterira pela irmã.

Era irônico que a vida lhe reservasse ajudar a criar justamente o fruto da ligação que lhe arrebatara o homem amado! Isto explicava muito da antipatia que a tia nutria por ele! — concluiu Thomas.

Conceição trabalhava na casa há dez anos e sabia de muitas coisas. Parece que tinha uma dívida com a patroa, embora Thomas não pudesse imaginar que sua tia tivesse sido capaz de alguma ação que motivasse gratidão.

Após o incidente com a tia, que ocasionara tão abrupta reviravolta nos fatos, Thomas pensou que ela não haveria de querê-lo mais por ali, o que **agora**, dadas as relações com Conceição, representaria uma tragédia.

Provara do veneno doce do corpo da mulher e sentia-se escravizado pela força de seu desejo.

Um dia sem penetrar Conceição era um castigo, imagine não estar com ela nunca mais...

Mas, para sua surpresa, verificou que, com a chegada dos pais, nada se modificou. Tia Clara nada revelara, portanto, do entrevero dos dois.

Os pais só souberam que infelizmente Thomas tinha repetido o ano, o que não era de forma alguma uma boa notícia, mas... como o filho se desenvolvia e parecia contente em permanecer com a tia... conformaram-se.

Só muito mais tarde Thomas compreendeu que a tia ganhava do pai um polpudo cheque “para o sustento de Thomas, nesta temporada”.

Quando Thomas despertou totalmente para a sexualidade e sentiu-se dono de seu jovem corpo, que crescia mais e mais, sua mente começou a se modificar também.

Tinha mais consciência do que queria e do que não gostava, e sua tia entrava na última relação.

Crescia em si um imenso rancor em relação a ela, e um dia jurou que a faria sentir o que era estar do lado indefeso da vida.

Tornou-se dissimulado e aparentemente submisso, para evitar qualquer confronto, cujo resultado temia ser violento. Não estava preparado para ver a corda arrebentar do lado mais fraco e com isso perder Conceição .

Planejava suas ações, para que a tia jamais descobrisse seus encontros com ela, e passou a tratá-la com distância e indiferença aparentes. Tal dissimulação tornava seu apetite ainda mais voraz e os encontros amorosos mais maliciosos.

Por mais que estivesse desinteressado da escola, visto que suas novas atividades sexuais o polarizavam completamente, o novo ano letivo viu Thomas comportar-se como um aluno disciplinado e consciente de suas responsabilidades.

— Conseguiria notas irrepreensíveis! — prometeu a si mesmo!

E assim ia vivendo o dia a dia, encontrando sentido existencial no prazer e só nele, procurando não pensar no amanhã.

Uma vez cortadas as relações com a tia, o convívio entre ambos na mesma casa se fazia de forma frugal e cerimoniosa, o que possibilitou uma espécie de equilíbrio virtual.

A velha, porém, já não facilitava coisa alguma que pudesse agradar o sobrinho, principalmente em termos financeiros. Thomas tinha casa, alimentação e escola. Nada mais.

Ele por sua vez não se queixava aos pais para não criar problemas, fato que a tia percebeu e tratou de tirar proveito.

Com certeza desconfiava ou sabia do caso entre Thomas e Conceição, embora nada demonstrasse. O dinheiro que recebia para custear a estadia de Thomas em sua casa valia mais que qualquer assunto versando sobre moralidade, afinal!

Conceição passou a dar a Thomas alguns trocados sempre que podia, encarando o assunto com jovialidade.

Assim, dois anos se passaram, e Thomas começou a notar como as mulheres o atraíam . As prostitutas, fazendo ponto na avenida, representavam para ele sinais luminosos prometendo diversão certa e irresistível.

Acabava por acompanhá-las para os terrenos baldios, freqüentes na vizinhança.

Quando não tinha dinheiro, pagava-as com coisas que furtava da tia: talheres de prata, guardados para ocasiões especiais que nunca ocorriam, uma imagem de Santa Luzia vinda da Itália e até um liquidificador, que Thomas teve a coragem de dar sumiço, para total perplexidade de Conceição e da tia. Depois de muito procurarem e darem tratos à bola acabaram culpando pelo sumiço a empregada diarista.

A loucura continuou, até o dia em que Thomas sentiu dor e uma purulenta secreção no pênis.

Percebeu que estava doente... e Conceição descobriu!

Houve choro e ranger de dentes. Thomas jurou emendar-se, amaldiçoou o momento em que a traíra! Usou enfim de todas as estratégias para adular Conceição, chegando a dizer que agradecia a Deus o padecimento, castigo merecido e lição necessária. Sentia-se falso e pressionado, coisa que abominava. Mas precisava de ajuda.

Afinal Conceição descobriu um médico que tratara uma amiga dela, encaminhou Thomas a e pagou os medicamentos. Mas quando o viu curado declarou que, dali em diante, ela própria iria tomar juízo:

— Vou tirar você da cabeça, nem que tenha que voltar para minha terra! O erro foi meu, vou completar trinta e dois anos e você tem treze. Que loucura a minha, que falta de cabimento!

Thomas teve receio de haver colocado em andamento um processo de conseqüências desconhecidas e atemorizantes.

Sentiu-se só e confuso, amedrontado como quando era pequeno. Era preciso deter o pensamento de Conceição, custasse o que custasse.

Tarde da noite, pé ante pé para não despertar a tia no quarto contíguo, foi procurar Conceição que dormia.

Debruçou-se suavemente sobre ela e começou a beijá-la, até que meio desperta, olhos fechados, ela começou a demonstrar excitação, os bicos dos seios enrugados, as pernas abrindo-se ávida e passivamente, como as mulheres sabem fazer.

Chamou-o de meu amor e pareceu esquecer o ocorrido, para alívio de Thomas.

Naqueles anos adolescentes Thomas percebeu que as mulheres gostavam de homens valentes e bons de cama, qualidades que desempenhava com facilidade.

## CAPÍTULO 12

Tudo foi aparentemente perdoado, mas Conceição não era a mesma. Desconfiada, controlava os horários de Thomas e observava sinais suspeitos em suas cuecas.

Thomas começou a sentir-se humilhado e asfíxiado. Seu desejo sexual por Conceição terminou e começou a lamentar-se por não ter consentido em sua partida, quando ela se propusera a tal.

Deu para ler Baudelaire a ponto de sabê-lo quase de cor, em alguns poemas marcantes: “Sê bela e cala! O meu coração se irrita por tudo, exceto a candura animal”.

Sentia-se inquieto, queria uma vida nova... Desejava viver sozinho, para variar, ter uma turma de sua idade, ir a festas, conhecer moças jovens...

Estava farto de ver a vida escoar-se, cheia de promessas, sem que ele pudesse sorvê-la.

Um dia a roda do destino efetuou seu periódico giro, e algo de grande monta sucedeu.

Era feriado ou domingo, e após o almoço sua tia se retirou para a sesta.

Thomas já não corria a procurar Conceição. Alegava ter que estudar para provas difíceis e se recolhia ao quarto para ler Baudelaire, Neruda e Stefan Zweig, livros que encontrava na biblioteca da tia.

Foi então que escutou um grito abafado.

Levantou-se rapidamente e correu para o quarto de sua tia. Nada mais escutando, apurou o ouvido, encostando-o à porta. Sim, algo ocorria...

Lentamente, virou a maçaneta, empurrou a porta e viu-a com a boca aberta, ofegante, com dificuldade de respirar, a mão no peito, o terror estampado no rosto!

Mal articulando, balbuciou:

— Cha... me... Conceição...

Thomas não conseguiu se mover, fascinado, olhando no olho da tia a face da morte.

Aguardou, vendo o desespero da velha, que se atirou para a gaveta da cômoda, tentando alcançá-la, em busca do remédio salvador.

Thomas adiantou-se, postando-se em frente à gaveta e bloqueando-a. Olhou a tia com ar triunfante. Ela encarou-o, também, conscientizando subitamente as intenções do sobrinho.

Em seguida caiu morta no chão, a mão levada ao peito.

— *Velha puta!* — sussurrou Thomas, os dentes cerrados.

Conceição, parecendo adivinhar o que ocorrera, entrou apressadamente no quarto.

Debruçou-se sobre a patroa e tentou reanimá-la, em vão.

— Por que não lhe deu o remédio! Você sabia que ela precisava dele, já me viu dando a ela!

Conceição gritava, como se Thomas tivesse culpa do que sucedera.

— Ia te chamar... — disse ele — mas ...não deu tempo!

Thomas gostaria de dizer em alto e bom tom que fora bem feito, mas conteve sua impulsividade.

Os pais de Thomas vieram para o enterro.

Ele reviu a mãe, após quase um ano de separação. Percebeu que repentinamente ela já não servia para o papel de fada: estava gorda, o rosto pálido e a fisionomia sem viço. Andava preguiçosa e lânguida, sempre bebendo e fumando.

Os dentes pareciam longos, vampirescos e sujos de nicotina.

O pai, como sempre, parecia forte como um leão, ditando ordens e conduzindo os comuns dos mortais. Não percebia que tinha pouca influência sobre a esposa, que se retirara para um reino onde ninguém poderia atingi-la, um local muito distante...

Aqueles dias passados junto ao pai foram estranhos, verdadeiramente surrealistas. Nunca como então, quando não pareciam mais pai e filho, tamanha era a distância emocional que o tempo e as experiências interpuseram entre ambos, Thomas sentiu que o amava e que teria sido maravilhoso ter convivido com ele.

Uma vez que os pais seguiriam sua vida, decorrente do trabalho do pai, e Thomas já estava crescendo, ficou decidido que o jovem seria melhor atendido num colégio interno.

Seu pai foi conversar com ele, mas a conversa foi um monólogo autoritário e doutoral. Thomas detestou seu desagradável sorriso de sabedoria quanto à melhor forma de educar “uma criança”!

Mas afinal Thomas adaptou-se ao internato, que passou a ser seu território e seu limite, salvo alguns domingos em que coincidia dos pais estarem em São Paulo. Então os visitava, visitas sem brilho nem cor.

Contava nos dedos os anos e meses que o afastavam da liberdade: ou a maioridade ou a universidade, o que viesse primeiro!

Não mais viu Conceição, que escreveu uma vez, mandando um postal de sua terra natal, Belo Horizonte.

Thomas não respondeu, pois qualquer comunicação não passaria de algo caricaturesco diante de tudo que viveram.

A necessidade sexual o atormentou por seus primeiros anos de internato, a ponto de quase enlouquecê-lo. Sentia-se um lobo esfaimado e carente, as experiências sexuais passadas mexendo com sua imaginação, com seu apetite, com seus sonhos. Masturbar-se não o satisfazia, apenas aplacava a necessidade física. Acabava usando desse recurso pelo menos duas vezes por dia.

Mas tinha ânsia de beijar, de abraçar de se fundir em cheiros e gostos com alguém. Sua boca carecia de carne humana, seus dentes de seios para morder, seu pênis de entranhas para furar.

Olhava a própria boca no espelho e fingia ser outra boca, fechava os olhos, aproximava-se ofegante, até que a frieza do vidro o despertava. Pensava que iria enlouquecer ou entrar numa espécie de êxtase, onde vaginas apareciam

do ar e sentavam-se sobre seu pênis, no meio das aulas, seios roçavam sua boca e o mundo real desaparecia.

Estando as coisas neste pé, as notas baixas, a mente negando-se a trabalhar, a carência afetiva e sexual querendo se transformar em depressão total, quando entrou no colégio um rapaz de nome Antônio Pedro, que passaria a ser seu novo colega de dormitório.

Antônio possuía uma carnação rósea e fofa e Thomas farejou uma presa. Se fechasse os olhos, pensou, poderia sentir que Antônio Pedro era uma mulher...

Mas... como fazer?

A oportunidade veio quando os rapazes começaram as brincadeiras de mau gosto com Antônio. Eram de um sadismo puro, fato que Thomas conhecia muito bem, desde menino.

Alguns socos e pontapés bem dados os manteriam à distância, no entanto Antônio Pedro era fracote e não suportava a pressão.

Estava chorando de medo no quarto e Thomas sentiu engulhos por sua fragilidade, mas mesmo assim tentou seu jogo:

— Vou protegê-lo, maricas! Pare de chorar, pois nada de mal vai te acontecer. Já bati em todos aqui, e se estes cretinos souberem que é meu amigo não vão encostar a mão em você!

Antônio olhou com admiração e alívio a tranqüila convicção do companheiro, a coragem e autoconfiança de Thomas.

Era agora ou nunca, pensou Thomas, dando o bote.

Acariciando o próprio pênis de maneira cínica e óbvia disse:

— Só que tem uma condição: quero que me obedeças!

Antônio Pedro arregalou os olhos, corando.

Thomas postava-se, ereto e forte como uma estátua de pedra.

— Senão vou ajudar o pessoal a bater em você...

Antônio assentiu, com novas lágrimas nos olhos.

— Se abrir o bico para alguém sobre nosso trato, falo que você é veado! — ainda ameaçou Thomas, afastando-se.

Ficou esperando impaciente que chegasse a hora de dormir. Sentia seu pênis estourando pela antecipação do gozo.

Antônio Pedro nunca soube o quanto ajudou Thomas! Suas notas melhoraram, até chegaram a ser brilhantes!

Quando foi época de prestar vestibular, escolheu Biologia. Achou que seria um vestibular menos concorrido, e não desgostava da matéria.

Acabou conseguindo entrar na USP, para surpresa sua. Isto provava que havia algo mais que sexo em sua cabeça, pensou Thomas, orgulhoso de sua inteligência.

Passaria a morar numa república de estudantes. Ganhara enfim a liberdade!

Despediu-se de Antônio Pedro de maneira formal e sem jeito, evitando o confronto com a relação que ambos desenvolveram: aquela entre dominante e dominado, explorador e explorado.

A mãe de Thomas faleceu naquele mesmo ano, mas ele não sentiu sua perda. Na verdade, há muitos anos ela não era a mesma.

Quanto ao pai, viúvo, passou a queixar-se de solidão...

Uma vez que tinha problemas cardíacos pediu ao filho que se transferisse para Brasília para morarem juntos.

Thomas declinou do convite, sentindo aliás, grande satisfação, ao retribuir a rejeição que sempre recebera. Agora era tarde! Queria ser livre e não ter ninguém que o incomodasse. Era o que faltava, gastar sua mocidade cuidando de um velho doente, logo quando conquistara sua liberdade!

Pouco tempo depois, mal o corpo da mãe esfriara no túmulo, seu pai casou novamente com uma mulher que poderia ser sua filha.

Thomas não conseguiu engolir o fato e recusou-se a conhecer a madrasta. Sentiu que o pai lhe faltava ao respeito. Não foi ao casamento e mal se falaram, dali por diante.

Isso, somado ao fato de aos vinte e um anos, reivindicar sua parte da herança materna, dirigindo o assunto de maneira bastante inábil, abriu um fosso inexpugnável no relacionamento entre pai e filho. Ironicamente Thomas desconhecia a palavra diplomacia, mesmo sendo o pai um veterano neste ramo!

Com o dinheiro da herança da mãe comprou um pequeno apartamento em Perdizes e passou a morar só, obten-

do a liberdade que sempre almejava. Não tinha ninguém que lhe ditasse ordens e gastava dinheiro em festas, mulheres e boemia.

Mas com o tempo, sentiu que algo o incomodava. Parecia estar perdendo o fio de sua identidade, andava bêbado a maior parte do tempo e desconhecia o que fazer de seu futuro. Sempre acostumado a limitações impostas, não sabia manejar sua própria vida, admitiu para si mesmo.

Talvez devesse se assentar, como a maioria de seus colegas.

Cursava o último ano de faculdade quando conheceu Liz.

## CAPÍTULO 13

— Que encontro lamentável! — pensou Thomas, vendo Liz partir, carregando seus pertences e muitas outras coisas que na verdade pertenciam a ambos.

Ela mal chegara e já corraera em direção ao quintal, à procura de Dingo.

O jeito foi Thomas contar a verdade, toda a verdade. Apesar de preocupado com as repercussões da história, não conseguiu deixar de sentir certa satisfação em contá-la e ver o rosto de Liz contrair-se de horror.

Mostrou a ferida na mão, para deixar claro que o cachorro também tivera sua boa parcela de culpa. Mas ela não lhe deu caso, nem demonstrou a mínima simpatia. Cerrou os punhos, indignada, os olhos lacrimejando, e quase cuspidando as palavras disse:

— Tudo que você toca morre! Vou pegar minhas coisas e sair daqui o quanto antes! Você é um demônio!

Ela viera acompanhada de uma amiga, discreta em sua atitude, mas de visual extravagante: alta, bunda grande e muito pintada. Um tipo.

As duas carregaram tudo que puderam, inclusive a secretária eletrônica, enquanto Thomas sentia a irritação crescer dentro de si, detestando a passividade ante o saque.

Encheu um copo de gim, e ficou fazendo movimentos circulares para misturar a bebida ao gelo. Bebeu-o avidamente.

— Tem medo que seu amante não a sustente? — desabafou, afinal.

Suas palavras abriram as portas para que as fúrias saíssem de dentro dele.

Como um bólido correu para a geladeira e de lá tirou uma caixa de hambúrgueres congelados, jogando-os sobre Liz, que conseguiu desviar-se a tempo.

— Leve a comida também! Tome!

As duas mulheres ficaram indecisas e paralisadas, mas afinal dobraram a velocidade: roupas eram dobradas e guardadas nas malas eficazmente e em perfeita sincronia.

Liz não fez qualquer comentário sobre os objetos que não encontrou, aqueles destruídos pelo ataque de raiva de Thomas, quando a vira na companhia de Cláudio.

Em pouco mais de uma hora haviam limpado a casa. Saíram em seguida, sem se despedir.

Thomas sentou no sofá, desanimado, e pensou que se sentia como um objeto descartado por Liz: **“Este fica.”**

Olhou à sua volta e viu que possuía poucas coisas agora, tirando os livros e os móveis, sendo que os últimos seriam também divididos, oportunamente.

De nada adiantara seu comportamento civilizado com Liz! De nada adiantara ter permitido que ela levasse de casa tudo que quisesse! Até Dingo! Teria permitido que o levasse, se estivesse vivo, é claro!

E o que ganhara? Sequer um agradecimento, ou um “até logo”! A atitude famélica de Liz era vergonhosa e ultrajante! Sua cabeça começou a latejar. Só lhe faltava ter uma crise de enxaqueca!

A noite já estava caindo e deitou-se para tentar frear a dor em seu início e, sem perceber, adormeceu, mesmo vestido.

Sonhou que entrava num bosque, parecido com o que rodeava a região onde vivia.

Corria com rapidez, parecendo um animal em busca de uma presa. Suas narinas dilatavam-se, captando cheiros, os ouvidos atentos ao menor barulho. Era como um lobo sedento em busca de água.

Apesar da noite, seus olhos podiam ver o chão onde pisava, as árvores, os gravetos e uma trilha feita por caminhada humana.

Encontrou um pequeno rio que vertia água cristalina. Ajoelhou-se e bebeu, percebendo a lua brilhar, refletida no rio. A superfície da água espelhou a silhueta de um enorme cão. Tocou sua face, assustado, e não a reconheceu. Tinha pelos e focinho! Perplexo, olhou ao redor e percebeu mais adiante uma mulher, sentada num tosco balanço, sob uma árvore. Seu vestido leve, de cores cintilantes, parecia um lenço a acenar para ele. Tudo era muito nítido, muito claro, iluminado pela lua cheia.

Os olhos dela eram sedutores e varavam sua mente, sugerindo um chamado.

Correu até ela e agarrou-a. Mordeu-lhe as faces e o peito, devorou-a até a saciedade! Depois se afastou, babando sangue.

Então tropeçou em algo e sua cabeça bateu dolorosamente contra um tronco. Acordou, gemendo alto.

Procurou por seus comprimidos de Migrane mas não os encontrou. Talvez Liz os tivesse levado — até isso! Encontrou Novalgina e derramou todo o líquido diretamente na boca. Sentiu o amargor do remédio ferí-lo. Eram vinte e duas horas.

Despiu-se, apagou a luz que lhe perfurava os olhos e enfiou-se sob os lençóis, para tentar dormir novamente. Em meio ao desconforto lembrou-se de Cláudia, e ela passou a ser náusea e cefaléia. Ela tinha sido uma iguaria saborosa que ele devorara até a alma, tantas e tantas vezes, até se fartar. Pertencera-lhe a tal ponto que deixara de ter vida própria, como que morrendo em espírito, restando apenas seu corpo que ele prendia e submetia, até que ela gritasse de dor verdadeira, uma prova enfim de que sentia coisas pessoais e que tinha uma existência à parte. Este era o momento culminante de sua excitação ultimamente!

De resto, a paixão que ela lhe dedicava só servia para exasperá-lo e fazê-lo sentir-se culpado, uma vez que depois de partida de Liz, aquilo tudo perdera o sentido para ele.

Desejava dormir, parar de pensar, antes que a dor o matasse!

Levantou-se para apanhar uma toalha fria e colocar sobre os olhos.

Foi então que viu, refletido no espelho de banheiro, seu rosto, coberto de pelos negros como o rosto do cão demônio que lhe aparecera em sonhos! Só faltavam os olhos amarelos chispando fogo!

A imagem balançava à sua frente. Sentiu que iria desmaiar. Segurou-se com força na pia e viu suas mãos transformadas em patas peludas, as unhas retorcidas e sujas de terra.

Gritou e o som como que o despertou. Era o de sua própria voz. Amedrontado, olhou à sua volta, situando-se na familiaridade de seu próprio banheiro. A seguir fixou o espelho, novamente.

Tudo normal. Suspirou de alívio. Era o velho Thomas refletido, com sua velha crise de enxaqueca.

Voltou para a cama, esquecido da toalha e do que fora fazer no banheiro. E se fosse **Ele** novamente, induzindo-o a sonhos abomináveis?

Teve vontade de rezar, mas não se lembrava das palavras. *Estou ficando piegas como uma velha!*

Dormiu superficialmente, e teve o mesmo sonho, repetindo-se em nova versão: corria pelo bosque, enxergava na escuridão da noite e pelo odor procurava água. Encontrou um córrego, debruçou-se e bebeu. A lua cheia refletia-se na água. De repente, enquanto bebia, mansamente um grande cão se aproximou e bebeu também, fazendo um barulho obsceno. Depois se virou e fixou-o. Seus olhos eram como brasas.

Thomas acordou, o coração batendo descompassado. Correu ao banheiro e vomitou.

Com pena de si mesmo e com medo, tremendo dos pés à cabeça, resolveu entrar num banho quente. Sentiu-se abraçado pelo calor da água.

Quando saiu do banho, amanhecia e ele desceu para preparar café. Não tinha disposição para ir trabalhar, mas não podia pensar em ficar só dentro daquela casa.

Dormir e descansar eram atos extintos de sua vida, ao que parecia.

Preparou um café forte, ingeriu um antiácido e uma aspirina. Descobriu na geladeira um pedaço de pão, que esquentou no forno.

Enquanto esperava que aquela mistura fizesse efeito, viu o jornal sendo entregue.

Não tinha interesse por nada que estivesse sucedendo. Sentia sua mente nauseada, exausta e deprimida.

Quem sabe se convidasse Cláudia para morar com ele as coisas entrariam novamente nos eixos?

Mas não! Estava ficando louco? Arrumaria mais um problema! E sua liberdade? Tinha se esquecido dela?

Depositou o jornal na sala, junto aos outros, que começavam a formar um pilha.

Reparou então na folha de papel caída.

Desdobrou-a e viu o desenho do mapa astral de Liz e o cartão que se desalojara de dentro do papel dobrado : era um cartão profissional, ladeado por dois triângulos superpostos e, ao centro, escrito em duas linhas: Dra. Ann Openheimer, Orientação Astrológica.

Thomas se deu conta de quão pouco conhecia Liz. Quais teriam sido suas dúvidas, suas angústias, para procurar uma “orientação astrológica”? E em que isso poderia tê-la influenciado a deixá-lo? Que tipo de coisa seria capaz de dizer uma astróloga ?

E quanto a seus pesadelos, tão reais e assustadores? O que diria ela? Decidiu procurar a doutora Ann e marcar uma consulta.

Sentiu-se satisfeito por conseguir ser atendido no dia seguinte. Não gostava de esperar.

A astróloga o atendeu no horário de almoço. Beirava os sessenta anos, era grisalha, alta e lembrava um pouco uma avestruz , as nádegas grandes e balançantes, as pernas finas.

Sua voz alta e clara possuía leve sotaque germânico. Parecia uma pessoa repleta de energia. Sorria com facilidade, os olhos azuis apertando-se, ao ponto de quase se fecharem.

Sua sala de atendimento era um local apazível que parecia um jardim de inverno, cercado de plantas, vidros e aberturas inesperadas.

— Então você é o marido de Liz Demondieu! Mas que prazer!

Thomas contou que ele e a esposa estavam se separando.

A doutora meneou a cabeça, com ar de entendimento e pena.

Em seguida, candidamente perguntou:

— Veio para saber de Liz ou de você?

Thomas afirmou que a vida de Liz não o interessava mais.

A doutora ofereceu café e chá, colocados em vistosas garrafas térmicas, mas Thomas não aceitou.

Com fisionomia bem humorada, ela colocou uma fita no gravador, olhou atenciosamente um desenho circular repleto de garatujas e começou a gravar:

— Hum... aqui está a transformação pela qual está passando! Algumas perdas devem ser encaradas, sem dúvida! Aliás, de quem foi a iniciativa de terminar o casamento?

A voz de Thomas estava sumida e rouca:

— De Liz, creio...

— Hum... isto deve ter causado um transtorno bastante considerável em sua personalidade! Sua auto-estima sempre foi muito inflada, coisa até certo ponto própria dos signos de fogo... Mas, se eventualmente a realidade a derriba ou frustra, isso murcha você inteiro. E desperta muita raiva. Concorde, até aí?

— É verdade, sempre gostei muito de mim, respondeu Thomas sorrindo. Nunca tive motivos para desgostar. Mas... quanto à Liz, não me importo de ter sido abandonado. No entanto, há algo que gostaria de saber, por pura curiosidade: Por que ela me deixou, afinal? Apaixonou-se por outro?

— Quem sabe? — respondeu a doutora Ann. — Talvez sim, talvez não... Mas aconselho-o: aceite as perdas, deixe que ela se vá! É a melhor maneira de viver certas transformações em sua vida e afinal se libertar.

— Mas existem perdas injustas, a senhora há de concordar! Não vejo como aceitá-las passivamente. A docilidade em tais casos seria desprezível! Além disso os sentimentos nos aprisionam, fermentam... não vejo libertação alguma nisso!

*Aquela cadela roubou-me tudo, até meu próprio orgulho!*

Era a Voz falando em sua mente!

— Ela me enganou! — continuou Thomas. — E isso é especialmente revoltante!

— Você é quem se enganou, pense nisso meu rapaz! Nós nos iludimos e não vemos a realidade! Ela lhe passou uma

rasteira! Nada sobrou de sua vida!

— Nada sobrou de minha vida! Perdi o único lar que tive!

A doutora fez um ar compungido e pesaroso.

— Não é verdade, meu amigo! O lar é onde uma pessoa se sente bem. Passe este momento com fé e, você verá, será um novo homem! As transformações mal começaram!

Mal começaram! É fácil para ela falar, aí sentada confortavelmente!

Thomas tratou de sair dali o mais rapidamente possível.

Escutava dentro de sua mente a Voz e isto o atrapalhava. Não sabia mais quem estava pensando.

Gostaria de ter perguntado a ela sobre seus sonhos, mas havia uma interferência forte, algo como se uma estação de rádio perdesse a sintonia para outra, os assuntos se embaralhando.

O fato é que algo o abalara e incomodara na entrevista. Talvez admitir que partira de Liz a idéia da separação? Ou saber que haviam mais transformações a caminho?

De qualquer forma, o certo é que estava sob estado de tensão considerável. Precisaria cuidar-se melhor! Seu cotidiano havia mudado drasticamente, sua casa transformando-se numa verdadeira tapera, nem bem a mulher com quem passara os últimos seis anos de sua vida partira para viver com outro!

Até o cão que era dela tinha se transformado num verdadeiro demônio, enredando-o numa luta de morte. Só de lembrar disso a cicatriz da mordida começava a latejar!

E agora, os sonhos o atormentavam, tinha visões e a ilusão de se ver transformado em algo inumano!

Para completar, sua potência sexual ameaçava abandoná-lo!

No trabalho portava-se estranhamente e a cada vez que via Carlos, seu auxiliar, quase tinha um colapso... Enfim, estava se deteriorando a olhos vistos, e precisava tomar uma providência construtiva para com sua vida!

Talvez fosse uma boa idéia antecipar suas férias, dar uma ordem na casa, tratar de se alimentar melhor. Além disso havia o problema com a bebida... Sempre apreciara um drinque, mas desde que conheceu Cláudia não tinha limites. Entrara num ritmo alucinante e agora, nesta época de crise pessoal, tornara-se um viciado!

Quase todos os dias era preciso cuidar do abastecimento. Uma verdadeira escravidão!

Na volta do trabalho parava no supermercado e comprava aqueles horríveis hambúrgueres congelados, pois sabia que sem proteínas o corpo humano acaba sem músculos e cérebro, iogurte desnatado, que ajudava a digestão, e o verdadeiro item indispensável: duas garrafas de gim!

Tinha impressão que até as moças do caixa cochichavam sobre a quantidade de bebida que comprava! Sentia-se tenso e constrangido quando elas o olhavam, o que o forçava a frequentar outros supermercados, sempre diferentes. Tudo isso acarretava um trabalho considerável. Estava estafado!

Era preciso se organizar, enfim! O próximo final de semana empreenderia uma limpeza profunda em sua casa, para torná-la habitável. Começaria por aí!

Quem sabe devesse procurar outra diarista que substituisse Fátima. Se quisesse viver num lugar que não lhe despertasse pesadelos, teria que transformá-lo em um lar.

Lar é o lugar onde uma pessoa se sente bem, dissera a doutora Ann, com toda razão!

Depois de várias considerações, decidiu que seria interessante reaproximar-se de seus vizinhos, Pedro e Valéria Vasconcelos, que haviam desaparecido depois da partida de Liz.

De alguma forma, manter contatos e cultivar algo que o ligasse ao passado recente, com certeza forneceria uma sensação de unidade interior, de identidade. Era do que estava precisando!

É bem verdade que o elo de ligação com os vizinhos sempre tinha sido Liz. Mas sempre era tempo de ser mais sociável, afinal. Além de tudo, aproveitaria para perguntar se poderiam recomendar-lhe alguma diarista.

Uma ponta de inquietude anuviou seu horizonte. Onde seria seu lar, quando tivesse que se mudar de lá, assim que a casa fosse partilhada? Não que fosse apegado à casa, mas seria mais um transtorno, pensar em novas mudanças!

Detestava mudanças... sua experiência lhe mostrava que quando as coisas mudam é sempre para pior!

— Deixe que Liz se vá! — pensou, arremedando a astróloga. — E que a casa se vá, também!

Se tivesse dinheiro compraria a parte de Liz... mas nunca fora capaz de economizar. Ao contrário, dinheiro em seu bolso parecia queimar!

Se ao menos pudesse contar com seu pai...

Como estaria o velho, depois de tantos anos sem se falarem? Mas era inútil sonhar com quimeras! Não seria agora que iria se humilhar perante ele, pedindo ajuda!

Mesmo que seu pai lhe desse o dinheiro, isso pouco significaria perto da angústia de voltar ao passado e sentir de novo aquele ranço antigo, aquele ressentimento.

## CAPÍTULO 14

A casa de Pedro e Valéria ficava a cerca de quinhentos metros da de Thomas, que pensou em aproveitar a manhã de sábado para se exercitar e praticar corrida. Ao final do exercício passaria na casa dos vizinhos, como quem não quer nada, e faria uma visita.

Vestiu um agasalho de ginástica e, olhando sua figura no espelho, observou que a fisionomia pálida da noite anterior fora substituída por outra mais revigorada.

É impressionante o que uma boa noite de sono pode fazer por um homem! Parecia um milagre, ter conseguido dormir bem, sem sonhos ou pesadelos!

No dia anterior tinha se esforçado para seguir uma certa rotina, e fizera duas refeições regulares, o que não ocorria há tempo.

A influência da doutora Ann fora positiva, afinal.

Acabou almoçando no refeitório da Universidade, opção bastante razoável, e desta vez quando visitara o supermercado, comprou também leite, frutas e pizzas congeladas. Além do gim, é claro.

Sua musculatura ainda estava dolorida pela tensão acumulada nos últimos dias.

Lembrava-se de haver acordado tão esgotado e dolorido após os pesadelos, como se tivesse efetivamente corrido muitas léguas e não apenas sonhado com isso! Às vezes sentia o gosto de sangue na boca, como um reflexo condicionado que o nauseava... e aqueles olhos ainda lhe provocavam calafrios!

Correu cerca de dois quilômetros e voltou andando, sentindo que perdera muito em resistência naquele último mês.

Tocou a campainha da casa de Pedro Vasconcelos, ostentando um ar casual.

Pedro atendeu à porta um tanto surpreso com a visita de Thomas. Cumprimentou-o cordialmente, convidando-o a entrar.

— Valéria, venha ver quem apareceu! — gritou ele, chamando a esposa.

Valéria parecia um pouco distante e logo pediu licença, enfiando-se na cozinha.

Pedro foi atrás dela e voltou rapidamente com duas cercejas, seguras numa só mão.

Foram logo se servindo, bebendo do gargalo, e Pedro perguntou à Thomas as novidades.

O assunto da separação foi trazido à tona com a devida seriedade: incompatibilidade, comum acordo, etc... Foram estes os termos citados. Tudo muito civilizado.

— Ouvimos comentários, mas Liz não telefonou mais para Valéria, apesar de serem amigas e você também estava meio arredio...

— Não posso falar por Liz, mas quanto a mim estive afundado num buraco e estou levantando a cabeça agora!

— Fico contente por você ter vindo! — disse Pedro, brincando entusiasticamente.

Thomas sentia-se bem como raramente.

— Quis procurá-lo, mas tive receio de ser intrometido... — continuou Pedro. — No condomínio reina uma certa mentalidade provinciana, algumas pessoas olhando por entre as frestas da janela, acompanhando a vida alheia, mas não sou como eles, você sabe...

Thomas concordou, ele e Pedro sempre foram bons amigos, afinal.

Neste momento, Pedro, a língua solta pela cerveja, desandou a falar:

— Sua diarista disse que você está metido em umbanda, imagine! E que matou seu cachorro! Que loucura, não é?

Thomas ficou fora de si! Queria acertar um murro naquela vaca linguaruda!

— Não é nada disso! O cachorro adoeceu e morreu, nem bem Liz saiu de casa! Enterrei-o no quintal, e quando Fátima

ma viu a cova se assustou. Bem que imaginei que ela fosse inventar coisas!

— Nem precisa se justificar, Thomas! Não acreditei numa palavra, mas é para você ver o que corre na boca do povo.

Pedro deu mais um gole na cerveja e, ainda polarizado pelo assunto da separação e pelos boatos, continuou:

— E não é só isso! Falam também que Liz fez um rapa em sua casa! É verdade?

— Ela levou o que era dela. Com meu consentimento, aliás...

Thomas levantou-se para ir embora. Não valia a pena pedir a Pedro que arrumasse outra diarista, outra bisbilhoteira, para limpar um tipo de sujeira e espalhar outro.

— Até breve Thomas, foi agradável vê-lo novamente! Espero que tudo se ajeite e... não se importe com o falatório! Agora, depois dos assassinatos, o pessoal já tem novo divertimento! Seu caso com Liz pertence ao passado, meu amigo! — e riu.

— Que assassinatos? — perguntou Thomas, perplexo.

— Refiro-me às moças mortas aqui por perto. Não ouviu falar? Dizem que foi algum louco pervertido, ou então um animal, porque uma delas foi parcialmente devorada.

Thomas sentiu uma onda de náusea.

— Saiu nos jornais. Aconteceu por estes dias.

— Não tenho lido jornais. — disse Thomas como despedida.

Voltou para casa, dando por terminado seu passeio matinal, esforçando-se para caminhar pausadamente, mas querendo sair correndo dali.

Abriu a porta da frente de casa e voou para cima dos jornais, empilhados um em cima do outro, intocados.

Que bom que estavam lá, naquelas duas lindas pilhas!

Thomas andara tão exausto quando chegava em casa que não tinha forças e interesse para ler.

Como de costume, o jornaleiro os entregava todas as manhãs e ele simplesmente os empilhava, na esperança de folheá-los mais tarde, o que nunca ocorria.

De maneira rígida e compenetrada espalhou os dez primeiros jornais por ordem de data, pesquisando os respectivos cadernos onde poderia encontrar referência aos crimes.

Encontrou o que buscava logo nos primeiros jornais da pilha. Era coisa recente, pensou.

Fora encontrada uma jovem identificada como A.J., 17 anos, nas proximidades da estrada Raposo Tavares, km 37.5, atropelada e abandonada no matagal que ladeava a estrada. A polícia não tinha pistas do motorista responsável.

O corpo fora descoberto por dois garotos, D.B., 13 anos e M.V., 14 anos, em estado de decomposição, dois dias após o ocorrido.

A reportagem fazia menção à insegurança da estrada e ao fato de pedestres não fazerem uso das passarelas suspensas para atravessá-la, aventurando-se perigosamente por entre os carros.

O jornal do dia seguinte trazia a informação de que o delegado responsável divulgara que o laudo médico situava a hora da morte em torno das cinco e trinta da manhã, em seguida ao atropelamento. A falta de testemunhas era explicável por se tratar de momento de escasso movimento na estrada, além da pouca luminosidade do início do amanhecer.

Provavelmente o motorista responsável realizara alguma tentativa de socorro que resultou inútil. O corpo fora arrastado e escondido entre os arbustos deliberadamente, provavelmente para evitar sua descoberta precoce.

Thomas devorou a notícia.

Mas Pedro falara em **duas** moças mortas...

Ali estava: dois dias após o atropelamento de A.J., dia 5 de setembro, nova tragédia ocorrera nas imediações da mesma estrada.

Tratava-se de estupro seguido de estrangulamento, sendo a vítima identificada como Berenice dos Anjos, 19 anos, solteira, doméstica.

O detalhe macabro era que a jovem havia sido parcialmente devorada. Foram reconhecidas mordidas humanas e possivelmente caninas no exame de corpo de delito. Tal fato fez surgirem hipóteses fantasiosas de que a jovem teria sido atacada por um lobo, e a seguir... por um lobisomem!

O casal Ângelo e Berta Patrogi, em cuja residência, em Taboão da Serra, Berenice trabalhava, declararam desconhecer que a vítima estivera ausente de casa na noite em

que foi morta. Imaginavam-na dormindo, no entanto a jovem tinha por hábito sair após altas horas da noite, às escondidas, e passar a noite fora.

Depois de diversas advertências a família pensava em demiti-la.

Segundo o que a polícia conseguira averiguar, Berenice não tinha namorado fixo. Tampouco saía regularmente com companhia determinada. Frequentava uma discoteca em Itapeverica da Serra, região próxima, onde era vista frequentemente em companhia masculina.

Thomas leu as reportagens e recortou-as cuidadosamente.

Prendeu-as com um enfeite imantado em forma de barco, no quadro de avisos que ele e Liz usavam para se comunicarem.

Pressentia que algo deveria ser feito em relação aquelas notícias, mas não sabia bem o quê.

Teriam seus sonhos algo a ver com aquilo tudo? Preferia acreditar que não...

A seguir, dedicou-se a dar ordem em sua casa. Meticulosamente colocou objetos em seus respectivos lugares, ou pelo menos organizou-os para que viessem a ser limpos e guardados no dia seguinte.

A lavanderia estava abarrotada de roupa suja. Nem que fosse para ter o que vestir precisava selecionar algumas roupas e levá-las à tinturaria.

A pia da cozinha era uma grande mistura de pratos descartáveis sujos, que sequer tinham sido jogados no lixo, panelas com grossa camada negra grudada em seu fundo.

Era desanimador. Se pudesse livrar-se de todo esse lixo!

Ir embora para sempre, pedir demissão, vender a casa e com o dinheiro viver o resto da vida em alguma praia do nordeste, sem pressões, sem televisão!

Não queria levar nem as roupas, nem os livros. Já lera livros demais, e a cultura humana o enfasiava. Não queria conhecer mais nada!

De quê um homem necessita para viver? Sua geladeira estava praticamente vazia. Comida não lhe fazia falta, com certeza!

Bastava um teto para abrigar-se e uma garrafa, para quando a angustia de viver doesse dentro do peito. Sexo? Sempre se arranja! Andava farto de sexo, aliás! Já o tivera em demasia.

Estava velho, muito mais velho do que parecia. Envelhecera muitos anos em vinte dias.

Thomas jogou fora os pratos e copos sujos, descartáveis ou não. Pensou em jogar fora também as roupas, calções sujos de barro, meias sem par, camisas encardidas.

No entanto guardou algumas peças para levar à lavanderia. Poderia vir a precisar delas.

Lá se foram papéis de rascunho, notas de gasolina e supermercado, lixo, lixo e mais lixo.

Gostaria de livrar-se de tudo rapidamente: da casa, do casamento, do emprego! Ganhar enfim a liberdade!

Dormiria ouvindo o silêncio, apenas quebrado pelas ondas do mar... Sozinho, ele e Deus. Deus? Quem sabe viraria místico, à sua maneira!

Assim, ninguém lhe faria mal, e ele não faria mal a ninguém!

## CAPÍTULO 15

Liz andava dormindo na Clínica, mas se ressentia da solidão.

Custava muito a pegar no sono e Cláudio lhe receitara soníferos. Ela os tomava, sentindo-se decadente e fraca por necessitar de tal recurso. Percebia que andava insegura e muito dependente de Cláudio.

Ele sugerira a possibilidade de acomodá-la em um flat, mas Liz precisava de tempo para decidir se as implicações financeiras seriam toleráveis.

Era uma época tensa, e deveria ultrapassá-la, de uma forma ou de outra. Pelo menos, assim pensava, tentando inculcar em si mesma mais coragem.

Além de tudo, a morte de Dingo a deprimira muito.

Doía-lhe não só tê-lo perdido, como também a violência implicada no fato.

Sabe lá como Thomas o teria tratado, esquecendo-se talvez de alimentá-lo, deixando-o na chuva, até que diante do primeiro motivo dera cabo dele!

A cada dia, ao invés de se esquecer, mais se recordava do único amigo que nunca a decepcionara. Por isso aquela mágoa toda, aquela culpa por tê-lo abandonado!

Thomas era uma pessoa difícil, já o sabia, mas sentia que estava tomando consciência de sua crueldade. Sentiu um arrepio, ao pensar nisso.

Cláudio ficou condoído quando Liz lhe contou o drama da visita à sua antiga casa. Gostaria de vê-la livre o quanto antes daquele casamento infeliz e do insano com quem se casara.

— Logo soube que o cachorro estava morto — ela contou em prantos, assim que chegou do encontro com Thomas — e em seguida... imagine que minhas roupas estavam todas em cima de uma cadeira, em total desordem, uma pilha alta e coberta por um lençol branco! A casa tinha um odor estranho, de sujeira, de coisa podre!

Liz preferiu não contar a Cláudio qual seu “ponto de não retorno”, durante o casamento com Thomas, isto é, o motivo que precipitara sua saída intempestiva de casa : a descoberta das fotografias.

Receava que a sujeira pudesse contaminar seu novo relacionamento e que Cláudio a valorizasse de forma diferente. Sentia-se envergonhada por ter vivido com Thomas, algo como: diga com quem casaste... e direi quem és, parafraseando o ditado.

A consciência repentina lhe veio, sob a forma de um choque terrível, mas também de uma libertação, com a descoberta da fotografias, que foram sua salvação!

Tinha desejado tanto uma solução e um alívio para o sofrimento de viver com Thomas, mas dentro de si algo a prendia. Uma coroa de espinhos adornava-lhe a garganta angustiada, dia após dia, por anos e anos.

E de repente, uma simples e humilde postura de dedicar-se a limpar o quarto de casal, desde o carpete até as reentrâncias da cama, onde o pó do tempo e o casamento desintegrado se acumulavam por entre a madeira entalhada, uma simples e singela atitude feminina, apresentou-a com a força e o ímpeto que necessitava.

Foi quando descobriu um desnível no criado mudo de Thomas, um fundo falso, e dentro dele fotografias que mais pareciam uma intervenção cirúrgica, mas que representavam na verdade o que é o sexo para algumas pessoas: um ato antinatural e obsceno.

Uma mulher, as costas com vergões vermelhos, as nádegas empinadas e ensangüentadas, *estaria menstruada? Esperava que sim!* e **Thomas!** copulando com ela em diversas posições!

Liz folheava a série de fotos esperando e temendo ver chegar a foto da mulher com o pescoço quebrado, os olhos vítreos, a boca aberta.

Mas isto não aconteceu e ela se certificou que eram apenas cenas sexuais, uma espécie de pornografia incompressível.

E Thomas era capaz **daquilo!** Pensar que ele poderia ter feito o mesmo a ela causava-lhe arrepios.

As fotos agiram como uma bofetada!

Pela primeira sentiu medo, ainda mais agora, se ele descobrisse que ela **sabia**.

Apesar disso, ou até por causa disso, guardou duas fotos, como uma prova contundente da loucura dele e de sua própria inocência. Quando **se** Thomas descobrisse e quisesse fazer-lhe mal, iria chantageá-lo, ou iria à justiça!

Foram exatamente estas fotos que o Dr. Sílvio Pizarro, o advogado, vira há alguns dias atrás.

A descoberta funcionou para a mente de Liz como a gota d'água, em um processo interno que se desenvolvia lentamente.

Já sabia das infidelidades de Thomas há muito tempo, mas esta era uma ferida com a qual nunca se acostumara. Desde o segundo ano de casamento o comportamento de seu marido a magoava mais do que acreditava que as pessoas pudessem suportar.

Inicialmente chegara até a segui-lo, martirizada pelo ciúme e pela humilhação, querendo saber de tudo, como se com isso pudesse controlá-lo à distancia.

Chegou a vê-lo num Shopping Center, sentado num café com uma mulher morena e bonita, de saia justa e saltos tão altos que Liz imaginou que ela logo se deitaria e os arrancaria dos pés. Saltos para quem pretendia usar pouco os pés e muito as coxas, pensou amargamente.

Quando os dois se levantaram não resistiu ao impulso de ocupar a mesma mesa e sentar-se na mesma cadeira que a outra mulher ocupara.

Logo descobriu que Thomas tinha "fases", mas depois voltava para casa e era preferível não lhe fazer cenas de ciúmes. Uma vez que começara com muitas perguntas Thomas ficou muito irritado, chegando a sugerir que se não estava bom para ela, que procurasse um advogado.

Liz o amava, pelo menos era o nome que dava para o sentimento que a submetia a ele, e se sentiu encostada à parede. Felizmente para ela, ele logo a abraçou, dizendo

que era tudo imaginação dela, delírios, e que, na verdade, não queria perdê-la.

Ela preferiu acreditar nisso.

Com o tempo, já não precisava segui-lo para saber quando uma fase havia começado ou terminado.

Se estava envolvido com uma mulher seu olhar mudava, seu sorriso não era o mesmo. Parecia falso e ficava muito tolerante e permissivo, para total desconforto de Liz, que percebia que tais atitudes não eram sequer geradas pelo sentimento de culpa, coisa que Thomas não sabia o que era, mas por pura indiferença!

E no entanto, irônica mas explicavelmente, a variedade aliviava o coração de Liz que, envergonhada com seu pensamento antiquado, conformava-se como sua avó, pensando: “os homens têm outras mulheres, mas sempre voltam para casa”!

Havia intervalos entre os casos de amor, aquela interminável coleção de flertes, inquietudes e saciedades que Thomas apresentou a Liz no decorrer do casamento.

Nestes momentos Tom voltava a enxergá-la e ela fazia o possível para reconquistá-lo definitivamente.

É bem verdade que o rancor pelo descaso e volubilidade dele eram difíceis de esquecer, mas o que quer que seja que a unia a ele, acabava por acenar-lhe com novas esperanças.

Liz pensava ser uma má companheira de cama para o marido, sempre incansável e insatisfeito. Talvez aí estivesse o problema, imaginava, e lia revistas e livros para entender em que falhara.

Quando se mudaram para o Condomínio Raposo Tavares e comemoravam quatro anos de casados, Thomas apareceu esfuziante, trazendo champanhe gelado e dois copos.

Brindou e festejou alegremente, da maneira encantadora que possuía. Quando foram para a cama Liz sentia-se à vontade e feliz. Iniciaram uma relação sexual que poderia ter sido perfeita, não fosse Thomas haver bebido demais e perdido o senso de proporção.

Propôs que convidassem uma prostituta, mas vendo os olhos arregalados de Liz, voltou atrás:

— Tudo bem! Você decide se prefere um outro homem!

Liz sentiu que recebia uma bofetada... e acordou, repentinamente! Estava se relacionando com um louco, que a feria e humilhava, mesmo que fosse por pura indiferença e falta de crítica!

Eram assustadoras as idéias que Thomas tinha sobre o que chamava de cumplicidade sexual entre um casal.

E assim, a noite que se iniciara alegremente terminou de forma tensa, Liz evitando chorar e Thomas de mau humor, virado para a parede.

— Estava além de sua capacidade contentá-lo! — concluiu Liz. Fechou-se, perturbada e magoada, por muitos dias, talvez pelo resto da vida que viveu com Thomas.

Era possível que tivesse mesmo uma mentalidade interiorana, como dizia Tom, mas morreria pensando da mesma forma, e indignando-se com o fato de um homem gostar de duas mulheres na cama ou, até pior, que pudesse gostar de ver sua própria mulher sendo possuída por outro!

Naquela noite em que completava quatro anos de casada, lembrou que aceitara abortar um filho para se casar com Thomas! Agora percebia que a relação de ambos fora uma mentira, baseada em sordidez e egoísmo!

Sentiu que desistiria. Não podia e não queria competir com mulheres tão decadentes, que estavam de acordo com a mentalidade de Thomas!

Estando as coisas neste pé, Alice, vendo o desespero da amiga, insistiu para que Liz procurasse orientação com uma certa doutora Ann, uma astróloga por quem nutria especial admiração.

Segundo Alice, era possível avaliar cientificamente, através da astrologia, **se e como** um casal poderia viver junto.

Liz tentara de todas as formas possíveis contornar situações profundamente dolorosas e realmente tinha perdido a fé e o desejo de permanecer com Tom, mas... não custava tentar algo mais!

A doutora Ann realizou a comparação entre os mapas natais de Thomas e Liz, e suas palavras sobre o temperamento de Thomas eram tão verdadeiras que Liz ficou vivamente impressionada.

— Este homem só busca excitação! — disse a doutora. Realmente, Thomas não sabia renovar no amor sempre velho, a emoção sempre nova, como dizia Menotti.

— Enquanto você é uma pessoa tradicional. — continuou a doutora. — Sente-se dominada na relação com ele, é o que parece... como se um poder magnético a mantivesse atada, sua auto-estima sendo sugada por ele, indo embora pelo ralo...

Liz teve desejos de chorar nos braços daquela mulher, tão compreensiva e sábia!

— Entre vocês parece haver uma relação familiar, algo como se você se comportasse como mãe dele! — E rindo: — Não sei até que ponto este papel lhe serve!

— Não serve! — disse Liz — Tenho ciúmes horríveis, porque ele sempre teve outras! Não consigo me conformar de ser, como na época de minha mãe, uma espécie de repouso do guerreiro, entre um combate e outro, entre uma mulher e a próxima! Sinto-me como um naufrago numa ilha. Estou completamente isolada e à espera de salvação! Não sei como sair desta situação!

— Mas sair é o que deve fazer! Quando estiver preparada, é claro! Thomas me lembra um herói grego de nome Jasão. Se você conhece a tragédia de Sófocles não vá se transformar em Medéia, suicidando-se no final, ainda que simbolicamente, porque foi abandonada!

A doutora Ann contou a Liz a história a que se referia, e aconselhou:

— As mulheres que gostam deste tipo de homem acabam destituídas de todo seu amor próprio! Seu futuro é envelhecer depressa, sozinhas, obesas e deprimidas! Não há destino pior!

Liz sentiu que seus olhos estavam cheios de lágrimas, para variar, e tentou disfarçar.

Quando a doutora Ann voltou a falar com sua voz alta e cristalina, seu tom era de apoio:

— Vejo seu mapa astral Liz, e digo-lhe, não chore! Você é um Anjo de Luz! E a Luz por vezes vence a escuridão e a sombra. Mas nem sempre, minha filha, nem sempre... Você é límpida e clara! É como se fosse o reduto da civilização, entregue à barbárie! Sua história é a história da luz que as sombras sempre almejam tomar!

A doutora suspirou profundamente, e com a voz tênue e baixa, completou:

— Principalmente neste final de século... mas, enfim, lute e salve-se, minha filha!

Liz tremia, ao perguntar:

— O que devo fazer, doutora Ann?

A mulher sorriu:

— Fui psicóloga, em minha terra, a Alemanha. Descobri que cada um descobre sua própria cura. Abra seus olhos e ouvidos... e quando você estiver pronta a aprender, aprenderá. Como diz o provérbio, quando o aluno está pronto o mestre aparece. Já vivi momentos de sombra universal, e até diante deles aprendi. Há coisas piores, querida, tenha calma.

Liz sentia-se muito mal, e duvidava que houvesse angústia pior que aquela.

— Reflita com calma... a decisão virá por si mesma! Seu conflito situa-se entre a razão e o instinto! Você e Thomas são como dois mitos, um representando o princípio claro e outro o escuro, Deus e Satã, se preferir, consciente e inconsciente! Os dois são forças importantes, agindo ciclicamente, como o dia e a noite.

Liz escutava como se as trombetas celestiais estivessem soando, fazendo revelações apocalípticas, que ela não entendia.

Estava muito apegada aos detalhes humanos para apreciar tão vasta filosofia.

Sentia dor pelos anos passados, tentando unir tais princípios opostos, e pelos anos futuros que representavam um mergulho na escuridão.

Pensar que mantivera as aparências, na esperança de que, portando-se de maneira doce geraria doçura, ou de que agindo com normalidade a normalidade se estabeleceria!

Quantas vezes escrevera aos pais dizendo que era feliz, mas na realidade, além de enganá-los, enganara-se a si mesma.

Traí a mim mesma. Fiz um aborto para Thomas ficar comigo. A doutora Ann me superestima! A escuridão já venceu a luz. Fui derrotada!

A doutora Ann abraçou Liz com especial carinho, e despedindo-se, desejou-lhe felicidades.

A conversa com a doutora, quase em tom de confissão, do engano e submissão em que baseara sua relação com o marido, ajudou a abalar as estruturas de ferro da gaiola em que Liz se colocara.

Algum tempo depois ela estava achando agradável ser tratada como alguém especial por Cláudio e, quando percebeu que Thomas estava tendo um caso mais fixo que os outros, sentiu alívio por ter aberto seu coração para outra pessoa.

Apesar disso, era difícil tomar a dianteira e dizer adeus... não fossem as fotografias! Elas puxaram o gatilho e Liz percebeu que tinha de sair rápido de cena, pois o homem sádico que Thomas era estava lá retratado.

Pelo visto acertara em seu julgamento, e o pobre Dingo era uma prova disto.

Liz divagava sobre tudo isso, enquanto obturava o dente molar de um paciente.

Pensou, com bom humor cada vez mais raro, que estava se tornando a dentista de menos conversa de São Paulo, tantas eram as reminiscências que nestes últimos tempos lhe absorviam a mente, que funcionava como um turbilhão.

Armou um cordial sorriso de despedida e acompanhou o cliente até a saída.

Necessitava um café quente e um intervalo. Felizmente seu próximo paciente estava atrasado.

Atravessou o pequeno jardim que separava seu consultório da copa, dispensou que a atendente lhe servisse e preparou para si um café instantâneo, gozando o momento de solidão. Deixou-se ficar absorta apenas no pequeno retângulo da janela, enquanto a água fervia na panela, observando a árvore frondosa cujos galhos estiravam-se em direção ao muro, parecendo buscar o céu.

Depois sorveu lentamente a xícara de café, sentindo uma onda de conforto e paz. Tudo na clínica era harmonioso e iluminado!

Imediatamente, como que um espírito destrutivo lembrou-a do Dr. Ramos, assistente de Cláudio. Era a única coisa a destoar ali... mas era um simples detalhe!

Que pena ter conhecido Cláudio quando já estava casada com Thomas! Teria sido tão bom ter constituído um lar com a pessoa certa, tido filhos, vivido felizes para sempre, para alegria e despreocupação de seus pais. Mas não adiantava chorar pelo leite derramado!

Tinha se afastado tanto dos pais por causa de Thomas! Quando os visitava em Sorocaba, ele nunca a acompanhava. Sugeria-lhe desculpas: dissesse que estava muito ocupado com estudos e trabalho, que uma enxaqueca o atacara, justo no dia de viajarem, etc...

Liz acabava evitando ir, para não aparecer sozinha. E também para não deixar Thomas muito à vontade...

Uma vez, ele propusera que convidassem os pais dela e sua irmã mais nova para o Natal. Liz ficou radiante! Thomas fez tudo para agradá-la, inicialmente. Num ato heróico saiu para comprar uma árvore de Natal, que os dois montaram com pinhas, colocando aqui e ali chumaços de algodão. Compraram luzes natalinas e Liz montou o cenário perfeito para a família que sonhava reunir. Faltavam crianças, mas... um dia viriam...

Na véspera de Natal, antes da ceia, Thomas saiu, alegando que esquecera de comprar gim. Pois ele só apareceu na manhã seguinte! Não disse uma palavra para justificar-se, enfiando-se no quarto. Caiu na cama e dormiu.

Liz tinha chorado a noite inteira após a ceia, vendo sua família indignada com a atitude de Thomas, que destruiu totalmente a festa.

Seus pais foram embora preocupados com ela. Quanto a Thomas, só acordou de noite. Tentou abraçá-la, desculpendo-se de maneira esfarrapada:

— Não fico à vontade com sua família, Liz... Perdão, se a frustrei! Acho que não fico à vontade com família alguma, pois nunca soube o que este termo significava!

Liz acabou perdendo, mas aquela foi a última tentativa de aproximação entre seus pais e Thomas.

Agora, chegara o momento de comunicar a eles sua separação. Com certeza eles não a lamentariam!

Quando tivesse terminado aquele triste capítulo de sua vida, o futuro seria risonho e eles ficariam muito mais felizes.

zes, tinha certeza! Liz terminou seu café e dirigiu-se à sala de espera, para perguntar à Myrtes se Cláudio tinha algum intervalo durante a tarde. Sentia uma súbita necessidade de abraçá-lo, nem que fosse por um momento.

Cumprimentou com a cabeça as pacientes que aguardavam na sala de espera, sempre lotada.

Myrtes prometeu entrar em contato pelo interfone, assim que ele pudesse falar com ela.

Mas o cliente de Liz havia chegado, e ela não podia aguardar. Dirigiu-se de volta à sua sala de atendimento, sentindo-se de repente insuportavelmente só.

Já era noite, quando Cláudio foi a seu encontro.

— Que dia! — resmungou ele, beijando-a no rosto. Embora estivessem cansados, saíram para jantar.

Beberam uma garrafa de vinho juntos e, através da cáliba energia que trocavam, Liz sentiu-se confortada e as pesadas nuvens de tristeza se dissiparam.

Voltaram juntos para a Clínica, cumprimentaram Gaspar, o guarda da noite, Liz observando um grande cão rodeando a clínica :

— Veja, Cláudio, o cachorro parece que quer alguma coisa por aqui!

— Deve estar perdido.

Liz teve receio de ser atacada pelo cão. Mas quando desceram do carro já não o viram mais. Fecharam a porta atrás de si e amaram-se longamente, na sala onde Liz fizera provisoriamente seu dormitório.

Com Cláudio ela tinha recuperado sua auto estima como mulher. Ser amada por ele equivalia a muitos anos de análise e, com certeza, era mais gratificante! Conseguia soltar-se, dizer qualquer coisa que pensasse! Isto é, **quase** qualquer coisa!

Naquela noite ela tinha feito uma observação sobre o fato de o Dr. Ramos quase não atender pacientes. Seguiu-se um silêncio constrangido e ela sentiu que tocara em algum ponto vulnerável.

— Ele é mais um pesquisador que um clínico, querida.

Cláudio ficou tenso e novamente a inquietude, como uma sombra conhecida e triste, escureceu o espírito de Liz.

Dava impressão que Cláudio não ficava à vontade para falar sobre o Dr. Ramos, pessoa com quem Liz não simpaticizava. Este sentimento, aliás, era mútuo.

Liz tinha calafrios ao pensar no doutor Ramos como médico ginecologista. Ser paciente dele devia ser repulsivo! Cabelos grisalhos, barba e bigode idem, óculos de aros pesados, tufo de pelos saindo das falanges dos dedos. Tudo dava uma aparência de coisa mofada e sem ventilação. Era tão fechado que devia usar barba para ocultar a face!

Cláudio no entanto sempre dizia:

— Ele é mais que um clínico, é um verdadeiro gênio em pesquisa!

E justificava a atitude um tanto esquiva do Dr. Ramos para com ela, dizendo que tivera uma rusga com o colega, por alugar os fundos da clínica para as duas amigas.

— Mas, como você era linda... o Ramos foi voto vencido. — terminou Cláudio, beijando-a na ponta do nariz.

Cláudio era um homem adorável e sabia dizer a coisa certa na hora certa!

Liz resolveu policiar suas inseguranças, fruto de uma fase difícil.

## CAPÍTULO 16

Thomas estava exausto no final do sábado! Que trabalhadeira!

Desde a manhã, quando passara momentos desagradáveis junto aos vizinhos, fora um suceder de atividades desgastantes. Vasculhara os jornais, em busca de seus próprios e hipotéticos atos criminosos, sem nada concluir, e para completar fizera a faxina da casa, até ficar tão cansado e impaciente que acabara jogando quase tudo fora.

A única coisa positiva, naquele dia, é que ele tinha chegado ao seu final! Eram sete horas da noite: hora de um drinque!

Sabia que deveria se alimentar, mas nada lhe apetecia. Preparou seu gim e sorveu-o como um remédio.

Andava fugindo de Cláudia, bem o sabia. Tudo porque temia um episódio de impotência!

Percebia que seu corpo não reagia aos estímulos físicos que sempre o excitaram. Parecia maldição!

Passara vergonha com a prostituta, coisa que nunca sucedera. E mesmo agora não sentia desejo sexual algum, o que era muito estranho... Sentia-se inseguro e desprestigiado depois dos últimos acontecimentos. Necessitava de um bálsamo para sua dor. Dor de corno, era bom admitir! — pensou com raiva.

O gim fez seu papel. Sentiu na garganta e no peito que a opressão deu lugar a uma sensação de expansão e alívio.

Entrou no banho, munido do aparelho de barba.

Quem sabe, sairia totalmente refeito, a musculatura relaxada, após o cansaço do dia.

Deveria sentir-se feliz e liberto, afinal estava livre de seu cativo Liz. Mas nada parecia dar-lhe ânimo...

Saiu do chuveiro, o banheiro cheio de vapor. Abriu a porta para o dormitório e então viu Carlos sentado em sua cama, meio recostado e fumando uma cigarrilha escura.

Assustou-se, firmando a toalha na cintura, num gesto instintivo de proteção.

— O que está fazendo aqui, Carlos?

— Que eu saiba Carlos não fuma cigarrilhas! — respondeu a figura, rindo soturnamente.

— Não te chamei! Por que me persegues ?

O outro fez um breve muxoxo.

— És mesmo tolo! Tenho muito a fazer, e coisas muito mais importantes que tua pequena maldade e interessam-me muito mais! Pense a nível coletivo, meu rapaz! Erga teus olhos para além de teu umbigo! Achas que o Príncipe das Trevas tem tempo a perder contigo?

— Para que vens a mim, então, se sou de pouca monta? — perguntou Thomas, com ar arguto.

— Soubeste chamar-me com maestria: “Tem piedade ó Satã de minha atroz miséria!” Confesso que ninguém me dedicou litania tão bela!

— Estás aqui porque aprecias versos? Faz-me rir, um demônio tão romântico! De qualquer forma não são de minha autoria, deverias sabê-lo, como Príncipe das Trevas!

— O aluno aprende do mestre que admira... e faz suas as palavras dele. Mas já suspeitava que não fosses capaz de tal proeza... Uma alma mais erudita me passou desapercibida, uma pena! Nos dias de hoje há tantas importância em jogo que não se pode cuidar de todo rebanho!

— Mas a que vens, afinal? Não te ofendas, mas não gosto de visitas inesperadas e sem motivo... Se queres obter controle sobre minha alma... desista! Sou um homem livre e grande apreciador da solidão!

— Vejo que não conheces a ti mesmo! Não consegues estar só, não o percebes? Além disso, Deus fez o homem e disse que não era bom que ficasse só, conheces as Escrituras? Precisas mais de tua mulher do que o admites, e mais de mim que eu de ti!

— Que mania tens de falar na segunda pessoa! E que ar de segurança! Importas-te se te pedir que proves o que dizes? Não percebo em que possas me ser necessário!...

— Respondendo por partes: abandonei minha capa vermelha, o rabo e a segunda pessoa do plural pela segunda do singular, mais informal, para me adaptar aos novos tempos. Mais, não quero fazer! Queres saber por que necessitas de mim? Pois bem: estou aqui para permitir teu desenvolvimento, está claro!

— Estou cansado de enigmas e simbolismos! Não confio em ti! Tenho guardados dois recortes de jornal que relatam crimes brutais contra mulheres jovens da redondeza... Um deles, se bem me lembro, aconteceu na mesma noite de tua primeira visita... Serás, por acaso, responsável por eles?

Carlos se levantou, atirando o resto da cigarrilha pela janela.

— Os homens culpam Satã para eximir-se de suas responsabilidades!

— Não sofismes! Intrigou-me o fato de uma jovem ter sido parcialmente devorada por um cão, depois de morta. E és muito afeito à imagem do cão, quando te disfarças...

— Por quem me tomas, por devorador de cadáveres? Parece que não entendes que estou muito distante do mundo físico! E ainda mais distante de me alimentar de matéria decomposta, como o fazem os humanos, aliás! O corpo que visto é apenas um meio e não um fim. Tenho predileção por algumas formas, é verdade, mas são meros instrumentos de minha alma.

— E possuis alma, por acaso? — Thomas perguntou em tom sarcástico.

— É claro, imbecil! É **só** o que possuo! Uma alma poderosa.

— O inferno deve estar cheio delas!

— Poupe-me de suas bobagens! Não sabes o que dizes! Sonhaste comigo diversas vezes, saímos para caçar juntos. Em sonhos eróticos assassinaste tua mulher. Conheces a semelhança entre o prazer e o sofrimento. Não és portanto um santo!

— Um homem não é responsável pelos seus sonhos!

— É bem verdade... Homens honestos fazem em sonhos o que os outros realizam acordados, dizia Freud...

— Então, como vêes, não podes me culpar por ter pesadelos! Não tenho culpa, nem diante de Deus, nem dos homens e nem da psicanálise!

— Estás absoldido! — O Diabo fez majestosamente uma garatuja no ar, imitando com escárnio uma bênção, que terminou com um gesto obsceno...

— Ao invés de me aliviarestes... me inquietas! — lamentou-se Thomas. — É melhor que te vás! Espero nunca mais ouvir esta tua antiquada e peculiar maneira de falar, e... espero que me esqueças!

Sem nenhum embaraço, o Ser gerou sobre si uma bola de fogo que o engoliu, até que nada sobrasse.

Thomas se aproximou do lugar onde estivera a figura e apanhou as cinzas da cigarrilha caídas no chão. Recolheu-as e guardou-as dentro de um pedaço de papel que dobrou. Era uma espécie de prova, para si mesmo, de que não estava delirando. Que aventura estranha! Contando, ninguém acreditaria!

Deitou-se, ainda impressionado, na cama que recebera a fantástica figura. Começou a sentir um grande torpor e adormeceu, meio despido.

Acordou assustado, tempos depois. Olhou à sua volta e sentou-se ainda tonto, sem saber bem o que havia ocorrido. Acendeu o abajur, trêmulo.

Viu então o estilete sobre o criado mudo. Era um tipo de estilete usado para ajudar na dissecação de animais... O que estaria fazendo ali? Não se recordava de havê-lo trazido para casa!

Estava sujo... parecia sangue seco... Limpou-o no banheiro, com água e um pedaço de papel higiênico. Depois guardou-o na gaveta do criado mudo.

Sentia-se encalorado e sem ar. Enxugou o suor com a toalha, vestiu a calça do pijama e desceu à cozinha em busca de água gelada.

Seus pés descalços tocaram algo granuloso nos degraus da escada. Aproximou-se para ver melhor e apanhou nos dedos um bocado de terra.

Observou os degraus e notou que alguém subira a escada com os pés sujos de barro. As pegadas eram mais nítidas à medida que se aproximava da cozinha. A janela so-

bre a pia, que estava emperrada há tempo, estava escancarada e o ar frio da noite soprava em seu rosto quente. Alguém a abrira e entrara em sua casa! Referia-se a alguém físico e não a um fantasma!

Armou-se com uma garrafa vazia, pronto a partir para cima de quem quer que fosse.

Andou pela sala lentamente e, em suspense, acendeu as luzes.

Abriu de rompante, os olhos arregalados, o pequeno armário sob a escada, usado como dispensa. Estava vazio. O cheiro de bolor feriu suas narinas.

Subiu as escadas novamente, à procura de algum vestígio. Nada.

A carteira com dinheiro, talão de cheque e cartão de crédito estava à vista e nada havia desaparecido. Seria possível que “Carlos” deixasse vestígios físicos, pegadas, como um humilde mortal, mesmo se desfazendo aparentemente em fumaça?

Procurou o revólver sem balas que guardava no fundo do criado mudo. Lá estava ele, inútil e intocado.

Ao tentar fechar a gaveta percebeu que esta não se fechava até o final. O fundo falso onde guardara as fotografias de Cláudia estava deslocado. Não importa, pensou, agora não precisaria esconder mais nada de Liz. O fundo falso perdera sua serventia.

Pensou em chamar a polícia, mas teve receio de fazer um papel ridículo, uma vez que não dera falta de nada.

É verdade que poderia pedir que verificassem o jardim, descobrissem pistas, afinal estavam acostumados com este tipo de coisa!

Se demorasse tanto tempo para se decidir o marginal já estaria bem longe. Se é que existia algum! Não confiava em mais nada e tinha impressão de que andava sobre o fio da navalha. Tudo poderia ser usado contra ele...

E no entanto nada fizera além de conversar com um ser imaginário que o arrepiava e dormir em seguida, como que em estado letárgico. Por que se sentia tão ameaçado?

A mágica aparição do estilete sujo de sangue era inquietante! Precisava devolvê-lo ao Departamento, logo na segunda-feira. Por enquanto era melhor deixá-lo bem escondido!

Discou para a polícia, afinal, e ficou aguardando por uma viatura por tanto tempo que pensou em suspender o pedido e ir dormir.

O relógio marcava uma hora e dez da manhã quando os policiais finalmente bateram à porta.

Eram dois homens, e logo um deles começou a dar a volta pela casa enquanto o outro ouvia sua história.

— Desapareceu alguma coisa?

— Nada, aparentemente. Acho que descobri a tempo a presença de alguém. Ele deve ter fugido pela janela. Ou andado por aqui e visto que não havia nada para roubar...

— Pode ser... Vimos marcas de pés abaixo da janela... O senhor não teria, por acaso, subido as escadas com os pés sujos? Não me leve a mal, mas não há sinal algum de sua casa ter sido violada. Nada foi roubado, não houve fechaduras forçadas e quanto à janela da cozinha, ela pode ter sido esquecida aberta... Enfim, achamos que está tudo na mais perfeita ordem.

Thomas ficou possesso, e estava impotente ante a chamada “autoridade”! *Está bem, podem ir, sou um cidadão inoportuno para perturbar seu sossego!*

Um dos policiais, ao sair, aproximou a mão do capô de seu carro e perguntou:

— Saiu com o Gol?

— Não, respondeu Thomas. Fiquei em casa o dia inteiro.

— Engraçado, o motor está quente...

Os dois policiais se entreolharam e saíram.

O motor do carro estava efetivamente quente, embora o automóvel estivesse trancado e a chave em seu devido lugar, isto é sobre a mesa do telefone! Quantos mistérios! Thomas não sabia mais o que pensar. Além disso, qual espécie de ajuda a polícia pode oferecer a um cidadão que paga seus impostos? Afinal, cabia a eles averiguar fatos, deslindar mistérios! Mas isto, só nos romances policiais...

Preparou um drinque e bebeu-o de um só gole. Na realidade eram balelas tudo o que a sociedade inventara para dar-nos a ilusão de proteção: leis, valores, religião, família, tudo um monte de lixo e de aparência, defendidas por um exército de tolos, incompetentes ou interesseiros!

Os marginais, os ladrões, os assassinos eram mais espartos: *Na selva da cidade quem não ataca morre primeiro! Regra de ouro, essa!*

Gostou de seu pensamento... muito original e brilhante. O Diabo o apreciaria, sem dúvida!

O que insinuaram aqueles policiais cretinos? Que ele mesmo poderia ter pulado a janela, subido as escadas de pés sujos, para depois esquecer-se de tudo e chamar a polícia? Descarados! Só rindo, mesmo!

Na manhã seguinte, Thomas acordou com o telefone tocando como um sino a martelar sua dolorida ressaca.

Era a polícia, mas o assunto a tratar nada tinha a ver com seu chamado na noite anterior.

O delegado Alberto Montini queria saber se ele era marido de Lisa Maria Demondieu.

Thomas explicou que sim, reticente, completando que estavam em vias de se separar.

— Há quanto tempo não a vê? — perguntou o delegado.

— Há alguns dias... mas, o que houve?

— Ela está morta. Foi assassinada esta madrugada.

Thomas sentiu como um soco no peito!

Queriu detalhes mas o delegado interrompeu-o veementemente.

— Não posso dar detalhes, senhor! Mas peço que venha à delegacia prestar depoimento hoje às quatorze horas, de acordo?

— Mas, onde ela está?

— O corpo ainda se encontra na Clínica onde foi morta. A polícia deve liberá-lo para o medico legista dentro de duas horas.

Thomas tremia da cabeça aos pés. As desgraças não paravam de acontecer!

Desde que Liz saíra de casa as coisas pareciam ter saído totalmente do controle.

## CAPÍTULO 17

Algo imenso e apavorante pairava sobre a vida de Thomas, ele o sentia. Não tinha descanso: a cada dia um aborrecimento, um drama, uma perda!

Sua vida parecia um navio à deriva, fazendo água. O naufrágio era iminente e a tempestade recrudescia em força, levando-o à exaustão e à sensação de impotência total.

Tinha medo de ser engolfado nesta trama apertada que se criava em torno de si, e o pavor de algo ilógico e primitivo revolvía sua mente.

Sentia-se sufocar naquela casa onde quase se apalparam os fluidos malfazejos. A necessidade de ar fresco levou-o ao jardim, recebendo na face a fria aragem que vinha do mato, o ar que Liz não mais respiraria. Estremeceu.

Dirigiu-se ao local onde havia enterrado Dingo. Estaria lá ainda, ou por algum sortilégio se transportara para o corpo morto de Liz? Sentiu vontade de cavar e cavar, verificar o que encontraria sob a terra! A cabeça começou a doer.

Como esquecer tantos e tormentosos eventos? A cova de Dingo era uma espécie de marco zero. “Do pó viestes e ao pó voltarás”, recitou mentalmente.

Não viu sentido na existência, repleta de padecimentos incontáveis e poucas alegrias, até cumprir seu tempo, caminhar para o terrível envelhecimento e para a aniquilação, o pó. Se houvesse alguma forma de reverter tão doloroso processo!

Sentindo-se uma noz perdida no oceano, encerrou sua meditação deprimido.

Tomou um banho apressado e dirigiu-se à delegacia.

Ligou o rádio do carro em busca de notícias sobre a morte de Liz. Mas era coisa muito recente. Ainda não se falava no assunto.

Gostaria de saber o que sucedera! Talvez a Clínica tivesse sido assaltada e Liz violentada e morta. Ou seu namorado não era o bom rapaz que parecia....

Quanto a ele, Thomas, nada tinha a temer, visto que estivera em casa o tempo todo na noite passada, caçando fantasmas, pelo menos no entender dos policiais que o atenderam.

O delegado Alberto Montini o recebeu com ar circunspeto. Era um homem corpulento e acima de seu peso. A aliança na mão esquerda comprimia seu dedo gordo. As mãos pareciam estufadas de banha e líquidos retidos, consequência provável dos miasmas de delegacia.

Comportava-se com o maço de cigarros como Thomas diante de uma bebida: vorazmente.

Cara de poucos amigos, parecendo à beira de uma estafa, logo pediu a identificação de Thomas, pedindo que este relatasse tudo que sabia .

Se o delegado queria informações, Thomas também tentou obter algumas respostas sobre o sucedido.

— O resultado da autópsia ainda não chegou, mas ela foi morta na clínica. Ela andava dormindo lá, não é?

— Não sei ao certo... estamos, ou melhor estávamos, nos separando...

— Foi encontrada com o pescoço quebrado e a nuca perfurada por um objeto pontiagudo, um instrumento cirúrgico, provavelmente. Não sabemos qual terá sido a causa da morte até que chegue o laudo do legista.

Thomas não respondia mais do que lhe perguntavam., e suas palavras eram datilografadas pelo escrivão. ***O estilete***

Se eram um casal que brigava? De forma alguma, tudo sempre fora decidido de comum acordo, até a separação. Se tinha sido infiel a Liz? Um pouco acuado, Thomas respondeu que sim, dera algumas escapadas da rotina, coisa sem importância...

— Tem idéia sobre quem poderia desejar a morte dela?

— Ninguém, que eu saiba. — respondeu Thomas. — Liz nunca fez mal a ninguém. Era uma pessoa absolutamente inofensiva!

— Ela não poderia estar lhe escondendo alguma coisa? Sua atitude não estava mudada, ultimamente?

Thomas sentiu-se ruborizar. Será que o delegado sabia a boa bisca que era a esposa? De que ela o andava enganando? Mas... não convinha falar mal dela....

— Acho que Liz estava mais nervosa, realmente... — concedeu Thomas. — Tanto que pediu a separação de forma muito repentina!

— Que motivo alegou? — perguntou o delegado.

— Disse que não queria mais viver comigo porque recebera um telefonema anônimo informando que eu a traía! Nem quis conversar. Apenas partiu. Foi embora, simplesmente, parecendo muito decidida. Deixou-me totalmente sem ação!

— E era verdade que a traía?

— Sim, eu andava saindo com uma moça... Mas, suspeito que Liz se aproveitou do fato, para sair de casa e ainda ficar no papel de vítima.

— Bem, dadas as circunstâncias, se alguém saiu como vítima foi mesmo ela! — comentou o delegado sarcasticamente.

— Sim, é verdade, sob o ponto de vista de ter sido assassinada... É verdade... Mas o que quero dizer é que ela também tinha um amante, um colega seu de consultório, o Dr. Cláudio.

— E o senhor tinha conhecimento deste envolvimento?

— Fiquei sabendo só depois que ela partiu. Fui ao consultório dela acertar uns detalhes e a vi saindo com ele. Fiquei curioso e os segui até a Avenida Nove de Julho, onde ele mora. Entraram juntos.

*Que seja minuciosamente interrogado, aquele esnobe!*

— E como se sentiu, quando tomou consciência do fato?

— Não sou homem de ressentimentos. Voltei para casa, pensando que Liz poderia ter sido sincera comigo, e eu teria entendido. Éramos adultos e suficientemente amigos para que eu pudesse compreender seu envolvimento com outra pessoa. Mas de repente... ela é assassinada! Muito chocante, isso tudo!

— O senhor então não sentiu ressentimento algum, ao saber-se enganado?

— Decididamente não! Minha esposa e eu já não tínha-

mos vida em comum há certo tempo, declarou Thomas em tom displicente.

— E quanto a essa pessoa com quem o senhor tem saído ultimamente?

— Nada a declarar. Não vejo como ela poderá auxiliar nas investigações.

O delegado calou-se, balançando nervosamente a perna direita, cruzada sobre a esquerda, o que num homem um tanto gordo chega a ser dificultoso.

— Está dispensado por hoje, mas fique disponível... Obrigado, senhor...

Thomas ergueu-se, carregando o peso do mundo, enquanto o delegado atirava-lhe uma última pergunta:

— Por sinal, onde estava o senhor na noite passada, entre as vinte horas e as cinco da manhã de hoje?

A resposta seria longa, pensou Thomas, que desanimadamente tornou a sentar-se, sentindo que aquele questionário jamais terminaria e que a cada resposta que desse surgiriam mais cem perguntas. O interrogatório ia crescer como um câncer. Apertou as mãos, contendo a ansiedade.

— Estava em minha casa dormindo. Em torno das dez horas da noite acordei e desci as escadas para ir à cozinha. Havia pegadas de terra na escada. Verifiquei que a janela da cozinha estava aberta, sendo que ela estava emperrada e há seis meses ninguém conseguia abri-la. Chamei a polícia, mas os guardas não encontraram ninguém. Nada foi roubado, tampouco. Esta epopéia durou quase até as cinco horas da manhã.

— Bastante curioso! — disse o delegado Alberto. — E antes de chamar a polícia, onde o senhor se encontrava?

— Em casa, dormindo, conforme lhe disse.

— Uma última pergunta, senhor, e estará dispensado! Quando viu a vítima pela última vez?

— Creio que foi segunda-feira da última semana. Ela tinha ido em casa buscar seus objetos pessoais. Estava acompanhada de uma mulher grandalhona que a ajudou a carregar tudo que podia. A caminhonete que usavam saiu abarrotada. Fizeram uma limpeza completa, com meu consentimento, aliás. Não sou ligado a bens materiais.

**O que importa é a alma!**

**E tu tens alma?**

**É tudo que tenho!**

— Tem parentes, senhor Thomas?

— Só tenho alma!

Dando-se conta do que dissera, remendou:

— Em que esta resposta pode deslindar o caso, senhor? Meu pai mora em Brasília, mas não o vejo há muito tempo.

Tu te desembaraças das situações com teu poder de sumir, virar vento e fumaça, estar onde quiser e quando quiser, inclusive dentro da mente das pessoas!

Thomas não conseguia se concentrar. O delegado fizera uma pergunta e aguardava que ele respondesse. Sua mente mergulhava no vácuo, no estado onírico onde as imagens encadeiam-se umas nas outras, tênues e sutis, como que vestidas de gaze. Como precisava de um drinque!

Numa tentativa de agarrar-se a alguma realidade, Thomas perguntou:

— E os pais de Liz, foram avisados?

— Sim, ambos acabaram de chegar junto com a irmã de Lisa, e já realizaram a identificação do cadáver.

— Coitados! Mesmo um acidente fatal é mais fácil de assimilar do que um estupro seguido de morte.

O delegado parou sobre o que escutara, atento:

— Não revelei ao senhor que Liz foi estuprada.

***Como não, senhor, pois esta foi a primeira informação que o senhor me forneceu, ainda por telefone!***

— Como não, senhor, pois esta foi a primeira informação que o senhor me forneceu, ainda por telefone!

A pronta e espontânea resposta de Thomas deixou o delegado confuso. Não se lembrava de haver comentado sobre o estupro. Isto o deixou incomodado e indeciso. Engoliu dois comprimidos de antiácido.

O depoimento de Thomas Demondieu deixou na mente do delegado Alberto Montini uma impressão incômoda e indefinida.

Quanto a Thomas, caminhava para fora da delegacia, quando avistou os pais de Liz, um amparando-se no outro.

Era preferível fingir que não os vira! O que poderia dizer? Meus pêsames? Que situação desagradável!

Automaticamente, no entanto, caminhou em direção a eles, como se houvesse um imã.

Pararam frente a frente, Thomas meio sem jeito, os dois velhos com olhos vermelhos.

— Sinto muito. Não sei o que dizer, não há nada que se possa dizer nestas horas!

A mãe de Liz começou a chorar:

— Você viveu com ela todos estes anos! O que pode ter ocorrido? Ela não merecia isto, era tão esforçada, tão doce, tão valente!

— Íamos nos separar, não sei se vocês já sabiam, mas lamento profundamente o ocorrido.

— Sim, Liz escreveu há poucos dias relatando seus planos para o futuro. — disse a mãe.

Era melhor se despedir o quanto antes, pensou Thomas, sentindo certa animosidade. Não queria se arriscar a dizer o que pensava de Liz e de seus planos futuros!

## CAPÍTULO 18

Na dia seguinte os jornais noticiaram o assassinato de Liz em destaque. Thomas recortava as notícias minuciosamente.

“A dentista Lisa Maria Demondieu, casada, 29 anos, foi encontrada morta na Clínica Gênese à Avenida Brasil nº 1600 na manhã de ontem, pela secretária da clínica, Myrtes Gonçalves.

O corpo estava semi-despido, apresentando marcas de perfuração na região occipital, além de fratura do pescoço.

O perito policial responsável pelo caso, declarou que a vítima havia sido torturada e estuprada antes de morrer. Marcas de dentes foram encontradas nos seios e nádegas da vítima.

O arma usada na perfuração occipital do crânio não foi encontrada. O delegado Alberto Montini levanta a possibilidade de que o assassino tenha feito uso de algum instrumento cirúrgico da própria clínica.

Na noite do crime, o proprietário da Clínica Gênese, o médico Dr. Cláudio Barcelos, encontrava-se desde as 19 horas em cirurgia de emergência, vindo a tomar conhecimento do sucedido somente na manhã seguinte.

Lisa era casada com Thomas Righi Demondieu, mas estavam em processo de separação, sendo que a vítima morava provisoriamente na própria clínica onde trabalhava.

O marido prestou declarações à polícia, afirmando que se encontrava em sua residência na noite do crime, no

Condomínio Raposo Tavares, situado na rodovia do mesmo nome, onde permaneceu a noite inteira.

O vigia da Clínica, Sr. Gaspar Gonçalves, 35 anos, declarou haver escutado diversos ruídos vindos do interior da mesma, por volta das 20 horas e 30 minutos, mas não estranhou, visto que a dra. Lisa e o dr. Cláudio costumavam lá permanecer até bem tarde da noite. De qualquer forma, não quis intervir, para não causar constrangimento aos patrões.

Ainda, de acordo com seu depoimento, durante toda a noite ninguém saiu da clínica.

A polícia está verificando o depoimento do senhor Gaspar, a testemunha mais importante, até o momento.

O segurança iniciou seu turno às 19.30 horas, momento no qual a Clínica costuma encontrar-se praticamente vazia. A secretária Myrtes Gonçalves, 35 anos, foi, como de hábito, a última a sair. Foi ela também que encontrou o corpo na manhã seguinte, quando regressou à clínica para apanhar alguns papéis.

Joaquim Pereira dos Santos, 28 anos, o segurança diurno, declarou não haver observado qualquer movimento suspeito no dia anterior, a Clínica exibindo a habitual falta de movimento de todos os sábados, onde somente emergências são atendidas.

A família de Lisa veio de Sorocaba para o enterro, e o delegado Alberto Montini deve escutá-los ainda hoje”

Um jornal sensacionalista publicou a seguinte manchete, ao lado da foto de Liz: *“Dentista morta após orgia sexual.”*

— É um prato cheio — pensou Thomas, que devorava as notícias.

Procurou pela caixa de balas calibre 32, guardadas no armário, e carregou seu revólver.

Se **ele** viesse visitá-lo... seria recebido a balas!

Arrumou-se sobriamente para ir trabalhar. Atrasou-se muito mais do que previra, mas tinha certeza de que todos concordariam que possuía carradas de razão para tal! Não é todo dia que se tem uma esposa assassinada!

Tentou concentrar-se no trabalho, mas o ambiente no Departamento estava insuportável.

Carlos evitou-o, conseqüência de suas perguntas capciosas dos últimos dias, quando queria a todo momento testá-lo.

O pessoal parecia ter fobia de pessoas envolvidas em assassinatos! Algumas pessoas o olhavam com curiosidade indiscreta, outros com rejeição e constrangimento.

O chefe do Departamento, seu velho colega de faculdade, Paulo Martins, chamou-o em seu gabinete.

— Meu amigo Thomas, que barbaridade! Aceite nossos pêsames! Meus e de todo Departamento!

— Obrigado, Paulo!

— Espero que você consiga superar este momento... e que a polícia logo descubra o autor deste crime hediondo!

— Obrigado! Estou vivendo uma fase terrível! Já estava difícil, porque eu e Liz estávamos nos separando, e agora ainda este agravante, um assassinato, imagine! Interrogatórios impertinentes, policiais frios e com cara de bandidos, sabe lá pelo que vou passar ainda!

Paulo balançava a cabeça em tom pesaroso e compreensivo.

— Se você quiser antecipar suas férias não há problemas, acho plenamente justificável! — adiantou ele.

— Que bom você ter tocado neste assunto, Paulo! Estive pensando nisso. Embora o trabalho me ajude a manter a cabeça ocupada, creio que preciso de um pouco de tempo livre para ajeitar minha vida. Agradeço a consideração!

— Você merece, Thomas!

O alívio de ambos era enorme, ao se livrarem um do outro.

Paulo Martins ficou pensativo após a despedida. Sempre nutrira uma secreta admiração por seu colega Thomas, desde o tempo em que estudavam na mesma classe. Enquanto este vivia uma vida de estudante abastado e boêmio, faltando muitas vezes às aulas matinais ou comparecendo com ar de uma noite mal dormida e bem aproveitada, sempre namorador e alvo da atenção feminina, ele Paulo era o oposto.

Trabalhava como auxiliar no laboratório da faculdade, para ajudar a custear seus estudos. Nos finais de semana ajudava o pai em serviços de pedreiro. Morava na periferia, indo e voltando em ônibus lotados, muitas vezes pendu-

rado e exausto. Tinha as mãos calosas e envergonhava-se de sua condição social.

Agora a sorte tinha virado! Possuía uma posição estável dentro do Departamento, estava em vias de defender sua tese de doutoramento e tinha certeza que teria algo a acrescentar no imenso universo da Biologia!

Além disso, sua vida afetiva era estável. Amava sua esposa e era um homem feliz, enquanto que Thomas Demon-dieu vivia este pesadelo!

Agradeceu mentalmente por ter uma vida previsível e sentiu alívio por não precisar mais sentir inveja de ninguém!

De volta para casa, Thomas estava leve e animado com as férias. Mais parecia um estudante! A atmosfera pesada desanuviara-se, como por encanto. Estava vivo e não precisaria ir trabalhar por um mês inteiro!

Em meio ao naufrágio, vislumbrava um pedaço de céu azul e uma praia! De repente, depois de muito tempo, sentiu que se salvaria, de algum modo!

Ligou de um telefone público para Cláudia, desenterrada de seu coração por este novo animo vital. Ela devia estar cheia de coisas na cabeça!

— Thomas! — ela quase gritou quando reconheceu sua voz. — Onde está você? Estou tentando localizá-lo o dia todo, depois do que li nos jornais! Que tragédia!

— Quero lhe contar tudo pessoalmente! Mas agora escute: tenho um convite. Vou buscá-la para irmos até minha casa!

— Mas, Thomas, será conveniente? Ainda mais com tudo que aconteceu! Você viu os jornais, não viu?

— Claro que vi! Pensa que estive na lua? Não tenho nada a ver com o assassinato, ora! Afinal, você está livre ou não está?

— Você sabe que sim!

— Espere na esquina, então. Passarei dentro de... uma hora, está bem?

Cláudia sentia-se como atropelada pela força com que Thomas a interpelara. Primeiro havia desaparecido, depois a mulher era assassinada... e finalmente, ele ligava e queria quase que raptá-la!

Entardecia, as primaveras começavam a se encher de flores. Tudo era expectativa de vida nova.

Thomas entrou num supermercado e comprou champagne. Pena que não a vendessem gelada! — pensou.

A seguir se dirigiu ao lugar combinado para apanhar Cláudia.

Lá estava ela, os cabelos brilhando como um resto de sol capturado no final do dia. Ela era bela e o excitava, com as lindas pernas exibidas pela saia curta. Finalmente ele reagia com certa normalidade!

Vieram conversando enquanto se dirigiam à casa dele, e pelo caminho ele contou tudo que sabia, finalizando:

— Não me espantaria se o culpado fosse o amante de Liz!

Cláudia meneou a cabeça:

— Acho que você gostaria que fosse, mas não há provas contra ele. Estava operando, no momento do crime. Além disso, que motivos teria?

— Está do lado dele? — perguntou Thomas, desgostoso com o ar de Cláudia.

— Não é isso... apenas, pensando de forma neutra, acho que foi uma grande sorte alguém ter entrado em sua casa, bem naquela noite, e você ter chamado a polícia! Isto lhe serviu de álibi... senão poderiam suspeitar de você!

— A polícia suspeita de todos! Todos são sempre, em princípio, culpados, até que provem inocência! Eles fazem uma guerra fria. Ousaram insinuar que eu mesmo poderia ter entrado com pés sujos em minha casa, para em seguida chamá-los!

— Mas que coisa! E você não está preocupado? — perguntou Cláudia.

— Quem não deve não teme! Se você acha que o namoradinho de Liz não tem motivos, que motivos teria **eu**?

Ele principiava a irritar-se e Cláudia começou a se arrepender de ter vindo.

Afinal, sobrevivera sem saber **se e quando** veria Thomas novamente! Sofrera e ressentira-se com sua atitude de des-caso, naquele último mês insuportável, desde que sua mulher tinha ido embora. Tentou a cada minuto fortalecer sua mente para aceitar a vida sem ele, acreditando que afinal ele gostava mais da esposa do que supunha. E ago-

ra ele voltava a procurá-la, cheio de problemas que sequer percebia, e ela estava prestes a envolver-se novamente! Algo lhe dizia que não era um bom caminho...

Quando chegaram ao condomínio, Thomas pediu que Cláudia deitasse no banco de trás.

— É melhor, senão podem te ver e usar qualquer coisa como prova contra mim! Vão achar que não é adequado trazer a namorada em casa, logo depois de tudo... você sabe...

— Mas Thomas, eu lhe disse! E quando eu descer do carro? Alguém poderá me ver!

— Vou entrar com o carro na garagem. A seguir abro a porta principal e você sai. Dois passos e já estará dentro de casa! Fique tranqüila.

A casa de Thomas possuía um corredor, onde ele e Liz guardavam seus automóveis.

Thomas entrou e colocou o champanhe no freezer.

— Para quê champanhe? — quis saber Cláudia.

— Surpresa! Vamos comemorar sua primeira visita à minha casa! Não tenho enfeites, a casa parece vazia... mas espero que não se importe! Vamos comemorar também meu primeiro dia de férias!

Correu em direção a Cláudia, abraçou-a e girou com ela no ar, numa atitude excessivamente exuberante e que Cláudia achou descabida. Ela não reagiu com a alegria esperada.

— O que foi agora, Cláudia? — Thomas depositou-a no chão.

Ela se sentou no sofá, e nada respondeu. Retirou de baixo de si um cobertor e alguns jornais que colocou no chão. Observou a manchete de um deles, o que trazia a foto de Liz, morta e semi despida.

— Não a conhecia, Thomas, mas estou mais chocada que você! Não sei como pode estar rindo e pulando, enquanto ela...

— Que absurdo! Não sabe o que passei! Mal dormi para ir comprar logo todos os jornais, informar-me do assunto... Li cada detalhe desta coisa sórdida, logo de manhã! Já me aborreci o suficiente! Depois cheguei ao Departamento...

mento e fui forçado a sair de férias porque meus colegas, meu superior e até quem atende o balcão na lanchonete me olhavam como se eu fosse um animal saído do zoológico!

— Está certo, Thomas. Desculpe!

— Estou tentando reagir, convidando-a para vir até aqui, procurando fugir um pouco deste pesadelo, e você me atira no rosto que sou insensível? O que você quer? Que me suicide?

Cláudia ficou em silêncio, mas depois resolveu amenizar o clima que se criara:

— Talvez você tenha razão. É que estou um pouco impressionada, pois ela viveu aqui, sentou aqui neste sofá... sei lá...

— Está bem... mas... anime-se! Vamos abrir o champanhe e você vai tomar um pouco, mesmo sem gelo. Vamos tentar nos divertir, Cláudia! Da vida nada se leva! Não podemos mais ajudar Liz, afinal. Se ela não tivesse se envolvido com aquele sujeito, nada disso teria acontecido, pense bem! Ela ainda moraria aqui, viva e bem tratada! A única culpada de seu destino foi ela mesma!

Thomas tentava provar que era melhor divertir-se do que não fazê-lo, que a tristeza que sentissem não ajudaria Liz, e que, enfim e principalmente: fora a própria Liz que se aventurara por caminhos sombrios.

Cláudia não gostou da seqüência dos pensamentos de Thomas: *E se ele a tivesse matado por vingança? Mas, com aqueles detalhes pérfidos! Não era possível, meu Deus!*

Ela estremeceu. O champanhe estourou, e a espuma borbulhou abundantemente.

— À vida! — brindou Thomas.

A seguir ele mostrou a casa: o lugar na sala em que ficava o telefone, de onde se falaram às escondidas diversas vezes, o quarto onde guardava os livros e onde escrevia, e finalmente o lugar onde criara o esconderijo para guardar as fotografias íntimas de ambos.

Cláudia sentiu-se como uma invasora no quarto de casal. Olhou para a cama e não resistiu à pergunta:

— Você fazia amor com nós duas ?

Thomas gargalhou gostosamente!

— Sim! — respondeu. Pena que não ao mesmo tempo! Vocês não aceitariam!

— Fale sério, Thomas!

— Está bem. Depois que a conheci poucas vezes consegui fazer sexo com Liz. Ela era incolor, insípida e inodora perto de você, e como você sabe preciso de bebida forte.

Thomas possuía uma candura animal, Liz não conseguiu deixar de notar mais uma vez, um magnetismo próprio da infância, talvez. Era sempre sincero, espontâneo, nunca sequer pensava em não magoar alguém. Era-lhe indiferente!

Mesmo quando mentia era transparente, pois não se esforçava muito, sequer para convencer. Amava a si mesmo e aceitava-se como era... Isto era o que atraía nele.

Talvez ele nunca tivesse tido algo parecido a uma depressão, no entanto Cláudia se lembrava de um poema francês que Thomas declamava, logo que se conheceram.

Um dos versos dizia: “Anjo cheio de felicidade, conheces a angustia?”

— Você já teve depressão, Thomas?

— Lá vem você com idéias lúgubres!

Ele a abraçou.

— Você me ama, afinal? — perguntou Cláudia, como se daquela resposta dependesse toda sua capacidade de julgamento.

As mãos de Thomas começaram a passear pelo corpo dela, com o sentido de posse que sempre a excitava.

Ele beijou seu pescoço, enquanto percorria suas costas, adentrando a mão pelo cinto da calça, com urgência, buscando carne para agarrar e para comer. Eram mãos carnívoras...

Cláudia procurou o pênis que fazia volume sob a calça.

— Ainda preciso responder? — suspirou Thomas, dando a ela a única resposta possível.

Ele era um mágico de circo, um rei do faz de conta que a excitava e amedrontava, pensou Cláudia, entregando-se e jurando, entre orgasmos, eterno amor. Tudo parecia ter voltado aos devidos lugares.

Depois olharam as fotografias e Thomas fez Cláudia prometer que tirariam outras, ainda melhores.

— Estão faltando fotos! — observou ela.

— É verdade! Mas não mexi em nada!

— Talvez Liz tenha descoberto o esconderijo... e... quem sabe o que deve ter pensado!

— Agora não importa mais! — ele virou-se e tentou beijá-la, mas ela se esquivou.

— Você me prometeu que um dia destruiríamos juntos as fotos. Agora alguém as encontrou e está com algumas delas!

Thomas jogou as fotos em direção à Cláudia.

— Não me aborreça! Quer ficar com elas? Levá-las embora? Rasgá-las aqui mesmo? Pois faça-o! Só quero que você perceba que desde que chegou tenta estragar minha noite!

— Quero levar as fotos comigo!

— Faça o que quiser com elas, está bem? Já lhe disse! Venda-as como material pornográfico, distribua aos garotos que pedem esmolas nos cruzamentos. Será uma boa ação!

Cláudia tinha consciência de que Thomas já estava na quarta dose de gim e ela enclausurada dentro daquelas quatro paredes, num fim de mundo, com um homem agressivo e inesperado.

Então ele colocou música romântica e se achegou a ela, como se nada tivesse acontecido.

Quando a beijou ela foi de novo invadida por uma onda de calor e relaxamento, seguida pela ânsia furiosa e urgente de ser penetrada e fundir-se naquela energia poderosa e louca.

Thomas queria um amor interminável naquela noite...

Mais tarde, já passava de uma hora da madrugada, e Cláudia estava cansada. Mas Thomas continuava a beber e a amá-la como da primeira vez.

— Querido, agora preciso ir. Você precisa me levar embora, amanhã tenho aula!

— Passe a noite aqui! Acordaremos juntos e fritarei hambúrgueres para o café!

— Não posso! Lembre-se que só você está em férias... tenho que acordar cedo.

Convencer Thomas a ir embora era impossível, no ponto

em que as coisas estavam. Ele queria mais de tudo, gim e sexo.

— Estou querendo ver você gozar até morrer! — ele declarou, deitando-se sobre ela.

Na primeira oportunidade Cláudia desceu à cozinha e bebeu o resto do champanhe que sobrara.

Telefonou para casa e avisou a mãe que passaria a noite na casa de uma amiga. Percebeu a voz desconfiada da mãe, mas quando desligou se sentiu melhor.

Iria ter todos os orgasmos que Thomas quisesse. Afinal, era salutar esquecer um pouco os compromissos.

Começaram tudo do começo.

Thomas amarrou-a na cama pelos pulsos e tornozelos, enquanto ela se sentia vulnerável e excitada, acorrentada de novo àquele bandido.

Amaram-se infundavelmente, até adormecerem, um misturado ao outro.

Foi assim que ela acabou se esquecendo por uma noite do fato de que a ex-esposa de Thomas havia sido assassinada.

Logo era dia claro e o sol entrou pela janela.

Cláudia acordou Thomas, que estava sonolento e não cumpriu a promessa de fritar os hambúrgueres, é claro!

— Se sentir aquele cheiro vou vomitar! — queixou-se ele.

Cláudia preparou o café como pode, e serviu-se de algumas torradas e iogurte.

Ofereceu-o a Thomas, que bebeu café amargo numa xícara grande, de um só trago, como se fosse um remédio.

— É tão ruim que prefiro beber de uma vez!

Ele levou-a para casa, finalmente, os dois cansados e desanimados, mal trocando uma palavra.

Ela estava de posse das fotografias e pensou que talvez devesse queimá-las.

Onde estariam os negativos? Certamente Thomas os perdera. Paciência...

Lembrou-se do dia em que estivera louca o suficiente para permitir que Thomas contratasse “profissionalmente” um homem para fotografá-los.

Quando chegou o momento de entrarem os três no motel quase morreu de vergonha, mas no contato pessoal o homem era discreto e frio, parecendo tirar fotografias dos dois em posições eróticas como se fotografasse uma paisagem.

Quando ela ganhou confiança e se soltou, Thomas algemou-a e usou o chicote. O fotógrafo abandonou a câmara e começou a masturbar-se. Então Thomas o convidou a penetrá-la.

Ela dizia que não, mas Thomas lembrou-a de que ela lhe pertencia. Por puro masoquismo ela cedeu, o que acabou por deixá-la louca de excitação.

Com tais lembranças e uma enorme tristeza arrastou-se o resto do dia, alegando para a mãe que estava gripada.

Engoliu a sopa, inevitável remédio caseiro para curar este tipo de doença, sentindo uma pontada de remorso por ser como era.

Caiu na cama nem bem o sol se pôs. Seu único desejo era dormir para sempre.

## CAPÍTULO 19

— Tenho em mãos um “Caso”, com letra maiúscula, concluiu o delegado Alberto Montini, enquanto devorava um imenso sanduíche regado a refrigerante, que ele mandara trazer da lanchonete em frente à delegacia.

Suas mãos rechonchudas luziam de gordura, e ele mastigava como se estivesse há dias sem comer.

Quando se sentia desanimado sabia que a melhor coisa era deglutir algo. Depois um cigarro e logo estava revigorado! Muitas vezes, nestes momentos, lhe ocorria uma idéia brilhante para elucidar um problema ou desvendar um caso.

Freqüentemente os assassinatos se resolviam rapidamente, através de pistas grosseiras deixadas pelos próprios assassinos ou técnicas de investigação modernas, desenvolvidas pela polícia. Sem esquecer o precioso auxílio dos informantes, muitas vezes decisivo em alguns tipos de caso!

No entanto, algo lhe dizia que o caso presente não mostrava sinais de se resolver com facilidade. Ia precisar muito sanduíche e refrigerante, sem falar nos cigarros, para levar adiante a investigação.

As célebres impressões digitais decantadas nos livros não ofereciam pistas, no caso, uma vez que uma clínica médica está repleta delas e a arma usada na perfuração occipital não fora encontrada.

Para piorar, o caso envolvia pessoas acima de quaisquer suspeitas, como o Dr. Cláudio Barcelos, pessoas que ficavam muito constrangidas ao verem seus nomes misturados a um caso sórdido. Tratavam as autoridades policiais como se pairassem sobre a plebe! O delegado detestava

esse tipo de gente esnobe e rescendendo delicadamente a perfume importado.

Valia a pena lembrar ao Dr. Cláudio Barcelos que quem entrou na Clínica Gênese e cometeu o bárbaro assassinato, pertencia provavelmente às suas relações ou às da própria vítima, pensou o delegado, com certa satisfação de poder suspeitar de gente tão empinada.

Se portas e janelas não foram violadas, o assassino contou com o consentimento de alguém de dentro para entrar! Era alguém conhecido, portanto... ou se encontrava na Clínica, desde que esta fechara suas portas, no final da tarde...

A aparência do crime, bizarra e rebuscada, levava a hipóteses onde o ritualismo doentio deveria ser considerado. Um louco, talvez...

Mas, sequer isto é uma pista, considerou o delegado, uma vez que todos os assassinos são loucos! Apenas, alguns parecem mais loucos, como no caso presente... O marido da vítima, por sinal, certamente não era um exemplo de sanidade!

Myrtes, a secretária, testemunhara que quando acompanhou Lisa até a casa do casal para esta retirar seus objetos de uso pessoal, Thomas Demondieu, que dissera não ser apegado às coisas materiais, quase agredira a mulher fisicamente. Jogara em direção a ela uma caixa de hambúrgueres congelados, xingando-a dos piores nomes. Tudo porque a outra levava o que lhe pertencia! Tinha sua graça, imaginar a cena! Mas enfim... aquele homem era bastante violento e impulsivo, além de não estar vivendo relações tão cordiais com a ex-esposa, como quisera mostrar em seu depoimento.

No entanto, daí a assassiná-la... Por quê o faria?

Seu faro de delegado velho dizia que, se Thomas Demondieu assassinasse alguém, não o seria visando diretamente um benefício material, e sim movido por paixões incontroláveis.

Mas, por outro lado, o motivo passional parecia remotamente provável, no caso. Era difícil acreditar que um marido indiferente, vivendo na boemia durante toda a vida de casados, se comportasse como um Otelo ultrajado, nem bem a mulher manifestasse o desejo de separação e fosse vista ao lado de outro homem. Mas, a alma humana...

Ninguém sabia dizer ao certo se Lisa tinha motivos para temer o marido. Não se tinha notícias de que ele a houvesse espancado ou ameaçado alguma vez.

No entanto, Thomas fora capaz de se livrar do cão de Lisa que o agredira. Myrtes vira as cicatrizes de arranhões e mordidas no braço e mãos de Thomas, o que denotava uma luta violenta. Na ocasião Lisa tinha ficado desesperada ao saber da notícia, e acusara o marido de matar tudo que tocava... palavras importantes, vindas da vítima de uma assassinato!

Além disso, só Myrtes, que encontrara o corpo de Lisa despido da cintura para baixo, poderia aventar a hipótese de estupro. Tal fato só foi divulgado para a imprensa no dia seguinte. Mas Thomas Demondieu fez referência a ele!

Ou Thomas explicava muito bem como sabia das sevícias sexuais sofridas pela esposa ou seria mais que um forte suspeito do assassinato de sua mulher.

Não tinha álibi para o horário do crime. Sua chamada às 23.30 horas fora confirmada, mas naquele horário Lisa já estava morta há pelo menos duas horas.

Era perfeitamente possível que Thomas tivesse montado a pequena cena de marcas de terra na escada, chamado os policiais e aguardado, enquanto descansava do crime cometido!

O delegado Alberto lidava com duas questões clássicas, o motivo e a oportunidade.

Dizendo assim pode parecer simples, mas a questão do motivo, por exemplo, é bastante emaranhada.

Sua maior complexidade reside no fato de estar indissoluvelmente ligada à personalidade do assassino. O que é motivo para um não o é para outro.

Não existe uma lei ou uma cartilha enumerando quais os motivos plausíveis para um assassinato. Tal assunto se situa mais no campo de psicologia que das estatísticas.

Além disso, o caso presente era um exemplo clássico do que o delegado pensava sobre “motivos”, isto é, o motivo é freqüentemente irrisório em comparação à crueldade do crime.

Quando se fala em motivo subentende-se alguma compreensão ou justificativa, ainda que emocional, mas a tonalidade cruel do assassinato levanta o lado ilógico e doentio de tais atos. Quem quer que tenha praticado o crime que resultou na morte de Lisa era um Assassino, e um Assassino não age baseado em motivos compreensíveis de qualquer ordem. Bastam-lhe os seus motivos egocêntricos e loucos, sua lógica pessoal e perturbada, conclusões colocadas antes de premissas...

Alberto tinha uma visão moral rígida e pensava que, salvo a legítima defesa, não havia motivo válido para um homem matar o outro.

Os motivos eram sempre inconsistentes versus o resultado. Logo, segundo ele, qualquer assassinato possuía por detrás a personalidade de um louco, de um psicopata.

Pensar que a lei previa atenuantes para doentes mentais! Como se não o fossem todos os que praticavam assassinatos! E por isso deveríamos tentar tratá-los? Gastar boa vela com mau defunto? Quanta ingenuidade!

Vira criminosos, coletivos ou seriais, pessoas que tiveram pai e mãe, lar constituído, oportunidades positivas, enfim. Por outro lado vira pessoas comendo o pão que o diabo amassou, sem nunca terem incorrido em crime algum!

Ele próprio era um exemplo vivo desta teoria. Tivera motivo e exemplos para se tornar um criminoso, mas sua estirpe era boa, e permanecera do lado de cá da lei, para cooperar com a humanidade, e não destruí-la !

Seu próprio pai foi assassinado, o corpo jogado no mato, como um animal. Sua mãe casara-se novamente e o padrasto espancava a ambos quando bebia.

Acabou saindo de casa aos doze anos, para trabalhar como carregador no CEASA.

Dormia ali mesmo, numa cama jogada no canto do depósito de verduras.

Nunca pensou que ratos gostassem de verduras, mas o fato é que gostam! Escutava-os andando à noite pelo depósito, ouvia-os mastigar!

No começo tinha medo de dormir e acabar sendo devorado por um bando deles.

Ansiava por crescer depressa, tornar-se forte logo, por isso se alimentava o mais que podia. Como os ratos, co-

mia tudo que lhe caía na frente: frutas, legumes crus, verduras e principalmente beterrabas, muito doces e de textura carnuda como pão.

Até hoje se sentia mais forte, quando comia. Sua gordura atual funcionava como um seguro contra a fome e a insegurança engendrada na infância.

Este era o motivo pelo qual era gordo, Alberto sabia. Tinha preferido ser gordo e não criminoso. Era sua tendência natural...

— Bela justificativa, para meus quilos a mais! — pensou, bem humorado.

O assassino de Lisa também não teria motivos para seu ato!

Algumas pessoas que não conheciam as origens do delegado o achavam um homem de sorte.

Mas isso não era bem verdade. Não ganhara na loteria, e para chegar onde estava tinha economizado cada níquel e acabado com suas costas de tanto carregar peso!

Estudava à noite e trabalhava doze horas diárias, até se formar em Direito.

Trabalhar não o amedrontava. A única coisa que temia era o Mal, uma espécie de entidade invisível que apoderava-se de governos, de multidões, de pessoas...

Os próprios ratos nos depósitos nunca o amedrontaram tanto como certos tipos que conhecera, que destruíam por puro prazer. Tipos desumanos.

Agora estava com 49 anos e cansado de caçar malandros.

Quando morresse já tinha um epitáfio: “Aqui jaz o delegado Alberto Montini, um caçador de andróides”.

Assim os denominava, aqueles homens à margem da sociedade, que a abominavam e queriam destruir seus princípios fundamentais! Marginais eram uma outra espécie, inimiga dos seres humanos e da civilização! Eram pessoas tomadas pelo Mal.

Começou a sentir arder em brasa algo na parte superior de seu ventre.

Era sempre a mesma coisa: seu estômago sofria quando vazio. Os ácidos ameaçavam devorá-lo, a menos que tives-

sem algo com que se ocupar.

Após as refeições, no entanto, também sentia dores, como se o estômago então gerasse ácido em quantidades excessivas para digerir o alimento ingerido. Ai então, era preciso engolir a tropa de antiácidos que carregava no bolso!

Uma eterna briga entre forças opostas, sempre excessivas, entre o bem e o mal, quem sabe? Esse conflito o perseguia, até a nível psicossomático. Que ironia!

Estava cansado de seguir o fio da meada... pensar era como digerir: ou não possuía fatos suficientes para qualquer conclusão ou os possuía em excesso, uma verdadeira indigestão!

Sua mente, o aparelho digestivo mental que possuía, tinha que transformar aquela multidão de depoimentos, pedaços compactos de informação, em algo vital e útil: uma hipótese conclusiva. Destinchava, digerira e elaborava, até chegar a um raciocínio lógico e depois, com a ajuda de Deus, à intuição.

Sim, acreditava em Deus, e esperava que Ele estivesse a seu lado, se fizesse seu dever com perseverança. “Ajuda-te que Deus te ajudará!” — dizia o ditado.

Enfim, ponto numero um: era preciso pressionar um pouco esse Thomas Demondieu! Quanto a Cláudio Barcelos era um homem de reputação ilibada e, principalmente: tinha um álibi perfeito!

— Até aí nada! — ruminou. — Poderia ter encomendado o crime. Certas pessoas não fazem pessoalmente o trabalho sujo!

Lembrou-se da figura de galã um pouca afrescalhada do Dr. Barcelos, descendo como um figurino do carro esporte.

Estava abatido, é verdade, e quando tirou os óculos escuros, suas olheiras eram aparentes. Mas qualquer assassino fica tenso quando começam as investigações, por medo de ser apanhado... Olheiras ou lágrimas jamais impressionaram o delegado!

O próprio presidente Collor andava bastante abatido, já há alguns meses... As fotos nos jornais mostravam-no com a fisionomia tão murcha e encovada que murmurava-se até que tinha Aids!

Na verdade já devia temer tudo que veio à luz há pouco tempo: o escândalo da corrupção onde estava metido, o

esquema todo de ladroeira que emergiu, através da delação do irmão.

Homens elegantes, polidos e ricos também cometem crimes, eis a conclusão! Mas... costuma ser mais difícil apanhá-los! Daí que o Dr. Cláudio poderia ser um assassino como qualquer outro, e ter contratado alguém para o trabalho!

Alberto gostaria muito de investigar as contas da Clínica para saber se tudo estava em ordem. Quando se investiga contas sabe-se muito mais das pessoas do que a quantidade de dinheiro que possuem...

Digamos que Lisa tivesse descoberto algo antiético ou ilegal, a ponto de tornar necessário seu extermínio! Neste caso o estupro e as características sádicas envolvidas em sua morte serviriam apenas de cortina de fumaça para despistar a verdadeira intenção.

A obrigação de qualquer ser pensante é levantar hipóteses, mesmo que um tanto fantasiosas, pensou o delegado, justificando-se por sua masturbação mental.

Recapitulando: Lisa fora assassinada por um homem, havia sinais de esperma. Tal homem entrara com o consentimento da vítima, ou já se encontrava dentro da clínica.

Lisa esboçara reação, a cena do crime apresentando sinais de luta, o abajur jogado ao chão, um peso de papéis quebrado atirado contra a parede e o hematoma em seu olho esquerdo. A perfuração occipital revelava que a mulher dera as costas ao inimigo, talvez numa tentativa de fuga.

O laudo médico afirmava que pela quantidade e coagulação do sangue vertido do ferimento a vítima não falecera em decorrência dele e sim da fratura cervical.

Não fora relatado o desaparecimento de material cirúrgico, fichas de pacientes, drogas ou receituários.

O vigia da noite não observara ninguém entrar ou sair da Clínica durante seu plantão, que começara às 19.30 horas, horário em que a secretária Myrtes saiu.

Restava a hipótese de o assassino ter entrado na clínica durante o dia mas tratava-se de um sábado, e o movimento fora bem menor, sendo mais fácil se dar conta de algum intruso.

Havia a possibilidade de Gaspar estava mentindo, é claro. Gaspar era o vigia da noite.

Enfim, isso era o que se sabia até o momento.

Com tais pensamentos o delegado entrou em seu Voyage e tomou o caminho de casa.

Precisava de mais dados.

Começaria por entrevistar Gaspar mais incisivamente. A seguir apertaria Thomas Demondieu.

No dia seguinte seria a missa de sétimo dia de Lisa e a policia estava na estaca zero para descobrir seu assassino.

## CAPÍTULO 20

O delegado Alberto Montini pediu a Myrtes que lhe fornecesse a lista dos pacientes que compareceram à Clínica para exames no sábado, dia 12 de setembro.

Queria chamá-los, para saber se algum deles notara algo fora do comum.

Depois de certa resistência o Dr. Cláudio permitiu o acesso aos nomes, o que rendeu seis depoimentos vazios e sem utilidade, quatro das quais Alberto realizou no mesmo dia da missa de Lisa.

Tudo correria na mais perfeita ordem, segundo o que todos afirmaram.

Myrtes estava sendo uma valiosa colaboradora, explicando o funcionamento da clínica, e tudo mais, de forma clara e precisa. Ela contou que na manhã de sábado, dia do crime, o Dr. Ramos estivera atendendo duas pacientes, e logo partiria.

Não permanecia muito tempo na clínica, seu tempo sendo gasto em pesquisas num grande centro hospitalar estadual, onde se encontrava dando uma conferência na noite do crime.

— Conferência em pleno sábado à noite! Esses doutores gostavam de se mostrar ocupados! — concluiu Alberto, conversando com seus botões.

O sucesso da Clínica Gênese, na visão de Myrtes, baseava-se na figura carismática do Dr. Cláudio Barcelos e na retaguarda científica fornecida pelo Dr. Ramos, conhecedor das mais adiantadas técnicas de fertilização.

A Clínica mantinha uma sala dotada de todo equipamento necessário para a realização de sofisticados processos de

fertilização e controle de qualidade dos embriões para posterior fecundação.

O delegado Alberto bem podia imaginar o tipo de população econômica que a Clínica atendia, não só da Capital como do resto do Brasil.

Aqueles doutores ganhavam por hora o que ele ganhava num mês! E tudo para permitir que ricos estereis gerassem filhos, não obstante a superpopulação nas camadas carentes, onde crianças pobres eram condenadas à subnutrição e à morte!

O Dr. Ramos, sócio e colaborador do Dr. Cláudio, era uma figura apagada e antipática, o mesmo se podendo dizer do depoimento que prestara dias atrás.

Fazia questão de mostrar que não tinha nada a ver com o assunto do crime e demonstrava total desinteresse em relação ao esclarecimento do caso. Parecia nutrir uma secreta satisfação em relação ao andamento das coisas...

Alberto mandou convocar Gaspar Gonçalves para depor novamente no dia seguinte, e partiu para a missa de Lisa, após o expediente.

Era o mínimo que poderia fazer por ela, uma vez que não estava sendo capaz de prender seu assassino!

A igreja São Pedro e São Paulo no Morumbi estava quase vazia.

Divisou logo o pessoal da imprensa com as indefectíveis câmaras fotográficas.

Podia ver os pais de Lisa na primeira fileira, à esquerda, ao lado de Jeanette, irmã da vítima, que depusera no dia anterior e era fervorosa adversária do cunhado Thomas.

Ao lado, como alguém da família, a amiga Alice, que o delegado também já conhecia. Ela prestara depoimento há alguns dias atrás.

Era surpreendente como as pessoas reagiam a tais acontecimentos dramáticos! Alice culpava-se por ter se desentendido com Lisa. Imaginava que se não tivesse se afastado da amiga nada disso teria sucedido. Alguns tem tantos sentimentos de responsabilidade e culpa, e outros tão pouco!

O Dr. Cláudio e Myrtes, também na primeira fileira, ocupavam os bancos da direita.

Thomas Demondieu só chegou quando a missa já havia começado. Parecia bem disposto, usando um blazer sobre a camisa esporte, os cabelos revoltos e encaracolados.

Aproximou-se de um casal jovem, sentado nos últimos bancos, e sentou-se ao lado deles.

Vânia, a outra secretária da clínica, também chegou mais tarde. O Dr. Ramos não compareceu.

O delegado fixou-se numa senhora de meia idade, ligeiramente gorda, alta, cerca de 1.70 de altura, trajando um vestido de fundo negro, com grandes flores roxas. Na cabeça um chapeuzinho negro com um véu da mesma cor. Parecia uma figura saída dos anos quarenta!

Talvez não fosse brasileira... seus cabelos eram loiros, os olhos claros e os lábios finos.

A mulher percebeu sua atenção e seus olhos cruzaram-se. Ela cumprimentou majestosamente com a cabeça, voltando em seguida a atenção para o grande Cristo que ocupava a parte central do altar da igreja.

O delegado Alberto ficou um pouco encabulado. Não era educado fixar as pessoas, principalmente pessoas com jeito de educadas, principalmente se elas percebiam... Mesmo em seu ofício!

Pela quantidade de gente na igreja, via-se que Lisa não fizera muitos amigos, desde que viera morar em São Paulo!

Não esperou os cumprimentos, abandonando a igreja após a missa, a tempo de ver a senhora loira se dirigir para um táxi que a esperava. Ela também não cumprimentara ninguém.

Sem saber por quê, correu em sua direção e interpelou-a:

— Desculpe-me, mas era amiga de Lisa?

— Sim, respondeu uma voz cristalina e jovem para a idade.

Estendeu a mão e apresentou-se:

— Sou o delegado Alberto, responsável pelo caso.

— Ann Openheimer. Eu era astróloga de Liz. O que ocorreu é lastimável, senhor!

Havia um sotaque leve, difícil de identificar.

— Será possível conversarmos um pouco? Não em caráter oficial, é claro. Apenas gostaria de trocar idéias, sobre o que ocorreu.

A mulher pareceu fechar-se, mas suas palavras foram cordiais.

— Se eu puder ser útil...

Trocaram cartões e despediram-se, sem marcar data nenhuma.

O delegado não tinha a menor idéia se a astróloga de Lisa poderia ser-lhe útil. Atirava em todas as direções, na esperança de acertar em algo.

Seguiu pela Avenida Morumbi até o Brooklin, onde morava com a esposa, um apartamento de dois quartos e uma sala grande, onde possuía uma televisão de 29 polegadas, o único luxo em sua vida.

Seu maior passatempo era assistir a todas as partidas de futebol televisionadas, fossem ou não de seu time. Assistir um partida numa tela grande era quase o mesmo que estar no local, pensava, ou até melhor, sem a multidão e a gritaria.

Encontrou Zilda grudada na televisão, assistindo o jornal da noite.

Não se falava em outra coisa: o provável impeachment do presidente Collor.

Milhares de adolescentes com rostos pintados da cor da bandeira brasileira, interditavam a Avenida Paulista, com cartazes pedindo: “Fora Collor!”.

Alberto, ainda com a pasta de trabalho, estendeu a mão para a mulher à guisa de cumprimento.

Fixou a tela pensando em como a energia da multidão parecia uma grande onda, um vagalhão, que se formava ao longe e vinha aglutinando sobre si a água do oceano, até arrebentar na praia toda sua força acumulada. Não importavam os motivos ou as idéias, a multidão costumava aglutinar-se, imbuída de bons ou maus propósitos.

— Se este homem for destituído o Brasil vai mudar! — disse Zilda

Como Zilda era ingênua! — pensou Alberto. Ele tinha suas teorias, mas não queria discutir com a mulher.

Achava que no Brasil as coisas funcionavam como no caso do boi de piranha... Os boiadeiros, quando querem atravessar rio de piranhas, sacrificam um boi a elas. Enquanto elas o atacam e devoram, eles atravessam o rio com o resto da boiada.

Agora, em Brasília, era o Collor a ser sacrificado. Mas a boiada passaria ileso, enquanto a multidão polarizava nele sua atenção. Depois, tudo voltaria pouco a pouco a ser como antes.

A verdade é que andava mais desanimado com tudo, mais descrente! Os crimes aumentavam de tamanho e de proporções. Trabalhar na polícia tinha sido seu sonho, mas agora achava que tudo era inútil, desgastante e pouco compensador. Ainda mais que não havia muita diferença entre a ética dos marginais e a da polícia, e já desistira de tentar melhorar esse tipo de coisa...

No dia seguinte, ao chegar ao Distrito, viu o casal jovem que encontrara na missa de Lisa no dia anterior, aguardando-o .

Eram Pedro e Valéria Vasconcelos. Mandara convocá-los a partir da informação prestada pelo Dr. Cláudio Barcelos de que eram os únicos amigos do casal Thomas e Lisa.

Era sábado, e o delegado tencionava voltar mais cedo para casa. Estava exausto da semana e queria assistir a um jogo televisionado à partir das 16,30 horas.

Os Vasconcelos informaram que Thomas e Lisa viviam bem, sem brigas, mas segundo Valéria Vasconcelos, Lisa não era feliz . O marido era de humor muito instável, além de ser o maior mulherengo da cidade. Relataram também as intrigas da vizinhança a respeito de Thomas ter dado cabo do cachorro. Falava-se que ele andava um tanto desequilibrado.

— Algum de vocês reparou se o automóvel de Thomas estava na garagem dia 12 de setembro, sábado, dia do crime? — perguntou o delegado, lembrando-se da observação dos policiais que atenderam o chamado de Thomas.

Valéria respondeu, consultando com um olhar o marido:

— Lembro-me que foi o dia em que saímos para acompanhar minha mãe ao hospital. Ela teve uma cólica de rins e saímos apressadamente de casa. Eram aproximadamente nove horas da noite e notamos que o automóvel de Thomas não estava na garagem. Prestei atenção, porque queríamos pedir para que ele olhasse nossa casa, uma vez que talvez passássemos a noite fora.

Então Thomas não estivera em casa dormindo, concluiu o delegado Alberto, satisfeito.

Gaspar Gonçalves estava sentado num banco da delegacia, esperando com ar cansado que o delegado o atendesse.

Alberto despediu-se de Valéria e Pedro Vasconcelos, chamando Gaspar, em seguida. Usaria de rispidez, para constrangê-lo um pouco mais.

Foi logo avisando o homem que necessitava novo depoimento, pois o seu gerara muitas dúvidas. Ameaçou que, em caso de falsidade, seria fácil desmascará-lo, e dali seria um passo para que terminasse como suspeito de assassinato! Por isso era esforçar-se para não omitir ou mentir sobre coisa alguma!

— Pergunto-lhe novamente: o senhor tem certeza de que das 19.30 horas às 21.30 horas do dia 12 de setembro, não se retirou de seu posto de vigia?

Pressionado e amedrontado, o vigia mudou sua história inicial.

Confessou que evitara relatar o fato, mas que se ausentara por cerca de meia hora ou 45 minutos, largando seu posto e deixando a seu colega Jair, que trabalhava na mesma rua, a tarefa de tomar conta da Clínica. Não queria envolver outras pessoas, no caso a mulher de um figurão, com quem mantinha relações sexuais, quando o marido se ausentava por tempo suficiente.

— Sou casado e não quero que minha mulher saiba do ocorrido... Além disso... vai prejudicar mais gente... O senhor, por favor, não vá dizer nada a este respeito, senão o homem me dá um tiro e minha mulher me larga! Além disso, não posso perder o emprego!

O delegado Alberto pensou que havia chance de alguém, quem sabe Thomas Demondieu, ter entrado na clínica sem ser visto, uma vez que o vigia estivera ausente por meia hora, pelo menos.

Foi logo dizendo a Gaspar:

— Se for necessário que você deponha, vou ser muito franco: a merda vai para o ventilador! Mas talvez não seja

preciso. Não queremos prejudicar você sem motivo, nem sua amiga. Estou agradecido de você contar a verdade, lembre-se disso!

Mal podia esperar para chamar o tal Jair! Melhor ainda: iria pessoalmente à Av. Brasil e conversaria com ele, naquela mesma noite. Quem sabe ele vira algo de interesse, e o caso ficaria elucidado nas próximas horas!

Uma porta se abria, uma chance configurava-se. Torcia para que Jair tivesse visto algum indício suspeito!

Dispensou Gaspar e despediu-se do investigador Paulinho.

— Está indo para casa ver o jogo, chefe?

— Que nada Paulinho, apareceram novas e promissoras notícias sobre o caso de Lisa! Vou pessoalmente atrás delas! Estou indo para a Avenida Brasil em busca de um vigia noturno que trabalha perto da Clínica. Gaspar confessou que largou o posto por 45 minutos na noite do crime, deixando um colega em seu lugar!

— Boa sorte! — desejou Paulinho.

— Até segunda feira, espero! — respondeu o delegado.

Saiu às pressas, carregando sua grande massa corporal. Saiu rolando, como seus companheiros de delegacia diziam.

O estômago vazio queimava, mas desta vez Alberto só lhe forneceu dois antiácidos, que mastigou no carro.

Adeus, jogo de futebol! — pensou ao se acomodar difi-  
cultosamente à direção.

Chegou antes de Gaspar e ficou de tocaia na esquina, observando as pessoas entrarem e saírem da Clínica.

Dali meia hora Gaspar chegou.

Alberto trancou seu carro, passou a trava de segurança, levantou-se com esforço e dirigiu-se ao segurança.

— Delegado! O que faz aqui?

— Apresente-me o tal Jair! Quero falar com ele!

A contragosto Gaspar acompanhou o delegado pela rua.

— Estou atrasado, senhor delegado!

— Depois você justifica. Qual a casa de sua amiga?

— Esta à direita. Mas não olhe, por favor!

Encontraram Jair a quinhentos metros da Clínica. Gaspar apresentou-os, muito tenso, e voltou a seu serviço.

O delegado perguntou a Jair se era possível tomar conta de duas casas relativamente distantes.

— É possível, se ficar andando de um lado para o outro da rua, o que sempre faço. Mas se alguém quisesse entrar sem ser visto poderia ficar esperando eu virar as costas, por exemplo... Não posso dar garantia de não ter entrado ninguém... Mas vou dizer, aquela noite estava tranqüila. Era sábado, tinha pouco movimento.

— Ninguém rondou a Clínica, que você tenha visto?

— Ninguém, doutor. À exceção de um cachorro enorme... nem sei por que me lembro dele! Acho que deu azar! Mas isso não interessa, não é doutor?

— Obrigado mesmo assim, Jair. Pense com calma. Se lembrar de algo, qualquer coisa, me avise.

O delegado voltou lentamente para seu carro. Entusiasmara-se demais e agora estava desiludido, cansado, com fome e... perdera o jogo de futebol!

## CAPÍTULO 21

Sílvio Pizarro, o advogado que Liz procurara, marcou um encontro com Cláudio, para discutir um problema delicado.

Sentia-se em dúvida quanto à validade e à ética de revelar que possuía fotografias que Lisa lhe deixara em confiança, como prova de que fora compelida a abandonar o convívio conjugal.

Na verdade, o advogado entendera que sua cliente desejara lhe mostrar as fotos como prova de que seu marido não era flor que se cheirasse.

Não gostaria, porém, de jogar lenha na fogueira contra o homem, uma vez que as fotos, relatando aspectos sexuais ligados à prática do sadomasoquismo, poderiam, ainda mais que a polícia andava às escuras, levar à eleição do assassino por puro preconceito e necessidade de arranjar um bode expiatório.

Ao mesmo tempo, possuía uma informação, e não queria arcar com a responsabilidade de não divulgá-la.

Sílvio não sabia se Liz expusera as fotografias à Cláudio, sequer sabia se este tinha conhecimento do fato de que sua noiva era casada com um homem um tanto fora dos padrões.

Mas com o assassinato de Liz era preciso tomar uma atitude transparente diante do amigo e de sua própria consciência.

Pelo menos dividiria com Cláudio qualquer decisão, fosse a de esquecer as fotos definitivamente, ou apresentá-las à polícia.

Sílvio tinha sido amigo e colega do pai de Cláudio, falecido quando o menino tinha menos de cinco anos de idade.

Como não tinha filhos, apadrinhou o garoto carinhosamente.

Cláudio não sabia da existência das fotos e quando as viu ficou estarecido:

— Não sei por que Liz não me disse nada! O homem é desequilibrado! Pudera que Liz tivesse medo dele!

Cláudio andava profundamente aborrecido com o que sucedera e as fotos só fizeram piorar seu estado de espírito. Não conseguia parar de remoer os mesmos pensamentos: — Por que ela? Por que isto aconteceu comigo?

Agora tomara conhecimento de um aspecto sádico de Thomas, que Liz sabia existir, e não lhe revelara. Por quê? O que teria ela a ocultar? Teria participado destas perversões do marido? Não, não era justo duvidar dela! Talvez fosse uma ponta de ciúme por ter sido excluído das informações que ela fornecera ao advogado!

Mas **por quê** ela não usara de franqueza com ele? O que mais teria escondido?

Sua morte o ameaçava, com a infinidade de perguntas que uma investigação criminal suscita.

— É melhor expor à polícia o que acabou de me relatar, Sílvio. As coisas estão tão ruins para mim e para a reputação da Clínica que não podem ficar piores! Ainda não vejo de que forma, mas talvez as fotos os ajudem a descobrir o criminoso e a limpar toda esta sujeira. Acho que Liz gostaria que tomássemos esta atitude, caso contrário não deixaria as fotos com você.

Sílvio acatou a decisão do amigo e partiu, deixando Cláudio amargurado.

Na verdade, Cláudio sabia que encorajara o amigo a expor a vida particular do marido de Liz para que o olho indiscreto dos investigadores tivesse com quem se distrair, e suas mentes se ocupassem de outras pessoas, esquecendo-se dele.

Se Liz eventualmente não fora honesta com ele, por Deus, ele também não o fora com ela! E se o marido dela tinha certas perversões, o que diria a sociedade das dele?

A verdade é que Liz foi para Cláudio seu primeiro relacionamento heterossexual. Antes de conhecê-la, pensou que nunca se casaria.

Seu relacionamento sempre tinha sido melhor com os homens e a atração que estes exerciam sobre ele o mantiveram longe dos namoricos e casos de paixão juvenil.

Atirara-se nos esportes e depois na carreira, amedrontado com seus próprios impulsos. Vivia de aparências, era bonito, másculo, estudioso, cercado de belas pretendentes... mas sempre evitando um confronto com suas verdadeiras necessidades sexuais e afetivas.

Conheceu Ramos nos Estados Unidos, quando ambos faziam especialização. A distância de casa permitiu a Cláudio seu primeiro romance homossexual.

No entanto, ambos possuíam um trato de durabilidade finita para a relação. Estava combinado que nem bem os anos de estudo no estrangeiro chegassem ao final e regressassem ao Brasil, deveriam se separar e esquecer aquele episódio de suas vidas.

Atualmente estava com trinta e oito anos e seus colegas já estavam casados há muito, possuindo filhos quase adolescentes.

Sua mãe lhe cobrava um casamento e netos, apresentando-lhe enxurradas de moças que julgava perfeitas para ele.

Na verdade tudo só foi possível com Liz, porque ela era a mulher menos amedrontadora e mais doce que jamais conhecera. Não o pressionava por sexo, nem estava atrás de romance. Era comprometida, séria e cheia de princípios.

Com ela teve sua primeira relação heterossexual completa, depois de algumas poucas tentativas fracassadas com outras mulheres.

Havia esperança de inserir-se dentro de um contexto normal, e tal fato levava-o a valorizar Liz como uma pedra preciosa.

Quanto a Ramos, afastaram-se, uma vez que Cláudio retornou ao Brasil e o outro permaneceu ainda no exterior.

Mas depois do regresso de Ramos acabaram reatando e tornando-se sócios.

Quando Cláudio conheceu Liz e deu uma guinada importante em sua vida afetiva, a qual passaria a ser viável e

respeitável, Ramos obviamente ficou descontente com o rumo que as coisas tomaram. Mas era um homem objetivo o bastante para aceitar os fatos, em nome da clínica e da frutífera sociedade que mantinham.

— E agora com a morte de Liz tudo terminara como um ato de Deus, uma hecatombe, um terremoto! — Cláudio lastimava-se. Perdera a oportunidade de viver em paz consigo mesmo!

O delegado Alberto segurava nas mãos as fotos que o advogado de Liz lhe deixara. Seu testemunho levantava mais dúvidas quanto a Thomas Demondieu como suspeito. O homem era uma verdadeira bomba!

Mas aquelas fotos só serviriam de prova tipo “personalidade do acusado”, e isso se Thomas viesse a ser acusado. As fotos em si não mostravam mais do que aquilo que claramente expunham, isto é, um homem pouco ortodoxo em termos sexuais.

Mas, isto não tornava alguém um assassino!

Da mesma forma, o fato de Thomas ter mentido à polícia quanto ao fato de haver saído de casa antes das 22.30 horas, também não constituía prova de coisa alguma, a não ser de que ele ocultava dados, coisa que a maioria o faz, quando suas vidas particulares estão em jogo...

A este respeito, o testemunho do casal Vasconcelos, afirmando não ter visto o automóvel na garagem de Thomas à 21.30 horas foi importante, sem dúvida, mas não decisivo para uma acusação.

Mas somados todos os indícios ao fato de Thomas saber do estupro de Lisa, antes de qualquer comunicado oficial... isso o apontava, sim, como o principal suspeito na ótica do delegado!

— Se ao menos tivesse uma testemunha chave! — suspirou Alberto.

Os céus o escutaram pois, naquele mesmo dia, inesperada e afortunadamente, um motorista de praça que fazia ponto na esquina da Clínica Gênese procurou-o na delegacia.

O homem afirmou haver estacionado seu táxi no ponto às dezenove horas e quinze minutos da noite do crime,

verificando que havia um automóvel de marca Gol, branco, parado na outra calçada.

Aguardava por algum chamado, quando viu aparecer um homem de altura média, cerca de trinta e cinco anos, cabelos claros, trajado com uma espécie de capa e ladeado por um grande cão.

— De novo alguém que viu o cão! — pensou o delegado, enfasiado.

O homem dirigira-se para o automóvel em questão, continuou a testemunha, observando à sua volta como se estivesse com receio de ser flagrado por alguém. Procurou as chaves do carro ora num bolso ora no outro e, quando as encontrou, entrou no carro e partiu em velocidade.

O motorista do táxi achou a cena estranha. Pensando que o carro pudesse ser roubado anotou a placa do veículo.

Relacionou alguns dias mais tarde o fato com o crime ocorrido na Clínica Gênese e entrou em contato com a polícia.

O delegado investigou o número da placa e descobriu que coincidia com a do carro de Thomas Demondieu!

Com base neste testemunho, que dava novo colorido aos outros fatos, o delegado pretendia obter um mandado de prisão contra Thomas.

Eufórico, assim que Paulinho entrou na delegacia, chamou-o animadamente:

— Muitas novidades, caro amigo! Veja estas fotos, em primeiro lugar!

Abrindo a gaveta, puxou as fotos, exibindo-as:

— Não comente com ninguém, é só entre nós, mas o que você pensa disso?

Paulinho assobiou em tom de surpresa e admiração.

— Que sacanagem!

— Mas não tem nada a ver com o crime! Não seja preconceituoso! Temos uma testemunha que viu o carro de Thomas em frente à clínica, na hora em que Lisa foi assassinada! O caso caminha a passos firmes, finalmente! Leve a foto e tente descobrir quem é a moça. Talvez nos informe algo de útil!

O delegado desenhou e recortou com facilidade uma máscara em cartolina, que deixava aparente apenas o rosto de Cláudia e disse:

— Vamos cobrir-lhe as vergonhas!

— Tudo bem, chefe, mas voltando ao caso: como será que o vigia não viu um homem saindo? — perguntou Paulinho.

— Um vigia sempre adormece, mais hora menos hora! Estava relaxado, depois de tudo com a vizinha, concorda?

— Então Lisa abriu a porta para o marido, apesar de tudo indicar que o temia!

— Entre marido e mulher há muita coisa que as pessoas nem imaginam... Acho que alguma forma de intimidade, de cumplicidade sempre permanece.

— Mas se era assim... por que ele a matou?

— Não sei porquê, oras! Por que era louco? Estava enfiado? Sei lá!

Paulinho olhava fascinado as fotos, balançando desaprovadamente a cabeça. O delegado continuou:

— Tudo leva a Thomas! As provas circunstanciais e agora a testemunha! Fizemos nossa parte, temos um forte suspeito e elementos para a justiça incriminá-lo. Mas bem que poderíamos conseguir ainda mais dados, se você tirasse a bunda da cadeira para ir investigar!

— Está bem, mãos à obra, chefe!

Paulinho olhou o relógio de pulso:

— Mas será que ainda há tempo? São quase cinco da tarde!

— Vá embora, preguiçoso! Tente descobrir a moça da foto! — o delegado abriu um pequeno sorriso. — Vá ao local onde Thomas trabalha, aquele Departamento de Fisiologia. Mexa-se!

— Está bem, mas você fica me devendo uma cerveja por escravizar seus subordinados, mesmo depois do expediente!

Paulinho levantou e já partia quando o delegado gritou:

— Trabalhe depressa e com afinco! O tempo urge, colega!

— E você ruge! — berrou Paulinho, já na porta.

## CAPÍTULO 22

Thomas estava encurralado. Simplesmente não tinha jeito de provar que não matara Liz!

Tudo parecia armação do Demônio, ainda mais quando se lembrava do estilete sujo de sangue que ele colocara em sua cabeceira naquela noite !

Livrara-se do pérfido objeto! Atirara-o bem longe, no mato. Com aquilo não poderiam incriminá-lo, pelo menos.

Até o fato de haver chamado a polícia estava sendo usado contra ele, como se quisesse montar um álibi. O próprio policial que o atendeu testemunhou que seu carro estava quente como se tivesse acabado de voltar da rua. Ora, isto era inexplicável logicamente, uma vez que não saíra de casa naquele sábado em que Liz foi assassinada!

Pressentia que a polícia estava senhora da situação, pois o chamaram à delegacia novamente e aquele delegado enxebado começou a direcionar a conversa para um rumo traiçoeiro.

Armavam-lhe uma emboscada e resolveu parar de tentar explicar as coisas a seu modo, negando-se a proferir mais uma palavra sequer, sem a presença de um advogado.

Vira isso nos filmes, e parecia funcionar bem, mas a verdade é que não conhecia nenhum advogado que pudesse orientá-lo.

Rastreou sua mente e não encontrou ninguém a quem pudesse confiar sua história e receber algum apoio ou orientação.

Seus vizinhos Valéria e Pedro não o atenderam mais. Descartaram-no sumariamente, como a um criminoso.

Quando Valéria atendeu seu telefonema sua voz era tão fria como a da secretária eletrônica:

— Pedro não está. Mais tarde entrará em contato.

Pedro não ligou de volta, como era de se esperar.

Cláudia também dera de mostrar certa frieza. Andava esquiva e difícil de compreender.

Conseguira com dificuldade marcar um encontro com ela para tentar convencê-la de que havia um complô armado contra ele, coisa justificável, uma vez que a polícia necessitava de um bode expiatório. Não poderia abrir sua mente e falar sobre os acontecimentos sobrenaturais que presenciara. Passaria por louco, com certeza.

Tinha que buscar convencê-la, no entanto, pois precisava de um aliado, um só que fosse!

— Pense bem, Cláudia, alguém pode ter usado meu automóvel enquanto eu dormia profundamente, ter entrado em minha casa pela janela para pegar e devolver a chave do carro, deixando-a no lugar, de volta! Isso explicaria as marcas de terra nas escadas! O objetivo do intruso era, muito provavelmente, fazer o serviço sujo e incriminar-me!

Cláudia estava reticente, as coisas que estavam acontecendo formavam um novelo em sua mente. Não conseguia pensar com clareza.

Parecia existirem dois Thomas, e ela não estava segura sobre qual deles era real: um deles poderia ser um cruel assassino que merecia pagar pelo que fizera e o outro era o homem cuja vida se mesclara intimamente à sua, por quem se apaixonara loucamente e que agora estava sendo injustamente acusado.

— Você precisa de um bom advogado, Thomas. Só um especialista pode ajudá-lo!

— Estou com tanto azar que só falta alguém ter visto meu carro perto da clínica, na noite de crime!

Cláudia meneou a cabeça compreensivamente, mas Thomas sentia que algo entre eles havia mudado. Talvez, pela primeira vez, ele não estivesse na posição de dar as cartas.

Thomas procurou logo no dia seguinte um criminalista que a família dela conhecia. Tudo parecia uma corrida contra o tempo. Sentia que precisava fazer algo por si mesmo rapidamente, antes que o pusessem atrás das grades.

O panorama pintado pelo profissional era promissor, mas somente se Thomas estivesse bem assessorado, isto é se contratasse os serviços dele ou de alguém igualmente qualificado.

Thomas era réu primário — ele dissera — não fora autuado em flagrante e mesmo se instaurassem um processo contra ele poderia respondê-lo em liberdade.

Ouvir alguém falar friamente do que poderia suceder-lhe era assustador, e Thomas não se sentia de forma alguma aliviado em saber que sua liberdade, que tanto prezava, estava em risco! O advogado dizia que não existiam provas verdadeiras de sua culpa.

— Tudo que a polícia tem em mãos é meramente circunstancial. Sim, você saiu com o carro na hora em que foi cometido o crime. Mas isto não prova nada! Poder-se-ia supor que não desejasse relatar à polícia onde e com quem estivera, por exemplo com uma prostituta, num bar gay, etc, ou que simplesmente não se lembrava! Ninguém pode ser preso por esquecer das coisas! O mais grave é que você demonstrou saber do estupro, sem nenhuma explicação para tal!

Isso, segundo o advogado, somado às provas circunstanciais, fornecia um colorido especial ao quadro e, se bem usado pela promotoria, poderia incriminá-lo como autor do homicídio.

O próprio delegado que colhera seu depoimento, na manhã seguinte ao crime, seria uma valiosa testemunha de acusação!

— A propósito, matou-a afinal? — perguntou casualmente.

Pego de surpresa, Thomas respondeu mecanicamente:

— Claro que não!

— Quando defendo um cliente, pouco me importa se é culpado ou não. Defendo culpados e inocentes com o mesmo entusiasmo. Todo criminalista faz o mesmo. Se defendesse só inocentes não sobreviveria, se é que me entende! Mas gosto de saber a verdade inteira e minuciosa. Isso me ajuda a trabalhar melhor no caso de combinarmos a respeito dos honorários e o senhor tornar-se meu cliente, é claro...

— Tudo que lhe contei é verdade! Há mais coisas que se

for o caso revelarei, mas em nada modificam minha história básica: quando Liz foi assassinada eu estava em casa dormindo pesadamente. Estava bêbado!

O advogado sugeriu que seria útil contratar um detetive particular para fazer uma investigação paralela e descobrir se alguém estaria tentando incriminá-lo.

Isto custaria dinheiro, é claro! Além disso, o advogado estipulou seus honorários: dois mil dólares mensalmente, audiências cobradas como extras, enquanto durasse a causa, e vinte mil dólares caso ganhassem.

Thomas assobiou:

— Isso é muito mais do que ganho! Mas quem sabe poderei pagar no final, quando for realizado o inventário de Liz. Poderei vender minha casa, que deve valer algo em torno de vinte mil dólares. Isso posso lhe prometer. Fora o automóvel, é tudo que tenho.

— Terei muito prazer em advogar em sua defesa e entendendo como se sente uma pessoa em sua situação. Mas, infelizmente o escritório tem gastos mensais. Não podemos financiar o cliente até o final. Espero que também entenda o meu lado. Além disso, correrão por sua conta o detetive, as custas... enfim, como lhe disse...

— Para mim será impossível levantar esse dinheiro mensalmente!

— O senhor não tem parentes a quem possa recorrer? Afinal sua reputação e, sem querer assustá-lo, ousou dizer eventualmente sua liberdade, estão em jogo! De minha parte posso colaborar abatendo vinte por cento dos honorários mensais, mas não mais que isso, infelizmente.

Thomas saiu da entrevista explodindo de raiva. Advogados, pensou, eram como putas: com uma mão abraçam e seduzem e com a outra arrancam a carteira do cliente!

Onde arranjar tanto dinheiro? Nunca precisara de tanto e com tanta urgência. Estava verdadeiramente assustado!

Justiça, palavra invertida, figura prostituída, a alimentar cafetões! — vociferava.

Explodia de raiva e tensão, temendo que só lhe restasse recorrer a um advogado do estado, talvez um estagiário principiante!

Timida, depois decididamente, a idéia de procurar a pai e pedir-lhe auxílio penetrou-lhe a mente. Que outra coisa lhe restava fazer? Era a única solução para obter o dinheiro!

Quem sabe ele, vindo a embrulhada em que o filho se metera, sentiria algum sentimento paternal, uma vez na vida!

Tentou pronunciar o nome de seu pai. A emoção, naquele momento de desamparo, o tornou cabalisticamente impronunciável!

— Pai! — murmurou Thomas, chorando. E em seguida: — Afasta de mim esse cálice!

Sentia pena de si mesmo, de sua impotência e insignificância.

Lembrou-se de quando sua mãe o levava à igreja. Era tão pequeno e a nave tão comprida... Olhava as paredes e o teto: cenas assustadoras sobre o poder e a vingança de Deus.

Não conseguiu segurar o telefone para chamar a telefonista. Uma onda de choro o paralisava.

Sentia medo, tudo era grande e turbulento. Era o mar, a onda que o submergia, a força da ira de Deus. Como seu pai o receberia? Talvez se negasse a falar. Teria de suplicar, o que seria intolerável!

Mas talvez, quem sabe, tudo fosse para o bem e ele o recebesse de braços abertos, provando que o amara sempre, e dissesse:

— Meu filho, basta de preocupações! Amanhã estarei em São Paulo e resolveremos este problema!

“Dizei uma só palavra e minha alma será salva!”

Sim, aí tudo terminaria bem, seu pai o livraria das acusações e seriam amigos para sempre!

Mas, por outro lado, e se o pai estivesse ausente, viajando a negócios, voando pelo espaço?

Quando criança olhava os aviões que passavam no céu e pensava que seu pai e sua mãe estariam dentro deles. Não

olhava as estrelas, olhava os aviões...

Thomas enxugou o rosto molhado com as costas da mão e tentou localizar o telefone do pai, via telefonista.

A espera foi excitada e tensa. Discou finalmente o número e aguardou.

Uma voz feminina baixa e rouca atendeu do outro lado. *Deve ser a mulher dele*, e seu coração se contraiu.

— Por favor, posso falar com o senhor Jean?

— Quem quer falar?

— Thomas Demondieu, filho dele!

Um silêncio constrangido e a seguir a resposta de que esperasse um pouco na linha.

— Ele não está. Sinto muito. — respondeu a voz, pronta para desligar.

— Por favor não desligue! Ocorreu algo gravíssimo! Preciso falar com meu pai urgentemente!

— Bem, — a voz parecia indecisa — se quiser dizer do que se trata... quem sabe...

— Ocorre que minha mulher foi assassinada! Preciso de ajuda, senhora!

— Aguarde mais um momento.

Os minutos escoavam-se, Thomas sentindo o coração disparar, até que ouviu a voz fria do pai:

— O que você deseja, Thomas?

— Pai, assassinaram minha mulher!

— Li no jornal. Você é um dos suspeitos, pelo que entendi.

— Mas sou inocente! E preciso de dinheiro para pagar advogados que me defendam! Preciso que me empreste!

— Não conte comigo! Saiba que estive à morte e você me desamparou! Não fosse o fato de não ter chegado minha hora, hoje você não teria a quem telefonar. Aja como se eu tivesse morrido naquela ocasião!

— Não imaginei que fosse coisa grave...

— E sua tia, também não tinha nada de grave? Por isso você lhe negou o remédio?

— Quem lhe disse este absurdo!?

— Conceição.

— Foi invenção dela para me prejudicar! Não a quis como mulher!

— Você me dá nojo! Não me chame mais de pai! Deser-

dei-o, é bom que o saiba, e digo-lhe mais: não duvido de que você seja o assassino de sua esposa! Agora adeus e até nunca mais!

Assim falando, desligou.

Ou os ouvidos de Deus não são tão sensíveis à sedução como os do Demônio, e assim as súplicas de Thomas foram desiludidas, ou o pai dele era apenas um ser humano, sujeito aos mesmos rancores que o filho!

Thomas afundou num buraco negro, onde não via começo, meio e fim. O vazio o cercava de todos os lados. Seu pai o renegara! Não tinha mais esperanças. Não adiantava mais continuar vivendo.

Jogou-se na cama e deixou-se ficar, esperando virar pedra.

A noite começou a cair e o quarto foi entrando na escuridão. *Meu pai morreu para mim, eu morri para ele*, murmurava Thomas de vez em quando.

*Tudo acabou. Liz está morta. Não tenho ninguém.*

A noite estava fria e sentiu seu corpo enrijecer.

Lembrou-se do revólver que carregara. Procurou-o, sentando-se a seguir na cama, abriu a boca, enfiando o cano frio dentro dela, ao mesmo tempo que levantava a cabeça.

Era uma forma segura de morrer instantaneamente. A bala atravessaria o palato mole e atingiria o cérebro com todo o impacto! A cabeceira da cama ficaria salpicada de pedaços sanguinolentos de crânio e de cérebro estilhaçado.

Os vermes o comeriam até que alguém sentisse sua falta e viesse procurá-lo. Muita gente iria querer vomitar ao vê-lo.

Talvez só a polícia e a Justiça, com sua espada de dois gumes estivessem interessadas nele, então.

Mas o revólver pendeu de sua mão, negando-se a cumprir sua função mortífera.

Os dois gumes da espada da Justiça, ora bolas! O que corta de um lado corta também do outro... o que pode me destruir também pode me salvar, se usado de outro modo...

Thomas começou a pensar em sua situação tentando vê-la sob novo prisma.

*Merda, que todos se danem! Para se matar sempre há tempo! Este é um trunfo que possuo. Ninguém terá minha vida nas mãos, mais do que eu mesmo a tenho agora!*

Conjecturou que poderia matar, roubar, seqüestrar... Mas não havia tempo para traçar um plano algum para conseguir dinheiro!

Deveria usar a mente e a malícia, mais do que a força bruta..

Uma forma de se livrar de qualquer acusação seria oferecer um culpado à polícia. Não tinha vocação para detetive mas se tivesse guardado o estilete, poderia dar um telefonema anônimo ao delegado Alberto para que o procurasse no porta luvas do automóvel do Dr. Cláudio, por exemplo...

Se pudesse encontrar o estilete! Jogara-o no mato, ao longo da estrada. Era o mesmo que procurar agulha em palheiro!

Outra hipótese, talvez mais efetiva: conseguir um bom álibi!

Cláudia poderia fornecê-lo, claro! Se ela quisesse poderia ir à polícia e afirmar que estivera em sua companhia até as 22 horas.

Seu pai o abandonara mas ele haveria de se livrar sozinho! Na verdade, agora precisava de Cláudia.

Telefonou para ela, mas lhe disseram que ela não estava. Iria até a esquina de sua casa e ficaria à sua espera. Era preciso resolver isso o quanto antes.

Esperou-a na esquina e, quando viu seu carro se aproximando, deu sinal de farol.

Ela diminuiu a velocidade, parou lado a lado, desceu o vidro e gritou:

— O que você está fazendo aqui a esta hora?

Thomas sentiu-se ferido com a fria recepção.

Mas não era hora de se zangar e sim de tentar seduzi-la novamente, se fosse possível. Precisava dela. Ela tinha nas mãos sua liberdade, por mais que odiasse reconhecer.

— Aconteceu algo urgente e que não pode esperar. Estacione, por favor, é um assunto rápido.

Thomas passou para o carro de Cláudia:

— Onde você estava, até esta hora? — perguntou.

— Tive reunião na faculdade.

— Como vai o Freud, aquela mente pervertida?

Cláudia riu. Thomas sentiu que tinha quebrado o gelo.

— Qual o assunto urgente, para você dar-se ao trabalho de vir até aqui?

— Saudade não é urgente? Aproximou-se e tentou abraçá-la.

Cláudia esgueirou-se e disse:

— Thomas, preciso de um tempo.

— Que idéia é essa agora?

— Aconteceram coisas demais! Desgastou-se tudo que havia. Hoje veio um policial aqui em casa, perguntando se eu era sua namorada. Estou cansada de suas confusões e meus pais andam muito nervosos!

— Você disse ao policial que somos namorados?

— Disse a verdade, que saímos juntos por seis meses. Mas que agora não tínhamos mais nada um com o outro! Sinto muito.

— Por que isso, Cláudia?

— Acabou, Thomas, acabou... pelo menos por algum tempo. Mais tarde, quem sabe, quando tudo isso terminar...

Como pedir a uma mulher que queria romper com ele que fosse à polícia empenhar sua palavra?

A noite estava silenciosa e um ou outro grilo cantava.

Thomas deixou sua mente pairar naquele som, como um encantamento. Foram negativas demais, num só dia!

— Bem, preciso ir. — Cláudia avisou.

— Faria ainda um favor para mim?

— Depende, Thomas... O que é?

— Se você fosse à polícia, afirmando que estivemos juntos até as 22 horas, na noite em que ocorreu a tragédia com Liz, eu estaria salvo...

— Você quer que eu lhe forneça um álibi!? Que conte uma mentira?

— Por uma boa causa! Eu não sou culpado! Ou você duvida disso?

— Se o achasse um assassino não estaria aqui conversando com você!

— E eu não lhe pediria isso se tivesse outra saída! Mas os honorários do advogado são intoleráveis. Ofereci a ele minha casa, como pagamento, mas ele não quer aguardar o inventário! Eis a situação. Ou você ajuda ou não sei o que será de mim!

Cláudia parecia insensível, coração de pedra..

— Vai à polícia ou não? — perguntou Thomas, incisivamente.

Cláudia balançou em negativa a cabeça. Ele sentiu impulsos de esganá-la. Algum dia ela haveria de pagar por isso!

— Não quero mentir à polícia. Confesso que também tenho medo. Se as coisas forem como você diz, podem envolver-me como cúmplice! Mas vou pensar, e se decidir algo diferente entro em contato até amanhã.

E assim se despediram.

## CAPÍTULO 23

Thomas voltou para casa desnortado, depois da negativa de Cláudia. Bebeu uma garrafa de gim e dormiu, anestesiado.

Até que amanheceu, e o novo dia lhe trouxe novos cuidados.

A polícia apareceu em sua casa, tinham autorização judicial. Não foi agradável ceder a entrada aos investigadores, com os óculos escuros inevitáveis usados por essa gente. Eram dois e entreolhavam-se ante as menores insignificâncias encontradas. Vasculharam o pequeno jardim e perguntaram onde ele havia enterrado o cachorro! Até isso já sabiam! Thomas indicou o lugar.

Telefonaram para a delegacia, pedindo que viesse alguém com uma pá. Não havia ninguém disponível no momento... Mas eles voltariam no mesmo dia, pelo que disseram.

Thomas não conseguia pensar em nada. Sentia-se passivamente entregue a seu destino.

Ligou a televisão, tentando distrair-se.

O assunto era Collor. Sempre as mesmas coisas, corrupção, formação de quadrilha, apropriação de dinheiro público, a mesma lengalenga. Nada que o interessasse, mas se levasse em conta que a cabeça do presidente fora colocada a prêmio pelo próprio irmão, dava o que pensar!

Quem melhor conhece nossas fraquezas senão aqueles que privaram de nossa intimidade? Nosso irmão, o melhor amigo, nossa esposa ou a amante a quem nos entregamos?

Não tinha irmãos e nunca abria seu coração a mulher alguma, mas quando precisara de uma... Cláudia fora decepcionante!

Afinal não telefonara. Com certeza optou por se manter em sua decisão de livrar o próprio rabo! Cadela ingrata! — pensou, ressentido. Seria capaz de aguardar friamente que o levassem a julgamento!

Usava a desculpa dos “pais assustados” para não se envolver, a menos que o assunto fosse diversão! Aí sim, era só chamá-la e contar com ela!

Quanto à Liz, fora desonesta e seu pai, desnaturado! Que triste balanço de suas relações pessoais! Nove fora nada! Sua tragédia vital não ficava nada a dever à que vivia o presidente Collor. Como ele, estava só! Perseguido, talvez fosse mesmo preso, sem entender por que aquilo estava acontecendo com ele, e sem que ninguém lhe estendesse a mão!

Os seres humanos eram egoístas e frios, independentemente de toda a baboseira que a sociedade acha que lhes incutiu, independente de educação e cultura! Eram e sempre seriam como lobos devoradores da sua e das demais espécies! E sob essa pela algo ainda pior e mais imundo existia, se pior houvesse! Cobiçosos, venais e espertos, isso sim o eram, espécie cuja extinção só beneficiaria o planeta!

Desligou a televisão e jogou o controle remoto longe, cheio de ódio.

Como gostaria de destruir Cláudia, principalmente, esfalear a dentadas sua carne! Sentiria prazer com o sangue e a carne em sua boca! Se pudesse apenas por alguns momentos novamente algemá-la à cama! Como seria diferente seu prazer, não mais o prazer sexual, que transforma o lobo em cordeiro, mas outro, de espécie mais verdadeira e profunda: o prazer da vingança, do sangue, o mais perene e doce de todos os gozos !

— Isso não vai ficar assim! — disse para si mesmo, subindo as escadas com o furor da raiva que sentia.

Dirigiu-se ao dormitório e novamente empunhou o revólver, desta vez com objetivos voltados para o mundo que o perseguia. Verificou que o tambor estava cheio.

Iria à casa de Cláudia e dispararia contra seu rosto uma,

duas, três vezes, até que seu cranio virasse uma massa informe!

No mesmo momento, escutou a voz já conhecida falando em sua mente, cheia de persuasão: **Refreie este impulso, Thomas! Queres prejudicar-te ainda mais? Ainda tens uma chance!**

— E qual é ela? Qual chance? Responde, Diabo! Desgraçado, onde estás, agora que te necessito? Esperas o quê, filho da puta? Que te chame três vezes? Que te recite poemas e inspire tua vaidade?

Escutou o ruído de passos subindo as escadas. Quem seria? Não, não era possível! Sentiu uma pontada de frio no estômago e aguardou, sem conseguir se mover, em tensa expectativa. Antes que visse a figura, percebeu a atmosfera rarefeita e uma opressão palpável em torno de si.

Quem sabe o anjo das trevas ainda nutriria algum interesse por ele, agora que estava desesperado!

O ser que entrou pela porta já não lembrava Carlos.

Possuía a pele avermelhada e os olhos injetados, barbas escuras e aneladas, a testa muito alta, grandes entradas, cabelos grudados à cabeça, presos à altura da nuca..

Suas mãos possuíam pêlos no dorso e os dedos, unhas longas. Portava um bastão, mas era forte o bastante para não se apoiar nele. Parecia mais um cetro na mão de um soberano. A ponta reluzia com uma imensa gema vermelha, como um rubi.

Vestia uma capa escura e longa que lhe cobria os pés.

Fitaram-se em silêncio, mas Thomas desviou o olhar, incomodado:

— Já não pareces Carlos. — observou, justificando-se.

— Também já não pareces Thomas. — respondeu a voz soturna, já conhecida sua.

— Estarei tão transformado?

— Os atos se imprimem no rosto e nas linhas da mão.

— Atos? A quais atos te referes? Só se forem pensamentos e sonhos! Não tenho poder de me transformar em lobisomem e dar cabo de quem me desagrada!

— Que falta de imaginação! Tens complexo de lobisomem, por acaso? De onde tiraste esta história ridícula?

Não é preciso ser lobisomem para matar a sede de vingança! Basta o desejo de vingança que te consome!

— E ser incriminado e preso? Que belo amigo és! Mas, seja como for, agradeço por teres vindo. Vou recitar-te alguns versos, quem sabe, se forem de teu agrado, concordes em auxiliar-me:

“Ó tu, anjo mais belo e sábio entre teus pares,  
Deus que a sorte traiu e expulsou dos altares,  
Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!”

— Espero que tenhas apreciado. És o único a me tratar com alguma consideração, nestes tempos difíceis! — Thomas finalizou, esperançoso.

Mas o rosto do visitante crispou-se:

— Consideração? Não tenho talento para tal! Meu interesse em tua pessoa se deve ao fato de que antevi certas possibilidades em ti. De certa forma pensas de maneira semelhante à minha em relação à humanidade!

— É um elogio? — Thomas perguntou, muito atento. — Meti-me em encrencas, com certeza já o sabes, e desconfio até que as armaste contra mim, para que o chamasse e implorasse tua ajuda!

— Continuas com dificuldade de assumir tuas responsabilidades. Mas vá lá, ninguém é perfeito! Tenho algo a oferecer-te, mas nada ofereço sem que me paguem e nada aceito sem oferecer as devidas recompensas!

— Preciso de ajuda, e estou disposto a te pagar, dependendo da moeda...

— Quanto à moeda, veremos... Necessitas que outra pessoa seja incriminada em teu lugar como assassino de tua mulher, não é verdade?

— Desejo apenas que a polícia encontre o culpado!

O Diabo achegou seu rosto ao de Thomas e fixou-o profundamente.

Seu longo dedo se fincou ameaçadoramente sob seu queixo e, levantando-lhe a face, para encará-lo nos olhos, desafiou:

— Queres saber quem é o culpado? Possuis a coragem necessária para encarar a verdade de frente?

Thomas assentiu, um tanto amedrontado com a força que emanava do extravagante ser.

— Recosta-te então em tua cama e olha fixamente esta

pedra escura. Cenas desenrolar-se-ão qual um cinema ante teus olhos. Elas te mostrarão a verdade.

O Diabo sentou-se na cadeira em frente a ele. Exibiu o anel que usava no terceiro dedo, ornado com uma negra pedra e luzidia. Começou a declamar uma espécie de cantochão:

— No dedo de Saturno sua pedra negra brilha qual espelho mágico. A pedra negra brilha qual Saturno no espelho do dedo. Brilha o espelho mágico do terceiro dedo de Saturno na pedra negra.

E assim por diante foi recitando, até que Thomas sentiu que adormeceria. Enrolando as palavras, sonolento, ainda conseguiu perguntar:

— Mas afinal, és um hipnotizador? Este truque é velho! O Príncipe dos Demônios... usando pobres e desgastados artificios!

— Cede ao sono que te entorpece. E sonha!

As pálpebras se entrecerraram e Thomas começou a visualizar imagens estranhas e incoerentes.

Um tabuleiro verde, quadriculado, com garatujas incompreensíveis, desenhadas em negro, uma em cada quadrado. A cena afastava-se e aproximava-se.

Então, uma fotografia em branco e preto foi atirada como que pelo vento sobre o tabuleiro. Era a foto de um homem. A sua foto!!!

A seguir uma cena noturna: ele andando sobre o grama-do que a luz de um poste iluminava. Depois seus passos sobre a calçada de cimento. Um grande cão negro caminhava a seu lado. A entrada da clínica onde Liz trabalhava. A porta da frente trancada. Seu punho fechado batendo:

— Liz, sou eu! Preciso lhe falar!

— Vá embora! Não quero vê-lo! Vou chamar o guarda!

— Por favor, deixe-me entrar! Estou sentindo sua falta! Estou arrependido de tudo!

— Procure meu advogado!

— Não! Preciso lhe dizer que não matei Dingo! Falei só para impressioná-la! Dê uma nova chance para nosso casamento!

Silêncio.

— Dingo está comigo, Liz! Abra a porta!

A voz de Liz chamou pelo cachorro, através da porta:

— Dingo! Dingo!

O cão negro fungou sob a porta e Liz a destrancou, abrindo-a repentinamente.

O enorme cão entrou seguido de Thomas, que empurrou seu corpo para dentro, trancando a porta atrás de si.

Liz começou a berrar:

— Este não é Dingo! Saia!

O cão começou a rosar, os olhos vermelhos transformando-se em tochas acesas.

— Socorro!!!

— Não grite, Liz! Por favor, escute-me!

Liz se calou, a face lívida como a roupa branca. Seu olhos fixavam o cão, apavorada.

— Esqueça-se dele! Não vai lhe fazer mal. Preste atenção, querida, quero que volte para casa. Está perdoada pelo que fez. Afinal, também cometi minhas faltas!

Aproximou-se da mulher, para abraçá-la.

Liz começou a andar para trás, colocando as mãos na frente de si como um anteparo:

— Não se aproxime!

— É o cão que a assusta? — perguntou Thomas, e dirigindo-se ao cão:

— Vai-te embora. Não ponhas tudo a perder!

— É **você** que me assusta! — berrou Liz. — Vá embora, se ainda me quer bem!

O cão rosou ameaçadoramente e se afastou para outro cômodo. Foi andando lenta e majestosamente, rebolando o traseiro.

Thomas se aproximou mais de Liz, ela grudada na parede. Abraçou-a e começou a levantar sua saia. Ela dizia que não, com voz de choro, trêmula, mas Thomas a suspendeu e carregou-a, até sentá-la sobre a mesa da secretária.

Liz balançava a cabeça, empurrava-o, tentando desvenilhar-se. Mas Thomas conseguiu levantar suas pernas e apoiá-las sobre seus ombros. Beijava-lhe as coxas vorazmente e, afastando a calcinha para o lado, sugou o começo do que seria o gozo de Liz, esperando ver quando ela arquejaria, franziria a testa e gritaria de prazer!

Mas, ao invés disso, ela empurrou com força suas pernas dobradas para trás, quase acrobaticamente e, aproveitando o impulso de volta, desfechou um golpe com os pés sobre os ombros de Thomas, atirando-o ao chão.

Antes que ele se levantasse correu para outra sala e tentou se trancar. Por pouco não conseguiu. Thomas impediu com o pé que a porta se fechasse e conseguiu entrar.

Liz viu seus olhos amarelos cheios de ódio fixarem-se nela. Tomada por uma espécie de medo ancestral armou-se de um abajur e avançou com ele em direção a Thomas. Este se esgueirou e o abajur foi de encontro à parede. A sala ficou sem luz, e a claridade tênue vinha do corredor.

Thomas jogou Liz no chão e atirou-se sobre ela. Segurou-a pelos cabelos e começou a bater com sua cabeça no solo.

Liz deixou de oferecer resistência, e seus olhos se fecharam. Ele tirou o estilete do bolso traseiro e deixou-o à mão, para ameaçá-la caso acordasse. Desceu a calça e viu que estava pronto.

Liz abriu os olhos e tentou lutar novamente, recomeçando a espernear. Um pontapé atingiu-o num local crítico. Thomas urrou de dor e raiva, e desfechou um murro bem dado no rosto dela. E, para que demorasse a acordar, mais um e mais um!

Nocauteou-a, com certeza! Ofegando pelo excesso de adrenalina, penetrou-a furiosamente.

Parecia enlouquecido entre o desejo e o ódio, beijando Liz na boca e no rosto onde os hematomas se formavam. Dizia, como se Liz o escutasse:

— Você me forçou a ser desagradável!

Conforme executava os movimentos sexuais, Thomas sentiu uma força estranha se apossar dele. Era como se estivesse mudando de corpo, ampliando seu volume, o peito crescendo a ponto de estirar os botões da camisa.

Como com uma boneca de pano, virou Liz de bruços, segurando-a com um braço junto a ele, para que não lhe escapasse em caso de acordar. Nesta posição penetrou-a por trás.

Liz acordou de dor, tentando livrar-se e arrastar-se para longe, mas Thomas agarrou-a pelos cabelos.

Puxou-a contra si e desceu as mãos para sua garganta:

— Fica quieta, senão te mato!

Subiu sobre ela, mantendo-a de bruços. Rodeou-lhe os quadris com as pernas, mantendo-a paralisada. Com uma mão segurava sua cabeça pelos cabelos e com a outra introduziu o estilete no que lhe pareceu ser o cerebelo.

Liz gritou e um jato de sangue escorreu.

Ela ficaria sem equilíbrio, esperava. Sua vida e sua carne lhe pertenciam, finalmente! Ela ficaria como os pompos, tonta e quieta no chão!

Dessa forma, Thomas completou seu prazer, o maior e mais completo orgasmo de sua vida.

O espelho do corredor refletiu a imagem de um homem volumoso, com um grande e poderoso pênis. Era ele: um guerreiro bárbaro, após o combate triunfal.

Thomas abandonou Liz jogada no chão, e admirou-se ao espelho orgulhosamente. Estava mais másculo e mais belo! Nesse momento Carlos apareceu e, de forma displicente, bateu palmas, com lentidão, como um espectador sofisticado ante uma peça teatral. Então falou:

— Mate-a agora, e vamos embora! Já é tarde.

Incrédulo Thomas respondeu:

— Não posso matá-la! Está inconsciente, não fará mal a ninguém!

— Ela vai denunciá-lo, se ficar viva. Se quiser arriscar... você é quem sabe...

— Mate-a você, então! Não tenho coragem!

Carlos deu as costas e partiu, abandonando-o com seu dilema.

Thomas se ajoelhou ante Liz, passou o braço por seu pescoço, olhou os olhos entrecerrados e balbuciou:

— Perdoe-me, Liz.

Num só estalo deslocou seu pescoço.

Olhou ao redor e buscou a porta da rua, à pressas. Abriu-a cautelosamente, e viu que não havia ninguém.

O cão adiante, passou ante o vigia adormecido.

Correu, olhando para trás de vez em quando, como se houvesse um perseguidor em seu encalço. Sob a capa, a camisa aberta e o peito suado.

Alcançou seu carro e procurou as chaves no bolso. Encontrou o estilete. Felizmente o tinha consigo! Deveria livrar-se dele. Pensou em jogá-lo num bueiro, mas notou

que um motorista de táxi o observava. De onde surgira a inoportuna testemunha? E Carlos, onde estaria?

Não poderia esperar por ninguém! Tinha de partir o mais depressa possível.

Na estrada a sensação de força voltou a acompanhá-lo.

Quando chegou em casa viu que a vidraça da cozinha estava aberta. Abriu a porta e deu de cara com Carlos, sentado na poltrona da sala, fumando.

— Abri a janela. O ambiente estava muito aquecido, amecendo crepitar, qual lenha.

Thomas serviu-se de um drinque, oferecendo-o a Carlos, que não aceitou, com um gesto.

— Espero que estejas satisfeito, agora que realizastes o que querias. Estas pronto para prestar-me alguns favores?

— Não esperava por tal desfecho! O trato era que a teria de volta! — desabafou.

— Infelizmente ela não te quis... Pior para ela! Quero, agora, o pagamento pela ajuda que te dei.

— O que lhe devo, afinal? Não realizaste meu intento! Liz me desprezou e acabei matando-a! O que te devo? Minha consciência e minha pele é que estão em jogo, e não a tua!

— Pois bem, terás alguns dias para pensar no que me debes e tomar consciência de tua imbecilidade!

E assim o Diabo desapareceu, como de costume, tragado pelo próprio fogo que criava, transformando-se em fumaça e desvanecendo-se.

Thomas arrancou a roupa suada, fez uma trouxa e enfiou-a num saco de lixo que atirou na lixeira.

Colocou o estilete sobre o criado mudo, deitou-se nu e adormeceu.

Vendo numa tela mental o quadriculado verde afastando-se lentamente de sua visão, Thomas acordou e abriu os olhos.

Olhou ao seu redor e viu aquele que tem muitos nomes postado à sua frente, aguardando calmamente suas reações.

Preso de angustia, Thomas gemeu, envolvendo a cabeça com as mãos.

— Matei Liz ! Ai, de mim! És uma possessão que te utilizas de meu corpo ou sou eu mesmo um demônio? Seja como for, estou perdido!

— Escolheste teu caminho e mataste-a com tuas próprias mãos. Mas calma: não é a primeira a ser morta e nem será a última! Quanto a mim não aprecio que não me paguem as dívidas, sob o pretexto do esquecimento. Permitirei que o vigia se recorde de ti, assim como permiti que o taxista parado na rua anotasse a placa de teu carro, na noite em que assassinaste tua mulher. Ele já depôs à polícia. Em questão de horas teu mandado de prisão estará nas mãos do delegado.

— Bem que percebi que a polícia tinha mais nas mãos do que mostrava!

— Amanhã cedo a polícia fornecerá uma foto tua para que o taxista o reconheça, definitivamente. E ele o fará. Serás trancafiado!

E rindo, guturalmente:

— Será que adivinhas que foto tua o delegado possui, para que a testemunha te identifique? Aquelas em que apareces fodendo tua amiga Cláudia! Liz roubou-as de tua gaveta!

Thomas lembrou-se das fotos que faltavam! Liz afinal as tinha descoberto!

— Mulherzinha infame!

— E tu que ainda te arrependias de havê-la matado!

O visitante continuou a falar, em tom brando:

— Fizemos um trato... mas... esqueceste tua parte! Nem guardando um bocado de cinzas de meu cigarro te lembraste de mim e de tuas promessas!

— Imploro tua ajuda! Não quero ser preso! — Thomas gritava.

O Diabo não respondeu, começando displicentemente a limpar as unhas.

Diante do silêncio e da indiferença, Thomas ajoelhou-se:

— Por favor! Eu te imploro!

— “Imploro tua ajuda!” — arremedou o Diabo, a voz em falsete, a fisionomia zangada. — Pois estou farto de ti! Imploraste para que te ajudasse a convencer tua mulher a voltar para ti! Facilitei tua entrada na casa. Tiveste tua

chance! Repudiado, realizaste tua vingança, e depois? O que fazes? Me agradeças? Não! Esqueces do acontecido, reprimes tua própria consciência, para não teres de admitir coisa alguma! E finges que nada me deves, esperando me enganar! Só enganas a ti próprio, inconseqüente!

— Tens razão! Quero penitenciar-me: dize o que desejas e o farei. Serei digno de tua confiança, prometo!

— Muito bem... dar-te-ei a última chance! A escolha é tua, como sempre, mas é definitiva. Agora não se trata mais de um pequeno favor, e sim de toda sua vida!

Thomas viu o Diabo inflar-se e tornar-se horripilantemente feio. Apontou-lhe uma garra com unha suja e perguntou:

— Queres ser um de meus filhos? Dever-me-ás respeito e obediência, e não questionarás minhas ordens!

— Tenho liberdade para não aceitar, se o que está em risco é minha vida? Quero que tenhas consciência de minha dificuldade em acatar ordens, obedecer... mas aceito, não tenho outro remédio!

— Para não suceder que te comportes como sempre o fizeste, passarás por uma transformação. Em tua mente, é claro!

A voz do Diabo tornava-se cada vez mais cavernosa e reverberante, ecoando no ambiente.

— E esta transformação... em que consiste?

— Serás em tudo igual ao que és, teu corpo, tua mente e teu sentimento de identidade permanecerão os mesmos. Nada mudará, aparentemente. Apenas, deixarás de possuir qualquer conflito de ordem moral e te submeterás, sem dúvidas ou resistências, às minhas ordens. Os poucos princípios morais que ainda possuis, deixarão de atormentar-te!

— Nenhuma modificação física? Poderei viver como um homem, isto é, beber, comer, possuir uma mulher?

— Se a isto chamas viver como um homem... a resposta é sim! Prezarás a vida e não teu invólucro corporal, pois poderás trocá-lo sempre que se fizer necessário.

E então o Diabo concluiu:

— E agora basta, é preciso que te decidas. Tenho que partir.

Thomas estava confuso e perdido. De alguma forma sa-

bia que estava prestes a entrar no barco de Caronte e atravessar o rio que o levaria ao reino dos mortos. Chegara a sua hora. Era esta a transformação!

Olhou a figura à sua frente, que já fora um imenso cão assustador, um Cérbero, e pronunciou mentalmente: — Deus, ajude-me!

Em seguida sentiu uma grande náusea e caiu sobre suas pernas, vomitando no chão uma gosma verde e amarga.

O Diabo gargalhou com gosto:

— Pense algo que não devias... Deves acostumar-te a não o fazer...

Thomas se limpou, sentindo-se um renegado, e disse:

— Está bem. Aceito.

— Diga então que aceita a mim, Satã, como teu pai, a quem obedecerás e seguirás por todos os séculos. Repita esta frase três vezes.

— Eu, Thomas, aceito Satã como... meu pai, a quem obedecerei e seguirei por todos os séculos.

E repetiu a frase três vezes. Quando terminou de falar o Diabo sofrera mais uma transformação, seus olhos ficaram vermelhos cintilantes, num corpo de uma grande réptil, algo assustador como um dragão.

E ele que dissera aceitar ser filho deste ser!

Como que lendo seus pensamentos o Diabo riu e respondeu:

— Estou brincando, só para te assustar!

— Ficarei com tua forma física, por acaso?

— Já lhe disse que manterás teu corpo, ou qualquer outro que desejares!

Aproximando-se de Thomas o Diabo estendeu para sua frente o dedo indicador e médio, como se fosse benzê-lo. Mas, na verdade, apenas encostou os dedos entre suas sobrancelhas.

Thomas fechou os olhos e sentiu uma sensação que se aproximava de um orgasmo intenso, sentido em seu corpo inteiro. O prazer foi aumentando de intensidade até que sua hipófise ou algo em torno dela se comprimiu e depois se inflou, como um balão de gás.

Algo escorreu por seu nariz, um líquido quente, e logo sentiu que sufocava, sua boca enchendo-se de algo grosso, entalado na garganta.

Olhou para seu corpo e viu-se coberto de sangue. Assustadoramente vertia sangue pelo nariz e pela boca, tinha impressão de que se esvairia, estava sem forças, sequer para gemer!

Desmaiou, então, só acordando mais tarde, vendo-se deitado na poça de sangue, um grande calor abafando o quarto.

— Terminou. — pensou Thomas, aturdido.

Olhou suas mãos. Aparentemente eram as mesmas. Levantou-se, impressionado de pisar no próprio sangue. Foi ao espelho e viu seu pálido semblante.

— Agora que és um demônio necessitas algumas explicações sobre teus poderes.

O Ser estava sentado de pernas cruzadas, no parapeito da janela, que estava aberta, embora ar nenhum circulasse. Thomas, que se imaginava só, assustou-se.

— Sente-se e escute. — disse o Diabo.

Thomas se sentou e escutou, sentindo despertar a curiosidade.

— És um ser potencialmente imortal revestido de um corpo humano mortal, que vais nutrir e zelar. Se teu corpo for destruído, manterás tua consciência de identidade inalterada, durante o tempo em que a terra gira em torno de si mesma, um dia e uma noite. Então, o que deves fazer para que não sucumbas à morte é apropriar-se do corpo de qualquer ser vivo que te apareça, por mais repugnante que seja. Mais tarde poderás trocar de invólucro. O corpo é apenas um veículo.

— E quanto ao dono do corpo? Que será feito dele?

— Que te importa?

— Posso experimentar deixar meu corpo, para vivenciar outras identidades? — Thomas estava espantado.

— Sim, mas pode ser que não consigas recuperar o mesmo corpo abandonado. A matéria é muito frágil, sem uma alma que a sustente de vida.

— Só morrerei se não encontrar um ser vivo para abrigar minha alma! Isto é praticamente a imortalidade! Mas... se, apesar de tudo, eu morrer... para onde irei?

— Dependendo de teu comportamento, ficarás sentado à minha direita!

O Diabo gargalhou com a referência bíblica. Depois voltou a falar com seriedade.

— Quanto ao assassinato de Liz, aconselho-te a tomares o corpo de alguém... A polícia encontrará teu corpo sem vida e... réu morto não cumpre pena!

— Não! Não quero perder meu corpo! Ainda não! Acho que não estou pronto para isso!

O Diabo ficou em silêncio.

— Não existe alguém que gostarias de ser?

— Não! — declarou Thomas categoricamente.

— Vejo que gostas um bocado de ti mesmo! Pois bem, por esta vez aceito tua resistência. Além do mais tua forma atual ainda me é útil. Usarei de uma estratégia especial para salvar-te, um expediente antiqüíssimo, a confundir a mente das pessoas. Agirei sobre as testemunhas. É minha especialidade! Logo estarão falando que alhos são bugalhos!

O Diabo se levantou e ajeitou sua capa:

— Além de seres praticamente indestrutível, serás inteligente. A moral e a ética não te criarão entraves. Foste sensato em tua escolha!

— Não falharei, estou certo! Pede-me o que quiseres!

— Vou incumbir-te de tua primeira missão. Cumpra-a com rapidez!

O Diabo comunicou o que desejava, enquanto limpava com uma das unhas a sujeira das outras.

Em seguida partiu.

As partículas negras que se desprenderam das unhas formaram pequenos seres negros, que pulavam e falavam com voz aguda:

— Parabéns, Thomas!

Inexplicavelmente, Thomas se sentia feliz!

## CAPÍTULO 24

Quanto mais Cláudia pensava no assunto mais acreditava que tinha agido acertadamente em não se envolver mais com Thomas.

Na verdade, andava um tanto impressionada com os últimos acontecimentos. Algo malévolos rondava Thomas quase que palpavelmente, ela o sentia.

Após o último encontro, passou a noite sem dormir, presa dos piores pressentimentos.

O que fora antes um transbordante sentimento de prazer e expectativa se transformara em algo que a assustava e lhe provocava calafrios.

Talvez Thomas estivesse dizendo a verdade e não tivesse realmente assassinado Liz, mas o fato é que ele **poderia** tê-lo feito. E esta nova forma de enxergar as coisas mudava a perspectiva do relacionamento.

Quão pouco o conhecia, mesmo tendo sido tão íntimos!

Lembrava-se com angústia de quando se deitou na cama onde a mulher dele, assassinada de maneira bárbara, dormira noites e noites, com o homem que chamava de marido.

E Thomas, tão insensível, tão egocêntrico, tão indiferente! Foi como um sacrilégio!

Até que ponto desceria na escala moral, se continuasse se deixando levar por Thomas?

Só esperava que a polícia descobrisse o verdadeiro assassino e livrasse sua mente da dúvida angustiante sobre quem era o homem que tivera por amante e por quem estivera cegamente apaixonada!

A polícia estava passando por maus dias, no que dizia respeito ao caso do assassinato de Lisa Demondieu.

O delegado Alberto viu todo o castelo de hipóteses bem encadeadas que construía ruir por terra, em menos de quarenta e oito horas.

Estava novamente na estaca zero.

Quando chamou sua testemunha chave para reconhecer Thomas nas fotografias, coisa que o fez por uma pura questão de zelo, visto que já possuía em mãos testemunho mais que suficiente, o homem não reconheceu a figura que descrevera.

— Mas — ainda insistiu Alberto — a chapa do automóvel que o senhor nos forneceu pertence a este indivíduo!

— Isso eu não sei... só se usaram o carro dele! O homem que vi não era este!

A testemunha tirou uma caderneta velha do bolso e gabou-se de ser muito meticoloso:

— Gol branco. Chapa: AQ 2629.

O delegado Alberto conferiu e pulou da cadeira com o susto:

— Não foi esta a chapa que o senhor me deu anteriormente!

Verificou a chapa fornecida: AQ 2926! Que homem destrambelhado! Invertera a ordem dos números! Ou fora comprado por Thomas, isto sim!

— Quer me fazer de bobo? Negar com esta estratégia seu primeiro depoimento? — o delegado pensou que fosse estourar de raiva!

— Olhe aqui, doutor, vim de minha livre e espontânea vontade prestar declarações. O senhor que verifique a chapa. Veja a quem pertence, ora!

O delegado pediu à testemunha que aguardasse e telefonou ao Detran pedindo a máxima urgência na localização da nova placa.

Forneceu a chapa, a marca e a cor do carro e aguardou na linha, impaciente.

A resposta veio rápida:

— O automóvel pertence a Alberto Batista.

Ainda segurando a testemunha na delegacia, depois de uma hora e meia o delegado conseguiu localizar o dono do veículo e obter seu endereço comercial.

Tratava-se de um comerciante de materiais elétricos, que prontamente atendeu o telefonema:

— O senhor possui um automóvel marca Gol, branco?— perguntou o delegado após se identificar.

— Possuía. — respondeu o homem. — Sofri um acidente com o carro há dois meses e tive perda total do veículo. Caí dentro de um rio, imagine o senhor. Salvei-me por milagre!

— Foi aberto boletim de ocorrência, certamente...

— Sim, inclusive para fins de seguro. Será possível lembrá-los que estou sem carro e necessito receber a indenização! Já fazem dois meses, afinal!

O delegado anotou o nome e número da companhia de seguros.

A história de Alberto Batista era absolutamente verdadeira. Segundo informações da companhia de seguros, o carro fora entregue ao ferro velho. Não poderia ter estado, portanto, nas imediações da Clínica Gênese!

Parecia um jogo diabólico. As peças estavam encaixadas até há instantes e agora já não havia mais nada!

Tinha vontade de esmurrar o motorista de táxi! Ele tinha se vendido e mudado sutil mas profundamente o depoimento anterior. Não era possível outra coisa!

Despediu a testemunha, era o que lhe restava...

— E quem vai me pagar a manhã que perdi? Sequer um obrigado! É nisso que dá, ter boa vontade!

O homem saiu da delegacia mal humorado e de cara fechada, deixando o delegado Alberto da mesma maneira.

Paulinho entrou na delegacia e escutou o chefe aos berros com o escrivão:

— O que aconteceu não pode ser! É demais! Você viu que ele modificou o número da placa!

O escrivão não podia dizer nada... o delegado andava tão excitado e criando tanto burburinho na delegacia que não se descartava a hipótese de mero engano no meio de tanta confusão!

Paulinho era da opinião de que Thomas não poderia ter tomado conhecimento da testemunha, mas a testemunha sim, poderia ter chantageado Thomas, que lhe oferecera dinheiro para calar-se.

— Vamos verificar o passado deste homem! Veremos se joga, se tem dívidas urgentes, se tem mulheres! Afinal, num dia nos fornece uma pista que incrimina alguém intimamente ligado à vítima. Depois, diz que se enganou, e nos aponta para um caminho sem saída!

Paulinho riu amarelo:

— Afinal, esse Thomas parece que nos escapou! Nada encontramos também na casa dele...

O motorista de táxi foi investigado, mas nada o desabonava: era pai de família, morador da zona norte, não tinha dívidas e vivia simplesmente. O táxi era de sua propriedade e não estava alienado.

Mesmo assim... era muito estranho, pensou o delegado, após um dia inteiro de trabalho e frustrações.

— Paulinho, vou pagar sua cerveja, hoje. Para mim, porém, algo mais forte vem a calhar. E tem uma condição: não quero falar deste caso !

Naquela noite Alberto chegou em casa mais tarde, o hábito cheirando a álcool.

Zilda olhou-o preocupada e inquisitivamente, aboletada na cama com seus óculos de leitura, o jornal ao lado.

— Más notícias?

— Estamos na estaca zero. Nossa principal testemunha no caso da Clínica Gênese deve ter sido comprada, pois mudou o depoimento.

— Guardei um prato de comida.

— Não tenho fome. O que há na televisão?

— Em algum canal vão televisionar um jogo de futebol.

— Então vou assistir na sala, está bem?

— Não quer conversar?

— Hoje não, querida.

E Alberto foi para a sala ligar a televisão. Localizou o canal que queria, sentindo-se totalmente deprimido. Acabou dormindo em seguida. Acordou com Zilda, chamando-o para ir dormir na cama.

No dia seguinte o telefone tocou às sete horas da manhã. Era da delegacia e pediam sua presença na Clínica Gênese.

— O que aconteceu? — perguntou, a voz pastosa.

A Clínica havia sido depredada, móveis e aparelhos médicos destruídos e o vigia da noite surpreendido em estado muito alterado, ateando fogo ao que restara.

O delegado vestiu-se rapidamente e dirigiu-se para a Clínica.

A destruição parecia obra de cem homens, mas os policiais afirmaram que se tratava tão somente de Gaspar, agindo num acesso de loucura!

Não restava pedra sobre pedra. O fogo tinha deixado as paredes chamuscadas e tudo ao redor era devastação.

— Gaspar! Como não se dera conta do óbvio? — pensou Alberto, em tom de auto-recriminação. — Fora sempre ele!

Mas, a verdade é que o homem não parecia louco! Como poderia ter adivinhado? Enfim... loucos não usam nenhuma tabuleta na testa, avisando que o são!

Mas sem antecedentes criminais ou psiquiátricos, quem haveria de supor que o homem entraria em surto psicótico? A imprensa haveria de queimar sua reputação! Todos iriam julgá-lo de incompetente para baixo!

Talvez fosse hora de se aposentar. Tinha perdido sua legendária objetividade!

De volta à delegacia, Alberto cruzou com Jair, que tinha chamado a polícia, às cinco horas da manhã.

Cláudio Barcelos também estava lá, apresentando formalmente a queixa. Parecia arrasado.

Alberto perguntou-lhe se notara algo diferente no comportamento do vigia, mas não... tudo andava como sempre...

Jair tinha escutado o alarme da Clínica soar de madrugada e foi procurar Gaspar para perguntar se precisava de ajuda.

Para sua surpresa, era Gaspar que estava dentro da casa, pondo-se a quebrar tudo que via pela frente. O alarme soou quando uma das janelas foi quebrada. Até então, ele já tinha feito um formidável estrago e ateava fogo nas cortinas.

Jair gritou e tentou detê-lo, mas ele parecia ter a força de cem homens.

O delegado foi visitar a cela onde se encontrava Gaspar,

provisoriamente, amarrado em camisa de força e aguardando a ambulância. Apesar de sedado, de vez em quando gritava ensurdecedoramente e o som ecoava pela delegacia. Era uma cena patética!

— Ele possuía a chave da Clínica? — Alberto perguntou ao Dr. Cláudio.

— Sim, é claro, para qualquer eventualidade... Será possível que ele tenha... atacado Liz?

— Só se ela mesma abriu a porta para ele... — o delegado sugeriu. — Ela não desconfiaria justo do vigia...

— Há anos este homem trabalha conosco e nunca tivemos problemas! Como as pessoas podem mudar de uma hora para outra?

O delegado já vira muita gente mudar, com conseqüências dramáticas.

— Sinto muito pelo senhor, Dr. Cláudio. A moça assassinada, e agora a clínica destruída!

Cláudio pareceu que iria chorar, mas se conteve.

Mais tarde a ambulância chegou e levou Gaspar.

Tudo muito lógico: Gaspar enlouquecera, se é que não era louco há mais tempo, quem sabe tentara seduzir Lisa, fora rejeitado e acabara por estuprá-la, matando-a em seguida para que não o delatasse.

Perseguiria esta hipótese e se as provas se encaixassem seria o fim do caso da Clínica Gênese, pensou o delegado. Deveria estar contente, mas se sentia profundamente frustrado.

Quando voltou para casa enfiou-se no chuveiro e deu asas a seus pensamentos

Não acredito que Gaspar seja o assassino de Lisa! Não acredito, não acredito e não acredito! O assassinato leva a crer em algum tipo de insano, é bem verdade, mas de uma insanidade mais organizada, compulsiva e ritualística, plena de sentidos oculto... Gaspar apresenta a mente desorganizada, confusa e demente. Não é capaz de malícia, seus atos parecem destituídos de sentido!

Minha tarefa está concluída, de qualquer forma. Caberá à justiça os demais procedimentos e averiguações. Se Gaspar tiver um arguto advogado de defesa ele que peça a

comparação do esperma de seu cliente com o que consta dos arquivos da polícia! Aposto que são diferentes!

Se pedirem minha opinião, já sei o que dizer! Gaspar pode ter enlouquecido, mas Thomas Demondieu deve ter comprado o taxista para modificar seu depoimento e não relacionar a placa do carro suspeito com o de sua propriedade! Thomas é o verdadeiro assassino de Lisa, pensem todos o que quiserem!

Sentindo uma forte dor de estômago, apesar dos antiácidos, Alberto deitou-se gemendo.

Zilda trouxe-lhe um copo de leite, que ele tomou mecanicamente.

Precisava esquecer este caso.

Nem bem os jornais publicaram os recentes acontecimentos, Alice, amiga de Lisa Demondieu, telefonou.

Meio sem jeito, contou ao delegado que presenciara uma cena em que Gaspar se comportara de forma atrevida com Lisa, e esta dissera que não confiava nele.

— Tudo bem, se precisarmos de seu depoimento será chamada. Mas o rapaz já está bem encrencado, mesmo sem ele!

Infelizmente para si mesmo, o delegado não conseguiu esquecer o caso.

Resolveu fazer uma visita e interrogar a vizinha da Clínica, com quem Gaspar dissera manter um caso. Era meio absurdo esperar que ela o admitisse e fornecesse um alibi para o coitado, mas... tentaria!

A mulher ficou indignada e negou o fato categoricamente, escorraçando o delegado de sua casa.

Negar com tanta violência é suspeito, pensou Alberto, sem se dar por convencido.

Assim correram os dias e, da mesma forma que a água corre morro abaixo, Gaspar acabou sendo acusado do assassinato de Lisa Alves Demondieu.

Novamente Alberto disse a si mesmo que não tinha mais nada a ver com isso.

— Agora é com a Justiça, e que Deus os ilumine, pensou.

## CAPÍTULO 25

O ar da manhã era frio e agradável.

Thomas dirigiu-se ao Departamento de Biologia, na Cidade Universitária, andando descontraidamente.

Cumprimentou o porteiro com um sorriso e subiu as escadas diretamente para a sala de Paulo Martins. Bateu levemente à porta e entrou.

O colega estava de costas, trabalhando no computador.

— Olá, Paulo! Como andam as coisas?

— Thomas! A que devo a visita? — Paulo respondeu com ar de quem não apreciou ser interrompido.

— Passei para ver como anda o pessoal. Respirar um pouco o ar de normalidade, depois de tudo que houve! Trabalhando em sua tese?

Paulo abriu um largo e cansado sorriso:

— Estou concluindo, felizmente! Aproveito as primeiras horas da manhã para trabalhar nela.

— Nunca lhe perguntei o assunto da tese! De que se trata, afinal?

A fisionomia de Paulo iluminou-se pelo interesse:

— Bem, vou resumir. Realizei alguns estudos sobre o gene regulador das células. Quando ele entra em colapso, a reprodução das mesmas se altera, como sabemos. A partir de minha hipótese, teremos uma linha de investigação que leve à produção de reguladores estimulantes dos genes que entrem em colapso. Daí à cura do câncer é um passo!

Thomas assobiou de admiração e espanto:

— Vejo que seus objetivos são ambiciosos! Quando será o concurso?

— As inscrições acabaram de abrir e devem fechar dentro de vinte dias. Mas de minha parte tenho tudo pronto! Passo uma noite aqui imprimindo, se for preciso! Está pronto, meu caro, está pronto!

— Maravilhoso! Desejo-lhe sorte, você bem que merece! Thomas levantou-se para sair.

— Espere mais um pouco! Conte-me a seu respeito. Como vão as coisas?

— Vão indo, dadas as circunstâncias... Estou precisando voltar a trabalhar, para me distrair. É até bom estar de volta na semana que vem!

— Passe por aqui, quando voltar ao trabalho!

Assim se despediram. Ao sair da sala, Thomas levou a chave da porta consigo.

Resolveu visitar o departamento onde trabalhava, para fazer hora.

Viu um colega e cumprimentou, mas a recepção não foi calorosa. Perguntou por Carlos.

— Está fazendo exames. Tirou alguns dias de licença.

— Ainda aquele problema de perda de consciência? — Thomas estava curioso.

— Parece que sim... mas está passando melhor.

Seria complicado voltar a trabalhar lá! Não estava sendo muito bem recebido...

Perambulou sem destino pela Cidade Universitária, até onze e trinta da manhã.

O sol estava quente. Resolveu tomar um sorvete, sentado numa mureta, triste e acabrunhado. Lembrou-se de Cláudia e de como tudo começara. Sentia saudade do tempo em que vivia despreocupado, sem sequer imaginar que as coisas que lhe sucederam fossem possíveis.

Naquele tempo a vida era simples e resumia-se ao conflito entre prazer e obrigações. E sempre conseguia que o prazer vencesse qualquer dilema!

Agora possuía o poder de assumir o mal, mas era escravo dele. Não poderia ir embora dali após terminar seu sorvete, por exemplo, a menos que realizasse o trabalho para o qual fora incumbido. Quantas tarefas mais viriam? E se desobedecesse as piores coisas lhe sucederiam! Era um

escravo, enfim. Poderoso, mas sempre um escravo...

Pensara que em seu novo estado estaria imune aos sentimentos e à dor, mas tal não ocorreria. Apenas eles eram mais leves e esparsos.

Talvez funcionassem como a alucinação do membro dos amputados, que chegam a sentir dor onde nada mais existe. Talvez essa tristeza não passasse de ilusão, afinal!

Agora poderia fazer tudo que quisesse sem arcar com as conseqüências, sem ser punido...

Não fora isso o que sempre almejava? Viajar, ter dinheiro, beber à vontade sem se enfraquecer, possuir a mulher que quisesse, não envelhecer mais?

Poderia até matar, se bem lhe aprouvesse, quando o ódio o enfurecesse ou precisasse do corpo de outrem para qualquer finalidade!

Trabalharia para o Diabo e a recompensa seria a eternidade, para usufruir as delícias da carne e da vida, bela e mutável, sem fastio ou tédio!

Poderia ter tantas vidas quantas quisesse, viver as mais diversas histórias, faltar-se de experiências! O tempo, esse triste obstáculo, deixaria de contar para si.

Em troca de alguns serviços apenas, o mundo lhe pertencia! Fizera um bom trato e deveria alegrar-se! A riqueza e o poder sempre foram conseguidos da mesma maneira. O que é bom para os ricos e poderosos o seria também para ele!

Aliás, se Deus tivesse uma existência concreta, o que parecia provável, tal qual o Diabo, o último tinha muito mais a oferecer a quem quer que fosse!

Sentiu-se nauseado. Não podia pensar na palavra Deus, esquecera-se disso!

Respirou profundamente, evitando vomitar.

A seguir, pegou o carro e estacionou-o num ângulo privilegiado, de onde poderia observar discretamente com seu binóculo quem entrava ou saía do prédio onde Paulo trabalhava.

Não precisou esperar muito.

Seu colega tinha hábitos metódicos. Meio dia e dez e Paulo já se encontrava na portaria, procurando por alguém, provavelmente o porteiro. Mas este já saíra para o almoço. Com certeza deveria estar procurando pela chave que desaparecera.

Esperou que o colega se afastasse e, com passos rápidos, atravessou por entre as árvores e contornou a lateral do prédio. Subiu o lance de escadas, entrou na sala de Paulo e trancou-se por dentro.

Ligou o computador e tentou localizar o que buscava. Encontrou algo sob o título: **“Genes Reguladores: A Produção Artificial de Reguladores Estimulantes”**.

Tentou abrir o arquivo mas não conseguiu, faltava-lhe a senha.

Tentou deletá-lo, mas era impossível! Permanecia inacessível.

O que quer que estivesse escrito teria de ser inutilizado custasse o que custasse! Nem que tivesse de carregar consigo o Winchester.

Debruçou-se e começou a abrir o equipamento com o auxílio de um canivete. Retirou o disco rígido e tornou a fechar o gabinete.

Quinze minutos haviam passado. Começou a suar. Teria mais vinte minutos, no máximo, até que terminasse o horário de almoço do porteiro.

Precisaria, antes disso, investigar todo o armário e as gavetas, em busca de cópias de segurança e fórmulas escritas no papel.

Apanhou todos os disquetes que encontrou e a papelada arquivada que sugerisse algo sobre o tema, mas gastou nisso mais tempo do que devia! Se o porteiro o visse sair, mais tarde somaria dois e dois, e sua ficha não andava muito limpa para arriscar.

Procurou a lixeira de parede. O duto iria dar fora do prédio e Thomas apanharia tudo quando saísse.

Se fosse visto, pelo menos não estaria de posse de coisa alguma!

Empurrou os papéis bem dobrados, os disquetes e o Winchester para dentro da lixeira.

Escutou o barulho dos objetos deslizando para baixo.

Empertigou-se e desejou a si mesmo boa sorte. Começou a descer as escadas pé ante pé. Caso o porteiro já tivesse chegado, daria meia volta.

Escutou vozes de pessoas que subiam. Assustou-se e voltou à sala, trancando-se novamente.

Observou a altura da janela. Havia uma árvore com um

galho forte se aproximando o suficiente para alguém descer por ele.

Destrancou a porta e deixou a chave caída no chão ao lado dela. Sentou-se no parapeito da janela tentando agarrar-se ao galho da árvore.

Atirou-se e ficou suspenso. Olhou para baixo. Ainda era muito alto para pular. Com os pés e os braços, agarrando-se ao tronco, desceu lentamente.

Chegou ao solo e respirou arquejante.

Foi até a lixeira e transportou sua carga, já misturada com restos de comida, guardanapos de papel sujos e tocos de cigarros, até seu carro. Guardou tudo no porta malas.

Será que a esta altura Paulo já teria percebido o tamanho do estrago que causara? Talvez não. Veria a chave caída e pensaria que não a vira antes por distração.

No entanto, logo notaria as gavetas desarrumadas, e nem bem fosse usar o computador perceberia algo muito, muito estranho.

Mas aí Thomas já estaria longe.

Iria para casa queimar os papéis! Quanto ao Winchester o melhor era atirá-lo ao Rio Pinheiros, quando fosse noite.

Arrancou a camisa suada, nem bem chegou em casa.

Então notou um papel grudado na tela da televisão.

Era um bilhete de loteria onde estava escrito à mão e em tinta preta, numa caligrafia rebuscada: “Bom trabalho! Até o próximo!”

Thomas exultou! Olhou o bilhete novamente mas a mensagem havia desaparecido.

Mal podia esperar para que chegasse o resultado da Loteria Federal.

Tinha certeza que ganharia! Seria um homem rico! O Diabo sempre pagava bem!

A excitação e a alegria eram tão grandes que preparou duas doses de gim em dois copos altos, os últimos que restaram, aliás. Colocou gelo e algumas gotas de água tônica.

— Tomarei um por cada um de nós, Mestre! Ao futuro!

Saiu de casa tarde da noite, tomando a direção da ponte Cidade Jardim. Carregava o Winchester.

Parou o carro na ponte, desceu e debruçou-se fingindo olhar o rio. Estendeu o braço e lentamente deixou cair o disco que continha a tese de Paulo.

Estava feito! **Deletado pela água!** Ainda demoraria um tempo para que os humanos tivessem a cura do câncer! O Diabo não gostava muito da humanidade...

Agora, só lhe restava aguardar que a Loteria Federal realizasse o sorteio.

Conforme fosse, nunca mais pisaria no Departamento de Fisiologia em sua vida!

Pensar que se fosse sorteado seria dinheiro limpo para esquecer o passado e recomeçar vida nova! Seria como um recém nascido. Todas as possibilidades se abririam para ele!

Quando Paulo Martins telefonou na manhã seguinte, Thomas respondeu com tranqüilidade que não vira ninguém com aparência suspeita, rondando o prédio do Departamento de Biologia.

Paulo estava com a voz rouca e embargada, mas desgraças acontecem a toda hora e Thomas sabia que não podia se dar ao luxo de nutrir sentimentos de culpa.

Se fosse capaz de se sentir sempre tão neutro e pouco apaixonado!

Dois dias após o ocorrido, voltando para casa após um lindo dia ensolarado em que vagabundeara pelo Parque Ibirapuera, sonhando com o que faria quando se tornasse rico, viu dois homens aguardando-o na porta de casa.

Eram policiais à paisana e o interrogaram sobre o furto de documentos ocorrido no Departamento.

— O senhor esteve lá, mesmo estando em férias?

Mais uma vez, a polícia! Estava se tornando um hábito duvidarem dele!

Foram embora de mãos vazias. Por falar nisso, nenhum policial tinha voltado para verificar a cova de Dingo! Ou a polícia andava trabalhando muito mal, ou fora mais uma pequena ajuda de seu “amigo”...

Thomas vestiu seu agasalho de corrida e preparou-se para andar pelos arredores. Quão pouco importavam os vizinhos e os policiais, agora! Seu amigo e seu inimigo eram

um só, e, enquanto o contentasse, nada temeria.

Precisava cuidar de seu corpo, transformá-lo num bom instrumento, treinar mais as técnicas de lutas marciais, alimentar-se corretamente, para que ele lhe durasse longos anos.

O Diabo afirmara que poderia tomar qualquer corpo que quisesse... mas, não estava bem certo disso, e além de tudo, não imaginava que conseguisse se sentir ele mesmo na pele de outra pessoa!

Pensava neste tipo de coisas, enquanto corria velozmente pelo bosque que ladeava o condomínio. Corria sem cansaço, como se não tivesse corpo, mas só pensamento. Estava maravilhado com o que lhe acontecia!

Foi então que encontrou uma jovem, filha de Valderez e Vicente, um casal vizinho.

Até bem pouco tempo era uma menina, agora se percebia os seios despontando.

Notou que ela procurou evitá-lo, mudando de trilha. Um puro instinto de caça fez com que a seguisse, e quando ela apertou o passo perseguiu-a.

Quando já estava bem perto e era fácil com um único gesto derrubá-la gritou:

— Ei, garota, espere! Sou seu vizinho! Só quero dizer bom dia!

A menina diminuiu o passo e Thomas também o fez, por pura estratégia. Não queria assustar a jovem fêmea.

— Como você se chama, mesmo?

Thomas a acompanhava, e percebeu que ela tomava o caminho de casa.

Ela ficou mais à vontade, conforme se avizinhou da rua principal. Thomas, rindo e resfolegando, mostrando um cansaço que não sentia, disse:

— Lembrei-me de seu nom: Mônica! Ufa! Vamos parar um pouco, senão meu peito arrebenta! Como vai seu pai?

A menina parou um momento, indecisa entre responder à pergunta tão inocente ou continuar fugindo.

— Vai bem...

— Você está em forma, quase ganhou de mim na corrida! É verdade que não tenho me exercitado! Que idade tem?

— Treze anos.

— Ainda é jovem... Convido-a para correr amanhã nesta mesma hora, para uma revanche. Que tal? Encontramos neste mesmo lugar?

— Não sei se poderei...

— Está com medo? Olhe então em meus olhos e responda: posso fazer mal a uma mosca?

Estavam ambos frente a frente.

A menina olhou e riu, sem jeito. O que viu não tinha nome. Era vasto como o deserto e o oceano. Possuía a força das tempestades e dos ventos. Era o Homem, o Macho Universal, o fecundante, a semente que subjuga a terra em sua força vital.

Mônica estremeceu.

— Não consigo ver nada em seus olhos... — falou, sem jeito.

— Então! É sinal que não faço mal a ninguém!

Ela sentiu uma dor fininha dentro de seu ser, lá embaixo, e algo desceu por entre suas pernas, algo líquido e quente. Teria urinado? Abaixou os olhos e viu um filete de sangue descendo por suas pernas.

Thomas farejou o cheiro, antes mesmo de ver o que se tratava. Como um animal ficou extremamente excitado.

Indiscretamente seu olhar fixou-se na região pubiana, o short branco manchado, o sangue escorrendo.

Mônica saiu correndo e Thomas teve que usar de uma força descomunal para se controlar e deixá-la partir.

— Deixe-a ir embora. Ela voltará. — pensou ele.

## CAPÍTULO 26

O resultado do sorteio da Loteria Federal saiu um dia antes de Thomas reassumir seu cargo no Departamento de Fisiologia.

Seu bilhete fora premiado! Ali estava sua recompensa!

Possuía um milhão de dólares, limpos e honestos, pelo menos para os fins da Justiça e da Fazenda.

Os policiais à sua porta foram substituídos por repórteres de televisão.

Thomas não se furtou a ser entrevistado, sendo que a repórter chamou atenção para a estranha coincidência entre tão auspicioso evento e a dramática morte de sua esposa.

Aproveitaram para fazer uma retrospectiva do caso, desde o assassinato de Liz até à detenção do culpado, o guarda noturno. Televisionaram a entrada da Clínica e o bui-ro onde a polícia encontrara o estilete usado pelo criminoso para torturar a vítima.

— Encontraram até o que não estava lá! — pensou Thomas, com seus botões.

Focalizado como um ser que a sorte brindara, após uma série de padecimentos, uma espécie moderna de Jó, Thomas fez ares compungidos e a repórter parabenizou-o simpaticamente, chegando a dizer que quem sabe a esposa falecida se tornara um anjo protetor...

— Como os seres humanos são imbecis! Meu amigo deve estar dando boas risadas desta pantomima!

O importante agora era vender aquela lúgubre casa e comprar outra nova, mais espaçosa e agradável, mudar de ares, sair daquele condomínio onde as pessoas paravam o que estavam fazendo para vê-lo passar e cochichar.

Os dias que se seguiram foram uma correria.

Pediu exoneração do Departamento e resolveu, uma vez que estava por perto, conversar com Paulo Martins sobre o desagradável incidente que destruíra sua tese.

Puro sadismo, reconhecia...

Mas o colega alegou estar muito ocupado e não quis atendê-lo.

— Que incrível! — pensou Thomas. Paulo Martins não tinha nenhuma prova de que ele fora responsável pelo que sucedera... e no entanto... Parece que bastava ele andar por perto para passar a ser o suspeito número um de qualquer crime que ocorresse!

Que triste fama! Pudera que só lhe restasse se associar ao Diabo!

Quando Thomas entrou na posse do dinheiro percebeu que suas necessidades eram tão amplas que uma milhão de dólares mal daria para supri-las.

Comprou uma casa no Alto de Pinheiros, não tão grande como gostaria, mas adequada às suas necessidades de homem solitário.

Contratou uma empresa de decoração e desinteressou-se do assunto de mobiliá-la, deixando apenas um dos dormitórios vazios, onde mandou instalar proteção acústica e revestir o piso de cerâmica. Tinha planos para seu quarto de brinquedos!

Além disso trocou seu automóvel por um Honda Civic preto. Sentiu-se muito adequado dentro do novo carro!

Enquanto esperava que ultimassem os preparativos para que sua nova residência ficasse habitável viveu um período muito peculiar.

Sob o ponto de vista físico, notou que a única coisa a não mudar foi sua apetência ao álcool. Continuou tomando uma garrafa diariamente, quando caía a noite, mas era mais que suficiente. Sentia-se bem pela manhã. Corria e fazia ginástica, a seguir se alimentava bem.

Mentalmente, começou a pensar sobre a utilização de suas novas potencialidades. Tinha especial interesse na possibilidade de abandonar seu corpo e ocupar outro, por um breve período de tempo, mas receava se arriscar e não conseguir recuperá-lo mais.

Este assunto o seduzia e fascinava imensamente, pela oportunidade de viver outras vidas, experimentar novas experiências, infinitas, sem risco algum, desde que depois pudesse voltar ileso para sua antiga casca.

Começara a se dar conta de uma espécie de brilho irradiante, no centro das pessoas, e perguntava-se para quê serviria.

Pensava e sonhava sobre o que faria no futuro e o mundo descortinava-se como um verdadeiro parque de diversões que tinha curiosidade e pressa em conhecer, sob as mais variadas formas. Sentia-se ainda como uma criança, olhando para fora do portão, entre o desejo e o receio de se aventurar.

O desejo sexual fixara sua mente na menina Mônica, e a esperança de encontrá-la em seus passeios ao bosque era o único atrativo que sua velha moradia ainda lhe reservava, mesmo que indiretamente.

— O Diabo é paciente... — pensava, tentando copiar seu mestre.

Naquela época Cláudia lhe deixou um recado na secretária eletrônica. Lembrar de sua existência despertou-lhe antigos rancores e péssimas recordações.

Não estava mais interessado em destruir quem quer que fosse, tinha coisas mais interessantes a fazer, mas esperava que ela desaparecesse de sua vida, para seu próprio bem!

No começo de dezembro, enquanto corria pelo bosque viu Mônica novamente. *Ela viera!*

A jovem se aproximou, seu andar de pernas longas e flexíveis.

— Desculpe-me pela outra vez, saí correndo!

— Ora, uma coisa natural!

A garota baixou o olhar para o próprio pé que desenhava arabescos no chão...

— Sou biólogo. Estudo a vida, e para mim os acontecimentos daquele tipo são perfeitamente naturais.

*Usarei o dom que possuo de confundir a cabeça das pessoas.*

— Vamos esquecer este assunto! Tocou-lhe o rosto, dando-lhe dois pequenos tapas, em tom de brincadeira.

Mônica sorriu e olhou com franqueza naqueles olhos amarelos e inquietantes.

— Agora tenho que ir! — disse ela, despedindo-se.

*Droga, não era capaz de hipnotizar ninguém! Era um meio demônio, com meios sentimentos! Que desilusão!*

Olhando-a enquanto se afastava, cravou em seu corpo o olhar faminto. A menina foi andando lentamente até que, repentinamente se voltou para ele, e sorriu .

Sem precisar mais nada ele andou até ela.

Mônica deixou-se cair sobre o tapete de folhas, enquanto Thomas se debruçou, beijando sua boca fresca. Sentia odores indescritíveis, que o impregnaram de desejo. Ela parecia exangue e lânguida, como que desmaiada, mas ainda que estivesse morta a possuiria, tamanha sua excitação!

Despiu-a. Os pelos pubianos eram ralos e lisos, e os seios ainda hipotéticos.

Começou a lamber os sucos inesgotáveis e a jovem gemeu. *Sentia prazer, com certeza...*

— Quero que venha a mim todas as manhãs. Escute e grave minhas palavras. Você sentirá falta de vir ao bosque, falta do que vou fazer com você...

Afinal, penetrou-a. Mônica arfava, incomodada, até que o aceitou em suas entranhas.

Começou levemente a realizar movimentos com os quadris.

Thomas retirou o pênis e sugou o sangue do defloramento que escorria. A seguir se introduziu novamente dentro dela e ejaculou com intensidade.

Disse ao ouvido da jovem :

— Daqui a cinco minutos levante-se, vista-se e vá para casa! Até amanhã.

Apesar do orgasmo seu pênis se recusava a entrar para dentro da calça. Ajoelhou-se e colocou-o próximo à boca de Mônica.

— Abra a boca. Vou colocá-lo ai dentro. Vamos, abra...

Com urgência masturbou-se e no final viu a língua dela passeando prazerosamente pelos lindos lábios melados.

Thomas foi visitar a casa recém decorada. Estava pronta para ser habitada. Possuía acomodações externas para os empregados, o que era ótimo pois não teria gente bisbilhotando.

Aparelhou o quarto que reservara com apetrechos para a realização de suas fantasias sexuais prediletas, coisa com a qual sempre havia sonhado.

Colocou ele mesmo algemas fixas às paredes e comprou uma mesa onde aparafusou tornozeleiras e algemas. Pendurou com fortes ganchos presos ao teto uma cadeira com o assento vazado, como uma balança. Quem nela sentasse ficaria com os genitais em posição estratégica: abertos e visíveis.

Mais tarde traria os apetrechos portáteis: pênis artificiais, vibradores e chicotes.

Agora já era tempo de se separar de sua pequena ninfa do bosque... bem agora que ela chegava a correr para ele, nem bem o sol marcava no céu o início da manhã!

Um dia antes de se mudar Thomas se despediu.

— Mudo-me amanhã. Agora você deverá procurar outro homem para brincar no bosque.

Ela ficou pálida e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Droga! — pensou Thomas. Fora bom para ambos e agora terminara, ninguém tendo direito de se lastimar!

-Você não se incomoda comigo, não gosta de mim, choramingou Mônica.

— São coisas da vida. É bom que você se acostume.

— Quero ir com você!

— Não! É impossível!

— Minha menstruação está atrasada!

— Vá à merda! Não me irrite, garota!

Thomas tratou de se controlar e portar-se de forma mais diplomática:

— É melhor que me esqueça! Estou dando um bom conselho. O melhor de todos.

— E se eu estiver grávida?

— Dentro de um mês, vejamos... no primeiro dia de janeiro a encontro aqui, neste mesmo lugar. Aí então veremos...

— É muito tempo...

— Virei ter com você. Acredite em mim!

Virou-se para partir, pensando:  
Mulheres, quase crianças, mas já mulheres...

Ele mudou de casa exatamente quando a cidade se preparava festivamente para o Natal.

Não tinha ninguém para festejar com ele, mas se sentia esplêndido!

A cidade parecia em festa, coisa que nunca percebera! Pessoas atarefadas, comprando presentes embrulhados em papéis de cores vivas, restaurantes lotados, Shopping Centers enfeitados e belíssimos.

Sentia-se potencialmente dono de tudo! Estava adorando sua nova vida, a casa, para a qual comprara objetos de arte, quadros, coisas que só o dinheiro o ensinou a apreciar, as oportunidades agradáveis que vislumbrava...

Freqüentava restaurantes caros e admirava-se com mulheres lindíssimas que desfilavam com seus homens desinteressantes.

Foi então que resolveu treinar a técnica de abandonar seu corpo por instantes, penetrar em outro, para em seguida voltar ao seu.

Pensara milhares de vezes sobre o assunto. Associou que o Diabo lhe aparecera algumas vezes usando o corpo de Carlos, o que talvez tenha provocado no homem a sensação de perda de consciência...

Na época, em seguida ao assassinato de Liz, Carlos contou que não andava passando bem. Tinha episódios de sonambulismo, ao que parecia, sendo que uma noite sua mulher, não o encontrando na cama, foi procurá-lo. Deu com ele entrando em casa pela porta da rua, parecendo ausente, e sem se lembrar de nada.

A hipótese que Thomas levantava era a de que Carlos tivera o episódio de ausência porque outrem usara seu corpo para andar e se locomover. E o outro, quem haveria de ser? Seu bom amigo, é claro: o Diabo!

E se isso era possível, Thomas resolveu tomar coragem para fazer sua primeira tentativa.

Aconteceu num restaurante, quando percebeu uma encantadora mulher sentada a uma mesa, acompanhada de um rapaz moreno e bem trajado. Ela usava uma roupa negra

transparente e vislumbravam-se os bicos dos seios.

Thomas gostaria de ser seu acompanhante, ao menos por alguns momentos, beijá-la e acariciá-la por baixo da mesa, encostar o corpo naqueles seios que o supliciavam.

Quando o parceiro da formosa dama foi ao sanitário, Thomas o seguiu, impulsivamente.

O outro estava urinando prosaicamente, quando Thomas entrou, meio indeciso sobre como deveria agir... Não fosse o rapaz tomá-lo por veado!

Quando se aproximou a uma certa distancia notou o brilho iridescente que emanava do tórax do rapaz. Instintivamente, sem saber como, mergulhou no corpo do outro, mal ele se voltava para encarar Thomas, de modo interrogativo.

Thomas sentiu um tranco, como um esbarrão e pronto! Já estava transposto!

Viu seu corpo caído, como morto. Foi então que se descontrolou. Entrou em pânico e voltou para dentro de seu invólucro.

Os dois fitaram-se... o rapaz à sua frente muito pálido, encostado à parede, parecendo tão atrapalhado quanto Thomas, que tomando a dianteira perguntou:

— Está tudo em ordem?

— Sim, respondeu o outro... Tive uma ausência... talvez a pressão...

Esta foi a primeira experiência de Thomas no assunto que tanto o fascinava. Viu que era possível exercitar a técnica, e sentiu-se arrependido por haver perdido a chance de se locomover e viver um certo período no corpo de outro.

Depois disso ficou ansioso por realizar a mesma façanha, novamente.

Até que certa vez se envolveu numa aventura de conseqüências dramáticas.

Ele tinha ido a um bar da moda e uma loira de cabelos e vestido extremamente curtos o fascinou. Por sorte depois de certo tempo seu acompanhante levantou-se e foi ao toalete.

Finalmente a ocasião se apresentava! Thomas seguiu o homem, rapidamente.

Fez a troca do corpo, guardou o seu com cuidado, dentro de um reservado, encostou a porta e foi ao encontro da loira.

Acabou se envolvendo com a mulher por mais tempo do que planejava. Lá pelas tantas notou um movimento de homens apressados se dirigindo para o toailete.

Correu até lá, dando-se conta de que algo inesperado sucedera. Viu dois homens debruçados sobre seu corpo, abrindo-lhe a camisa e golpeando seu peito.

Atirou-se sobre eles, aos socos e pontapés! Assim iam acabar fraturando-lhe umas costelas!

Alguém o segurou, e um deles falou incisivamente:

— Sou médico!

— Bela merda! — disse Thomas, que mais que depressa, temendo ser tarde demais mergulhou de volta para sua velha e conhecida carcaça.

Sentiu-se frio e enrijecido. Tentou abrir os olhos, o que o fez com dificuldade e aos poucos conseguiu mostrar que estava vivo! Mal conseguia articular as palavras, mas felizmente as atenções logo o abandonaram.

O corpo que usara jazia caído no chão, sem vida, e o médico ocupava-se dele!

Por que o idiota não aguardara? Para onde tinha ido aquela alma imbecil? Tinha partido, certamente, a vagar sabe-se lá por que paragens!

Finalmente o médico declarou-o morto, mas nem por isso a correria terminou.

A jovem loira apareceu e ficou histérica, quando viu o companheiro inanimado. Os fregueses começaram a pedir suas contas imperiosamente. O restaurante transformou-se numa balbúrdia.

Uma toalha branca foi colocada sobre o falecido. Tudo muito desagradável, Thomas reconheceu. Ainda mais que aquela toalha poderia estar sobre o corpo dele próprio, se demorasse um pouco mais!

Pagou sua despesa e, galantemente, ofereceu-se para pagar a conta do falecido, o que foi muito apreciado pelo pessoal da casa. Em troca, pediu ao garçom que entregasse à loira um cartão seu. *Nunca se sabe...*

Sabia que viveria só o resto de sua vida. Ser humano algum poderia partilhar seu segredo e amá-lo pelo que ele se tornara. Ser só era seu destino, desde que nascera.

A experiência de transportar-se para outro corpo e ocupá-lo tornou Thomas pensativo. Era poder demais, risco demais. Coisa para ser usada somente em última instância, quando sua vida estivesse em perigo...

Poderia ter perdido seu corpo, sua identidade, a maneira pela qual era conhecido...

Não queria ser um camaleão a ocupar diversas formas, um molambo a vagar sem ponto referencial algum, sempre perdido, tendo que reaprender até o próprio nome.

— **A única coisa que tenho é alma!** dissera-lhe uma vez o Diabo. Agora entendia... no fundo o Diabo não se apegava a nada material, nem mesmo tinha um corpo seu! Que insegurança!

## CAPÍTULO 27

Um dia antes do Natal, Thomas recebeu um telegrama com os seguintes dizeres:

*“Aproveitando sua nova vida? Agora é a vez do dever: o senhor Jean Demondieu realiza uma negociação que fere meus interesses. Livre-se dele o quanto antes.”*

Nem bem leu a mensagem e esta se apagou.

Mas... Jean Demondieu era seu pai!

“Negociações contra seu interesse?” O que poderia ser?

Dispunha-se a não questionar as ordens recebidas, mas talvez o Diabo esperasse demais dele, um demônio ainda jovem! E se tivesse um bloqueio, o que seria de si?

**Não!** Não deveria nem pensar em falhar!

Sentia-se acuado ante a imensidão da tarefa. Era preciso planejar tudo com inteligência e frieza... e não sabia se seria capaz!

Sentou-se com um copo de gim e tratou de se tranquilizar e agir racionalmente.

Daria cabo do velho, de uma forma ou de outra! Não devia manter para si antigos referenciais culturais que não serviam, ou temer conseqüências que não o atingiriam!

Em primeiro lugar, era preciso localizar o alvo.

Suspirando, telefonou para a residência do pai em Brasília. Talvez tivesse de ir visitá-lo, brevemente...

— Ele não se encontra em Brasília, informou a voz feminina que o atendeu. — Está na Europa, passando o Natal!

Tratava-se bem, o velho, enquanto que ele poderia estar no xadrez!

Thomas deu seu nome verdadeiro, dizendo desejar cumprimentar o pai pelo Natal.

— Quando estará de volta? — perguntou em seguida.

— Creio que somente após o dia cinco de janeiro, senhor. Mas se telefonar digo que ligou, desejando boas festas!

Thomas concluiu que seu pai teria o último Natal de sua vida. Que o aproveitasse bem!

Quanto a ele, passou um final de ano tenso, forçado à inatividade, sem saber como planejar o ponto principal do plano. Tinha que aguardar, coisa que sempre abominara!

Além disso, chegara a hora de ir ao encontro de Mônica e talvez ter de tomar uma atitude desagradável, dependendo das notícias que ela lhe daria...

Se ela se descontrolasse e representasse uma ameaça teria de matá-la, antes que o estrago ganhasse volume.

No primeiro dia do ano percorreu a velha estrada que o levava ao Condomínio Raposo Tavares, esperando não passar por lá nunca mais na vida.

As lembranças rançosas do passado eram abomináveis!

Além de tudo, por uma razão inexplicável, não gostaria de matar Mônica...

Imaginava que este não era um bom pensamento para um demônio, ou ele talvez gostasse de ser do contra...

Estacionou o carro em sua antiga casa, como quem visse para abri-la e deixar entrar ar. Descerrou as janelas lentamente, absorto em sensações e pensamentos. Sentia uma vaga saudade, indefinida. De quê? De Liz, de Dingo, de ambos? De sua vida monótona e repetitiva, de suas tentativas de quebrar a rotina?

Deixou as janelas abertas e encaminhou-se para o local do bosque onde costumava encontrar Mônica.

Embrenhou-se um pouco dentro do mato e logo vislumbrou a figura miúda, sentada à beira do riacho.

Aproximou-se aos poucos. Ela se voltou para ele e disse alegremente:

— Olá!

Thomas sentou ao lado dela e perguntou:

— Veio?

— A menstruação? Sim!

Thomas sorriu, aliviado, e tomou-lhe a mão:

— Estou contente por isso. Muito contente!

Ficaram por um instante em silêncio, Thomas absorto no barulho repousante da água.

— E quanto a nós? — perguntou Mônica.

— Será que você é capaz de esquecer isso tudo? Esquecer que existo? Esquecer meu nome, nossos encontros e tudo o mais? Quero que ao olhar o bosque sinta apenas indiferença, e não mais o desejo de correr para cá. Eu estarei muito longe... e seu coração estará livre para amar alguém que virá, alguém melhor.

Mônica não respondeu. Afundou as mãos na água e observou a correnteza passando por entre seus dedos.

Thomas observou que a fonte de luz que vinha do centro dela estava especialmente brilhante.

Ela passou as mãos molhadas lentamente pela cabeça e pelo rosto.

*Esta menina é estranha. Parece estar executando um ritual para lavar sua mente das memórias...*

Ela se levantou e, sem nada dizer, foi caminhando de volta para casa.

Thomas teve o impulso de correr atrás dela.

Chamou-a, mas ela não se virou. Parecia não escutar.

Ele correu e postou-se à sua frente. Ela continuou andando, como se não o visse. Sequer piscava.

— Adeus, sábia criatura! — Thomas falou para o vento.

Se tudo se resolvesse sempre assim, tão simplesmente! Estava alegre por não ter sido necessário eliminá-la. Por quê isso o alegrava?

Apanhou do chão uma pequena flor silvestre e dirigiu-se para a casa onde tinha morado.

Fechou as janelas e despediu-se. Lançou um olhar para o local onde fora a cova de Dingo. *Sabe lá o que está enterado lá dentro, roupas ensangüentadas, talvez... não quero pensar no que fiz! A consciência é como um punhal que perfura a mente... a consciência é um estilete !*

Voltou para seu novo lar, sentindo-se cansado e vazio. Preparou um gim-tônica duplo e ligou a televisão. A caseira lhe trouxe um prato de torradas com gosto de alho e óleo.

Telefonou para Brasília, procurando pelo pai.

A mesma voz que o atendera na primeira vez, informou

que o senhor Jean voltara antes do previsto, mas partira novamente!

— Ele recebeu seu recado, senhor.

— Onde posso encontrá-lo, agora?

— Ele foi a São Paulo e não disse onde ficaria hospedado! Sinto muito.

Thomas desligou e foi em busca da lista telefônica, onde assinalou os maiores hotéis da cidade. Começou a telefonar para cada um deles, perguntando se Jean Demondieu fizera alguma reserva.

Até que afinal um hotel nas imediações da Avenida Paulista confirmou que o senhor Demondieu era esperado para aquele mesmo dia.

Thomas esfregou as mãos lentamente, enquanto pensava.

Tinha que planejar minuciosamente cada ato. Agiria no dia seguinte.

Vestido confortavelmente, uma calça de algodão e uma camisa de seda clara, paletó esporte e mocassins, Thomas partiu para o encontro com o pai.

Se o Diabo queria testar sua falta de sentimentos, ficaria satisfeito! Além disso, não deixava de ser uma revanche eliminar quem tão pouco se incomodara com ele!

Deixou seu Honda estacionado a um quarteirão de distância do hotel. Era meio dia e dez minutos. Localizou um telefone público e discou para o hotel, pedindo para falar com Jean Demondieu.

— Ele não se encontra no quarto! — falou a telefonista. Quer deixar mensagem?

Thomas desligou abruptamente e voou para o hotel.

Entrou no saguão que fervilhava de gente e observou em volta. Não viu ninguém que lhe lembrasse seu pai. Estaria bem mudado com certeza, depois de tantos anos.

Dirigiu-se à recepção e perguntou se o senhor e senhora Demondieu haviam chegado.

O homem verificou e respondeu que apenas o senhor Jean Demondieu estava hospedado.

Thomas ficou aliviado. Seria mais fácil lidar com um só.

— Marcamos um encontro, ele me aguarda em seu apartamento. Sou filho dele. Qual o número do quarto?

— É o 108, mas ele não está lá! A chave encontra-se aqui...

— Estranho, ele disse que esperaria por mim... bem, vou aguardar no bar!

Imaginava que seu pai estaria almoçando, talvez no próprio hotel. Seria terrível dar de cara com ele no momento errado!

Como entrar no quarto, para aguardá-lo em situação privilegiada?

Teve uma idéia e resolveu colocá-la em prática. As idéias mais simples costumam ser as melhores...

Subiu pelas escadas até o oitavo andar. Não adiantaria localizar o serviço de quarto e pedir que lhe abrissem a porta do 108, fazendo-se passar por Jean Demondieu. Não que a camareira conhecesse os hóspedes, ao contrário, o hotel era muito grande para isso. Mas poderia haver alguma tentativa de confirmar na recepção e aí estaria perdido.

Andou até o fundo do corredor, torcendo para encontrar algum carrinho de limpeza.

Finalmente havia um, em frente a um apartamento em arrumação! A porta estava entreaberta e Thomas escutou uma música em baixo volume. Bateu levemente.

Uma mulher alta e empertigada veio atendê-lo:

— Sim?

— É possível trocar as toalhas do 108?

— Pois não, senhor!

— Estou descendo para atender uma pessoa, mas volto em seguida e vou precisar delas.

— Vou levá-las imediatamente!

Thomas agradeceu e voltou pelo corredor, aparentemente para tomar o elevador. Escondeu-se numa reentrância, como um nicho, onde havia um grande vaso de plantas.

Contava impacientemente os minutos para que a camareira abrisse o quarto.

A partir dali as coisas não dependiam dele e sim da sorte!

Escutou passos e viu a mulher se aproximando, carregando um jogo de toalhas. Felizmente!

Thomas entrou em seguida a ela e fechou a porta atrás de si.

Ao ver que não estava só a camareira se assustou e deixou cair as toalhas no chão.

— Subi antes do que pensava! Obrigado pela presteza!  
— disse Thomas

Assim que ela se abaixou para apanhar as toalhas Thomas golpeou-a na cabeça. Ela caiu para a frente e ele deu-lhe um pontapé no rosto. E mais um. Não queria manchar o tapete, sua presa principal poderia ficar desconfiada... então, aproveitando a semi consciência da mulher, quebrou-lhe o pescoço.

Arrastou-a para o banheiro, verificando que o nariz dela havia sangrado e tinha manchado o tapete. Não pudera evitar!

Colocou o corpo dentro do box do chuveiro.

Passou água no rosto suado e recompôs o cabelo com as próprias mãos. Droga, o punho de sua camisa tinha uma pequena mancha de sangue!

Acionou a mola de seu punhal, tornou a recolhê-la e guardou-o no bolso do paletó.

Ligou o ar condicionado e deitou-se, para esperar o pai.

Procurou não pensar em nada, mas era impossível. Sentia-se inquieto e suando de tensão.

Tirou a camisa e o paletó, colocando-os no espaldar de uma cadeira para que não se amassassem. Passou o punhal para o bolso da calça, para estar à mão.

Esperava não ter de esperar demais! Lembrou-se de limpar os lugares onde havia tocado. Deveria ter vindo de luvas!

Um barulho na maçaneta! Escondeu-se atrás da porta para não ser visto por quem entrasse.

Um homem de sessenta e poucos anos apareceu. Thomas reconheceu o pai de costas, o andar peculiar, parecendo mais cansado, os cabelos rareando. Nem a vasta cabeleira leonina era a mesma... A velhice era abominável!

— Pai! — chamou.

Jean Demondieu se voltou, surpreendido.

— Thomas! O que está fazendo aqui?

— Vim vê-lo, conversar mais uma vez...

— Por que não me avisou? Entrou no quarto, armando-me uma emboscada!

— Desculpe pai, mas se não usasse de esperteza você poderia não querer me ver!

Jean Demondieu sorriu sarcasticamente.

— Isso é bem verdade! Mas, por que está sem camisa?

— Está muito quente, o senhor não acha?

O pai sentou na cama:

— De fato... mas afinal, o que queres, e como me encontraste aqui? Continuas encalacrado com o assassinato de tua mulher?

Não é que o velho fala agora como o Demônio, na segunda pessoa!

— Não. Encontraram o verdadeiro culpado. Devias ter lido nos jornais!

— Ótimo, que não tenhas sido tu!

— Desde quando falas na segunda pessoa do singular? Lembra-me um amigo! Para a semelhança ser maior te falta só um pouco mais de cinismo! — Thomas gargalhou de maneira estranha.

— Estás drogado ?

— Não pai, sou assim mesmo. Ou tornei-me assim...

— Bem, o que te trouxe a mim, afinal?

— Um assunto penoso...

— Queres dinheiro, já sei!

Thomas fez um gesto com a mão de quem espanta uma mosca.

— Achas que é só o que posso querer de ti, vantagens materiais? Julgas-me assassino, drogado... deserdaste-me, até! Não pensaste que o que sempre quis de ti foi tua presença?

— Não me venhas com esta, agora! Sempre fostes diferente de todos, frio, voluntarioso, rebelde, egoísta! E queres dizer que o responsável por tua falta de caráter fui eu?

— Chega! Não vou ser piegas, nem julgar o mérito desta questão controvertida! Na verdade quero que te sentes lá — apontou a escrivaninha — e escrevas uma bela carta de teu próprio punho!

O pai franziu o cenho:

— Como ousar falar neste tom? Minha paciência chegou ao final e vou chamar os seguranças, Thomas!

Thomas levantou o pai da cama, segurando-o pelo colarinho. Quando tinha raiva sua força aumentava!

Com a outra mão puxou o punhal e encostou-o no pescoço do velho.

— Faz o que mando! Escreve a carta! E utilize teus papéis pessoais!

— Estão na maleta... — disse o pai, a voz trêmula.

— Pois pegue-os!

Levantou-o novamente pelo colarinho e carregou-o acima do solo, como a um cachorrinho novo.

O pai tentava afrouxar a gravata:

— Estou sufocando! — a voz apertada implorava.

Thomas jogou o pai na cadeira, rudemente:

— Respire e relaxe! Quero letra firme. Mas escreva, antes que eu perca a cabeça!

Thomas começou a ditar, o punhal afiado no pescoço do velho, impedindo qualquer defesa:

“Brasília, 27 de novembro de 1992

Querido filho Thomas:

Estou escrevendo para dizer que quaisquer que tenham sido nossas desavenças, você sempre foi um bom filho.

Quero que saiba que andei pensando sobre o fato de haverlo desertado. Bem, estou arrependido! Cheguei à velhice e quero terminar meus dias em paz com minha consciência. Daí que tenciono rever meu testamento, para favorecê-lo! Espero que nos vejamos em breve, que me perdoe e que de ora em diante sejamos amigos!

Seu pai

Jean”

Jean Demondieu estava lívido.

— Era isso, então...

— Não, não era! Agora vamos ao que importa.

Arrastou-o para o banheiro.

— Antes se explique, por favor! Você está fora de si!

Thomas cravou o punhal mais fundo, empurrando o pai para dentro do banheiro.

Ao ver a mulher morta dentro do box do chuveiro, Jean Demondieu gritou e a seguir desferiu poderosa cotovelada nas costelas de Thomas, conseguindo desequilibrá-lo e obter certa vantagem, o pescoço escorrendo sangue.

Com um golpe marcial, como uma grotesca dança, Thomas agarrou o pai pelas costas manietando seus braços. O punhal caíra no chão, entretanto.

Thomas dobrou-se de lado para apanhá-lo, sem soltar sua presa, forçando-a ao mesmo movimento. Ambos sua-

vam e resfolegavam com o esforço e a adrenalina.

Thomas agarrou o punhal. Meio desajeitado, mas muito rápido, enfiou-o com força no abdômen do pai. Este curvou-se e urrou.

— Conhece haraquiri, pai? É uma forma digna e nobre de morrer! Vamos a ela!

Sempre abraçando o pai de costas, Thomas empunhou a arma com as duas mãos, obtendo maior firmeza, e subiu com ela abdômen acima.

Ele e o pai pareciam um só, acasalados no último abraço, o pai dando-lhe as costas, esvaindo-se em sangue, as vísceras à mostra.

Thomas parecia petrificado, os braços volteando a cintura do outro, as duas mãos juntas, como em oração, sobre o punhal fincado na carne mole.

Cometi duplo suicídio, estamos morrendo juntos!

Quando sentiu que o corpo não reagia, afastou-o com força para longe de si, arfando de tensão, horror e cansaço.

Arrancou o punhal de sua bainha humana e lavou-o. Lavou também as mãos e os braços ensangüentados. Limpou os sapatos, que estavam sujos de sangue. Passou a toalha com a qual se enxugara, metodicamente, em todo o apartamento.

Vestiu a camisa e o paletó. Verificou se não havia esquecido nada, revendo mentalmente todas as possibilidades.

Guardou a carta em seu bolso e arrumou os papéis que estavam jogados na escrivaninha dentro da maleta, guardando-a no armário. Com o próprio paletó limpou a alça da maleta, abriu a porta cuidadosamente e, pé ante pé, alcançou as escadas.

Desceu até encontrar o mezanino e se misturar às pessoas que saíam do restaurante.

Saiu do hotel e dirigiu-se para seu carro, sentando-se ao volante.

Respirou fundo. Já havia realizado a pior parte do trabalho e seu carro não fora roubado, em plena zona da Paulista! Um verdadeiro milagre, estava num dia de sorte!

Olhou ao redor e ninguém o observava. Jogou o punhal num bueiro e voltou ao hotel, deixando desta vez o carro no estacionamento do mesmo.

Atravessou a recepção e tomou o elevador, cumprimentando acintosamente o ascensorista. Desceu no oitavo andar e bateu na porta do apartamento 108. Ninguém atendeu, como era de se esperar.

Tanto bateu que um hóspede de um quarto vizinho abriu a porta e olhou com olhar recriminador. Tornou a descer até a portaria e pediu que telefonassem para seu pai, para verificar se ele estava no quarto.

Mostrou-se devidamente surpreendido, quando disseram que ninguém atendia.

— Estranho... há poucos minutos o encontrei na portaria. Ele subiu para seu apartamento e eu iria ter com ele assim que estacionasse meu carro no estacionamento do hotel!

— Tentaremos novamente chamá-lo, dentro de alguns momentos!

Thomas agradeceu, com a fisionomia preocupada.

## CAPÍTULO 28

O quarto numero 108 foi aberto e a camareira e o hóspede encontrados mortos...

Thomas foi à polícia prestar depoimento, o que estava se tornando habitual...

Neste distrito o delegado titular se chamava Paiva, e Thomas contou sua história, começando do fato de que ele e o pai estavam brigados desde sua adolescência.

Relatou que tentara a reconciliação com o pai há cerca de três meses, motivado por uma premente necessidade financeira. Na ocasião o pai se portara de forma muito fria, comunicando que o havia deserdado.

— Mas que tipo de grave inimizade havia entre vocês para justificar tal atitude por parte de seu pai? — perguntou o delegado.

— Coisas de minha adolescência... Na verdade não quis me mudar para Brasília e viver com ele, quando minha mãe faleceu. Ele estava viúvo, doente e só, reconheço agora. Eu era muito imaturo para compreender isso e me recusei a acompanhá-lo. Naquele tempo cursava faculdade em São Paulo e não queria perder minha turma, meus professores, a vida que levava... Coisas de jovem! Mas afinal meu pai me perdoou! — continuou Thomas — Enviou-me uma carta de Brasília, dizendo que se arrependera de sua atitude e que me amava... que esperava me rever para uma reconciliação. Por pura questão de sorte a carta chegou antes que eu mudasse de casa, caso contrário eu jamais ficaria sabendo disso!

— Seu pai entrou em contato consigo quando chegou a São Paulo?

— Na verdade eu mesmo telefonei para Brasília no final do ano passado, para cumprimentá-lo pelo Natal. Deixei meu telefone. Quando ele veio a São Paulo entrou em contato comigo.

Thomas relatou o quanto comparecera emocionado ao encontro e que, quando o pai chegou, abraçou-o na portaria do hotel.

— Foi muito emocionante!— terminou.

Tinha lágrimas nos olhos, quando terminou, para seu próprio espanto. Esperava com isso convencer melhor o delegado, mas estranhou seu próprio comportamento.

O delegado observava Thomas, sem conseguir evitar o ceticismo.

— E afinal, como ocorreu o desencontro entre vocês dois? — perguntou.

— Estacionei meu carro na rua, mas meu pai insistiu para que eu fosse buscá-lo, para guardá-lo no estacionamento do hotel. Enquanto isso, ele me aguardaria no quarto... o resto vocês já sabem!

— Em curto espaço de tempo, três ou quatro meses, aproximadamente, sua esposa foi assassinada de forma brutal. — o delegado tinha um olhar de águia. — E agora seu pai... Que triste coincidência, não é?

— O senhor esqueceu de citar que ganhei um milhão de dólares na Loteria Federal, fato que também ocorreu nestes meses!

*Se aquele delegado queria cutucar alguma coisa, não sabia com quem lidava!*

— De quando data a carta de seu pai, senhor Thomas?

— Creio que do final de novembro, um pouco antes de eu mudar de casa...

— O senhor guardou a carta?

Thomas sentiu a carta queimar em seu bolso.

— Está em minha casa. Guardei-a dentro de um livro, mas com a mudança não sei bem onde está. Precisarei procurar. Mas está lá!

— Não deixe de fazê-lo, disse o delegado. É uma prova importante! — e sorrindo com cara de caveira: — O senhor tem alguma idéia do que seu pai veio fazer em São Paulo?

— Não, mas sei que veio a negócios.

— O que lhe faz pensar o fato de estarem os dois mortos, ele e a camareira ?

— Não sou detetive e posso lhe dizer que não conhecia bem meu pai. Mas, basta raciocinar um pouco que o que se deduz é que alguém esperava meu pai no quarto. A camareira entrou no quarto primeiro... e foi eliminada! Em seguida foi a vez de meu pai. Se tivéssemos entrado juntos... mas ele insistiu que eu fosse estacionar corretamente o carro!

O delegado Paiva ficou surpreso com o raciocínio dedutivo de Thomas. Ele mesmo não havia pensado nisso!

— Tenho certeza que a polícia tem mais elementos que eu para investigar o caso... — completou Thomas. — De minha parte, posso apenas levantar hipóteses.

O delegado grunhiu.

Pensou que talvez o filho conhecesse o motivo que trouxera Jean Demondieu a São Paulo, mas resolveu se calar, por enquanto.

— Muito bem — respondeu. — Creio que o corpo de seu pai só será liberado dentro de dois dias.

— Não sei como proceder, pois sequer conheço a esposa dele...

— A senhora já foi comunicada e deve chegar em poucas horas. Vocês dois acabarão por se conhecer...

Tinha sido um dia cheio e já eram mais de oito horas da noite quando Thomas chegou em sua casa, abriu o portão automático e entrou com o carro. Estava dolorido como se tivesse apanhado e sentia cheiro de sangue em todos os lugares.

Cumprira sua missão. Agora, só lhe restava aguardar. Telefonemas policiais, depoimentos, conversa vai, conversa vem. Aquela praxe de sempre.

A sala estava iluminada e em seu cansaço viu o que lhe pareceu uma mancha vermelha, como uma nuvem de sangue.

Fixou os olhos e viu Cláudia sentada em uma poltrona, vestida num esvoaçante vestido vermelho!

— O que faz você aqui?

Seu cabelo castanho caía em ondas sedutoras e a boca vermelha sorria.

— Descobri você, Thomas!

— Estou num péssimo dia, Cláudia. Quem a deixou entrar?

— Sua empregada foi gentil o suficiente para não me deixar na rua esperando! Vim pedir desculpas!

— Ora, desculpas? A respeito de quem está falando?

— Não confiei totalmente em você no caso de Liz... Não me perdôo. Graças a Deus que tudo foi esclarecido, mesmo sem mim!

— Está bem, aceito as desculpas! Mas agora estou com enxaqueca, o mundo desabou sobre mim! Quero descansar, está bem?

— Não foi fácil vir aqui pedir desculpas...

— O que você quer afinal? Que lhe entoe versos? Ou prefere sangue?

— Do que está falando?

— Prepare-se então para o sangue: assassinaram meu pai, ainda hoje!

Cláudia foi em sua direção, emocionada e surpresa:

— Que coisa horrível!

Ela pareceu notar a pequena mancha em seu punho.

— É sangue, disse Thomas. Acabou sujando minha camisa. Ele foi apunhalado num quarto de hotel!

Thomas deixou-se cair numa cadeira e ajeitou o cabelo para trás, com ar dramático.

— Ele me chamou... queria falar-me. Encontrei-o morto, as vísceras expostas. Quer ouvir mais ou já está de saída?

— Que horror!

*Merda, sei matar meu próprio pai e não sei como me livrar dessa mulher!*

— Estou com enxaqueca, boneca... Quero ficar num quarto escuro e tentar dormir. Deu para entender?

— Dormir? Com seu pai assassinado? Bem, sinto muito ter vindo incomodá-lo, bem nesta hora! Parece que as desgraças lhe acompanham! Se precisar de mim... você sabe o telefone.

Cláudia saiu, e Thomas repreendeu severamente a ca-

seira por haver deixado entrar uma estranha. Poderia ser uma ladra!

O patrão estava tão nervoso que Clara, a caseira, ficou amedrontada. A moça estava aguardando na rua, dentro do carro, desde as cinco horas da tarde. Quando a noite caiu, convidou-a para que entrar. Que mal havia nisso? E ela era tão linda e educada... Pensou que ele ficaria feliz com sua atitude! Em vez disso, como ele tratou a coitada! E aquele quarto sempre trancado? E os litros de bebida que consumia? Realmente, às vezes dava medo...

Mais tarde ele interfonou pedindo uma sopa, três hambúrgueres com queijo e maionese e um copo de leite grande.

Felizmente, pensou Thomas, as enxaquecas haviam desaparecido com sua transformação, mas necessitava grande quantidade de alimento para repor energia!

Sonhou que tinha sido preso numa espécie de armadilha. Estava gravemente ferido. Esvaia-se em sangue e estava só. Seu coração havia parado de bater e nenhum ser vivo se aproximava para que ele pudesse se apossar do corpo.

Então com os olhos da mente viu uma barata, no chão, ali bem à direita... Andava a seu lado, balançando suas antenas e aproximando-se. Assim que a proximidade foi suficiente Thomas pulou para dentro dela. Foi uma experiência horrível e repugnante!

Passou a andar como a barata, a rondar seu corpo humano sem vida, sentindo odores terríveis. A seguir, passou pela fresta de uma porta e se enfiou num ralo, ficando lá escondido, pensando o que seria de si, absolutamente só e desesperado!

Acordou suando...

E o senhor Príncipe das Trevas onde andaria para permitir que seu filho sofresse de angustias humanas? Afinal, quem não tem sentimentos não tem angustia, mesmo tendo acabado de matar seu próprio pai!

Temia que algo tivesse saído errado em sua transformação, isto é, que tivesse permanecido com muitos resquí-

cios humanos. Pesadelos, por exemplo...

Talvez isso não fosse bom... Chorara diante do delegado, contando um reencontro ideal entre pai e filho... Estaria se transformando num babaca?

Sentou-se em sua cama, repleta de travesseiros, e recostou-se. Esperava se refazer e colocar as idéias em ordem.

Refletiu que estava metido em mais um assassinato, e de uma pessoa muito próxima a ele...

Fora capaz de matar Liz porque não tinha suportado o fato de ter sido traído por ela. Não teria aniquilado a tese de seu colega Paulo Martins porque o invejava? E matado seu pai, porque o deserdera?

Tinha uma séria questão que lhe causava dúvidas e inquietudes. Por que motivo Satã, cujo poder era incomensurável, pelas demonstrações que tinha tido, não era capaz ele mesmo de destruir os arquivos de Paulo Martins e de fulminar com um raio Jean Demondieu!

Para ser sincero, suas atitudes eram tão suspeitas que talvez esta história toda de transformação diabólica fosse fruto de uma grande alucinação, de um sonho diurno ou de um delírio que criara!

O Diabo poderia ser a desculpa necessária para evadir-se da responsabilidade de seus atos. Assassinar Liz cruelmente e esquecer o fato, portando-se como um injustiçado, porque não suportara o confronto consigo mesmo.

Depois destruíra seu colega e seu pai, "cumprindo ordens de Satã"... Muito suspeito...

Inclusive forçara seu pai a escrever uma carta que com certeza haveria de trazer uma revisão no testamento, o que o beneficiaria...

É verdade que necessitava da carta para mostrar à polícia que ele e o pai estavam reconciliados, e que não havia ódio entre eles. Mas o conteúdo dela não serviria a outro propósito? Não matara, afinal, dois coelhos com uma só cajadada? Bem que estava necessitado de dinheiro! Gastava-se bem depressa um milhão de dólares!

Via com tanta clareza o significado puerilmente oculto de suas atitudes que sentiu asco de si mesmo.

Que quisesse matar todos os que o feriram vá lá, mas se utilizar de estratégias ridículas, culpar o demônio e acabar sendo preso, era demais!

Ainda acabaria encrencado e na prisão, se continuasse inventando missões assassinas, assinadas por um Diabo que ele criara!

— “Sim, senhor delegado, fui o assassino, mas cumpria ordens do Demônio!”

É claro, todos acreditariam! — pensou com ironia e raiva de si mesmo.

E o bilhete de loteria? Afinal ganhara... Mas o bilhete que lhe valera o prêmio fora adquirido numa casa perto de onde morava. Não se lembrava de havê-lo comprado, sequer tinha o hábito de jogar! Mas com a quantidade de gim que andava ingerindo, sua memória não valia um tostão. Poderia tê-lo comprado e ganhado, por pura sorte!

Haviam os depoimentos no caso do assassinato de Liz, a loucura que se apossara de Gaspar a ponto de confessar o crime, uma vez em convalescença, havia o taxista que passara a confundir a chapa de seu carro e sua fisionomia...

Estes fatos objetivos realmente o salvaram e representaram uma virada no destino, um verdadeiro milagre.

Mas, afinal, o verdadeiro culpado do assassinato de Liz poderia ter sido **realmente** guarda! Talvez o caso de Liz fosse o único em que estava inocente!

Confundira-se todo, e acreditando-se em poder do Demônio, passara a destruir pessoas de quem não gostava!

Pensar que poderia estar louco era pior que se acreditar servo do Demônio! Se estivesse louco, estava perdido, porque seria apanhado!

Descobririam que ele assassinara o pai e quando ele quisesse sair da prisão em outro corpo, veria que tudo não passava de um sonho, de uma fantasia!

Sonhos, era um especialista em sonhos! Letras que se apagam sozinhas! Bilhetes escritos por fantasmas! Como tinha sido infantil!

Temia ser preso, em resumo. Se o Diabo existia, não lhe dava o ar de sua graça!

A angustia o atormentava. Acabou por se embriagar, para conseguir dormir.

O enterro de seu pai seria realizado em São Paulo, segundo a vontade dele de ser enterrado junto à falecida esposa, o que para Thomas era uma incoerência, uma vez

que já ele havia casado com outra! Seu pai não queria ficar longe de mulher, mesmo morto, pensou com ironia.

Os jornais noticiaram vastamente a morte de Jean Demondieu, e através deles Thomas percebeu que seu pai tinha maior importância do que imaginava.

Ele parecia ser um diplomata munido de especial estratégia de negociação e atualmente representaria interesses de uma empresa francesa, num contrato de rastreamento da Amazônia.

A coisa tinha proporções financeiras tão grandes que as empresas concorrentes principais, a francesa e a norte-americana, envolveram seus próprios governos nela, e nos bastidores falava-se da intervenção da própria CIA.

Andava-se discutindo um ambicioso projeto militar que previa a construção de uma rede de telecomunicações e a instalação de radares para controle do espaço aéreo e das fronteiras na região amazônica.

De qualquer forma o pai tinha grande gabarito e deveria ser um homem mais rico do que Thomas imaginara...

Foi desagradável presenciar a abertura do túmulo.

Lembrou-se da época em que a mãe falecera, seus tempos de adolescência, tudo que jazia ali soterrado, sempre pronto a vir à tona...

Conheceu a madrastra, Adélide. Era uma mulher por volta dos quarenta anos, aloirada e de olhos castanhos, os cabelos puxados num penteado que lhe conferia dignidade.

O vestido negro e simples delineava uma silhueta madura e desejável.

Era impossível para Thomas fixar os olhos nela sem se lembrar que gostaria de estrear seu quarto especial. Ela, com sua maturidade experiente, era a pessoa certa para tal tipo de coisas...

Havia muita gente presente, e a quantidade de coroas e flores era espantosa.

Thomas não conhecia ninguém. A madrastra apenas meneou a cabeça ao vê-lo. Conversava com um senhor de cabelos brancos, cuja fisionomia era conhecida.

Estava bem claro que Thomas não pertencia aquele meio.

Tudo se desenrolava solenemente, até que se escutou um grito lancinante! Todos olharam em direção a Adélide que parecia enlouquecida, sapateando e gritando, uma cobra enrolada em sua perna.

— É uma serpente! — gritava.

Thomas correu até ela e arrancou de sua perna esquerda uma cobra esverdeada, que segurou pelas partes laterais às presas, evitando que mordesse.

— É uma cobra d'água! — diziam alguns.

— Parece venenosa! — gritavam outros.

Thomas atirou longe o ofídio e observou, esperando que o mesmo rastejasse em direção a um canteiro.

Ao invés disso a cobra se enrolou sobre si mesma, como estivesse encantada por um faquir, inclinou a cabeça para Thomas, como se o cumprimentasse, e seus olhos eram vermelhos como o fogo.

Todos ficaram observando, estáticos.

Após o pequeno espetáculo, o animal retirou-se rapidamente.

Um homem com um pau correu atrás da cobra, mas já não encontrou coisa alguma.

— Nunca vi cobra de olhos vermelhos, como aqueles! — comentava-se.

— Coitada da viúva!

Houve uma grande dispersão e intranqüilidade, mas aos poucos todos voltaram aparentemente ao normal, e com a devida compostura viram enterrar Jean Demondieu.

Thomas sentiu seu coração se expandir. Estava ruborizado de prazer e orgulho. **Ele** viera pessoalmente cumprimentá-lo, só podia ser, utilizando-se de um símbolo bíblico que o representava! Que graça possuía, que sedução, que habilidade!

Não estivera louco, afinal! O Diabo existia realmente e estava a seu lado!

Mais tarde, ao se despedir, aproximou-se de Adélide:

— Sinto muito, por tudo. Inclusive pela cobra... bem num momento desses.....

Passou o braço por suas costas, mas ela se afastou resolutamente. Com sorriso amarelo disse:

— Obrigada pela ajuda.

E afastou-se.

Thomas tentou retê-la, falando cerimoniosamente:

— Gostaria de falar-lhe. Fiquei tantos anos longe de meu pai, e não tive oportunidade de conhecê-la!

— Não tenho nada a lhe dizer. Sei que meu marido sofreu muito por sua causa. Não compreendo a razão de ele ter desejado uma aproximação consigo... Chego a descrever deste fato!

E despediu-se friamente.

Uma idéia imperiosa cortou a mente de Thomas, uma certeza, uma frase inteira, em meio à raiva que a atitude ativa de Adélide despertara nele.

Chamou-a e suas palavras saíram como punhais certos de sua boca:

— Você põe banca de santa, mas com seu motorista negro, é uma grande puta!

Adélide arregalou os olhos, abriu a boca, fechou-a, e desferiu-lhe um sonoro tapa no rosto! Depois deu-lhe as costas e se afastou, meio cambaleante.

Thomas não imaginava de onde vieram aquelas palavras que tinha proferido! Mas era possível que tivesse atinado com a verdade e tocado um ponto sensível!

Quem sabe um dia saberia! A vida dá tantas voltas e nos reserva tantas surpresas!...

E Adélide possuía um traseiro impecável!

## CAPÍTULO 29

As semanas seguintes foram preenchidas de muita meditação, Thomas indagando-se obsessivamente sobre o que ganharia o Diabo com a morte de seu pai, um importante diplomata.

A concorrência foi afinal ganha pela empresa norte-americana em detrimento da francesa, e sem dúvida — observou Thomas — a retirada de Jean Demondieu da mesa de negociações teve a ver com isso, de alguma forma que não atinava.

Seria possível a existência de “lados” ou partidos, nos céus, à imagem e semelhança dos existentes na terra? Isto parecia tão ridículo!

Mais provável seria o Demônio antever que o naufrágio das negociações em prejuízo da França, talvez levasse ao desvirtuamento da proteção da Amazônia. Seu interesse seria sabotar a preservação do grande tesouro ecológico da humanidade? Jamais saberia, por mais que se questionasse...

Era apenas um servo, a executar penosas missões sem ter o direito de entender as implicações delas!

De qualquer forma, tratou de consultar um advogado, a respeito de seus direitos em relação ao espólio do pai.

Legalmente Thomas encontrava-se amparado pela carta que possuía. Mas foi sugerido um acordo negociado com a madrasta, coisa que pareceu aceitável e oportuna, visto que necessitava de dinheiro com urgência.

Quanto ao assassinato de seu pai, a polícia, inicialmente suspeitosa de Thomas, voltara-se para outras linhas de investigação. A imprensa que tanto se empolgara com o assunto passou a explorá-lo cada dia menos. Parecia incrível, mas o caso estava morrendo! Havia muito sigilo em torno da morte de Jean Demondieu...

Thomas estava levemente deprimido, apesar de tudo estar correndo bem. Possivelmente o desgaste que sofrera refletia-se agora.

Certa noite, estando Thomas vendo um filme desinteressante na televisão, já um tanto embriagado e pronto para dormir, quando em meio ao enredo, relativo a um baile de máscaras, apareceu um personagem usando uma fantasia de diabo.

Thomas arrepiou-se, imediatamente. Viu que a câmara seguia em close o personagem, que se dirigiu a um homem cujo rosto não era visível, e disse-lhe categoricamente:

— Case-se com Cláudia e faça-lhe um filho!

O homem cujo rosto estava oculto mostrou sua face, saída das sombras e **era a dele** Thomas!

Desligou a televisão, imediatamente, o coração aos pulos!

Não! Não é comigo! Já trabalhei demais e chega de missões penosas!

Sentiu o calor habitual no ambiente e a sensação de uma presença. Fechou os olhos e abriu-os cansadamente, dando com uma figura conhecida, sentada na poltrona em frente à sua.

— Pensaste em escapar de tuas obrigações? Que decepção!

O Diabo era incontentável, pensou Thomas.

— Por que me ofendes? — defendeu-se — Trabalhei para ti em assuntos que requerem grande sangue frio e habilidade! Deixe-me em paz, suplico! Ao menos por algum tempo!

O Diabo apertava na mão uma pequena flor silvestre. Thomas lembrou da flor que colhera no bosque, em seu último encontro com Mônica.

— Ela está morta. — informou o Diabo. — Tive que fazer o que te faltou coragem! Alias, não preciso de um demônio cheio de angustias e dúvidas, e muito menos que se sinta

feliz poupando vidas jovens! Não és capaz de destruir, simplesmente pelo prazer... Que decepção! Espero que a transmutação se complete brevemente, caso contrário, além de não teres paz, para mim não terás utilidade! Um Fausto vá lá, mas um Hamlet, cheio de dúvidas e questionamentos filosóficos? Bah!

Thomas teve a sensação de ter voltado no tempo, e lá estava alguém para incriminá-lo, como sempre o fizeram em sua infância.

— Vivi a vida toda repreendido por não ser bom o suficiente. É irônico ser repreendido por ti, agora por não ser suficientemente mau!

— Ocorre algo mais grave que uma simples repreensão, meu caro! Algo saiu errado em tua transmutação! Continuas a sentir angustia, a indagar-se sobre ética... Continuas, em parte, humano.

— É bem verdade, mas fiz o que devia ser feito! Não te basta? Matei meu próprio pai, sem hesitação!

— Ora, já te prestei as devidas homenagens, se bem te recordas da serpente no sepultamento.

— Recordo-me, é claro! E por isso julguei que estavas satisfeito!

— Em parte... Mas nosso acordo não irá longe se teus sentimentos continuarem à flor da pele e a transmutação total não se operar.

Thomas calou-se.

Não queria continuar mudando, mais ainda do que já o fizera! Queria ficar do jeito que estava, nem mais nem menos, e que o Diabo deixasse de atormentá-lo!

— Responda-me uma só uma questão que me intriga. Por que me usas como instrumento, e não destróis pessoalmente tuas vítimas? Por que não crias uma tempestade e as fulminas com um raio? Ou isto não é possível para ti?

— É claro que sim! Quanto atrevimento! Mas responderei à pergunta, já que és culpado de tua arrogância mas não de tua ignorância. O caso é que não me interessa que a humanidade perceba o poder de meu malefício. Então gero dúvidas sobre minha existência. Pensam que seu pai foi assassinado por terroristas, ou por motivos econômicos, por exemplo. Os seres humanos apontam causas que compreendem, como as responsáveis por tudo! Depois que se ergueram sob as patas traseiras, querem ex-

plicar tudo pela razão. E eu me aproveito disso.

Aquilo tudo era muito complexo para Thomas. Poderia continuar fazendo perguntas a vida toda, sem compreender as respostas.

— Não entendi, desculpe... O que se conclui?

— Saiba que uma grande força em um sentido gera outra, em sentido oposto, por vezes maior. Observe o caminho da humanidade: ao apogeu do império romano seguiu-se sua queda! Os ideais da Revolução Francesa, liberdade, igualdade e fraternidade, acabaram em morticínio e barbárie. A liberação sexual nutriu em si mesma a semente de sua destruição. Interessa-me que a humanidade julgue o Mal como obra de ovelhas desgarradas do rebanho, que espalham o terror por onde passam... senão que haja um forte recrudescimento de ideais construtivos. Isto sim, terminaria minha obra!

O Diabo sorriu, e fazendo uma careta especial, continuou:

— Mas discussões estratégicas não devem te apoquentar! Ganharei a guerra com pequenas batalhas, usando como meus soldados os homens como tu, assim, da forma mais natural possível, para que tudo sempre possa ser explicado pela lógica e pelos maus instintos de poucos renegados!

Thomas começou a rir, ele sentado numa poltrona e o Diabo na outra, falando dos destinos do mundo!

— Como és esperto! Até mesmo eu, cheguei a duvidar de tua existência! Pensei que estivesse louco... seria mais lógico!

— Percebes agora? Sou mestre na arte da ilusão!

E então, o Diabo deu a conversa por encerrada, levantou a voz e ordenou:

— Agora vamos ao que importa: deves casar-te com Cláudia e fazer-lhe um filho!

— Oh, não! Por quê, afinal?

— Não será teu filho, na verdade... Na hora da fecundação tomo teu corpo e a fecundo. Será criado outro igual a mim, pois o novo milênio se aproxima.

Thomas estava desconfiado:

— Queres me usar para atrair Cláudia e depois tomar meu corpo?

— Ora, que encontras de tão especial neste teu corpo de barro? Gostaria de te lembrar que posso te fulminar facilmente com um raio, como bem me lembraste, em caso de não concordares comigo!

Thomas suspirou. Metera-se numa trapaça sem fim...

— Terei alguma recompensa se aceitar me submeter a tal coisa? — ainda perguntou.

— Liberto-o de teu compromisso comigo. No fundo é isto que queres, leio teu pensamento. Além disso não faço questão de ti. És um meio demônio, não possuis o talento nem a fibra necessária para o papel. Admito que superestimei tuas potencialidades...

— Não sei se encaro tuas palavras como crítica ou elogio...

— Tome-as como quiseres. É a pura verdade.

— Então queres dizer que se quebra o pacto? Viverei a partir de então minha vida como era antes?

Thomas não cabia em si de alegria.

— Talvez continues com alguns poderes, isso é muito individual... Se os perderes, sentirás falta deles! Mas, de minha parte sim, estarás livre para fazeres de tua vida o que desejares.

— Jura-o!

O Diabo levantou sua mão simiesca.

— Que garantias terei? Sempre podes, por um capricho, me destruir, como um gigante a uma formiga. E é próprio do Demônio mentir e enganar...

O Diabo riu cavernosamente:

— Tens que arriscar, não te resta outra saída!

— Ao menos responde: por quê Cláudia, afinal?

— Ela é adequada. Muito adequada. Além disso é tua conhecida... Está tudo à mão.

— Não gosto de ceder meu corpo... me dá calafrios. Não podes tu mesmo fecundá-la? Encarregar-me-ei de que ela não perceba tua presença. Posso vendá-la, por exemplo...

O Diabo respondeu com dentes arreganhados:

— Se ela se assustar não sentirá prazer, e o prazer é fundamental. Caso contrário a concepção será imperfeita!

— Oh, mas ela sentirá prazer, não te preocupes! Tudo fará parte de um jogo sexual que sempre fizemos! Ela adora certos jogos, na verdade é um tanto masoquista.

O Diabo decidiu rapidamente:

— Bem, neste caso é indiferente fodê-la eu mesmo ou ocupar teu corpo para tal!

Aliviado, Thomas quis saber se a partir de então estaria livre para dar à sua vida o destino que quisesse.

— Alto lá! — respondeu o Diabo. — Ficarás casado até que a criança nasça! Somente então te libertarei. Trocarei um pelo outro!

Thomas não teve outro recurso senão concordar e, assim combinado, o Diabo desapareceu no próprio fogo.

Imagine, casar com Cláudia, que coisa descabida! — pensava ele. — Usaria ela véu e grinalda? E pensar que viveria nove meses a seu lado, esperando o nascimento de um demônio! O Diabo era realmente... sádico!

## CAPÍTULO 30

Cláudia chegou ao final de seu primeiro ano de faculdade, tinha a vida toda pela frente, muitos homens que a cortejavam, mas de certa forma sempre os comparava a Thomas e... bem, todos saiam perdendo... Ela se sentia tensa e vazia.

O convite de Thomas foi um novo ânimo e uma agradável surpresa. Não esperava que, depois da recepção fria e malcriada, ele ainda viesse a manifestar desejo de revê-la!

Receava que ele não a perdoasse, por não ter aceito lhe fornecer um alibi para a noite em que sua mulher foi assassinada, mas a verdade é que ele andava se portando de forma tão estranha naquela época que ela chegou a duvidar de sua inocência. Ela jogara na defesa e afinal estava errada!

A inocência dele fez com que ela se sentisse mais mal do que bem. Pela primeira vez agira prudentemente, da forma que seus pais apreciariam, se enganara e perdera o único homem capaz de mantê-la interessada.

Quando o caso foi solucionado, fez de tudo para localizá-lo, visitou-o... e saiu de lá absolutamente destruída! Não só o pai dele tinha sido assassinado naquele mesmo dia como ele se comportou de forma perversa e indelicada, em relação às suas manifestações de pesar.

A despedida entre ambos foi fria e tensa, e Cláudia sentiu que a chance de conquistar Thomas tinha passado e que o destino conspirava contra os dois.

Estava enganada, entretanto. Teria outra oportunidade!

A impressão que teve de Thomas foi de que ele havia mudado muito! Estava mais sério, menos emocional e impulsivo, mais frio. Talvez o sofrimento tivesse ensinado a ele alguma lição, e quem sabe, ao invés da frieza aparente, sua atitude representasse um bem-vindo amadurecimento?

Ele comentou que a morte da esposa o colocara frente a frente com sua incapacidade de viver só e que, a partir de então, seus valores tinham mudado. A liberdade que sempre buscara lhe pesava, agora.

Quem diria, pensou Cláudia, que escutaria este tipo de coisa da boca de Thomas!

Para total incredulidade dela, ele não sugeriu que fossem para a cama. Jantaram, houve um clima romântico quando se despediram dentro do carro mas, surpreendentemente, ele interrompeu o fogo que começava a se alastrar, perguntando se ela estava em período fértil!

Ora, Thomas nunca se preocupara com este tipo de cuidado!

Cláudia fez as contas, a pedido dele... Mas apesar de ela **não** estar em período fértil, ele havia se desinteressado.

— Não quero mais ser um homem inseqüente! Será que você entende isso? Quero constituir uma família, como todos o fazem. Fazer as coisas certas...

Casar com Thomas foi o que Cláudia sempre sonhou e, quando sua mulher saiu de casa, pensou que o próximo passo seria que morassem juntos, pelo menos. Afinal se amavam e não viviam um sem o outro! Mas então, ele desapareceu de sua vida, e colocou uma grande barreira entre os dois.

Depois, quando ele precisou de sua ajuda, ela negou-se, a sombra de dúvida e desconfiança pairando em sua mente. Quantos desencontros! Agora, que ele insinuava aquelas boas intenções que ela sempre tinha desejado... não o reconhecia, simplesmente, e não estava certa de estar gostando deste novo homem!

De alguma forma ele se tornara como a sala de visitas de sua nova casa, bem decorada e “clean”, distante do ambiente espontâneo, desarrumado e quente em que vivia antes!

Pensando que algo na atitude de Thomas tinha funcionado como um banho frio em suas emoções, Cláudia estava indecisa se deveria ou não voltar a encontrá-lo.

Custou a dormir naquela noite, sentindo que por um motivo ou pelo outro, Thomas sempre a fazia sofrer.

Embora nada se pudesse dizer contra as novas idéias dele, a falta de emoção que as acompanhava, fazia com que aquilo tudo viesse como uma fala decorada.

No dia seguinte, porém, sua má impressão se desvaneceu. Thomas mandou flores, com um bilhete:

“— Vamos nos apaixonar de novo!”

Ela sentiu aquela antiga emoção. Marcaram um encontro especial para o final da semana e ele lhe pediu que colocasse o mesmo vestido vermelho que vestia quando tinha estado em sua casa.

— Tenho uma surpresa! — prometeu ele.

Ele voltara a ser o que era antes, um ser apaixonado e louco que ela adorava!

Ficou em estado de animação suspensa, imaginando desde cenas de paixão e sexo até um pedido formal de casamento. Coisas disparatadas passavam por sua cabeça, de forma surrealista, enquanto contava as horas até que chegasse o momento do encontro.

— O que te deu, filha? Viu o passarinho verde? — perguntou sua mãe, desconfiada.

— Thomas voltou a me procurar! E agora não é mais casado, portanto, alegre-se por mim!

A mãe não disse nada, mas cerrou o cenho. Não gostava do homem, nem solteiro e nem coberto de ouro!

Jantaram num restaurante especial, beberam champagne e brindaram ao amor de ambos, Thomas sussurrou em seus ouvidos palavras românticas e libertinas, e finalmente sugeriu que fossem para a casa dele.

Cláudia sentiu a conhecida urgência sexual conhecida e seu corpo reagiu intensamente.

Foi bom entrar naquela casa de forma diferente de quando a visitara pela primeira vez! Pouco importava quantas mulheres ele havia levado lá, mas ela faria de tudo para ser a última!

Subiram para o quarto dele, entre beijos e arrebatamentos.

Cláudia ficou surpreendida com o que viu.

— Quer abrir um champanhe? — ele ofereceu.

— Não, já bebi demais! Estou admirando seu quarto. Parece algo... como saído de um sonho. Um quarto tão grande e quase vazio! É diferente! A gente se ilude com tantos espelhos, se sente perdida, como no labirinto do Minotauro, algo assim...

O quarto possuía dois grandes espelhos e um artístico jogo de luzes. Uma enorme cama forrada de negro sobre o carpete da mesma cor era ladeada por abajures de cristal que irradiavam feixes de luz furta-cor.

Cláudia aproximou-se, fascinada, de uma escultura de tamanho natural em mármore de Carrara. Era iluminada por um spot, e reproduzida infinitamente no jogo de espelhos. Tocou o branco mármore e sentiu sua frieza, o que a confortou como um ponto referencial. As formas eram tão belas que emocionavam... eram seres mitológicos, mas... eram reais, pareciam estar ali, tão vivos eram!

A escultura representava uma ninfa atirada ao chão, entrelaçando-se às pernas peludas de um ser, metade caprino e metade humano, um fauno com a musculatura do tórax desenvolvida e bem delineada, o rosto forte, barbas encaracoladas, chifres, olhar sensual e uma flauta nas mãos.

— Toque! — falou Cláudia.

— Ele é capaz de fazê-lo, para agradá-la! Eu o faria, se fosse ele!

Thomas a seduzia, intuindo a fêmea sonhadora que vivia em Cláudia.

De fato, de alguma forma, as imagens representadas eram excitantes, mas mais que isso! Era a submissão do feminino ao masculino, da passividade à atividade. Era a humildade da beleza pura e do ideal, frente à matéria que a revestiria de forma, concretizando-a... mas restringindo-a para sempre.

— “O que é do belo sem o artista que o captura, e do ideal sem o punho que o realiza? O que é do espaço sem a matéria que o aprisiona no silêncio do tempo?” — recitou Thomas.

— Que versos lindos!

— São de minha autoria! Agora venha beijar o poeta!

Thomas achegou-se, oferecendo-lhe uma taça de champanhe e penetrando sua boca com a língua fria.

Tudo era de uma beleza estranha, negra e brilhante, e aonde quer que se olhasse a estátua estava refletida! Até no espelho sobre a cama! Que arte!

— Estou fascinada!

Cláudia sentiu que certas coisas não mudam nunca, e uma delas era a imensa atração que sentia por Thomas.

Beijou-o como se bebesse água após a travessia do deserto, como uma onda do mar alto que finalmente atingisse a praia, cansada da solidão e da tempestade, um fogo ardendo sem se apagar, querendo mais e mais.

Afinal ele a carregou no colo, completamente nua, dizendo que chegara a hora da surpresa.

Levou-a a um quarto despido e sem graça. O chão de cerâmica era frio, e uma cama estreita como uma maca, com braçadeiras e tornozeleiras, além de uma esdrúxula cadeira giratória presa ao teto, eram os únicos móveis.

Cláudia observou as algemas presas à parede, numa tura exagerada. *Aquilo parecia uma sala de tortura!*

— Suba no banco, vou te algemar.

— Não! Vamos para o outro quarto!

Apesar de ser verão Thomas ligou o ar condicionado na temperatura quente.

— Beba o resto do champanhe e relaxe... Usaremos esta cadeira que inventei, pensando em possuí-la. Sei que vai gostar. Nunca deixei de te satisfazer, não é mesmo?

Cláudia sorriu. Sempre começava assim, com um pouquinho de medo...

Thomas suspendeu-a e sentou-a.

Ele viu pelo vão da cadeira os genitais abertos e expostos. Ficou fortemente excitado e introduziu-se nela profundamente, começando a mexer sem parar, até que o prazer começou a borrar os limites e o tempo.

Quase loucos, ele transportou Cláudia para a cama pequena. Ela ofegava e continuava a ter orgasmos mesmo sem que ele a penetrasse.

Algemou-a pelos pés e mãos e desligou o ar condicionado, dando-se conta de que estava molhado de suor.

Retirou um chicote de dentro do armário, Cláudia implorando para que ele a penetrasse. Deu algumas estocadas para manter a excitação dela, enquanto a amordaçava. Retirou o pênis e roçou o chicote sobre sua pele branca, antes de usá-lo com força.

Quando percebia que o prazer dela estava esmorecendo, penetrava-a novamente. E assim caminhou para a loucura incontrolável.

Incontentável, tomado de uma compulsão alucinada, Thomas procurou o chicote com pontas laminadas e usou-o. Cláudia urrou, apesar da mordação. — “Ela deve sentir prazer, e não dor!” — lembrou-se da idéia geral que o Diabo lhe dera.

Lambeu-lhe os seios até chegar à vagina e ao ânus.

Tinha vontade de furar aquelas entranhas com um objeto pontiagudo, empalá-la, pendurá-la pelos pulsos e sangrá-la. Mas não estava ali para isso!

A cada fantasia sua excitação aumentava! Estocava o pênis firmemente, os olhos fechados a imaginar uma espada a perfurar o inimigo oculto dentro de cada fêmea, até subjugá-lo e matá-lo!

Suava sobre ela e suas peles deslizavam, os cabelos dela molhados de suor.

Então a luz se apagou. Era o sinal combinado.

Thomas dolorosamente se retirou, a mão segurando o pênis, sentindo o orgasmo que já vinha.

Cláudia foi penetrada por algo grande que pareceu rasgá-la.

Atingiu um certo limite de dor e susto, até que a sensação se transformou em prazer, em e quando pensou que não suportaria, um grande orgasmo comprimiu com força o que a estava invadindo. Custou a voltar a si, sentindo-se uma montanha, aberta por um túnel infinito e largo. Já não tinha braços, pernas, ou cabeça... era apenas uma imenso buraco aberto. Teve a impressão de que o fauno da estátua estava sobre ela, o cavanhaque e os chifres, o dorso musculoso. Parecia-lhe que o ser crescia mais, tornando-se grande e ilimitado como o espaço.

Percebeu quando ele ejaculou, um mar quente que a queimou como fogo.

Gritou de dor, mas o som era abafado pela mordação. A luz retornou e Cláudia viu Thomas suado e ofegante, retirando o pano de sua boca, para em seguida beijar sua boca.

— Você é maravilhosa, querida. — disse ele.

— Solte-me daqui! Estou queimando por dentro! Tenho sede!

Sentindo-se perfurada por milhões de agulhas, ardendo em fogo, Cláudia arrastou-se, procurando o banheiro.

Quando se olhou no espelho teve vontade de chorar.

Seu corpo apresentava escoriações, finos e profundos vergões, e sua face tinha uma tonalidade violácea. Bebeu água da torneira, depois entrou no chuveiro e lavou-se, enfiando os dedos dentro de si para retirar aquele horror de dentro de si.

Saiu trêmula e fraca, embrulhada numa toalha, enquanto a outra funcionava como um turbante, protegendo seus cabelos molhados. Precisava de forças para ter uma conversa com Thomas. Seria um adeus! Ele exagerara, definitivamente!

Foi até a cama e deitou-se, exausta. Sem perceber adormeceu e quando acordou já era dia claro.

Thomas estava a seu lado na cama, como um enfermeiro dedicado.

— Já sei. Exagerei na dose! — disse ele.

Os olhos de Cláudia encheram-se de lágrimas. Sentia-se doente de corpo e alma.

Bateram à porta e Clara, a caseira, entrou carregando uma bandeja, com chá e torradas.

A mulher sorriu e cumprimentou:

— Se precisar mais alguma coisa é só chamar!

Tudo tinha aparência normal, à luz do dia, mas Cláudia não poderia se esquecer da noite anterior.

Thomas colocou o chá na xícara e perguntou quantas colheres de açúcar.

— O que aconteceu foi horrível! Eu poderia ter morrido!

— Que nada! Foi maravilhoso, até um certo ponto... Você gozou bastante!

— Não quero mais te ver!

— Ora, ora... sei que exagerei! Não queria machucá-la, apenas perdi a cabeça. É que você me excita muito! Perdoe-me, por favor!

*Perdoe-me, Liz !*

— E se engravidei?

— Caso-me contigo, ora!

Thomas abraçou-a, dizendo que tudo ficaria bem, que se responsabilizaria por tudo.

Cláudia telefonou para sua casa.

— Quer que a acompanhe e fale com seus pais?

— Não sei se vão querer escutá-lo!

Depois que desligou tomou o chá e comeu as torradas.

— Quer uma aspirina? — ofereceu Thomas.

— Não é preciso. Já estou melhor.

Claudia dirigiu-se ao banheiro e despiu o roupão branco com o qual Thomas a agasalhara.

Como estariam as marcas? Para sua surpresa tinham melhorado muito. Pareciam simples arranhões que ela mesma poderia ter causado, coçando-se. Que recuperação!

Thomas entrou e perguntou:

— E então?

— Mal aparecem marcas... — respondeu Cláudia, aliviada.

— Eu lhe disse que você ficou mais impressionada do que deveria!

— Não importa! Não quero mais fazer amor naquele quarto!

— Você é quem decide, querida! — disse ele, abraçando-a pelas costas.

## CAPÍTULO 31

Os pais de Cláudia estavam reticentes em aceitar o casamento da filha com Thomas Demondieu, homem de reputação duvidosa.

O assassinato de sua esposa tinha sido um escândalo e há pouco tempo seu pai tinha sido encontrado morto, esfaqueado num quarto de hotel.

No entanto, apesar de todos os avisos maternos, Cláudia engravidou!

A mãe era contrária ao aborto por questões religiosas, e diante dos fatos e do amor que a filha sentia pelo homem, que afinal se propunha a arcar com as devidas responsabilidades, a família concordou com o inevitável.

Agora era marcar o casamento com a maior brevidade! Foi preciso bastante empenho para conseguir em exíguo espaço de tempo enviar convites, obter igreja disponível e bufê aceitável.

Cláudia preferia que as coisas não tivessem acontecido dessa forma, mas estava feliz afinal, embora a gravidez lhe trouxesse certo traço de abatimento nas feições.

Quanto a Thomas, uma vez que esgotara seus recursos financeiros, e não teria como sustentar seu nível de vida se não tomasse providências imediatas, resolveu agir .

Apesar do otimismo de seus advogados quanto às chances dele voltar a ser incluído no testamento paterno, até que o espólio do pai se transformasse em moeda corrente e boa para nutrir seu bolso, demoraria tempo demais.

Exatamente no dia de seu aniversário, 7 de abril, e uma semana antes do casamento, propôs a Adélide um acordo.

Foi marcada uma reunião com seus representantes legais e a madrasta, que se apresentou vestida de negro, charmosa e distante, ofereceu uma razoável quantia imediata, em troca da renúncia de Thomas a futuros direitos.

A prontidão com que Adélide fez uma oferta e o vulto da mesma só serviu para evidenciar que havia uma fortuna muito grande em jogo. Mas Thomas não estava em posição de apostar para ver.

De qualquer forma, o problema financeiro ficaria solucionado por mais algum tempo.

Agora, restava-lhe o cativoiro, isto é, o casamento! Por nove meses, ou um pouco menos, estaria preso a seu trato.

Quando chegou o dia do casamento religioso, do qual Cláudia e sua família fizeram questão, Thomas estava receoso de alguma surpresa desagradável, de que algo imprevisto sucedesse diante do altar, como ocorrera no enterro de seu pai.

No entanto, para seu alívio, tudo ocorreu na mais perfeita ordem. O casamento foi igual a todos os outros e uma prova de paciência para Thomas, que procurava ostentar a postura adequada.

Quanto a Cláudia, abatida, olhava-o com olhos tristes. Talvez estivesse magoada, pois depois de grávida Thomas não a tocara mais.

Na verdade as mulheres grávidas o repugnavam, e Cláudia não era exceção, ainda mais com aquela espécie de filho nas entranhas!

A festa de casamento valeu por ter conhecido André, irmão de Cláudia, que veio dois dias antes, para assistir a cerimônia.

Era um jovem encantador e falava de música com tanto encanto e entusiasmo que era possível quase escutar as notas!

Tocava guitarra e participava de uma banda de música regional, que se apresentava em diversos estados.

Se havia uma vida interessante era a de André, pensou

Thomas, invejosamente. Sentiu afinidade suficiente por ele e por seu tipo de vida, a ponto de pela primeira vez considerar que poderia abandonar seu corpo pelo de outro.

No entanto, Thomas sabia que por mais que mudasse de embalagem mudaria apenas de disfarce, sem possibilidade de adquirir as habilidades de André. O que era uma pena, pois apenas por alguns minutos queria tocar guitarra como ele...

O período que se seguiu ao casamento foi para Thomas uma espécie de intervalo, onde sentiu-se livre para viver sua boemia. Realizara seu dever, e sua consciência estava tranqüila.

Ainda deu-se ao trabalho de se justificar diante de Cláudia. Inventou que estava fazendo um curso de pintura, todas as noites.

Andava de bar em bar, arrumava companhia feminina complacente, dormia fora de casa e muitas vezes acordava em locais desconhecidos, ao lado de estranhas.

Interessou-se pelo crack e pela cocaína, mas continuou fiel ao velho gim-tônica.

Com o passar do tempo, aos poucos foi ficando tenso e impaciente, o que mostrava que realmente não tinha se livrado de suas características humanas. O final da história aproximava-se e não tinha certeza sobre se o Diabo cumpriria sua promessa de deixá-lo viver.

Adquiriu uma moto Harley Davidson e, para se distrair, dedicava-se a equipá-la minuciosamente, lavá-la e lustrá-la diariamente. Passeava pela cidade e invariavelmente ia ao Parque Ibirapuera, onde ficava sentado, cismando sobre o que seria de sua vida depois que o filho de Cláudia nascesse.

Não conseguia sequer planejar o futuro, se tudo desse certo, envolto em inquietudes. Em sua mente já não havia espaço para gozar a vida ou namorar as mulheres.

Imaginava como poderia reagir, caso o Demônio o perseguisse. Pensava em se esconder em outro corpo, por exemplo, mas duvidava que o esperto adversário não o perce-

besse... Tinha que acreditar em sua boa vontade, mas ficar à sua mercê era desesperador.

Suas apreensões só faziam aumentar quando via como as coisas estavam caminhando.

Cláudia entrara num estado de fraqueza, astenia e vômitos freqüentes que colocavam sua vida em risco. Uma tarde, quando chegou em casa, depois de suas andanças, encontrou-a caída, desmaiada.

O médico obstetra pensava que tudo aquilo era um efeito psicológico, mas Thomas sabia o que havia por detrás dos sintomas e não conseguia sequer olhar para o rosto abatido de Cláudia sem pensar em como o Diabo tinha pouca consideração para com os que colaboravam com seus planos!

Ela emagrecia dia a dia, a barriga protuberante parecendo ainda maior, em proporção aos braços e pernas esqueléticos. Talvez acabasse morrendo, nem bem tivesse servido aos propósitos da inominável criatura!

Era revoltante pensar que tinha sido forçado a servi-lo e a assistir o desenrolar do espetáculo até o final, sem garantias!

Certa vez, encontrou-a chorando.

— O que há Cláudia?

Já não bastavam suas inquietudes...

— Você fez tudo de propósito, por que não confessa? Engravidou-me de forma horrível, para me possuir em suas mãos, impotente e inerte, tendo de conviver com sua frieza e indiferença. Esta é sua vingança, agora sei! E eu que pensei que havia me perdoado! — Cláudia se exaltava. — Quer saber o que penso? Tenho certeza que você assassinou Liz, como tenho certeza de que não vou sobreviver a você! Você é uma pessoa diabólica!

Thomas empurrou-a e ela caiu como uma trouxa de roupa.

— Cale-se imbecil! Você não sabe o que fala! — gritou ele, ameaçado com o que ouvia.

— Afaste-se de mim, demônio! — disse ela roucamente, olhando-o nos olhos. — Deixe-me morrer, sem ver seu rosto e nem o de seu filho amaldiçoado!

Thomas ficou parado, sem saber o que dizer. Abaixou a cabeça, confuso.

Como ela sabia? Como pudera adivinhar? Era assim tão óbvio?

Deu-lhe as costas e saiu. Subiu na moto e andou pela cidade até a madrugada, cheio de rancor por tudo e todos.

No dia seguinte, resolveu convidar Cláudia a ir na garupa da moto, para dar um passeio.

Já que teria que conviver com ela, era melhor tornar o clima mais ameno...

A sensação era a de estar mostrando a luz do dia a um doente terminal. O parque, a relva, os marrecos do lago... tudo era vida. Mas os olhos abatidos de Cláudia eram totalmente indiferentes.

Ela estava cansada e mal conseguia andar. O jeito foi colocá-la de volta na moto, em dúvida sobre se ela teria forças para se segurar.

Ela nem imaginava que ele também corria riscos, tanto quanto ela!

O Diabo não devia estar nada satisfeito com o tipo de sentimentos que Thomas andava vivenciando, ultimamente... Saberia ele, que lia pensamentos, que cada vez mais antipatizava com a criança que nasceria e que nutria um forte desejo de destruí-la de alguma forma? Não fosse aquele pequeno ser abominável e estaria livre para aproveitar sua vida! Seria tarde demais para um aborto?

O Diabo era muito perigoso, pois poderia pensar que, se antes Thomas era um demônio inútil, no entender dele, agora talvez se transformasse num risco para seus planos.

Mesmo assustado com sua própria ousadia e agressividade, num impulso Thomas foi conversar com o médico de Cláudia.

— Doutor, o que está ocorrendo com minha mulher?

— Ela está com anorexia nervosa. Não quer se alimentar e quando o faz vomita. Penso que ela não aceitou a gravidez. Mas o bebê está bem, o ultra-som está normal. É um menino, o senhor sabia, não é?

— Temia que fosse um monstro!

O médico sorriu, compreensivamente.

— Não! É uma criança perfeita!

O médico sugeriu desde transfusão de sangue até apoio psicológico.

— O ideal realmente seria se ela se alimentasse! — concluiu.

— O ideal seria abortar a criança! — rebateu Thomas.

O médico considerou o aborto fora de cogitação. Naquela época Cláudia já estava entrando no sexto mês de gravidez.

A transfusão de sangue foi realizada, e Cláudia voltou mais disposta, corada e um pouco febril.

A partir de então sua mãe visitava-a diariamente, e passava as tardes com ela.

Thomas pensou que talvez pudesse fazer mais uso da criança viva do que morta, afinal, e tirou da cabeça a possibilidade de modificar o desenrolar das coisas.

Lavava sua moto pela manhã, como um ritual, polia-a nos mínimos detalhes, olhava-a brilhar enamoradamente e à tarde saía para espairar a cabeça cheia de angústias, que o rondavam como um bando de corvos.

La ao parque e ficava longas horas sentado em frente ao lago, sentindo o frio penetrar-lhe os ossos, esperando o tempo passar, vendo os marrecos brigarem por farelos de pão que os namorados atiravam n'água.

Até agosto, mês em que nasceria a criança, e do qual Thomas possuía muito más recordações, o tempo arrastou-se e o ambiente emocional da casa era de profunda depressão.

Logo Cláudia já não se erguia da cama. Seus pais consideraram a necessidade de outra transfusão de sangue, mas o médico desaconselhou. Thomas não opinou. Andava calado e taciturno.

Não mais treinava se apossar de corpos, mas às vezes sofria tanto pelo medo de ser aniquilado, que desejaria ser outra pessoa, esquecer tudo que vivera.

Infelizmente levaria sua alma e seu coração, consigo, além de sua memória. Infelizmente também, o Demônio o localizaria e reconheceria, onde quer que fosse.

Pela primeira vez receava a morte. Morrer faria com que tudo tivesse sido inútil, todo o sofrimento dos últimos tem-

pos, desde a partida de Liz, a morte de seu pai, o aprisionamento atual...

Em seus genes humanos residia a insatisfação e a dúvida e conforme sofria e pensava, à mercê de forças incontrolláveis, sentia-se mais um filósofo que um demônio.

Sentia uma incomensurável atração exercida pela carne e pela forma, pelas existências palpáveis e sensuais das coisas! Além do mais morrer seria lastimável, ainda mais agora, depois de ter descoberto como ver o mundo pelos olhos de outros homens, mulheres, animais, dos quais poderia se apossar! A vida era um imenso globo prismático que queria conhecer! Nesse desejo de viver terminava o filósofo e nascia o animal!

Mas o Demônio o renegara e desprezara, em prol de um filho próprio...

Estava cansado de ser rejeitado e descartado, desde criança!

Cada vez mais Cláudia se alheava do mundo. Não conversava com ninguém, mergulhada na televisão, que fingia assistir.

Seu tempo se aproximava e a maleta que sua mãe lhe preparara com casacos e sapatos infantis, mantas, fraldas, estava pronta para qualquer eventualidade.

Numa tarde de agosto, Thomas estava sentado no parque vazio, sobre as folhas geladas, quando viu que o céu se cerrara de nuvens escuras e o vento começou a atirar pó em sua face, fustigando-a.

Ergueu-se para fugir da tempestade que viria, mas não conseguiu caminhar, o vento empurrando-o para o lago.

A força era tamanha que ele se atirou ao solo e segurou-se à terra e às raízes, procurando manter sua posição.

Viu sua moto voar, atirada contra um poste. Aquilo era um tufão!

Rastejou com esforço, procurando distanciar-se do lago. Não queria se segurar a uma árvore que poderia ser fulminada. Fincou as mãos na terra como garras, tentando ir para frente.

Então um raio atingiu a árvore a seu lado!

O estrondo foi tamanho que Thomas se sentiu ensurdecer. Aquilo era o Inferno: as labaredas ameaçando atingi-lo, o vento empurrando-o, fazendo com que se arranhasse em obstáculos!

Gritava, e sua boca se enchia de partículas de pó e areia, seus olhos já não conseguiam enxergar para onde ir. Um enorme eucalipto foi atingido e caiu em direção a ele. Tentou fugir, mas tropeçou, e um dos enorme galhos da árvore tombou sobre seu pé.

A dor era insuportável, e não tinha forças para sair dali. Sua perna estava num ângulo impossível e o sangue que vertia logo encharcava a calça.

Por que não vinha socorro? Por que não via ninguém? Thomas parecia ser o único homem na face da terra, não via alma viva nas redondezas.

De repente percebeu! Era o nascimento do filho do Diabo! Tempestade e fogo! Seria o fim do mundo!

Não conseguia se mover, estava preso sob o galho! Seria um alvo imóvel para aquele que amava a destruição!

De repente se deu conta de uma figura esmaecida pela poeira, encostada num arvoredor.

Era um homem adormecido, ou desmaiado, um mendigo quem sabe. Talvez estivesse ferido ou morto, outra vítima do vendaval.

Tentou se arrastar e retirar a perna, mas era impossível! Sentia dores horríveis e o sangue inundava o solo.

Então pegou uma pedra e atirou-a no homem. Este deu mostras de reação mas continuou como que adormecido. Só lhe restava uma saída: tentar apossar-se do corpo do outro.

— Desculpe amigo, minha vida pela sua! — pensou.

Tomar posse de outro corpo era algo natural e instintivo para um demônio, como para os humanos se alimentar ao peito materno. Mas daquela vez nada ocorria! Talvez o homem estivesse muito distante!

Um raio caiu a poucos metros de si. Estava perdido. O terror despertou um urgente desejo de estar a salvo, dentro do outro corpo, mesmo que vestido naquelas roupas imundas, naquela pele grosseira, a carapinha suja e despenhada, sem cor definida! Queria sair dali, antes que fosse tarde demais!

— Quero sair daqui! — urrou, como um animal ferido. E o “aqui” era o corpo que sempre identificara como seu! Começou a sentir que um facho de calor e luz avermelhada saía de seu ventre e lentamente se espalhava em leque até a figura do outro. Finalmente! Derrapou para dentro do outro corpo.

Angustiado, Thomas viu ao longe seu corpo abandonado e sangrando. Mas tinha que partir! Resolveu tentar deslocar o peso da árvore que prendia seu corpo ao solo. Mas não tinha forças!

As chamas eram altas e o corpo pegaria fogo! E Thomas estava impotente para salvar o que restara dele! Então começou a chover torrencialmente. Olhou a chuva caindo, esperançosamente. Em seguida escutou o barulho de sirenes. Os bombeiros estavam chegando! A cidade voltava a se comportar normalmente. Talvez salvassem seu corpo de ser carbonizado!

Deveria ir em busca de Cláudia e tentar apossar-se da criança! Quem sabe assim estaria em condições de enfrentar o Diabo que o perseguia e barganhar sua vida!

Depois voltaria e tentaria ainda resgatar seu corpo e insuflar-lhe vida.

Ainda viu os bombeiros preparando enormes mangueiras para jogar jatos de água sobre as árvores incendiadas. Será que haviam percebido o corpo caído?

Voltou e gritou para um deles que havia um homem embaixo de uma árvore. Mandaram que saísse, era preciso evacuar o local.

Começou a andar rapidamente, sentindo a fraqueza do corpo roubado. Não agüentaria grandes esforços...

Acenou para um táxi, que não parou. Imaginava o estado de sua indumentária... Que triste figura!

Foi andando sob a chuva e tentou subir num ônibus junto com outras pessoas. O cobrador interpelou-o:

— Ei, você! Não pode subir! Está empestecendo o ambiente! Desça imediatamente!

Não antes de pegar seu corpo!

Mais que depressa se apossou do homem, desceu do

ônibus e deixou atrás de si toda a gente em polvorosa diante do corpo do mendigo que Thomas abandonara, sem vida.

O motorista do ônibus gritou:

— Ei, Zé, o que aconteceu?

— Preciso ir! — gritou Thomas.

Tomou um táxi e pediu ao motorista que corresse para sua casa. Pagou a corrida com um pouco de dinheiro que encontrou na carteira do cobrador, mas não foi o suficiente.

— Aguarde um momento que vou buscar o resto do dinheiro! Moro aqui.

O motorista parecia duvidoso quanto à capacidade econômica do passageiro, ainda mais se dizendo morador de uma mansão!

— Cláudia deve ter ido para a maternidade, pensou Thomas. O Filho ia nascer, se é que não tinha nascido! O que estaria ocorrendo?

A chuva cessara, felizmente. Thomas tocou a campainha, mas ninguém atendeu.

## CAPÍTULO 32

Desde seu casamento, ou melhor desde a dramática noite de amor cujo resultado havia sido a gravidez e a precipitada união entre ela e Thomas, Cláudia tinha mergulhado num limbo de mal estar e confusão que só faziam aumentar, à medida que a gravidez avançava.

Os enjôos gravídicos não cessaram no terceiro mês, conforme imaginara, mas aumentaram mais e mais, a ponto de nada lhe parar no estomago. As medicações que seu médico prescrevera não a aliviaram e ainda acabaram por gerar um estado de sonolência no qual o tempo passou a ter um compasso aleatório.

Freqüentemente lhe parecia que os dias não passavam ou passavam com uma rapidez alucinante. Almejava pela noite e pelo descanso, mas seu sono era leve e intoxicado, e ela esperava que amanhecesse, para sentir algum alívio.

Em torno do terceiro mês de gravidez, logo após o casamento, sentindo-se terrivelmente indisposta e percebendo que Thomas a ignorava, resolveu que abortaria a criança e tomaria novamente as rédeas de seu destino.

Como uma nau que retorna ao antigo porto, desistente dos perigos da viagem, procurou no passado a solução para seus problemas atuais.

Marcou uma consulta com o médico que um dia a acudira em situação semelhante, quando era ainda uma adolescente. Trataria de convencê-lo, contando que se casara com alguém abominável.

Ela não se conformava com o que lhe tinha acontecido!

Dava impressão de que Thomas tinha armado toda a situação para prejudicá-la, embora não atinasse com a razão que o levava a assumir tão graves conseqüências. E ela que tinha acreditado em seu amor!

Nem bem ele a viu com a aliança de casada no dedo, morando com ele e dividindo o esquite que era seu dormitório, mostrou logo seu verdadeiro temperamento maldoso, exibindo suas armas de indiferença, distância e pouco caso. Tratava-a como se sentisse asco e evitava qualquer proximidade. Além disso passava as noites fora, chegando em casa quando a manhã já ia adiantada.

Por tudo isso marcou a consulta. Tirando a gravidez e o mal estar de sua vida, arrancando de si aquele tumor maligno que lhe sugava a vida, teria energias para dar novo rumo às coisas.

Por uma daquelas coincidências que alguns chamam destino, exatamente no dia da consulta, a secretária avisou que o médico sofrera um acidente e ficaria impossibilitado de clinicar por alguns meses.

Cláudia chegou a procurar um de seus assistentes, que se negou a realizar o aborto por questões éticas, desaconselhando-a a tal, inclusive porque a gravidez já estava adiantada.

Sentindo-se enclausurada na situação passou a ter horríveis pesadelos, nos quais um fauno de pedra, como que saído da escultura do quarto, arrancava seu coração e, às gargalhadas, apertava-o nas mãos. Não quis mais dormir no mesmo quarto de Thomas, porque tinha medo da estátua, e mudou-se para o dormitório vizinho.

Seus pais estavam intranqüilos e carregaram-na para uma série de médicos, em busca de alguma solução que aliviasse seus sintomas.

Nenhum alimento parava em seu estômago, e um dos médicos chegou a afirmar que ela não aceitara a gravidez e esperava, inconscientemente, vomitar a criança!

Cláudia concordava que gostaria de se livrar daquilo tudo, mas sabia que vomitar não seria a solução melhor...

Tinha um mau pressentimento, mas sua sensação de fraqueza e confusão a tornavam impotente e cada vez mais entregue às mãos de uma força maior.

Cada vez mais passava os dias deitada, a televisão ligada, e as refeições que Clara lhe levava eram jogadas na privada. Sua mãe vinha a ter com ela todas as tardes, mas Cláudia se sentia cansada para conversar e dormia a maior parte do tempo.

Numa tarde de agosto, enquanto repousava, Cláudia escutou um barulho dentro de seu ventre, como se algo se rompesse.

A cama ficou inundada de água, um rio quente saindo de dentro de si, independente de sua vontade.

Chamou gritando por sua mãe e em seguida por Clara. Ninguém respondeu.

Levantou-se para ir até à escadaria e sentiu que a água escorria por suas pernas, encharcando o caminho. Assustada, chamou novamente por socorro. Onde estariam todos?

Voltou para a cama e tentou interfonar, mas ninguém respondia.

Em meio ao desespero, um homem de branco apareceu na porta:

— Sua mãe me chamou. Sou médico e vim atendê-la.

Cláudia estava confusa, o que ultimamente era bastante habitual. Por que sua mãe chamara um médico a domicílio? Mas logo lembrou-se: é claro, estava precisando de um médico porque ia dar à luz!

— Acho que o bebê vai nascer, doutor. Preciso ir para o hospital!

— Não se preocupe! Vou lhe dar um pouco deste xarope para dores. A seguir será levada para a ambulância!

O homem tirou da maleta um cálice de metal escuro onde derramou algumas gotas vermelhas como vinho.

Cláudia bebeu o conteúdo e logo se sentiu calma.

Teve impressão que o médico adquiria feições diferentes, engraçadas, e começou a reparar que ele usava cavanhaque. Em seguida adormeceu, e não viu mais nada.

Acordou com os berros de um desconhecido que invadiu a casa, perguntando sobre o nascimento do bebê!

Era Thomas, que tinha sido forçado a pular o muro, sob os olhares desconfiados do motorista de táxi.

Não fazia a menor idéia de como Clara e Francisco reagiriam a um estranho, mas, por incrível que pareça, os dois criados estavam adormecidos, braços cruzados sobre a mesa, como que narcotizados. E a sogra dormia no sofá da sala!

Ora, aquilo estava parecendo um sortilégio, no maior estilo das histórias de fadas! Subiu as escadas de dois em dois degraus e entrou como um furacão no quarto de Cláudia.

Viu-a deitada e nua, inundada de sangue, morta talvez! Começou a gritar e a sacudí-la. Ela abriu os olhos, como se tivesse estivesse voltando de outro mundo, e tornou a dormir.

— Você teve o bebê? — ele perguntava, sem resposta.

Ela tornou a abrir os olhos surpreendidos:

— Ela não sabe quem sou eu! — pensou Thomas.

Apalpou-lhe a barriga que parecia murcha, procurou a criança por entre as cobertas e no chão, mas não a encontrou.

O Diabo estivera ali, e levara seu filho, depois de adormecer a todos, só podia ser essa a verdade!

Não matara ninguém, afinal! Ele estava vivo, e isso era tudo que desejava!

Pegou algum dinheiro para pagar o táxi e deixou Cláudia dormindo.

Quem sabe ele conseguiria recuperar seu corpo! Era um difícil trabalho e de resultados duvidosos, mas valia a pena tentar.

O motorista o aguardava ainda, e Thomas, exibindo o dinheiro, pediu com ar natural para ser transportado ao Parque Ibirapuera.

Mal conseguiram chegar nas redondezas, tal o congestionamento que a chuva e a presença de bombeiros, fazendo um cinturão onde não se transitava, haviam causado.

Thomas dirigiu-se com total determinação ao local onde deixara seu corpo. Quanto tempo estava fora dele? Não sabia calcular. Talvez três horas. O Diabo falara em vinte e quatro horas...

Já era noite, a chuva havia cessado, mas as ruas ainda estavam molhadas e sujas de lama.

Correu o mais que pode, até que, ao entrar no parque,

foi interpelado por um policial, que tentou impedi-lo de prosseguir.

— A área está interdita, não pode passar!

Thomas empurrou-o e começou a correr para dentro do parque. O policial falou qualquer coisa ao telefone que carregava consigo e correu atrás de Thomas.

— Pare! — gritou.

Tenho que me livrar dele.

O policial vinha correndo em sua direção, apontando uma arma.

Thomas parou, deixando que o homem se aproximasse o suficiente, e entrou em seu corpo. Deixou o corpo do cobrador, caído no chão...

Melhor agora, como policial! Ninguém o incomodaria mais! Assim seguiu seu caminho, correndo.

Viu ao longe a silhueta das árvores chamuscadas. Correu para elas, na esperança de encontrar seu próprio corpo.

Aproximou-se e viu uma lona larga cobrindo algo, que esperava fosse o que buscava. Começou a chegar-se, angustiado, mas outro policial veio em sua direção:

— O que deseja, colega?

— Está morto?

— Mortinho da silva. Acho que foi um raio!

— Não é possível! Quero vê-lo!

O policial pareceu indeciso.

Thomas puxou a lona e viu seu próprio cadáver. Decididamente não é agradável alguém se ver morto! O rosto pálido estava marcado pelas intempéries e pela fuligem. As unhas estavam arroxeadas.

E se entrasse? O que sentiria? Não sabia as condições internas que teria que enfrentar lá dentro, o gosto da morte, o enclausuramento na rigidez muscular cadavérica e... se algo pudesse ser ativado ainda, a dor terrível que acompanharia tanta mutilação! E as seqüelas?

— E então, parece que está vendo um fantasma? — perguntou o policial, surpreso.

Thomas sequer escutava. Impulsivamente, resolveu tentar.

Mergulhou em seu corpo, abandonou o conforto da vida sadia e enclausurou-se em algo inominável.

O corpo do guarda que tomara despencou no chão.

— Aqui! Socorro! Um colega desmaiou! — o outro policial gritava por ajuda.

O que levou Thomas a crer que conseguiria reavivar um corpo morto? Sentiu uma dor lancinante na perna, deslocando-se em bloco para o resto do corpo. Sentia-se nauseado e como nocauteado, uma sensação de dor generalizada. Faltava-lhe ar, o coração parecia não querer bater. De boca aberta, começou a arfar, e depois a gemer, a dor na perna tornando-se furiosa, uma sensação de intoxicação total. Vomitou algo com gosto de sangue e podridão, que quase o afogou.

Não ia suportar! Desistiria e tomaria o corpo do guarda novamente.

Os policiais o cercaram. Alguns corriam desnorteados, sem saber se acudiam o colega que parecia morto ou o morto que na verdade parecia necessitar auxílio imediato!

— Chamem uma ambulância! O homem não morreu!

Thomas controlou-se e esperou em agonia que viesse a ambulância. Gostaria de desmaiar, mas parece que demônios não desmaiam.

Na ambulância lhe colocaram algo na veia e o mal estar começou a ceder.

— Fibrilação cardíaca! — escutou.

Finalmente chegaram no hospital. Thomas queria dormir, nada mais. A dor cessara e tinha resgatado seu corpo!

Urinou uma água fétida, mas mesmo assim lhe passaram uma sonda e o levaram para a sala de cirurgia. Tudo muito apressadamente! Ele tinha uma fratura exposta e deveria ser operado imediatamente.

Fechou os olhos e tentou dormir enquanto o operavam. Com a anestesia as dores cessaram por completo, mas não conseguia dormir, preocupado com o que falavam os médicos, entre si.

— Mais um pouco e ele teria perdido a perna. Os ligamentos foram praticamente esfacelados.

— Esperemos que não gangrene!

— De qualquer forma dificilmente a perna recuperará os movimentos! Lesões muito profundas! Mais anestesia, isso vai demorar mais tempo do que pensávamos.

Thomas suava de medo.

*Que padecimento atroz! Se minha mente ao menos pudesse ser anestesiada também!*

A cirurgia durou tantas horas que Thomas acabou dormindo, afinal. Só acordou quando o passaram da mesa para um carrinho, que andava agradavelmente.

— Tudo bem? — perguntou-lhe o médico.

— Sim. Como está minha perna?

— Está bem, muito bem. Agora descanse, depois conversaremos.

— Já descansei todo este tempo! Agora quero saber tudo com detalhes!

O médico espantou-se com a disposição de Thomas e respondeu:

— Ao que tudo indica foi tudo bem! Você teve muita sorte!

— Vou perder a perna?

— Não, nada disso! Mas foi por pouco!

Os médicos olhavam-no com ar divertido:

— Esta história é para contar para seus netos! Quase é fulminado, um tronco lhe cai sobre a perna, é dado como morto, e afinal uma simples operação, um gesso, e fisioterapia resolvem todo o problema!

Thomas esperava que sim, isto é que o Demônio o esquecesse. Afinal tinha o que queria. Levava seu filho consigo...

Depois de tudo, percebeu que, não fossem suas desconfianças em relação às intenções do Diabo, nada teria acontecido! Se tivesse se mostrado disposto a não interferir com a vida de seu filho, não teria sido forçado a permanecer no Parque, preso pela tempestade e anulado por todo tipo de obstáculos. Afinal, o mestre só queria evitar que ele lhe causasse problemas e se metesse em seus assuntos!

No dia seguinte à cirurgia telefonou para sua casa. Clara informou-lhe que Cláudia estava bem e em companhia dos pais. Quanto à criança...

Pesarosa, a empregada contou o que ocorrera... Aparentemente um assaltante jogou uma bomba de efeito narcótico, o que fez com que todos na casa dormissem. E levou o bebê!

— E o senhor? Esta passando bem? — perguntou ela.

— Não tenho queixas, Clara.

Ela era uma boa serviçal. Thomas pensou que não deixaria de lhe aumentar o salário.

Mais tarde dois policiais foram visitá-lo.

— Um ou mais homens entraram em sua casa, senhor. Sentimos dizer... mas sua esposa deu à luz em casa, e a criança está desaparecida! Talvez a tenham seqüestrado...

— Tenho certeza que a polícia fará o possível para localizar a criança, não é mesmo? Se era só isso, agora preciso descansar... fui operado, como sabem.

Permaneceu um mês no hospital e Cláudia não foi visitá-lo nem deu sinal de vida.

Em compensação Thomas recebeu a visita de uma oficial de justiça, intimando-o para uma audiência, pois Cláudia pedira o divórcio.

Ele aceitaria, é claro, amigavelmente. Nada mais os unia.

Pela iniciativa tomada Thomas deduziu que ela estava finalmente em plena posse de suas faculdades mentais, isto é se portando como a Cláudia que conhecia.

Lembrou-se dela como da primeira vez que a viu, sua silhueta jovem, a boca pedindo beijos, na lanchonete do Departamento de Biologia, criticando-o, passando-lhe uma lição de moral e dando-lhe as costas com altivez.

Esta era a Cláudia por quem se apaixonara!

Talvez estivesse carente de mulher, mas sentiu saudades dela...

## CAPÍTULO 33

A doutora Ann se preparou para assistir ao noticiário da televisão, no final da tarde. Ficou surpreendida com a reportagem sobre os intrigantes acontecimentos ocorridos na última segunda-feira, dia 2 de agosto.

— Dia da lua cheia em Leão. Só podia ser! — raciocinou rapidamente.

A reportagem era minuciosa e envolvia um personagem conhecido seu. Tratava-se de Thomas Demondieu.

Ele fora dado como morto, em consequência do traumatismo que sofrera quando uma parte de um eucalipto caiu sobre ele no Parque Ibirapuera, durante o temporal que se abateu sobre a cidade.

Na mesma tarde, em casa, sua esposa dava à luz a uma criança que, ao que tudo indicava, fora seqüestrada.

— Meus Deus! Tanta calamidade só vi na Alemanha!

Segundo o testemunho de Antônio Santorini, o taxista entrevistado pela repórter naquele momento, o cobrador da empresa de ônibus Pelotas, foi transportado por ele até a residência do casal Demondieu no bairro de Alto dos Pinheiros.

Rogério Antunes, o cobrador, pulou o muro, uma vez que ninguém atendia à campainha. O taxista aguardava-o voltar com o dinheiro da corrida.

Imagina-se que Rogério tenha feito uso de alguma bomba de efeito entorpecente, uma vez que todos que viviam na casa, dois empregados, a mulher e a sogra de Thomas Demondieu, adormeceram.

É possível também que houvesse um cúmplice, já den-

tro da casa, a quem Rogério presumivelmente tivesse entregue a criança, pois o motorista de táxi era testemunha de que o cobrador, ao voltar com o dinheiro, não carregava coisa alguma.

A senhora Cláudia Demondieu tentara chamar por ajuda quando entrou em trabalho de parto, mas ninguém na casa atendia o interfone. Ela relata que um médico entrou em seu quarto dando-lhe uma bebida. Depois disso, não se lembra de nada, a não ser que Rogério Antunes a acordou, perguntando pela criança recém-nascida.

— “O caso todo deixa muito por explicar — concluía o repórter — uma vez que nada foi roubado e a criança não foi encontrada. Espera-se que, se houve seqüestro, os responsáveis entrem em contato rapidamente. A polícia investigou a residência assim como toda a área em volta dela, não encontrando vestígios do desaparecimento da criança.

Infelizmente não foi possível interrogar o assaltante, pois este faleceu de um ataque cardíaco no Parque Ibirapuera, para onde pedira que o taxista o levasse.

O Parque estava bloqueado ao público em conseqüência do fogo que se alastrara pelas árvores durante a tarde, inclusive ferindo Thomas Demondieu, que lá se encontrava.

Rogério enfrentou o bloqueio e correu para dentro do parque, sendo que um guarda encarregado ultimou-o a parar. Não foi preciso usar de força, uma vez que o homem desmaiou e faleceu, instantaneamente!”

— Então não o torturaram... — pensou a doutora Ann, metendo um bombom na boca.

“Mais tarde o mesmo policial, diante do corpo de Thomas Demondieu, também teve um ataque cardíaco e faleceu.”

— Isso não acredito! — resmungou a doutora Ann.

“Thomas Demondieu foi hospitalizado e operado, e agora está fora de perigo.”

A doutora Ann desligou a televisão, intrigada.

Foi ao computador espiar o mapa astral de Thomas: nascido em São Paulo, dia 7 de abril de 1964, às 6h 8min.

Aquele ano de 1964 era muito especial, em termos de violência e excentricidade! Bem que ela previra para Thomas grandes transformações!

Há transformação maior que a morte seguida do renascimento?

Riu consigo mesma e pensou:

— Como é que esse pessoal se arranja para entender o as coisas, sem uma boa visão astrológica?

Naquele mesmo dia o delegado Alberto Montini entrou em contato com seu colega Adalto Dias, pelo telefone. Adalto era responsável pela atual investigação.

— Adalto, este caso não está me cheirando bem. Esse Thomas já esteve em minhas mãos como suspeito de assassinar a antiga mulher!

— Mas agora ele está limpo, meu caro. Ficou o tempo todo embaixo de uma lona no Parque Ibirapuera, dado como morto!

— Pois vou lhe dizer: não fosse esta evidência e eu juraria que ele é o culpado de tudo! Não viu o pai dele, no começo do ano, brutalmente assassinado? Este homem está sempre por perto dos crimes!

— Ou ele é mais esperto do que imaginamos ou tem uma sorte do diabo para escapar! De qualquer forma ele está pagando os pecados, porque ficou bem machucado na perna, talvez fique até manco! E a atual esposa não quer mais saber dele.

— Faz muito bem! Ela que desapareça, antes de ser assassinada!

— Ela vai pedir o divórcio. E casaram-se há poucos meses!

— Pode acreditar que tem dente de coelho na história. Não me conformo! Bem que gostaria de colocar as mãos naquele malandro!

Cláudio Barcelos fumava seu cachimbo, escutando Beethoven e meditando sobre os últimos acontecimentos.

Nem bem esquecia Liz e algo vinha para lembrá-la, frequentemente através de notícias de seu ex marido, aquele detestável Thomas Demondieu.

No início do ano o pai fora assassinado, agora o filho recém nascido era seqüestrado! Que azar!

— Você não vem se deitar?

— Estou escutando o final da sinfonia, Ramos. — respondeu Cláudio.

Cláudia sentia-se aliviada pelo fato de estar livre da gravidez, do mal estar e de Thomas!

Sua aparência física melhorava dia a dia, é o que todos diziam, e para ela a beleza sempre fora algo fundamental.

De resto, andava tão confusa que resolveu voltar a procurar seu analista.

Tentava encontrar algum sentido para a história que vivera, em vão. A criança sumira no ar e tudo estava envolto em mistério.

Sentia-se inquieta, como se fosse o personagem de um livro, do qual faltasse ainda viver a segunda parte... E se dessem notícias da criança?

Objetivamente perdera seu ano de faculdade, mas era jovem... tinha o futuro pela frente! Mas tal palavra a inquietava.

A mesma cidade era um espaço muito pequeno para conter a Thomas e ela. Lembrava-se dele em cada canto, e era tomada do mais puro desconforto. A cada vez que o encontrass, por um acaso fortuito, sentiria o mesmo mal estar da gravidez, tantas e tão terríveis eram as lembranças evocadas!

A cidade estava contaminada por Thomas e o Mal que ele representava.

Quem sabe algum dia, no futuro, sairia dali, como seu irmão o fizera...

Se pudesse viajaria para o Oriente, sonhava... Assim estaria longe de tudo!...

Thomas foi removido para sua casa com todas as recomendações médicas. Deveria fazer fisioterapia todos os dias e ter um enfermeiro que o auxiliasse a levantar da cama e

ir ao banheiro, assim como para tomar banho, cuidar dos remédios, etc...

Tudo bem para ele, desde que estivesse em sua casa!

Clara e Francisco resolveram continuar com ele e até se desculparam por não terem ido visitá-lo no hospital.

Não havia sinais do filho que Cláudia carregara em seu ventre, felizmente.

Thomas não tentou falar com ela. Deixaria o último encontro para a audiência. As coisas estavam bem do jeito que estavam.

Impossível saber o que os empregados pensavam ou conversavam entre si, o importante é que não o aborreciam com perguntas ou reminiscências.

Cláudia desaparecera de casa e da mente de todos, assim como aqueles nove meses de inferno.

A polícia não conseguiu deslindar o caso do seqüestro, conforme Thomas já esperava. Levantou-se a hipótese de infanticídio, mas como não se encontrou cadáver algum...

Thomas usava todas as energias para se recuperar.

Contratou um motorista para levá-lo ao médico quando necessário e fazer a fisioterapia diária. Lutava para não ficar manco e estava aprendendo na carne a lição da paciência e da disciplina espartana.

Se ao menos não fosse tão apegado a seu corpo já estaria longe de São Paulo, em algum lugar exótico e estimulante, liberto, vivendo no corpo de outrém.

Ocorre que apossar-se e viver como outra pessoa exigia esforço no sentido de aprender os costumes, os locais e o cotidiano de outra vida. Enfim, uma trabalhadeira, que somente algo importante justificaria.

Chamara muita atenção sobre si nesta cidade e, como uma vez lhe disse o Diabo, poderia acabar mal, as pessoas tomando consciência de sua nefasta existência e reunindo-se para persegui-lo.

Bom motivo para partir! Quando melhorasse o suficiente iria para outro país, quem sabe para o Oriente, onde não tivessem ouvido falar nele e onde poderia continuar a desenvolver suas capacidades, e ver o que restara delas. De qualquer forma, o Diabo parecia ter se aquietado, sua voz já não se fazendo ouvir, dentro de sua própria mente.

Suspirou aliviado, pensando que as coisas estavam se encaminhando bastante bem.

Procurou um serviço de acompanhantes para executivos e chamou uma moça para passar algumas horas noturnas em sua companhia.

Estava com saudades de sexo impessoal.



*Um homem em busca do prazer ilimitado, disposto a pagar qualquer preço por ele. Uma jovem apaixonada pelo professor que age como o representante do Mal. Um cão com estranho comportamento. Um policial que quer usar a lógica para resolver assassinatos que vão além dela.*

*Suspense, aventura, terror, são os ingredientes usados por Clélia Romano para montar este formidável romance.*

*Uma obra inquietante que prende do início ao fim, de tal maneira que é praticamente impossível fazer uma pausa para a leitura.*

*Preparem-se para conhecer **O Pacto!***



EDITORIA  
VEICULAR  
www.veicolar.com.br